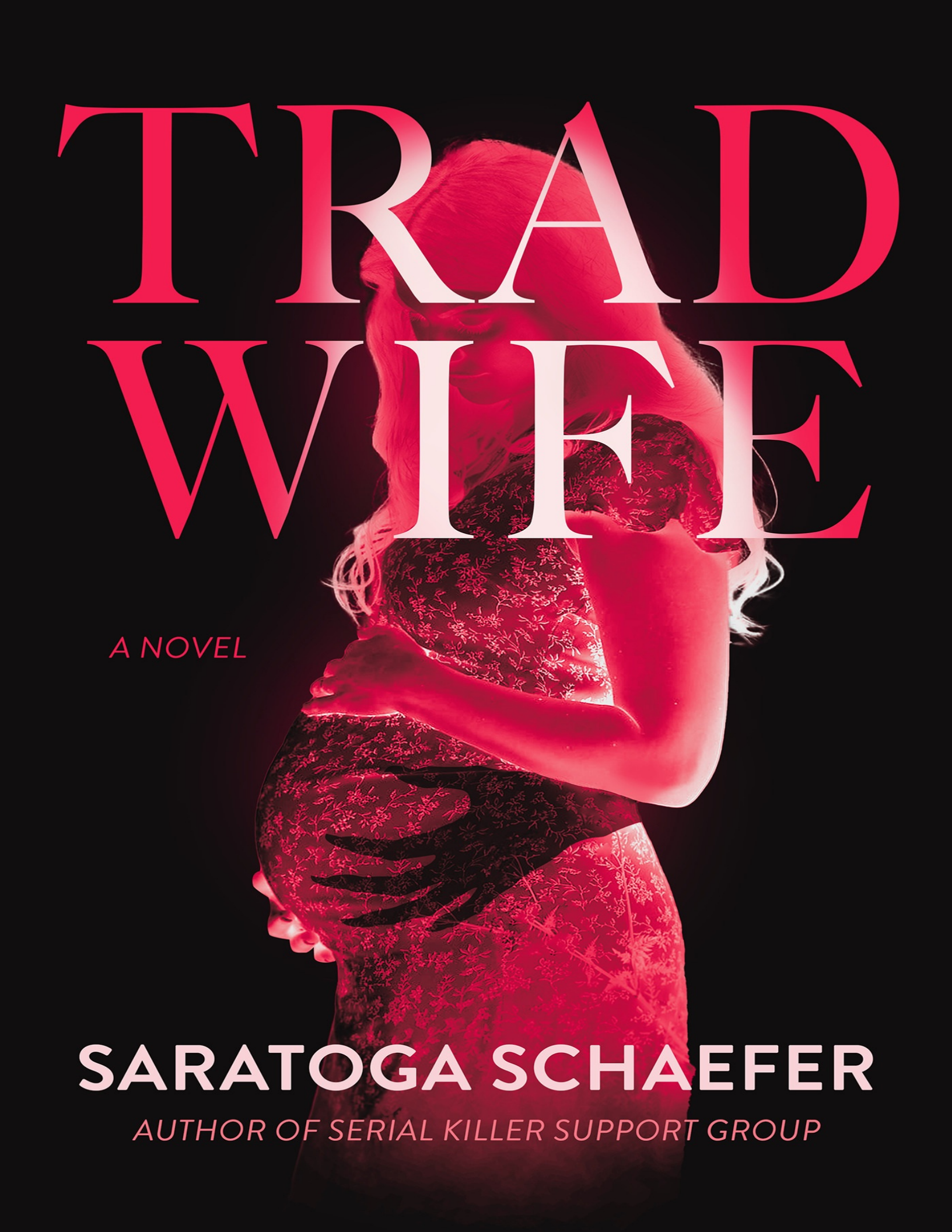


A pregnant woman with blonde hair, wearing a dark dress with a light-colored floral pattern, is shown from the waist up. She is holding her belly with both hands. The image is overlaid with a large, semi-transparent red and white title. The background is black.

TRAD WIFE

A NOVEL

SARATOGA SCHAEFER

AUTHOR OF SERIAL KILLER SUPPORT GROUP

AVISO

Esta tradução foi realizada de fã para fã, tratando-se de uma obra sem previsão de lançamento no território nacional. Não mantemos acervo e não compactuamos com qualquer método de comercialização. O lucro obtido por terceiros ocorre sem o apoio ou parceria do grupo Tradução EPUB. O uso deste material destina-se exclusivamente ao consumo privado, nos termos da Lei nº 9.610/98.

[Siga nosso grupo no Telegram](#)



Sinopse

Uma influenciadora "esposa tradicional" permite que uma criatura demoníaca a engravide neste perturbador romance de terror, perfeito para fãs de Nightbitch e Mary, da autora de Serial Killer Support Group.

Toda #esposa tradicional precisa de um bebê. Ela conseguirá um a qualquer custo.

Quando Camille Deming não está cozinhando, limpando ou cuidando da sua casa de campo perfeita, ela está compartilhando seu estilo de vida de dona de casa tradicional com seus seguidores online. Ela se inspira em outras donas de casa tradicionais nas redes sociais, aspirando ser como elas, mas Camille sente falta de um componente essencial: um bebê. E, ao contrário do que ela posta online, o relacionamento com seu marido, Graham, está tenso. Pressionada por seus seguidores ansiosos, Camille teme que, sem um bebê, seu relacionamento sofra e suas redes sociais nunca decolarem.

Quando Camille descobre um poço misterioso e decrepito no campo de trigo atrás de sua casa, ela faz um pedido: um bebê...

Também disponível por Saratoga Schaefer

Grupo de Apoio a Vítimas de Assassinos em Série

DONA DE CASA TRADICIONAL

UM ROMANCE

SARATOGA SCHAEFER

**CROOKED
LANE**



NEW YORK

Para Cricket, meu pequeno demônio.

Acima de tudo, amem-se profundamente, porque o amor cobre uma multidão de pecados. — 1 Pedro 4:8

Primeiro Trimestre

CAPÍTULO

1

Não me atrevo a olhar para o teste de gravidez.

Ainda não. Primeiro, preciso montar o tripé, ajustando as pernas para que fique na altura certa, encaixando o celular na bolsa, posicionando-o perfeitamente.

Quero que minha reação seja genuína se a notícia for boa. Lembro-me de pensar positivo: Preocupações criam rugas! Sorria!

Normalmente, eu não filmaria no nosso banheiro. É um espaço privado, e Graham ficaria constrangido, mas desta vez é diferente. *Especial*. Além disso, nosso banheiro é lindo. É tão novo que paro para admirá-lo depois de lavar as mãos ou, aparentemente, depois de fazer um teste de gravidez.

Reformamos o banheiro do andar de baixo depois que fechamos a compra da casa, e eu disse ao Graham que valeria a pena o investimento. A pia é feita de madeira recuperada de cem anos; uma tigela de porcelana repousa sobre ela, como se esperasse para ser preenchida com frutas coloridas, perfumadas e brilhantes. As paredes são de madeira branca, e toalhas macias cor de casca de ovo estão cuidadosamente dispostas em prateleiras flutuantes. As toalhas ainda estão quentes; lavi a roupa hoje mais cedo, dobrando tudo com esmero. O banheiro tem cheiro de lavanda, do difusor de óleos essenciais na bancada, e de eucalipto, do ramo de eucalipto que pende do chuveiro, com suas delicadas flores verdes repousando sobre os azulejos tipo metrô.

O teste de plástico está estendido na bancada da pia, em cima de uma toalhinha de renda que fiz em crochê no ano passado. Gravei um vídeo em time-lapse de mim fazendo a toalhinha, com os cabelos loiros caindo soltos sobre os ombros bronzeados, o rosto fresco e sem filtro; o vídeo teve mais de um milhão

de visualizações.

Em pé atrás do tripé que segura meu celular, coloco as duas mãos na minha barriga lisa, imaginando-a inchando, imaginando as fotos que vou tirar, imaginando-me assando bolos descalça na cozinha, com a farinha polvilhando minha pele radiante.

Manifeste isso, repito para mim mesma. Manifeste.

Graham me diria para rezar, mas isso é mais a praia dele do que a minha.

Me movo ao redor do tripé, saindo do banheiro para conferir meu reflexo no espelho do corredor. O do banheiro fica muito perto do teste de gravidez. Não quero me sentir tentada a olhar para baixo antes de estar pronta.

Examino meu rosto no espelho. Belisco minhas bochechas, dando-lhes cor. Meus olhos estão arregalados e esperançosos. Quase desesperados. Isso não vai dar certo. Me inclino mais perto do meu reflexo e penso em coisas tristes, como cachorros em canis e idosos esperando o ônibus na chuva. Lágrimas úmidas se acumulam nas bordas dos meus olhos, fazendo-os parecer mais avelã e menos castanhos. Perfeito.

Agora estou pronta.

Voltando para o banheiro, aperto o botão de gravar no meu celular e entro no enquadramento da câmera, sorrindo.

“Oi, amigos! Sou eu, Camille. Se vocês me acompanham há algum tempo, sabem o quanto isso é importante. Então, eu queria compartilhar tudo ao vivo.” Tecnicamente, isso é mentira. Não tem como eu transmitir ao vivo o resultado do meu teste de gravidez. Quero contar para o Graham primeiro. E se for uma má notícia?

Só pensamentos positivos! Me corrijo, esperando que a agitação não transpareça no meu rosto. O Graham sempre diz que eu fico bem menos angelical quando estou chateada. Vai dar positivo!

“Ok, aqui está, o resultado do meu teste de gravidez!” Eu digo animada, olhando para a lente da câmera. “Estou tão feliz. Eu já sei que vamos ter uma menininha; eu sinto...”

Eu me inclino, levanto o teste, baixo os olhos marejados, um sorriso de comemoração já se formando nos meus lábios naturalmente esfoliados.

O plástico treme e minha visão fica turva por um instante antes de eu me concentrar novamente, engolindo em seco, as palavras descendo pela minha garganta como sementes de romã rançosas.

Arrancando um pedaço de papel higiênico do rolo, enrolo-o em volta do

teste e o jogo no lixo. Preciso me lembrar de levar o lixo para fora antes que Graham chegue em casa daqui a uma hora. E eu já deveria ter começado o jantar. Vou ter que fazer alguns canapés para ele ter algo para comer até lá.

Toda a nossa comida precisa ser feita à mão, do zero. O jantar vai demorar um pouco. Eu ia fazer um assado de porco com legumes salteados; nem lavei os legumes ainda. Estava evitando-os, com vergonha de ter que comprar abobrinha e pimentões na fazenda perto de casa em vez de colhê-los da minha própria horta, como fazia na nossa antiga casa. Ainda não tive tempo suficiente para montar uma nova horta aqui. Mas posso preparar uma bruschetta — temos pão de fermentação natural que sobrou da fornada que fiz neste fim de semana, além de tomates e manjerição frescos. Tem limonada fresca na geladeira. Não bebemos muito, mas talvez eu coloque vodka na limonada do Graham hoje à noite. Ele vai colocar um jogo para assistir e relaxar no sofá bege enquanto eu cozinho, achando que foi tudo planejado.

Pelo menos tive a precaução de não contar a ele que faria o teste hoje. Se eu não disser nada, ele não vai saber de nada.

Desmonto o tripé rapidamente, apago o vídeo cortado do meu celular e enxugo as lágrimas, lágrimas de verdade, dessa vez, que ainda estão grudadas no meu rímel perfeitamente aplicado. Estou borrando meu visual "sem maquiagem" e terei que retocar antes que Graham chegue em casa, mas não consigo evitar.

Eu realmente achei que as coisas seriam diferentes aqui, na casa nova. Faz apenas um mês, mas eu tinha esperança de que a mudança de ambiente melhoraria tudo. Em vez disso, aqui estou eu novamente com um teste negativo e a barriga vazia.

Eu preciso de um bebê. Prometi à nossa família. Prometi ao meu marido. Prometi aos meus seguidores.

Olhando para o meu rosto avermelhado no espelho do banheiro com moldura dourada, imagino socando o vidro com força, vendo os cacos atingirem meus nós dos dedos e meu pulso, franzindo a testa enquanto o sangue escorre pelo meu braço, manchando meu lindo vestido de linho bege.

Em vez disso, balanço a cabeça, meus cabelos dourados balançando, enxugo os olhos e sorrio.

CAPÍTULO

2

GRAHAM vai se atrasar. De novo. Segunda vez esta semana.

Ele me manda uma mensagem vinte minutos depois do horário previsto para chegar em casa — a tela do celular acende enquanto meus dedos pingam vinagre balsâmico.

Vou tomar uns drinques com a equipe de vendas. Chego mais tarde. Não se preocupe com o jantar.

Quando eu era pequena, minha mãe me dizia que toda vez que eu sentisse vontade de franzir a testa, eu deveria sorrir. É uma das poucas lembranças que tenho dela.

“É preciso mais músculos para franzir a testa, Camille”, ela dizia. “Evite essas rugas na testa. Transforme o negativo em positivo e sorria!”

Quando minha mãe morreu, meu pai continuou a tradição dela, me alertando sobre rugas e linhas de expressão, dizendo para eu manter a calma e a serenidade.

Logo no início do nosso relacionamento, Graham perguntou por que eu sorria tanto. Não lhe contei a verdade. Disse que sorrir fazia parte de quem eu era.

Conheci Graham quando eu tinha vinte anos e ele vinte e cinco. Estávamos ambos numa feira de produtores locais — ele reparou na minha cesta de vime, cheia de frutas e verduras frescas, e veio conversar comigo, perguntando se eu gostava de cozinhar, se eu mesma tinha feito a cesta. Marcamos um encontro para tomar café, e Graham ficou encantado quando cheguei com os cabelos soltos e um longo vestido de linho.

“Então, Camille, o que você faz?”, perguntou ele enquanto tomávamos café

com leite e comíamos scones.

“Bem, eu não estudo mais, então estou trabalhando em um centro de distribuição atacadista. Ajudo a cultivar e colher plantas e flores, e depois as enviamos para varejistas e floriculturas locais.” A expressão de Graham se tornou vaga, seus olhos percorrendo o resto da cafeteria. Apressadamente, acrescentei: “Mas eu adoraria ter uma família um dia. Perdi minha mãe quando era jovem e sempre sonhei em dar ao meu filho o que eu não tive.”

Graham gostou disso. Ele se animou, o olhar voltando para o meu rosto. “Sinto muito por isso, Camille. Deve ter sido difícil para você. Quer conversar sobre isso?”

A gentileza dele naquele momento me encantou ainda mais, e ele passou o resto do encontro segurando minha mão por cima da mesa, acariciando meus nós dos dedos com o polegar.

Após o sucesso do nosso encontro para tomar café, fizemos um piquenique no parque e, então, oficializamos o namoro. Casamos um ano depois de nos conhecermos. Muito romântico. Fotos do nosso casamento, eu com cachos suaves e um vestido de renda, ele em um elegante terno azul, com o cabelo escuro penteado para trás, decoram nossas paredes.

Logo depois do nosso casamento, notei um novo tipo de conteúdo surgindo online: mulheres atraentes em cozinhas lindas, assando pão caseiro, recolhendo ovos de suas galinhas, mimando crianças angelicais que sorriam educadamente para a câmera. Seus maridos, de aparência rústica e charmosa, compravam aventais e mantas de lã tecidas à mão como presentes. Vi o estilo de vida delas e o desejei. Com a bênção de Graham, comecei a postar fotos e vídeos da nossa vida com uma estética rústica e bonita que atraiu muita gente — principalmente mulheres.

Eu sempre me certificava de sorrir, demonstrando gratidão e mantendo aquelas rugas incômodas sob controle.

Sorrio enquanto lavo as mãos na pia da fazenda. Sorrio também enquanto as seco com um pano de prato verde-musgo. Mantenho os lábios curvados enquanto cubro a bruschetta com filme plástico e a coloco na enorme geladeira de aço inoxidável.

A cozinha cheira a carne de porco assando lentamente. Os legumes pingam sobre a bancada de madeira. Ainda não tive tempo de cortá-los.

Aprender a cozinhar, e a cozinhar bem, levou um tempo. Anos, na verdade. Não era algo natural para mim como é para algumas mulheres na internet, que

preparam refeições do zero com facilidade e tranquilidade. Mas talvez isso se deva ao fato de minha educação em casa ter começado mais cedo, em circunstâncias mais difíceis. Quando minha mãe faleceu, ficamos apenas eu e meu pai, então me tornei a dona da casa. Eu tinha oito anos. Meu pai era advogado, sempre ocupado, sempre com fome quando chegava em casa. Adotando os livros de receitas da minha mãe, aprendi com muito esforço a cozinhar para ele, mas só fiquei boa nisso na adolescência. Limpar a casa era mais fácil. Manter as coisas arrumadas e organizadas era o meu forte.

Na primeira vez que preparei um bife perfeito, meu pai suspirou, com os lábios tremendo. "Finalmente. Chega de pedir comida escondida depois de dormir. Excelente trabalho, Camille. Você é a cara da sua mãe."

Aquele elogio significava mais para mim do que qualquer outra coisa no mundo. Eu me apeguei a ele, desejei-o. Passei-o nos meus lábios e o saboreei como se fosse sorvete.

"Sem problemas, querido", respondi para Graham quando estava mais calma e meu sorriso havia diminuído um pouco. "Te vejo mais tarde. Vou deixar as sobras na geladeira para você, caso fique com fome."

Ele tem feito isso com mais frequência desde que nos mudamos. Fica fora até tarde. Chega em casa com uma aparência estranha, como um desconhecido usando uma máscara com o próprio rosto. Não fazemos sexo há semanas. Penso no teste de gravidez. Eu tinha esperança de que essa queda no interesse amoroso dele fosse porque ele sabia, de alguma forma, que eu estava gerando nosso filho. Como se o instinto masculino e evolutivo dele tivesse se manifestado e reconhecido os feromônios da sua parceira. Mas agora eu sei que isso não pode ser verdade.

O assado ainda tem trinta e cinco minutos no forno antigo que Graham comprou para nós quando nos mudamos, a meu pedido. Tenho algum tempo. Desatando as amarras do meu pescoço e cintura, jogo meu avental no encosto de um banco de madeira no balcão de mármore da cozinha e me movo pelo espaço minimalista e discreto.

Nossa nova casa é um sobrado em estilo fazenda que nós — bem, eu — decoramos com um toque rústico e discreto, com móveis de madeira e paredes brancas. A paleta de cores para tudo é em tons neutros: bege, champanhe, pérola e areia. Onde eu queria toques de cor, usei um damasco claro, que aparece nas almofadas e nos castiçais. Eu pesquisei outros perfis como o meu, pausando vídeos e dando zoom nas casas ao fundo, ansiosa para imitar a estética

deslumbrante que nunca consegui recriar na nossa antiga casa. Nosso antigo apartamento era apertado, pequeno demais para o estilo minimalista de fazenda que é popular no meu nicho online. Mas, com a ajuda do Graham, transformei este lugar na casa ideal. Tanto para nós quanto para as redes sociais.

Hoje não paro para admirar a sala de estar de conceito aberto. O cheiro de carne impregna o primeiro andar enquanto abro uma caixa de pinho com entalhes charmosos, que repousa sobre a mesa de centro de vidro. Enfio a mão lá dentro, procurando entre as moedas soltas até encontrar o que procuro: um centavo, brilhante e acobreado. Não guardo moedas feias. Se estiverem esverdeadas ou amassadas, jogo-as na cesta de coleta da igreja, junto com as notas novas que Graham tiver na carteira naquela semana.

Segurando a moeda de um centavo frouxamente na mão, caminho pela sala de estar até chegar à porta de vidro deslizante nos fundos da casa, que dá para a laje de concreto que um dia se tornará um pátio e, em seguida, para o quintal. Que, na verdade, é apenas um campo enorme.

Muitas garotas como eu têm uma fazenda de verdade, mas ainda não chegamos a esse ponto. Eu nem sequer tenho um galinheiro — compramos nossos ovos e carne dos Calloways, nossos vizinhos lá na rua de cima. Preciso dar um jeito nisso; o mínimo que posso fazer é começar a horta de ervas e vegetais em breve.

Não temos cerca. Não temos limites. Nossa terra é extensa e sem fronteiras — somos a única casa à vista. Caminho a passos largos pelo gramado suavemente inclinado, entrando direto no campo de trigo, girando a moeda na palma da mão, sentindo-a aquecer com o calor da minha pele.

O vestido de linho que visto roça minhas canelas enquanto caminho, meus pés descalços separando as folhas verdes. O sol do final do verão começa a se pôr atrás da linha das árvores ao longe, lançando um suave dourado líquido sobre o trigo. O campo se move como um só com a brisa, e minha respiração falha ao me lembrar, mais uma vez, que isto agora é meu. Bem, tecnicamente, do Graham. Mas faz parte da minha vida. Meu lar.

O trigo chega até meus ombros. Descobri cedo que caminhar pelo campo me dava a sensação de estar nadando em um mar de palha. Quando Graham me flagrou vagando pelo trigo pela primeira vez, ele me advertiu, mencionando carrapatos e cobras. Repreendida, evitei o campo por alguns dias antes de ser atraída de volta. Agora, só o visito quando Graham não está em casa, deixando minhas palmas deslizarem pelas espigas de trigo, meus pés rangendo sobre os

talos caídos.

O sol poente banha meu rosto e a moeda de um centavo fica cada vez mais quente na minha mão. Tento engolir o nó que se forma na minha garganta, mas isso só faz meus olhos lacrimejarem ainda mais.

Eu vagueio pelo campo, indo em direção ao fundo da propriedade, onde uma densa fileira de árvores antigas anuncia a chegada da floresta. Sou absorta pelo trigo e, ao olhar por cima do ombro, vislumbro os beirais da nossa casa se elevando acima da vegetação densa.

Tudo está em silêncio dentro do campo; ouço o canto dos grilos e o zunido dos pássaros sobrevoando, viajando para seus ninhos antes do pôr do sol, mas, mesmo assim, há um silêncio profundo no trigo. O que mais se aquieta é o interior da minha mente, dissipando os pensamentos sobre o teste de gravidez, o assado de porco, Graham.

Na beira do campo, o trigo desaparece, tornando-se mais baixo e esparso, criando uma faixa de terra nua bem antes dos troncos das árvores irromperem do solo, anunciando a escuridão da floresta.

Não me atrevi a entrar na mata; sempre permaneço no espaço liminar entre o trigo e a floresta. As árvores que se estendem à minha frente são densas e próximas umas das outras — a luz é fraca e tênue, como o fundo de um lago salobro. Não consigo ver muito mais daqui, exceto raízes retorcidas e vegetação rasteira emaranhada.

Caminhar pelo campo é uma coisa, mas provavelmente há animais à espreita entre as árvores que eu não gostaria de encontrar. Ursos, talvez. Ou raposas com dentes afiados como agulhas. Corujas que arrancariam meus cabelos para fazer seus ninhos.

Outro motivo pelo qual não gosto da floresta é o zumbido que ela emite. Uma vibração baixa, quase inaudível, que penetra em meu corpo e se instala em meus ossos. Mas continuo voltando a esta parte da nossa propriedade sempre que posso, porque é aqui que fica o poço antigo, a poucos metros da orla da floresta.

Aproximo-me agora do poço, com as ervas daninhas achatadas ao redor, resultado de meus pisoteios, a parede rochosa ligeiramente erodida e os restos esfarrapados de um balde de madeira encostados tristemente em sua lateral. Tudo terá que ser fechado com tábuas quando eu finalmente tiver um bebê, mas por enquanto, mantenho sua existência em segredo. Não contei a Graham.

Descobri o poço há uma semana e, a princípio, ele me assustou. Tem um

cheiro doce e forte, como flores em decomposição, e me lembra uma pessoa curvada, pronta para se levantar. Mas agora eu preciso dele.

Antes do acidente de carro, minha mãe e eu costumávamos passear até o quintal do Sr. Jasper, perto da nossa casa. Ele tinha um pequeno poço dos desejos no jardim da frente. Não havia água no fundo, nem buraco — era só de enfeite, mas minha mãe e eu ainda jogávamos moedas lá dentro, fazendo pedidos.

“O que você desejou?”, eu sempre perguntava.

“Se eu te contar, não vai se realizar”, ela respondia, sorrindo.

E todas as noites, depois de visitar o poço dos desejos, enquanto me colocava na cama, ela sussurrava no meu ouvido: “Eu desejei que você fosse feliz”.

Este poço não tem o pequeno toldo sobre a tampa que o poço do Sr. Jasper tinha. Talvez tivesse antes, mas apodreceu. A borda rochosa chega até meus quadris, e a ponta desfiada de uma corda pende contra a borda.

Espio por cima da borda, olhando para baixo.

É escuridão total. A moeda está suada na minha mão.

Os raios de sol ficam vermelhos, alongando-se e escurecendo à medida que começam a desaparecer da minha vista, sem oferecer luz para examinar o fundo do poço.

Deslizo meu celular do bolso do vestido e toco no aplicativo da lanterna, apontando-o para a borda do poço. O feixe de luz do celular ilumina a escuridão e desaparece imediatamente.

Retiro a mão, sentindo a pele arrepiar. Será que meu celular quebrou?

Ligo e desligo a lanterna. Tento de novo. Acontece a mesma coisa — é como se o poço tivesse engolido a luz, corroendo as pontas do feixe para que não alcance o fundo.

Meu coração dispara. O silêncio na minha cabeça se dissipa e começo a pensar no assado no forno. Na minha lista de tarefas, em todas as coisas que ainda preciso terminar antes de Graham voltar para casa. O que estou fazendo aqui fora com este poço velho e mofado em frente a uma floresta decrépita?

A iluminação está ótima. Rapidamente me afasto do poço, desligo a lanterna e posiciono o celular para uma selfie. Escondo a mão com a moeda. Encaro timidamente a câmera, como se só agora a tivesse notado, admirando o brilho dourado do entardecer na minha pele impecável. O poço está visível ao fundo. Dá um charme especial à foto — meus seguidores talvez gostem de saber mais

sobre isso. Isso pode acabar sendo uma ótima estratégia de conteúdo: posso jogar a moeda, fazer meu pedido e, quando ele se realizar, publicarei a foto e os stories. Com certeza vai viralizar.

Depois de tirar dezenas de fotos com ângulos e expressões faciais ligeiramente diferentes, guardei o celular no bolso e hesitei, encarando o poço.

Vim aqui para isso, para fazer isso, mas agora que estou olhando para a abertura enorme que engole a luz, estou apreensiva.

O assado de porco, lembro a mim mesma.

Sim. Tenho coisas para fazer.

Dou um passo à frente novamente, olhando para a escuridão do buraco. Pressiono a moeda contra meus lábios, beijando-a, sentindo a saliência de metal quente contra minha boca.

"Desejo um bebê", sussurro, e antes que eu possa hesitar, solto a moeda, deixando-a cair na escuridão.

Eu me inclino para a frente, com as mãos apoiadas no anel áspero de pedras ao redor da borda do poço, à espera de um respingo. Ou mesmo um tilintar, se o poço estiver seco. Mas não há nada. Uma brisa fresca acaricia meu rosto, mas não vem da mata nem do campo — vem do poço e traz um aroma mofado e terroso. A brisa é acompanhada por um suspiro abafado. Minha boca seca e minhas mãos tremem, agarrando-se à borda do poço com tanta força que começam a ter câibras.

A escuridão lá embaixo se transforma. Não há outra maneira de descrevê-la — o buraco está ficando ainda mais turvo, girando, se movendo dentro de si mesmo. Um ruído de raspagem vem de muito abaixo de mim, suave a princípio, depois mais insistente. Como um pássaro esfregando o bico nas grades de metal de uma gaiola.

Minha respiração fica curta e rápida, e quero afastar as mãos, voltar para casa, mas não consigo me mover. Meus pés estão enraizados, uma árvore que se fundiu às pedras do poço. Só consigo piscar, revirando os olhos, meu cérebro buscando imagens dentro do buraco negro. O fundo do poço me chama; a brisa sussurrante, a raspagem rítmica, o cheiro de terra molhada ficando cada vez mais forte.

Sinto arrepios nos braços. Não consigo desviar o olhar. As sombras no poço são como líquido, e há algo se movendo sob a superfície delas, puxando-se para cima, em direção à luz crepuscular.

Meu celular toca, interrompendo meu transe.

Solto a borda do poço, ofegante, cambaleando para trás, quase tropeçando na saia do meu vestido. Automaticamente, checo meu celular, vendo a mensagem de Graham: Te vejo logo, amor.

Logo? Ele disse que se atrasaria.

Quando olho para o poço novamente, o sol já se pôs. O céu é um manto índigo sobre mim, o brilho sonolento das primeiras estrelas mostrando seus rostos. A temperatura caiu, e eu tremo em meu linho branco, encarando o poço. Está escuro demais para vê-lo claramente agora.

Para onde foi o tempo? Quanto tempo fiquei aqui fora?

"Ah, não, o assado", murmuro.

Viro as costas para o poço, ignorando a sensação de aperto no peito. Corro pelo campo, seguindo as luzes convidativas da nossa casa ao longe, sentindo a ausência da moeda pressionando minha mão.

CAPÍTULO

3

Estou encostada no balcão da cozinha, navegando pelo Instagram da Mara Shoemaker, quando o carro do Graham estaciona com um rangido na entrada de cascalho. Respiro fundo e levanto os olhos da tela do celular. Espero ter conseguido tirar o cheiro acre de porco queimado da casa — abri todas as janelas e acendi um incenso depois de voltar do poço e jogar fora o assado de porco estragado. Optei por preparar uma salada de macarrão simples, usando os legumes como acompanhamento. Depois, voltei para as redes sociais da Mara, precisando esquecer a estranha passagem do tempo enquanto eu estava no campo, as coisas que achei ter visto no poço.

Mara Shoemaker é minha influenciadora favorita, rainha do nicho ao qual ambas pertencemos: mulheres tradicionais que se dedicam a cuidar da família e da casa, vivendo uma vida natural e saudável.

Mara estava a caminho de se tornar uma estrela de Hollywood antes de se tornar influenciadora. Ela já era um nome conhecido por seus comerciais da Micastra; as pessoas adoravam a maneira como ela cantava o verso "Agora meu coração arde apenas por você" para seu belo colega de elenco, que se tornou seu namorado.

Micastra criou uma campanha publicitária em torno dela, a Garota da Azia, com seu cabelo curto e escuro e traços delicados e atraentes. As pessoas realmente ligavam a TV para cantar junto com seus comerciais cativantes e charmosos, e havia rumores de que ela estava sendo cotada para um piloto de sitcom. Mas então ela se envolveu seriamente com o homem que conheceu no set daquele primeiro comercial, Jake Shoemaker, e se casou com ele. Mara abandonou sua promissora carreira de atriz e se concentrou em formar uma

família.

Não conheço a Mara pessoalmente; ela tem milhões de seguidores e eu só tenho quarenta mil no Instagram e setenta mil no TikTok, mas isso já era esperado. A Mara tem experiência em relações públicas, além de que ela e o marido têm oito filhos. Eu não tenho nenhum. Meu conteúdo está pecando muito por algo importante, e um dos motivos pelos quais não estou vendo muito crescimento online é porque não tenho filhos para compartilhar com o mundo.

O barulho da porta da garagem se abrindo ecoa da frente da casa, e meu olhar volta para a tela do meu celular.

Tenho alguns minutos — Graham vai estacionar o carro e pegar uma cerveja no frigobar que coloquei para ele na garagem, antes de tirar os sapatos e atravessar o corredor para me encontrar na cozinha. Posso terminar de assistir ao último vídeo da Mara. É a rotina noturna dela, com marcações de tempo exatas e cortes rápidos.

Mara, com a pele bronzeada e os cabelos escuros trançados, veste uma saia de linho branca que, com certeza, custa US\$ 275 e uma blusa azul. Sua maquiagem é leve e discreta, e embora ela diga aos seus seguidores que acorda às cinco da manhã para começar o dia, não há olheiras ou manchas sob seus olhos. Em seu vídeo mais recente, ela ignora a câmera e, em vez disso, conduz seus oito filhos para dentro de casa, ajudando cada um a pendurar sua mochila e casaco nos ganchos perto da porta da frente.

Eles percorrem a casa em uma série de cortes rápidos — lavando as mãos, tomando banho (Mara posiciona estrategicamente a câmera aqui para que tudo o que se veja das crianças sejam bolhas e bochechas rechonchudas), vestindo roupas confortáveis, sentando-se quietinhos na sala de brinquedos para que Mara possa começar o jantar. Os braços esguios, impecáveis e bronzeados de Mara aparecem no enquadramento enquanto ela corta legumes, tempera a carne e habilmente corta pão caseiro. Até mesmo seus talheres e copos são escolhidos com esmero — água com pepino é servida em potes de vidro pesados; utensílios de bambu e jogos americanos completam o visual.

Mara senta-se à sua mesa impecável para comer com a família, e seu marido, Jake, de queixo quadrado, surge no último segundo para lhe dar um beijo na testa.

Fico imaginando como ela consegue alguns desses ângulos de câmera — parece que há um tripé nas prateleiras mais altas ou pendurado no teto. Talvez sua experiência anterior na indústria cinematográfica e televisiva a tenha ajudado

a montar um cenário sofisticado, mas suspeito que Mara e Jake também tenham herdado riqueza.

O vídeo termina com Mara recolhendo a louça da família e lavando-a à mão na pia da casa de campo. Ela olha para cima, finalmente reconhecendo a câmera, e sorri.

A casa da Mara é impecável. Maravilhosa. É toda feita de linhas brancas e pisos de pinho lisos, móveis de madeira branca, lindas prateleiras abertas, tetos altos com vigas de mogno — o mundo dela é um painel do Pinterest que ganhou vida. Tentei decorar boa parte da nossa casa como ela, mas ela é incomparável.

Eu a quero tanto que sinto gosto de sangue na boca. Sangue de verdade — mordi a língua.

"Olá, Camille."

Engoli o sangue ao ouvir a voz do Graham. Sorrio para o meu marido com os lábios cerrados, caso haja algum fio de sangue preso entre os meus dentes.

"Bem-vindo de volta", murmuro enquanto ele entra na cozinha, elegante em sua camisa branca de botões e jaqueta azul. Aliás, Graham ficaria elegante com qualquer coisa. Ele não é tão bonito quanto o marido piedoso de Mara, mas chega perto — cabelo escuro curto, barba curta e aparada com cheiro de alcaçuz e braços fortes que te envolvem e te fazem sentir minúscula.

Graham me dá um beijo na bochecha; ele precisa se inclinar um pouco para isso. "Você está linda hoje."

Graham me diz isso quase todos os dias, mas eu ainda valorizo muito. É reconfortante — como quando eu era mais nova e meu pai elogiava minha comida ou notava o bom trabalho que eu fazia dobrando as roupas dele.

Uma onda de calor se aconchega no meu estômago enquanto retribuo o beijo de Graham. "Obrigada, querido."

Gostaria de ter boas notícias para lhe contar. Gostaria de poder compartilhar o resultado do exame com ele para que pudéssemos lamentar juntos. Mas Graham não gosta de más notícias. Ele é uma pessoa positiva; não posso contaminá-lo com minhas queixas e preocupações. Além disso, estou me sentindo estranha, perturbada pelo que aconteceu mais cedo perto do poço. Foi tudo imaginação minha, obviamente, mas não quero que meu mau humor estrague o dia do meu marido.

"O que é isso?", pergunta Graham, olhando para baixo.

Meu celular ainda está na mão, pausado no rosto sorridente de Mara. Mostro para ele, virando a tela e despausando o vídeo para que ele possa ver Mara,

agora em loop, seguindo sua vida perfeita.

Digo: "Ela é incrível." Graham acena com a cabeça, como se soubesse de tudo. Ele percebe minha admiração por Mara, meu desejo de imitar sua vida impecável. "Quero que sejamos nós."

"Eu também, querida." Graham aperta meu ombro.

Não preciso dizer que é por causa das crianças. Ele sabe.

Começo a morder a língua de novo, mas me contenho no último segundo. Olho para Graham com um olhar tímido, colocando uma mecha perfumada de cabelo loiro atrás da orelha. "Vamos tentar hoje à noite?"

Meu marido suspira, pesado, sobrecarregado, como um cachorro diante da lareira. "Ah, Camille, hoje não. Desculpe. Estou tão exausto. Podemos marcar para outra hora?"

"Claro", respondo rapidamente, engolindo a rejeição. Isso tem acontecido com mais frequência ultimamente. Graham sempre reage com gentileza. Age como se estivesse genuinamente decepcionado. Mas aí ele fica fora até tarde ou joga golfe com os amigos no fim de semana, em vez de reservar um tempo para o romance como fazia antes. Provavelmente a culpa é minha. Afinal, fui eu quem quis se mudar para tão longe dos amigos e do trabalho dele. "Desculpe. Eu não deveria ter perguntado assim que você entrou. Aqui, sente-se. Relaxe. Quer uma cerveja? Jantar?"

"Eu já comi", diz Graham displicentemente, seus olhos percorrendo meu rosto, mas de um jeito que parece quase objetivo. Como se eu fosse um carro fazendo um barulho de tosse que ele não consegue decifrar. "Você está bem? Seus olhos estão um pouco vermelhos."

"Estou bem", digo, sorrindo novamente para ele. "Só senti sua falta. Vamos, sente-se na sala. Assista ao jogo." Que jogo? Nunca sei. É final de verão; que esporte se joga no final do verão? Futebol americano? "Vou preparar um prato para você."

"Não, obrigada. Eu já disse que não estou com fome", diz Graham, desviando o olhar de mim. "Uma cerveja cairia bem, no entanto. Obrigada, querida."

Ele se distancia, escapando da nossa interação como se fosse uma folha ao vento. Enquanto isso, eu me agarro a um tronco na correnteza, segurando-me com todas as minhas forças enquanto caminho na ponta dos pés até a geladeira e pego para ele uma cerveja gelada.



Penso em Mara enquanto limpo a cozinha, indo e vindo da sala para pegar cervejas para Graham ou oferecer-lhe comida.

Mara tem mais sorte do que a maioria — ela descobriu sua verdadeira vocação, ser mãe e esposa, aos vinte e poucos anos, e imediatamente começou a ter filhos para compensar o tempo perdido. Pelas suas redes sociais, parece que ela não tem nenhum remorso ou arrependimento por ter deixado para trás seu potencial de ascensão ao estrelato em Hollywood.

Minha mãe era igual. Ela era analista de sistemas antes de engravidar de mim, mas quando eu nasci, ela pediu demissão. Não me lembro muito dela, já que ela morreu quando eu era pequena, mas me lembro dela me dizendo frequentemente que foi a melhor decisão que ela já tomou, que não havia nada mais importante do que ser uma boa esposa e mãe. E a tese dela era comprovada por evidências — meu pai dizia que era perdidamente apaixonado por ela, e éramos uma família feliz e saudável. Até o dia em que um caminhão passou direto por um sinal vermelho e tirou a vida dela.

Eu gostaria de ter sabido imediatamente, como Mara e minha mãe, mas pelo menos conheci Graham quando soube.

Decidimos desde o início que ele, um consultor sênior de tecnologia, seria o provedor enquanto eu cuidaria de todo o resto. Adotei meu papel de mulher tradicional, de esposa tradicional. Comecei a seguir outras garotas como eu, postando conteúdo para agradar o algoritmo. Ganhei dez mil seguidores no primeiro ano de casamento. Mas agora meu crescimento estagnou e está claro o que me falta: um filho. Quando Graham foi promovido a diretor de tecnologia (CTO), eu disse a ele que era hora de expandir. Vendemos nossa antiga casa no subúrbio e nos mudamos para o campo, para a casa dos meus sonhos.

Quando volto à sala pela quarta vez para ver como ele está, Graham se irrita. "Querida, você pode me dar um minuto? Gostaria de um pouco de privacidade. Por que você não sobe para o seu ateliê? Tricota um pouco ou algo assim?"

O jogo que ele está assistindo, que por acaso é beisebol, toca alto enquanto ele pega o controle remoto e aumenta o volume. Sinto minhas bochechas esquentarem e eu sorrio — nunca franzo a testa, jamais franzo — e aceno com a cabeça.

Tenho estado muito apegada ultimamente. Não consigo evitar — ele está distante desde que nos mudamos. Graham claramente sente falta de estar mais

perto do escritório, nos arredores da cidade. Sente falta dos amigos. Será que não sou suficiente? Isto era para ser uma coisa boa. Um novo começo no campo; uma casa para encher de filhos.

Suspeito que Graham esteja se afastando porque acha que eu não consigo. Meu marido não acredita em métodos contraceptivos e, nos primeiros anos de casamento, ele se retraía, buscando outras oportunidades. Isso parou há mais de um ano, mas ainda não tivemos um bebê. Não consultei um médico, com muito medo da reação de Graham se descobrirem que não posso ter filhos. Geralmente, a taxa de concepção é de 30% após o primeiro mês de tentativas para casais saudáveis, e mulheres da minha idade têm uma chance muito alta de engravidar em um ano. Mas ainda não aconteceu conosco.

E poderia ser ele, uma voz no fundo da minha mente aponta antes que eu a afaste. *É verdade*, murmura a voz, quase petulante. *Li um capítulo sobre infertilidade masculina há três semanas.*

Não é culpa do Graham. Não pode ser. Não é assim que as coisas funcionam.

Apago as luzes da cozinha e me afasto do foco de luz e som na sala de estar onde Graham se isolou.

Nossa casa tem uma planta simples: a cozinha se integra harmoniosamente à ampla sala de estar, que ocupa toda a parte de trás da casa e dá acesso à porta de vidro deslizante que se abre para o quintal, para o campo. Na frente da casa ficam um corredor, o escritório do Graham, que raramente é usado, e um banheiro e lavanderia perto da escada que leva aos três quartos e um banheiro no segundo andar.

Subo as escadas rapidamente, ansiosa para voltar ao conforto do meu celular, percorrendo o corredor do andar de cima a passos largos, ignorando as fotos do nosso noivado emolduradas com carinho nas paredes.

Cheia de nossos pertences, a casa parece acolhedora, mas só estamos aqui há um mês. Ainda estou me acostumando a me locomover pelo novo espaço. Meus olhos percorrem cada cômodo enquanto caminho até nosso quarto, nos fundos da casa. Um dos cômodos está cheio de materiais de artesanato — suprimentos para costura e tricô, kits para fazer velas e outros hobbies pitorescos que descobri navegando pelas redes sociais e copiando as mulheres com perfis maiores que o meu.

O quarto ao lado tem um berço com um móvel bege pendurado no teto. Há uma cômoda bege combinando. Adesivos de flores marrons decoram as paredes

brancas. Um espelho redondo de madeira reflete as cestas de vime do outro lado do quarto, repletas de lindos brinquedos feitos à mão. Tudo dentro da minha paleta de cores neutras preferida.

O quarto do bebê foi a primeira coisa que arrumei na casa nova. Como se eu pudesse fazer um bebê aparecer só por estar superpreparada.

Chego ao nosso quarto, com banheiro privativo. Abro o aplicativo de fotos e me jogo na nossa cama king-size, com seus cantos firmes de hospital e edredom cor de café com leite. Tenho dezenas de fotos do quarto do bebê no meu celular, filtradas, editadas, prontas para serem postadas assim que eu tiver boas notícias. Às vezes, quando me sinto triste, olho as fotos e começo a escrever legendas no meu aplicativo de notas. Isso sempre me anima — pensar nas curtidas e nos comentários que vou receber. Nos vídeos que poderei gravar das mãozinhas e dos roupinhas bege.

Enquanto rolo a tela, procurando minhas fotos do berçário, vejo as fotos que tirei mais cedo no poço e paro. Deslizo pelas selfies. A maioria delas considero inutilizável por vários motivos — meu rosto parece largo, meus lábios estão finos demais nesse ângulo, dá para ver um fio de cabelo solto —, mas uma me faz hesitar por razões que vão além de criticar minha aparência física.

É o poço, visível atrás do meu ombro direito. Está um pouco desfocado, já que estou em primeiro plano na foto, com a luz do sol vermelho-dourada salpicando meu rosto. Dou um zoom na tela para ver o poço.

Algo está saindo dele.

É como se a escuridão dentro do poço estivesse transbordando pela borda, escorrendo e buscando o chão. Ou buscando a mim. Quanto mais eu encaro, mais a escuridão se transforma em uma forma concreta. Não apenas sombras transbordando, mas o que parece ser um braço longo e inquisitivo, derretendo sobre as pedras do poço, erguendo-se.

CAPÍTULO

4

Fico olhando para a foto por vários minutos, dando zoom, tentando discernir se o que estou vendo é real ou um terrível problema de exposição. A forma de braço não aparece em nenhuma das outras fotos e, por fim, decido que é um truque da luz, os raios do sol poente distorcendo o fundo de uma maneira que o deixa com uma aparência estranha e sinistra.

Apago a foto, o que acalma meu coração acelerado, e volto para o Instagram, percorrendo as postagens de Mara, deixando que sua estética cuidadosamente selecionada e as fotos encantadoras de seus filhos acalmem meus nervos.

Quando ouço os passos de Graham na escada, empurro meu celular para longe — Graham não gosta que eu fique muito tempo nele; ele diz que isso apodrece meu cérebro — e corro para o banheiro para me preparar para dormir. Estou passando loção com aroma de lavanda nas minhas pernas lisas, com um pé apoiado na banheira de pés de garra, quando os roncos de Graham vêm do outro quarto.

Ele não disse boa noite. Nem escovou os dentes. Suspiro, espalhando creme na minha panturrilha dourada e tonificada. Graham faz isso às vezes quando bebe mais de três drinques.

Luto contra a repulsa que me sobe pela garganta ao pensar em seus dentes cobertos de cerveja, seus molares guardando migalhas de comida do que quer que ele tenha comido esta noite sem mim. Ele é meu marido e eu o amo. Mesmo quando ele faz coisas que eu não faria. Ou coisas que me fazem não querer tocá-lo.

Tenho muita sorte de ter o Graham. Tento me lembrar disso com frequência.

Todos os dias, depois do nosso primeiro encontro, Graham me mandava mensagens de manhã e à noite, dizendo o quanto eu era linda e como não conseguia parar de pensar em mim. Ele exaltava minhas virtudes com frequência e fervor: "Não acredito que encontrei alguém como você. Você é diferente das outras garotas. Você é especial."

Eu transbordava de alegria com os elogios, meu coração palpitando o tempo todo. Três semanas depois, ele me levou ao restaurante mais chique da cidade e desapareceu por dez minutos durante a refeição. Quando o garçom trouxe a sobremesa, uma torta sem glúten, as palavras "*Eu te amo, Camille*" estavam escritas com glacê na superfície de chocolate.

Não pensei nisso. Não parei para avaliar o tempo decorrido ou o fato de termos saído apenas algumas vezes. Isso era puro romance. Sorri para Graham do outro lado da mesa e respondi imediatamente: "Eu também te amo".

Não importava que Graham fosse meu primeiro relacionamento sério — eu estava ocupada demais cuidando do meu pai no ensino médio para namorar. Meu pai esperava que eu encontrasse um bom homem um dia, e seu desejo se realizou com Graham. Estávamos destinados a ficar juntos.

Quando termino minha rotina noturna, volto para o quarto. Graham apagou todas as luzes, me deixando tatear na escuridão, meus olhos ainda não acostumados à claridade depois de estarem no nosso banheiro impecável. O quarto ainda me é estranho o suficiente para que eu precise tatear o caminho pela parede, as pontas dos dedos roçando a cômoda de pinho branco, seguindo a maçaneta da porta até o closet. Lentamente, começo a distinguir o luar que se infiltra pelo assoalho, o farfalhar das cortinas brancas e transparentes na brisa que entra pelas janelas abertas. A forma imponente da cama se ergue diante de mim, pontuada pelos roncos guturais do meu marido.

Rastejo para o meu lado do colchão, sentindo um friozinho no ar, mesmo que o outono ainda esteja a várias semanas de distância. Logo teremos que começar a fechar as janelas à noite.

Tudo está desempacotado — decorei e guardei tudo em tempo recorde — mas este será nosso primeiro inverno em uma casa nova. Não consigo evitar a ansiedade. Principalmente porque quero estar grávida nessa época. Quero um bebê de verão.

Assim que meus olhos se acostumam à escuridão, encaro Graham para ter certeza de que ele está dormindo, observando o movimento de seu peito largo e nu. Sou tomada por um desejo repentino de arranhar sua pele com as unhas,

desenhando linhas rosadas em seus peitorais e mamilos. Balanço a cabeça, alarmada.

Você está cansada. Leia. E durma.

Tiro o livro secreto que guardo debaixo de uma pilha de revistas *Country Living* na gaveta da minha mesa de cabeceira. Não é que Graham desaprovasse, embora ele pudesse ter algo a dizer sobre o título, que admito que também me incomodou um pouco no início. "*A Carne do Medo*" soa sensacionalista, mas na verdade trata da resposta fisiológica ao medo em humanos e outros mamíferos. Não, eu escondo o livro porque às vezes anseio por... privacidade. Algo que seja só meu. É errado — não é assim que uma mulher tradicional e de boa índole deveria ser — mas não consigo evitar.

Prendo uma pequena luz de leitura na contracapa, ajusto o feixe de luz para que ilumine as páginas, permitindo-me ler o texto sem acordar Graham.

Uma das características mais fascinantes da pele humana é sua capacidade de flexionar. Dentro da pele, encontram-se os músculos eretores do pelo, localizados nos folículos pilosos. Esses músculos, em grande parte involuntários, podem se contrair em contato com o frio ou com certas emoções, como medo ou excitação, fazendo com que os pelos da pele se arrepiem. Popularmente, isso é conhecido como "arrepios".

Meus olhos começam a pesar enquanto continuo lendo, e começo a divagar. Não se trata de uma informação nova, e a familiaridade me conforta. Pensamentos sobre meus músculos eretores do pelo, tensos e em alerta no poço mais cedo, dançam em minha mente. Tenho vaga consciência do livro pendendo para a frente sobre meu peito.

Por um instante, tudo escurece e, de repente, acordo sobressaltada, com os olhos arregalados. Ao tentar me mover, percebo que estou paralisada na cama, e a figura adormecida de Graham desapareceu. Estou sozinha, enterrada em cobertores, encarando o teto, que se move nas sombras. O luar se move, iluminando um olho gigante, semicerrado, que me observa das falsas vigas.

Tudo em meu corpo parece feito de xarope. Lento. Derretido. Sedado.

O olho pisca — o som úmido e viscoso de gelatina branca, um clique quando os cílios se retraem para baixo como se fossem feitos de metal e não de queratina. Há enormes asas emplumadas que se estendem dos cantos do olho, as pontas desaparecendo nas sombras nas extremidades do quarto.

As asas começam a girar, rodopiando em torno do olho, que permanece imóvel, centrado em seu próprio eixo, imperturbável pelos braços emplumados

ao seu redor.

Minha garganta está cheia de algodão. Quero me mexer, esconder meu rosto, mas não consigo. Tento sorrir. Como minha mãe me ensinou. Minha boca está rígida e cerrada como um espartilho.

De repente, as asas param de girar e congelam. O olho se abre bem; não tem íris. Apenas uma pupila do tamanho de uma mancha de tinta.

Uma voz vem do nada e de todos os lugares — tanto dentro dos meus ossos quanto fora da minha cabeça; alta demais e baixa demais. Não consigo entendê-la a princípio. Ela fala de um jeito que não consigo compreender. Há um estalo quando o olho pisca rapidamente e depois se acalma.

Na próxima vez que a voz falar, consigo acompanhar suas palavras, mas apenas traçando-as na minha própria pele. É como se a boca de alguém estivesse pressionando meu corpo, falando diretamente dentro de mim.

Por que você quer um bebê?

Devo estar dormindo. Isso deve ser um sonho. Tento me acordar, tento me livrar desse pesadelo. Quando isso não funciona, imagino lamber meus lábios, libertar minha língua, gritar por socorro. Minha boca não se move. Nem mesmo um espasmo.

Por que você quer um bebê?

A voz começa a me machucar; suas palavras são como correntes elétricas que penetram na minha medula. Não quero que ela pergunte de novo, e não consigo abrir a boca, então tento responder mentalmente.

Porque tenho muito amor para dar. Quero compartilhar minha vida com uma criança. Quero formar uma família com meu amado marido.

É o que tenho dito online, repetidas vezes.

POR QUE VOCÊ QUER UM BEBÊ?

Um gemido preso na minha garganta faz minha úvula vibrar enquanto tento articular a dor que de repente invadiu meu corpo, mas ainda não consigo dizer nada.

POR QUE VOCÊ—

Preciso cuidar de algo! Penso o mais alto que consigo, frenética, na esperança de projetar minha voz interior em direção ao olho. A outra voz silencia, e eu a sinto à espera. Temendo que recomece, continuo. Sempre fui cuidadora. Meu pai. Agora meu marido. Mas algo está mudando entre nós. Ele está... ele está se afastando. Eu sinto isso. Se tivéssemos um bebê... eu teria outra pessoa para cuidar. Alguém que não me abandonaria. Eu sempre teria alguém

para zelar. Alguém para amar.

Um bebê também é esperado. Eu tenho um marido. Uma casa. A progressão natural é um filho. Depois outro. Esse é o meu papel como esposa. Uma dona de casa, uma cuidadora, uma mãe. Isso é o que significa ser uma boa mulher — era assim que minha mãe era, e a mãe dela. Era o que meu pai esperava, o que Graham amava em mim. Ele dizia que eu era uma espécie rara hoje em dia, que amava meus valores e minha feminilidade. Mas não é suficiente, porque ele está se afastando. Um bebê o manteria ligado a mim novamente, mas, mais importante, um bebê me daria um propósito novamente. Sem mencionar o conteúdo necessário e importante para a influenciadora em ascensão que me tornei.

Você terá um bebê, anuncia a voz, interrompendo meu fluxo de consciência.

O quê? Pergunto em pensamento, paralisada, com a esperança alojada nos pulmões.

Você terá um bebê, a voz repete na minha pele, e o olho acima de mim se enche de lágrimas, úmido e brilhante. Formando-se no centro da pupila negra, surge uma moeda de cobre. Um centavo.

Uma gota de líquido, derretido e metálico, sibila do olho e cai em cheio no meu rosto, a dor tão intensa e avassaladora que tudo ao meu redor se estilhaça, despertando-me instantaneamente.

Ofegante, levanto-me rapidamente, o suor escorrendo pela testa e axilas, meus cabelos loiros grudados nos ombros. *A Carne do Medo* cai do meu peito e bate no chão com um baque. Respirando com dificuldade, viro-me para ver Graham, profundamente adormecido. Seu braço peludo cobre o rosto como se quisesse me esconder. Seu ronco está ainda mais alto agora — algo que eu não conseguia ouvir no sonho.

"Você não se importa?", sussurro. "Tive o pior pesadelo."

Seus roncos continuam ininterruptos.

Olho para o teto. Não há nada lá, apenas padrões mutáveis de luar dançando suavemente com a brisa que entra pelas cortinas brancas e pela janela entreaberta.

Minhas mãos tremem enquanto me inclino sobre o criado-mudo e tomo um gole do copo d'água que guardo ali. O líquido morno lambe meus lábios. Tem gosto metálico e é denso. Um odor forte emana do copo. Olho para o líquido escuro.

Escuro?

Antes que eu consiga engolir, cuspo de volta no recipiente, engasgando, finalmente reconhecendo o gosto salgado e ácido.

Sangue.

Mesmo tremendo, tentando engolir o vômito, não me atrevo a deixar o copo cair. O carpete do nosso quarto é branco. Ficaria arruinado.

Com cuidado, coloquei o copo de volta na mesa de cabeceira, tentando me livrar do edredom de plumas, com o estômago embrulhado. Graham não se mexeu; seus roncos estavam tão profundos quanto momentos antes. Com ânsia de vômito, peguei o fio do abajur na mesinha de canto, fazendo uma careta quando a luz amarela e quente invadiu o quarto.

Quando meus olhos se acostumaram à claridade, encarei o copo, a sensação de enjoo no estômago se recusando a passar, apesar do que eu via. Eu conseguia sentir o gosto do sangue. Sentir seu cheiro.

Mas o copo estava cheio, quase até a borda, de água cristalina.

CAPÍTULO

5

NA MANHÃ SEGUINTE, resolvo fingir que a vida é como as redes sociais — perfeita, filtrada, ótima. Ontem foi uma anomalia. Más notícias que levaram a um pesadelo. Nada mais.

Preparo o café do Graham do jeito que ele gosta, preto com uma pitada de canela, e ele me dá um selinho quando desce as escadas, só um pouquinho formal.

Sorrio durante todo o café da manhã, que consiste em frutas frescas da feira, ovos mexidos cremosos e pão de centeio levemente torrado com generosas porções de manteiga artesanal. Quase fiquei com o cotovelo dolorido de tanto fazer, mas valeu a pena. Manteiga é a minha favorita.

"Você parece animada hoje de manhã", diz Graham, observando minha roupa enquanto me levanto do balcão para pegar o prato vazio dele.

"Vai ser um ótimo dia", canto, balançando o corpo enquanto carrego os pratos ao redor da bancada para que Graham possa admirar meu vestido. Ele é cor de girassol, com decote redondo e silhueta em A que desce até minhas canelas. O vestido realça meu bronzado, complementando meus cabelos loiros. As saliências da minha clavícula são aquecidas pela luz do sol que entra pelas grandes janelas da cozinha. Pareço jovem e alegre — como uma camponesa.

É tudo proposital. Graham gosta quando o lembro de garotas simples do interior. Isso o ajuda a esquecer que cresci em uma cidade decadente e escura, cuidando do meu pai até conseguir me mudar para uma área mais tranquila e familiar, algumas horas ao norte.

"Você está linda", comenta Graham, e meu coração dispara.

Eu ouço "Você está linda" todos os dias, não importa o humor de Graham,

mas ele só me diz que estou “linda” quando está se sentindo amoroso. Como se estivesse tão excitado que seu cérebro não conseguisse encontrar adjetivos mais fortes.

“Obrigada. Eu esperava que você gostasse”, digo, encostando-me na pia, enrolando uma mecha de cabelo no dedo enquanto coloco a louça dele na mesa com uma mão só.

Ele não se mexe, me observa com um olhar avaliador. Quando me viro para a pia, soltando o cabelo, anseio por sentir as mãos de Graham nos meus quadris, me girando para que ele possa se inclinar e me beijar, pressionando o corpo contra o meu.

O banco de Graham arrasta atrás de mim e para a direita quando ele sai do balcão da cozinha, e eu me enrijeço, olhando pela janela para os campos dourados ondulantes, a única vista que temos.

Ele está perto, eu sei. Suas mãos. Seu corpo. Nosso bebê. Parece tão real, tão predeterminado, que já consigo sentir minha pele reagindo a um toque que ainda não veio.

Músculos eretores do pelo.

Graham entra no meu campo de visão periférico e se abaixa, beijando minha bochecha com força. Não é o abraço sensual que eu imaginava, e meu pulso desacelera.

"Desculpe, amor", diz Graham, ajeitando a gola da camisa que engomei e passei para ele. "Vou me atrasar de novo hoje. Você sabe que é essa época do ano."

É mesmo?

"Mas eu—"

"Eu te amo, Camille", ele diz, como se isso encerrasse tudo. E encerra.

"Eu também te amo."

Ele sai, e minha virilha lateja, a promessa de um filho se dissipando lenta, mas inexoravelmente, como uma poça d'água na calçada em julho.

A porta da garagem, acessível pelo escritório de Graham, bate com força. O carro ronrona enquanto Graham dá ré na brita crocante. Corro até a janela do escritório para vê-lo partir pela estrada plana e árida, uma faixa pavimentada que corta o caminho entre plantações de milho e trigo antes de se desviar para qualquer direção. Aqui estamos, cercados por um céu imenso e uma terra dourada. Nossa casa é a única visível neste trecho da estrada. Observo por vários minutos depois que Graham desaparece, mas nenhum outro carro passa.

Não saí do país desde que nos mudamos. Tem sido mais fácil encomendar ingredientes orgânicos e locais diretamente para casa. Algumas vezes, caminhei pela estrada de terra até a fazenda dos Calloway para comprar ovos frescos, leite e farinha. Mas, na maior parte do tempo, estou sozinha.

Um corvo pousa em nosso jardim da frente, enfiando seu bico negro na grama macia. Suas penas são iridescentes, e fico imaginando como seriam vistas de cima, quando ele está voando.

Toda a minha vida, mimei os outros. Principalmente meu pai e Graham. Adoro isso: a gratidão que recebo, os elogios quando faço um bom trabalho, a prova concreta de que sou amada e útil. Só há uma coisa que sempre pedi — claro, recomendo certas coisas caras para se ter em casa, mas são para tornar a vida de Graham melhor, para que eu possa ser a esposa perfeita.

Tudo o que pedi em troca foi um filho. Esperei tanto tempo e não recebi nada em troca da minha paciência.

Lá fora, o corvo grasna e bate as asas, levantando voo. Desaparece sobre o telhado da casa, grasnando até que eu não consiga mais ouvi-lo.

Afastando-me da janela, volto para a cozinha, o pesadelo da noite passada retornando em rajadas. O olho girando, as asas, a voz incorpórea: *Você terá um bebê.*

Que sonho idiota.

Deixo a louça na pia por enquanto, pego uma tesoura de uma gaveta e corro para a sala de estar, atravessando a porta de vidro deslizante para a manhã fresca. É final de verão, então os dias começam mais frescos antes de ficarem quentes e abafados ao meio-dia. Lá fora, respiro o ar fresco, tão diferente do que tínhamos nos subúrbios, e me ajoelho ao lado da casa.

Ainda não tive oportunidade de plantar ou cuidar de um jardim completo, mas há algumas rudbéquias em plena floração perto da fundação da casa. Corto os talos das flores até ter o suficiente para abraçar, depois volto para dentro para colocá-las num vaso de cerâmica assimétrico. Posiciono as flores com cuidado, afastando-me de vez em quando para examiná-las de mais longe enquanto as rearranjo ao meu gosto. Satisfeita, amarro uma fita azul nos talos e aceno com a cabeça.

Coloco o vaso bege na nossa mesa de centro, bem no raio de sol da manhã que entra pela porta de vidro deslizante. Quando tiro uma foto, o efeito é de sonho, digno de um painel do Pinterest, especialmente quando aplico o filtro que uso em todas as minhas fotos.

Publico as flores com a legenda: Olha o que meu querido marido me deu hoje! Sem motivo nenhum! Sou tão #abençoada por ter um casamento tão forte e lindo.

Quase imediatamente, as curtidas e os comentários começam a chegar, e eu paro um momento para lê-los, sorrindo, antes de começar o resto das minhas tarefas do dia.

Amiga, você está vivendo a VIDA!

Que Deus abençoe vocês dois!

Quando vocês vão ter um bebê?! Vocês dois são perfeitos juntos!

Oooo, flores?? Ele recebeu boas notícias suas?? ;)

Meus ombros caem um pouco. Gostaria que Graham e eu estivéssemos comemorando algo hoje. Em vez disso, curto todos os comentários, adicionando emojis piscando ou mãos em oração quando apropriado. Afinal, essas mulheres são minhas colegas. Não posso ignorá-las. Algumas eu até considero minhas amigas. Elas serão as primeiras a saber quando eu finalmente engravidar. Depois do Graham, obviamente.

Um bebê vai resolver tudo. E além disso, será que o Graham não percebe que o mundo espera por isso?

★ ★ ★

Uma hora depois que Graham sai, a campainha toca. Ela me arranca bruscamente da minha tarefa de dobrar roupa. Acho que nunca ouvi essa campainha antes, e ela toca de novo como se alguém tivesse pisado em uma vespa.

“Isso vai ter que ser trocado”, murmuro enquanto coloco a cueca do Graham no chão. “Algo mais melodioso. Mais divertido. A Mara Shoemaker provavelmente nem tem campainha. Devíamos comprar um batente de porta. Algo de madeira. Bem mais estético.”

Pare de falar sozinho, repreendo-me. Isso não é nada elegante.

A campainha toca de novo, e eu dou um pulo, saindo correndo da lavanderia, que fica embaixo da escada, e indo até a entrada, só para não ouvir aquele som maldito pela quarta vez.

Nossa porta da frente é branca, com uma maçaneta robusta de bronze e quatro painéis de vidro fosco. Eu a detesto completamente. Fiz de tudo para convencer o Graham a trocá-la quando nos mudamos, mas ele se recusou. Por

algum motivo, a porta foi o ponto crucial da sua resistência.

"Eu gosto dela", disse ele. "E não vamos trocar algo que funciona perfeitamente bem. Vamos lá, Camille. Eu te comprei o sofá de oito mil dólares e deixei você decorar a casa toda. Reformamos o banheiro do andar de baixo. Se você detesta tanto a porta, junte um pouco da sua mesada por um tempo e mande trocá-la depois."

Mas preciso da minha mesada para comprar roupas da moda, eletrodomésticos adequados para a cozinha e a maquiagem caríssima que garotas como eu usam, mas fingem que não. Por enquanto, tenho que conviver com essa porta fosca e feia.

Uma forma se move lá fora, escura contra os painéis. Encosto o olho no olho mágico, meus músculos relaxando ao ver uma mulher esbelta na nossa pequena varanda. Ela está segurando uma torta.

Jogo o cabelo para trás, ajeito o vestido e destranco a porta, sorrindo abertamente no exato momento em que o dedo da mulher paira sobre a campainha novamente.

Meu Deus, será que ela continuaria tocando a campainha? E se não estivéssemos em casa?

"Oi", digo animadamente. "Posso ajudar?"

"Nossa, oi!" diz a mulher, com a voz transbordando entusiasmo. Ela veste jeans azul-escuro e uma camisa listrada azul e branca. Seus cabelos escuros e cacheados escapam de um rabo de cavalo lateral e repousam sobre o seio esquerdo. Mechas de cabelo grudam na camisa, ondulando suavemente na brisa como se me cumprimentassem. Sua boca ocupa boa parte do rosto, sorrindo, com os lábios cobertos por um gloss rosa. Seus cílios são longos e expressivos, e tenho quase certeza de que ela não está usando rímel. Tudo natural, embora ela pareça bem mais velha do que eu. Provavelmente está na casa dos trinta. Há um cheiro vagamente familiar nela que não consigo identificar. Algo frutado e mineral.

"Oi?", digo novamente, depois de um momento em que nos analisamos, observando rapidamente o cabelo, as roupas e as expressões faciais uma da outra para ver se nos daríamos bem.

"Nossa, que falta de educação! Sou Renee Colt. Moro do outro lado da rua. Na casa azul lá no final?" Quando aceno com a cabeça em reconhecimento, ela aproxima a torta dos nossos rostos; Renee tem quase a minha altura. Seu gloss rosa está borrado, como se ela tivesse esquecido de passar nos lábios. "Fiz uma

torta para você. Caseira! Espero que goste de maçã.”

“Que gentileza da sua parte”, digo, animando-me com o orgulho em sua voz quando ela me conta que fez a torta sozinha. “Eu também adoro cozinhar e assar.” Faço uma pausa e abro a porta da frente mais. “Sou Camille Deming. Entre, entre.”

“Ah, obrigada!” A varanda é pequena demais para uma pessoa e um vaso de planta, e Renee entra agradecida, tagarelando enquanto a guio pelo corredor até a cozinha. “Seu marido está em casa? Eu adoraria conhecê-lo também! É tão bom ter outro casal jovem por perto.”

“Graham está no trabalho”, digo a ela. “Ele é diretor de tecnologia de uma das maiores empresas de software do país.” Meu peito se enche de orgulho.

“Que legal!” Renee exclama. “Desculpe por não ter vindo antes. Mas quando nos mudamos, os vizinhos apareceram logo em seguida e eu fiquei tipo, ‘Ei, me deem um tempinho para me instalar, sabe?’ Vocês desempacotaram tudo super rápido. Nossa, olha só! Vocês fizeram um ótimo trabalho com a casa!”

“Obrigada. Me considero uma espécie de decoradora de interiores.” Sorrio, pegando a torta dela, tirando o plástico filme e inalando o aroma de especiarias, imaginando se ela fez tudo do zero, como eu teria feito.

“Nossa, que pedra linda!” Renee exclama, ao ver meu anel de casamento. Ele é bem maior que o dela. “E decoração de interiores, que legal! É o seu trabalho?”

Eu faço uma careta, coloco o papel-toalha de volta na torta e a deslizo para o balcão. Odeio essa pergunta, a pergunta “*O que você faz?*” que as pessoas sempre fazem. Os amigos do Graham sabem como ele é — acham que ele tem sorte. Ouvi-os conversando uma vez, durante uma festa do Super Bowl na nossa antiga casa. Eu estava levando cervejas e petiscos para eles, parado na porta atrás deles, segurando um prato de asas de frango orgânicas que eu mesmo temperei e grelhei.

“Você está com a vida ganha, cara”, disse Brandon, o antigo colega de fraternidade do Graham. “Você não precisa fazer nada! Ela cozinha, limpa, e ainda por cima é gata.”

“É, mas eu pago tudo”, respondeu Graham.

“Um pequeno preço a pagar”, disse Brandon, dando um soco no ombro de Graham. “Qual é. Você está vivendo o sonho.”

“Esposa feliz, vida feliz”, disse Graham, rindo.

Mas as pessoas que não me conhecem, que não conhecem o Graham, às

vezes me olham de um jeito estranho. Dizem coisas como “Você não... faz... nada?”. Como se ser esposa não fosse um trabalho em tempo integral que exige madrugadas, noites adentro e uma infinidade de habilidades. Outras mulheres, em especial, têm problemas com isso. Exceto, é claro, minhas amigas virtuais. Temos os mesmos valores, as mesmas prioridades. Mas na vida real, é mais fácil ficar longe de outras mulheres.

Será que a Renée vai me olhar com desdém? Vai me dizer que ela é médica ou advogada e que eu estou desperdiçando minha vida sendo dona de casa?

“Eu faço isso”, digo, apontando para a casa. “Fico em casa. O Graham se sai muito bem, então eu cuido de tudo aqui.”

Para minha surpresa, os olhos de Renee brilham. “Sou dona de casa!” Ela vê minha inclinação de cabeça e esclarece: “Mãe que fica em casa. Meus filhos têm cinco e dois anos. Você tem algum?”

Sinto um friozinho na barriga. “Ainda não. Espero que em breve.”

Renee me olha de cima a baixo novamente. “Quantos anos você tem?”

“Vinte e quatro.”

“Nossa, querida, você tem anos para ter um bebê! Eu só tive o meu primeiro aos vinte e oito. Agora tenho trinta e três, e pode ter certeza, ter dois filhos com menos de cinco anos não é fácil.”

Renee sorri, e sangue escorre por entre seus dentes, formando uma poça em seu lábio inferior, como se ela tivesse a boca cheia de vísceras e o líquido estivesse vazando pelas rachaduras do esmalte.

Pisco freneticamente, rapidamente, e a imagem ensanguentada à minha frente desaparece, substituída por Renee, com um olhar educadamente confuso, o gloss rosa borrado ao redor da boca.

“Você está bem, querida? Você ficou muito pálida. Vamos sentar.”

Deixo Renee me guiar até o sofá na sala de estar, minhas mãos suadas. Continuo olhando para sua boca, que é larga e carnuda, mas não há manchas de sangue em seus dentes, nenhum vestígio de vermelho. Será que tive uma alucinação?

“Você já comeu hoje?”, pergunta Renee gentilmente. Eu ainda a encaro, então ela diz: “Desculpe, estou entrando no modo mamãe”.

Ela alisa meu cabelo, e o cheiro terroso de algum perfume estranho que ela esteja usando volta a me incomodar. De repente, me dou conta de como tudo isso é invasivo. Renee, já me perguntando sobre bebês e minha idade, tocando meu corpo, entrando na minha casa, se acomodando confortavelmente no nosso sofá

como se me conhecesse há anos. Quero que ela vá embora, mas tive poucas interações com mulheres que não namoram os amigos do Graham ou que não são minhas amigas virtuais. Não sei como expulsá-la.

“Quer que eu te traga uma fatia da torta?”, pergunta Renee.

“Não, estou bem, obrigada. Devo ter exagerado no treino”, minto, meu cérebro buscando freneticamente uma desculpa plausível. A boca da mulher claramente não está cheia de sangue. Apenas muitas palavras. E gloss labial.

“Ah, eu faço isso o tempo todo!”, exclama Renee, tirando a mão do meu cabelo, conseguindo me distrair. Sua voz é alta demais para esta casa. Desafia meus móveis simples e minha decoração elegante. “Você gosta de correr? Poderíamos correr juntas. Clube de corrida!”

Não sei como responder a Renee. Caminhadas ao ar livre e ioga leve fazem parte da minha rotina diária de exercícios. Há alguns anos, Graham me flagrou tentando um treino de musculação. Ele pegou minha mão, pausou o vídeo delicadamente, olhando para mim com preocupação.

“Querida, você é perfeita. Deus te fez assim, e seu corpo é lindo. Você não precisa disso.”

Ele me levou para longe da garagem, que também servia como área de exercícios na nossa antiga casa, tirou minha calça leggings suada na cozinha e me fez amor carinhosamente no balcão. A cada estocada, ele sussurrava no meu ouvido, fazendo os pelos da minha nuca se arrepiarem como se quisessem se aproximar dele: “Não mude. Não mude. Não mude.”

Não fiz nenhum dos meus exercícios por uma semana depois disso, até que Graham percebeu e disse: “Querida, por que você não está caminhando? Você precisa se movimentar — faz bem para você.”

“Eu pensei que você tivesse dito que eu não precisava disso”, respondi.

Ele riu. “Você não precisa de treinos de alta intensidade. Para que você precisa de bíceps enormes, Camille? Você é uma garota. Mas você ainda deve fazer ioga e exercícios aeróbicos. É importante se manter saudável e em forma.”

“Ah, tá.”

Voltei aos meus exercícios, tentando conter a empolgação que senti com os agachamentos e levantamentos, a força surpreendente que percorria minhas veias enquanto eu me esforçava para completar os movimentos. Graham tinha razão — por que eu precisaria de músculos enormes e masculinos, afinal? Era para isso que ele estava lá.

“Camille, lembra!” A voz de Renee, que começa a soar irritante, chama

minha atenção de volta para ela. “Onde você estava? Você parece um pouco abatida. Tem certeza de que não precisa de água ou algo assim?”

“Estou bem”, insisto.

Fiquei surpresa com a energia e a assertividade dela. Eu esperava que pudéssemos ser amigas, mas ela não é modesta e equilibrada como eu. Ela me lembra um filhote sendo treinado para fazer as necessidades no lugar certo, ansioso para aprender, mas tão apegado ao caos que não consegue se sair bem. Mesmo assim, Renee fica em casa, cuida dos filhos. Ela cozinha. Talvez valha a pena tentar construir uma amizade.

"Então, corrida?", ela me cutuca.

"Às vezes eu corro", respondo cautelosamente. "Uma vez por semana faço uma caminhada mais longa e, de vez em quando, faço aula de Pilates. Mas ainda não consegui estabelecer uma rotina por aqui. Afinal, acabamos de nos mudar."

“É, eu entendo”, concorda Renee. “Quando você se sentir melhor, vamos correr juntas! Mas só depois que as crianças começarem as aulas. A Millie começa o jardim de infância daqui a algumas semanas; ela está super animada! E o Henry vai começar a pré-escola logo. Aí eu vou ter muito mais tempo livre.” A voz dela suaviza. “Sinto tanta falta deles.”

“Bom, eles ainda não estão na escola, né?”, eu digo. “Você ainda tem tempo com eles.”

Renee se anima, sorrindo de novo. Tem uma certa rigidez no sorriso, como se fosse um cenário pintado sendo colocado num palco. “Com certeza!”

“Quem está com eles agora?”, pergunto, olhando em volta dela como se os filhos fossem invadir o quarto.

Renee suspira, espalhando uma onda de seu perfume frutado sobre meu rosto. "Henry está resfriado e passou para a Millie, e agora os dois estão se sentindo mal. Zach faltou ao trabalho hoje para cuidar deles. E eu usei isso como desculpa para me afastar de toda essa confusão!"

Não consigo evitar olhar para a cozinha, onde a torta está. Imagino quantos germes devem estar rastejando por ali. Quantos eu inalei mais cedo quando senti o cheiro. Talvez eu não a sirva para o Graham de sobremesa hoje à noite, como planejei.

"É um prazer conhecer outra dona de casa", digo, decidindo que é hora de me livrar dessa mulher. "Mas preciso voltar às minhas tarefas. Muito obrigada pela torta."

“Ah, desculpe, não queria incomodar!” diz Renee, de um jeito que me faz

pensar que ela queria mesmo. “Estou tão feliz que outra pessoa se mudou para cá e eu posso conversar com ela! É bom ter alguém por perto. Esta região é tão isolada! E você parece ser uma pessoa legal. O casal anterior era idoso e quase não saía de casa. E o seu estilo. Nossa, Camille, você é tão elegante! E sua casa é linda.”

Uma onda de calor cresce em meu estômago ao ouvir suas palavras. Meus ombros relaxam. Talvez ela não seja tão ruim assim. Ela é... entusiasmada. Não há nada de errado nisso. "Bem, obrigada", respondo, oferecendo um sorriso. "Mas eu não conseguiria sem o Graham. Ele sempre cuida de tudo. Nem precisei usar minha mesada para nada disso; ele comprou tudo para nós!" Gesticulo com os braços, apontando para a decoração, os eletrodomésticos, os móveis combinando.

O sorriso de Renée vacila. "Mesa?"

"Sim. Seu marido não te dá dinheiro todo mês para comprar roupas e coisas para a casa?"

A outra mulher ergue uma sobrancelha, com uma sombra nos olhos. "Hum, não. Temos uma conta conjunta. Eu também tenho algum dinheiro guardado. Como você e o Graham se reencontraram?"

Eu nunca contei a ela, mas não gosto da mudança no tom de voz. Devo não estar me explicando bem. Ela parece não entender o quão romântico e compreensivo o Graham é. Tento novamente: "Na feira de produtores. Quando começamos a namorar, eu trabalhava em um centro de distribuição que fornecia flores, mas o Graham prometeu cuidar de mim. Ele disse que se eu pedisse demissão, ele cuidaria de tudo para que pudéssemos passar mais tempo juntos. Ele me comprou uma orquídea rara e me enviou com um bilhete dizendo que a única coisa que eu precisava cultivar agora era o nosso amor."

Eu esperava um "Ah, *que fofo!*" ou um lampejo de ciúme, mas a reação de Renee foi discreta. Ela franziu os lábios e pigarreou. "Entendo."

Uma pesada porta de ferro se fechou sobre meu coração. Levantei-me abruptamente. Eu estava enganada; essa mulher não entendeu. Ela precisa sair da minha casa. "Obrigada pela visita. Deixe-me acompanhá-la até a porta", eu disse.

"Ah, certo. Não vou te atrapalhar. Foi um prazer conhecê-la!" Renee tentou dar um tom de leveza à voz que não convenceu, e eu ignorei.

Guiei Renee de volta pela cozinha em direção à porta da frente, que era bem feia.

Estava prestes a acompanhá-la até a saída quando ela parou, virou-se, o

rosto repentinamente sério e inexpressivo. "Só mais uma coisa, Camille", disse ela.

"Sim?"

"Não se aproxime da floresta."

Faço uma pausa, com a garganta fria e contraída como se tivesse engolido uma bola de neve. É uma pergunta tão sem nexos que me atrapalho ao tentar responder, esquecendo que fiquei ofendida com a falta de reação dela depois da minha história sobre Graham. "Como assim?"

Renee balança a cabeça, os olhos escuros solenes. "A floresta não é segura. Não chegue perto." Então ela dá de ombros, tentando sorrir. "Sabe como é. Ursos e outros bichos. Você pode se perder! Melhor ficar longe."

Ela dá um tapinha no meu ombro, sem perceber o quanto minha pele está gelada, e acena para mim, fechando a porta atrás de si como se estivesse me trancando em uma cela.

CAPÍTULO

6

Depois das minhas tarefas, tiro fotos — a lavanderia com todas as suas etiquetas organizadas e toalhas dobradas; o vaso de madeira entalhada cheio de trigo colhido à mão que eu mesma sequei; um projeto de tricô, bege, claro, pendurado nas agulhas de bambu.

Aplico um filtro do Lightroom cuidadosamente selecionado em todas as imagens e escrevo algumas legendas, tentando transmitir uma imagem singela e grata. Programo as postagens para os próximos dias e, em seguida, publico trechos da minha rotina matinal, inspirados no vídeo recente da Mara. Ele recebe algumas centenas de visualizações imediatamente. Mas não é o suficiente. Só verei números recordes de visualizações quando tiver um filho.

No ano passado, uma mulher me mandou uma mensagem direta dizendo o quão estúpida eu era por centrar minha vida em uma família que ainda não existia. Ela me chamou de ingênua e tola. Bloqueei-a sem responder. Ela não me conhecia — quem era ela para me julgar? Posso ser ingênua, mas não sou estúpida.

Um bebê solidifica meu lugar online e dentro do meu casamento. É uma necessidade absoluta.

Estou de volta à cozinha, prestes a começar a picar legumes para o jantar, quando a campainha toca de novo, me fazendo ranger os dentes. É um som realmente horrível, e só consigo imaginar que a Renée voltou, apertando o botão da campainha.

Alisando a carranca, largo a faca na bancada de madeira e espreito pela entrada da cozinha, encarando a porta que tanto detesto.

Uma silhueta se destaca contra o vidro fosco; uma mancha escura é visível

na altura dos ombros, como se a pessoa lá fora estivesse encostada na porta da frente, entediada. Mas quem quer que esteja lá fora não é a Renée — o tamanho está errado. As proporções também estão desproporcionais, como se quem estivesse parado na minha porta tivesse atravessado um espelho de parque de diversões e saído do outro lado ainda conservando algumas das características refletidas nele.

Os pelos dos meus braços se arrepiam, salpicando minha pele com fileiras de pequenas protuberâncias. Meu primeiro instinto é esfregar meus antebraços com força — arrepios não me favorecem. A passagem de "*A Carne do Medo*" se repete na minha mente: Esses músculos, em grande parte involuntários, podem se contrair quando confrontados com o frio ou certas emoções, como medo ou excitação...

Meus músculos eretores do pelo estão ativados.

Eu estremeço e deixo minhas mãos caírem ao lado do corpo, as pontas dos dedos arranhando o tecido do meu vestido amarelo como se quisessem fazer buracos no material resistente e rígido. Caminhando deliberadamente para o corredor, hesito em ir até a porta desta vez, incapaz de desviar o olhar da forma no vidro. É desconcertante, como se alguém tivesse encostado um espantalho na casa.

A forma efêmera de um braço se estende pelos painéis centrais de vidro fosco, e a campainha toca novamente. Embora eu esperasse, visse que ia tocar, ainda assim dou um pulo, um suspiro escapando da minha garganta.

Pare de ser boba, me repreendo. Vá usar o olho mágico. Veja quem é. Talvez Graham tenha recebido uma entrega. Talvez sejam flores para você!

Graham costumava fazer isso quando fomos morar juntos, anos atrás. Eu passava o dia todo na casa dele, ajudando a transformar aquele apartamento de solteiro em um verdadeiro lar, e de vez em quando a campainha tocava e lá estava um enorme buquê de rosas ou flores silvestres com um bilhete de amor dizendo o quanto ele me apreciava.

Faz tempo que Graham não me compra flores, mas talvez a casa nova e aquele momento de desejo que ele teve hoje de manhã o tenham inspirado.

Animada com essa perspectiva, solto a barra do meu vestido, ignorando os arrepios que percorrem minha pele, e caminho em direção à porta da frente, dando passos leves pelo corredor. Passo por fotos emolduradas de Graham e eu no dia do nosso casamento, onde seus amigos e familiares me superam em dez para um; pela mesa de console de nogueira com um vaso cheio de galhos

decorativos e uma vela com aroma de magnólia; pelo elegante porta-sapatos de bambu perto da porta.

A sombra escurece à medida que me aproximo, como se pressionasse o vidro com mais força quanto mais perto chego. Paro a alguns passos de distância, minha mão já automaticamente estendida para a maçaneta.

Algo está errado. Eu sinto. Meu corpo treme, e imagens de coisas terríveis acontecendo a uma mulher sozinha em casa ameaçam invadir minha mente. A sombra em frente ao vidro se move e se afasta, como se estivesse dando um passo para trás para que eu pudesse vê-la bem pelo olho mágico.

Pare de ser louca!

Usando o pouco impulso que me resta, me inclino em direção à porta, encostando a testa no vidro frio para poder olhar através do buraco da fechadura.

A varanda está vazia.

Um gorgolejo desconhecido escapa da minha garganta enquanto dou um passo para trás, os olhos percorrendo a porta de madeira. Não há sombras. Nenhuma forma visível lá fora. Mas eu vi alguma coisa. Eu sei que vi.

Eu me inclino para a frente e olho novamente pelo olho mágico, examinando a varanda, as extremidades da casa, o caminho pavimentado que leva até a porta da frente. Tudo normal: a grama irregular no nosso jardim da frente, o vislumbre da entrada de cascalho ao lado. A estrada — plana, preta, vazia — estende-se em frente à propriedade como uma cobra-rato atropelada. Além da estrada, mais campos de trigo. Não há vizinhos por perto. A casa da Renée é a mais próxima, mas fica a pelo menos dez ou quinze minutos de caminhada.

Eu poderia colocar a cabeça para fora, procurar um caminhão de entregas ou um buquê de flores no capacho, mas a temperatura caiu e a ideia de abrir a porta agora me dá vontade de chorar.

Dou um passo para trás, observando cautelosamente o vidro. Uma quietude intensa paira sobre a casa: a pausa no topo de uma inspiração antes da explosão da expiração.

O ar na casa parece mofado, até quente. Como se eu tivesse deixado as janelas abertas por muito tempo e os últimos vestígios do verão tivessem se infiltrado, cravando garras no assoalho para que não fossem arrancados pela chegada do outono.

Um sussurro ecoa do fundo da casa. É familiar, mas não consigo identificar. Uma gota de suor se forma perto da minha nuca e escorre pela minha espinha,

umedecendo o zíper do meu vestido amarelo.

O sussurro recomeça, e desta vez consigo localizar sua origem: os fundos da casa. Perto da sala de estar.

A porta de vidro deslizante se abre e se fecha.

Minha mandíbula trava e, por um instante, não consigo engolir; respiro fundo, sufocando com o ar seco, batendo com a palma da mão no peito numa tentativa de forçar um gole. Uma tosse chorosa sacode minha garganta, e meu pescoço se move como o de uma gaivota enquanto finalmente inspiro.

O cheiro de pedras úmidas e terra esquecida se espalha pela casa. É como se eu estivesse dentro de uma cripta antiga — mas há uma umidade que se agarra aos meus pulmões e torna o odor mais forte, mais pantanoso.

Passos. São lentos, pesados, como se alguém usando botas de trabalho pesadas estivesse arrastando o corpo pela sala de estar, aproximando-se da cozinha. Se continuarem assim, aparecerão perto da geladeira. Vão me ver, rígida e tensa, no corredor.

Abro a boca para chamar. Para chorar por Graham, esperando que seja ele, sabendo que não é. Um sussurro morto escapa dos meus lábios. A força da fala me abandonou, fazendo-me recuar de uma forma que parece quase permanente.

Os passos ficam cada vez mais altos enquanto meu corpo vibra de expectativa. Uma sombra surge na cozinha, e então os passos param abruptamente.

Não aguento mais. Entro correndo na porta da cozinha, segurando firme o batente da porta com uma das mãos para que meus joelhos não cedam e eu caia no chão de azulejos.

A cozinha está vazia. A sala de estar, visível além dela, também está vazia.

Avanço, a respiração leve e ofegante, examinando os cômodos. Procurando por algo fora do lugar. A porta de vidro deslizante está intacta e trancada como a deixei, embora eu jurasse tê-la ouvido abrir e fechar.

Tem algo errado comigo, penso, fechando os olhos com força. Desde o poço. Estou vendo e ouvindo coisas que não existem aqui.

Abrindo os olhos, dou uma última olhada ao redor. Nada.

É o estresse, decido. Não pode ser outra coisa. Eu sei sobre doenças mentais e transtornos de humor. Não posso ter nenhum deles. Simplesmente não posso. Isso significaria que eu não sou a esposa perfeita. Isso significaria que corro o risco de transmitir algo para o meu futuro filho. Graham não permitiria isso, e eu também não.

Estresse, penso firmemente.

Ignoro o cheiro de terra e mofo que persiste. Não penso no rangido vindo da escada. Finjo não temer o gosto de ferro na minha boca, que me lembra o sangue que bebi da minha mesa de cabeceira ontem à noite.

Em vez disso, abro meu celular e percorro os vídeos idílicos de Mara até me acalmar o suficiente para começar a cortar legumes para o jantar.

CAPÍTULO

7

Tenho sonhado com o olho no meu teto todas as noites durante os próximos seis dias.

Isso afeta minha vida desperta. Meu sono, interrompido e inquieto, fica prejudicado, e começo a acordar às três ou quatro da manhã, iniciando minhas tarefas cedo para evitar ficar me revirando na cama. O pior é o rangido na casa quando estou sozinho — o cheiro de pedra úmida impregna o primeiro andar, e a figura sombria aparece na minha porta mais duas vezes, tocando a campainha e desaparecendo quando me aproximo do olho mágico, tremendo.

Durante o dia, quando Graham está no trabalho, há lampejos de movimento pela casa — sombras que passam rapidamente pelas grandes janelas, como se algo estivesse correndo em círculos; ruídos suaves vindos de cômodos onde não estou; formas pairando no canto do meu campo de visão que desaparecem quando me viro para tentar vê-las.

Não sei se estou enlouquecendo por falta de sono ou se estou sendo assombrada por algo que não estava na casa quando nos mudamos.

O olho me faz companhia todas as noites, perguntando repetidamente por que quero um bebê. Sempre dou a mesma resposta que dei na primeira noite em que ele apareceu.

No quarto dia, uma lembrança me veio à mente enquanto lavava a louça preguiçosamente depois de servir o jantar para Graham: uma conversa que tivemos anos atrás.

“Você acredita em anjos?”, perguntei certa vez, quando estávamos visitando o túmulo da minha mãe.

“Com certeza”, disse Graham. “Eu me casei com você.”

Eu sorri e o beijei. “Não, eu quero dizer, como um anjo de verdade.”

Ele segurou minha mão e roçou os lábios nos meus nós dos dedos. “Eu acredito, sim.”

“Gosto de pensar na minha mãe como um anjo.”

“Sabe, anjos nem sempre são como esperamos.”

Me afastei. “O que você quer dizer?”

“Os anjos vêm em muitas formas, querida”, explicou Graham, com aquele tom satisfeito e professor que sempre tinha na voz quando descobria que eu não sabia alguma coisa. “Sim, eles podem parecer pessoas. Mas a Bíblia tem muitas descrições diferentes deles. Uma roda com olhos. Uma criatura com quatro rostos. Uma pessoa com seis asas e pele cor de berilo. Alguns dizem que os anjos são tão assustadores que os humanos não conseguem compreendê-los.”

“Por que você diria isso?”, exclamei, afastando-me dele e olhando para o túmulo da minha mãe, cuja lápide polida brilhava à luz do sol. “Minha mãe não é uma roda com olhos!”

O rosto de Graham escureceu ao ouvir meu tom de voz, mas logo suavizou. “Não, você tem razão. Me desculpe, linda, me empolguei. Você sabe o quanto acho a Bíblia interessante. Não quis dizer nada com isso.”

“Tudo bem”, eu disse, aceitando a mão que ele me ofereceu em um gesto conciliatório. Fiz uma careta quando seu aperto se intensificou assim que meus dedos se entrelaçaram nos dele. “É que sou sensível em relação à minha mãe.”

“Tenho certeza de que ela está olhando para você agora”, disse Graham com convicção. “Com lindas asas brancas.”

Não sou tão religiosa quanto o Graham, mas aprecio as regras — estas coisas são ruins; estas coisas são boas. Gosto que haja instruções sobre como ser uma pessoa decente e uma mulher admirável. Antes de nos mudarmos, íamos à igreja toda semana porque o Graham foi criado como um católico devoto, algo com que eu não conseguia me identificar. Meus pais me levavam à igreja quando eu era pequena, mas quando minha mãe morreu, ficou difícil arranjar tempo para isso entre os estudos e as tarefas domésticas.

Ainda assim, acredito em Deus. Como não acreditar? A fé, essencialmente, foi herdada da minha vida por causa do meu casamento, embora uma pequena parte secreta de mim a considere um pouco inacessível. Sempre fui atraída por dados, por evidências. Digo a mim mesma que há provas da existência de Deus: sim, minha mãe morreu jovem e eu tive que crescer sem ela, mas em troca recebi um pai que me apoia e um marido bonito. Não me falta nada — exceto um bebê.

E agora, depois de jogar uma moeda em um poço dos desejos, as coisas estão mudando.

Talvez eu tenha entendido errado. Talvez eu não esteja sendo assombrada. E se minha oração no poço dos desejos foi ouvida?

Graham disse que os anjos podem vir de muitas formas diferentes.

“Anjos aparecem para as pessoas em sonhos?”, pergunto a Graham antes de dormir, certa noite, tentando ignorar o jeito como ele se vira no colchão, mantendo o celular inclinado para que eu não veja o que ele está fazendo.

Graham faz uma pausa, me lançando um olhar curioso por cima do ombro, esquecendo-se do celular por um instante. “Bem, sim. Na Bíblia, com certeza. E já ouvi falar de pessoas que às vezes têm visões ou recebem mensagens de anjos em seus sonhos. Por quê?”

“Sem motivo específico”, respondo. “Simplesmente me veio à cabeça.”

A resposta de Graham é útil, mas não é uma confirmação. Preciso de mais dados para comparar. Algo mais objetivo do que a opinião potencialmente tendenciosa do meu marido.

Procuro representações de anjos bíblicos, examinando-as no meu celular e ampliando a imagem. Não são exatas, mas há semelhanças suficientes para que eu comece a achar que minha teoria pode ter fundamento. Estudo passagens da Bíblia, folheando o exemplar de Graham quando ele está no trabalho. Vasculho fóruns de teologia, lendo diferentes relatos e interpretações. A combinação dessas diferentes fontes me satisfaz o suficiente para me concentrar em uma tese central: meus sonhos não são atormentados por um fantasma ou monstro, mas por um anjo, que me pergunta repetidamente por que quero um bebê e então me diz que terei um antes que eu acorde em um suor frio.

Esperando que fosse um sinal para tentar novamente com Graham, fiz investidas em direção a ele enquanto relaxávamos no sofá branco uma noite, depois que terminei de lavar a louça do jantar. Graham me beijou, acariciou meus seios, mas em vez de fazer amor, puxou minha cabeça para baixo, em direção à sua calça jeans, abrindo o zíper. Não sabia como dizer a ele: "Não, não vamos engravidar assim. Não precisamos que seja na minha boca."

Ele é meu marido. Eu o amo. É o que ele quer, e já faz tanto tempo que não temos intimidade. Fiz, dizendo a mim mesma que já era satisfatório o suficiente quando ele gemeu dizendo o quão boa eu era, o quão perfeita eu era.

Não concebemos um bebê naquela noite, e quando fui para a cama, o olho me cumprimentou novamente, uma pequena moeda de cobre suspensa em sua

pupila escura.

Desde que joguei minha moeda no poço dos desejos, não consigo mais voltar; na verdade, tenho tido dificuldade para sair de casa, com medo de encontrar o que quer que esteja rondando os campos de trigo e entrando sorrateiramente pela porta de vidro deslizante que verifico religiosamente todos os dias. Ela está sempre trancada, mas quando estou sozinha em casa, vislumbro algo cinza e com membros se movendo pelos cômodos do andar de baixo.

Mas a necessidade de compreender é forte. Certa manhã, peguei um rolo de corda na nossa garagem, que sobrou dos antigos donos, e voltei para o poço. Amarrei o balde decrépito na ponta da corda, que era resistente e forte, ao contrário daquele apodrecido que pendia da boca do poço. Abaixar o balde na penumbra instável fez meus ombros ficarem tensos e meus pés suarem, mas eu o desci devagar, raspando-o de vez em quando no fundo do poço.

Quando o balde chegasse ao fundo, eu marcaria o comprimento na corda e poderia medir—

Sinto um puxão forte e a corda queima minhas palmas, quase me jogando para dentro do poço. Ofegante, firmo os pés, inclinando-me para trás. O poço está silencioso, mas um estalo ecoa pela corda e, de repente, estou sentada no chão, com a corda consideravelmente mais leve do que um segundo atrás.

Levanto-me rapidamente, puxando a corda com força, as cerdas roçando minhas mãos em chamas. A ponta da corda se solta da abertura do poço, desfiada e esfarrapada.

O balde sumiu.

Deve haver uma explicação lógica, penso. O balde enroscou em alguma pedra ou algo assim. Devo tentar de novo. Ver se acontece a mesma coisa. Ah, eu poderia fazer mais alguns testes e—

Eu me debruço sobre o pensamento até que ele se quebre e desmorone. Nem tudo no mundo tem uma explicação. Por que estou lutando tanto contra isso? Essa necessidade de qualificar o que está acontecendo, o desejo de estudá-lo e analisá-lo, não faz mais parte de quem eu sou. Eu não deveria estar aqui fora, jogando coisas em um poço sem fundo. Eu deveria estar aqui dentro, preparando o jantar do meu marido e aceitando o presente em potencial que me é oferecido.

De volta à casa, escondo a corda na garagem e tranco todas as portas. Chega de testes, chega de provas. Só me resta acreditar. Entre a privação de sono, a tênue esperança de que, de alguma forma, milagrosamente, algo tenha ouvido minhas preces, e a presença constante do olho em meus sonhos, é fácil chegar a

uma conclusão.

Um anjo. Fui encontrado por um anjo. Um que ofereceu seus serviços para realizar meu maior desejo. É o ideal? Não, mas todos dizem que os caminhos de Deus são misteriosos. Quem sou eu para questionar isso?

O próprio Graham disse que anjos podem aparecer para as pessoas em sonhos.

Na noite de quinta-feira, pouco mais de uma semana depois de ter jogado a moeda no poço, eu me movia pela cozinha, tentando me concentrar nas minhas tarefas. Estava preparando o jantar do Graham, mas continuava encontrando novas coisas para adicionar à minha lista de afazeres. Por exemplo, estávamos com pouco pão. Precisaria assar uma nova fornada em breve, e fiquei feliz em ver que meu feed do Instagram coincidiu com o da Mara — o último story dela dizia: "*Festa de fazer pão neste fim de semana com todas as minhas amigas!*"

Ela marcou várias outras contas grandes com as quais costuma colaborar. Tento reprimir a onda de ciúme que surge por baixo do vestido cor de casca de ovo que estou usando e sobe até meu pescoço, aquecendo meu rosto. Mara mora em algum lugar em Utah; estou a centenas de quilômetros de distância dela, mas mesmo assim sinto muita falta dessa conexão.

Sempre disse que tudo o que preciso é do Graham e, eventualmente, dos meus filhos. Mas às vezes me sinto sozinha. Sempre que comento isso com o Graham, ele me abraça e diz que eu deveria conversar mais com meus amigos virtuais.

"Eles parecem tão compreensivos!", ele diz.

"Você tem razão", respondo, sem saber como explicar a ele o que eu mesma mal consigo entender — que falta algo nessas interações, algo que me deixa com uma sensação de vazio e insignificância. Meus amigos online ainda gostariam de mim se soubessem do meu passado? Ainda me seguiriam se eu não pudesse ter um bebê?

Levanto os olhos da nova leva de curtidas e comentários que apareceram depois que postei um vídeo das minhas cebolas e abobrinhas impecavelmente picadas. Há uma colher de pau na imagem, estrategicamente posicionada ao lado de uma tábua de corte feita à mão que custou 200 dólares ao Graham.

O sol está se pondo, enviando raios rosados pela janela da cozinha, banhando a pia cheia de louça que eu preciso lavar antes que Graham chegue em casa. Seja lá quando for.

Ele ainda não respondeu minhas mensagens. Deve estar ocupado no

trabalho.

Já comi — uma sopa de abobrinha com um raminho de hortelã delicadamente colocado por cima e um dos pedaços de pão que sobraram com uma generosa porção de manteiga artesanal. Graham provavelmente ficaria horrorizado se soubesse quanta manteiga eu consumo escondida, e eu deveria economizar, já que eu mesma a faço e demora uma eternidade, mas não consigo evitar.

A manteiga me lembra das panquecas matinais que eu comia com minha mãe — uma camada rica e cremosa de amarelo sobre qualquer comida faz minhas papilas gustativas suspirarem de prazer. De vez em quando, como um pedacinho puro, saboreando a textura doce e sedosa enquanto derrete na minha língua.

Guardo o celular e enxáguo a louça, usando uma esponja de lã de água natural para remover os resíduos das panelas e frigideiras. Temos uma lava-louças, mas prefiro lavar tudo à mão. Me sinto mais realizada. Como se estivesse fazendo meu trabalho direito. Mara pensa da mesma forma, e me conforta saber que estou fazendo a coisa certa.

Lá em cima, quase inaudível por causa do barulho da água corrente, uma tábua do assoalho range.

Isso tem acontecido com mais frequência ultimamente.

Começo a cantarolar, para abafar qualquer outro ruído indesejado — um hino da igreja cujo nome não me lembro, que costumávamos cantar com nossa antiga congregação. Continuo cantarolando enquanto o sol se põe atrás da floresta nos fundos, seus últimos raios de luz acenando em despedida enquanto uso um pano de prato costurado à mão para secar tudo. Quando coloco a louça úmida no corredor de bambu perto da pia, o céu está azul-índigo e minha garganta vibra de tanto cantarolar.

Procurro por mais distrações. Varro o chão, embora esteja quase impecável. Vou até a sala de estar e arrumo os livros da mesa de centro, verificando se a porta de vidro deslizante está trancada (está) e fechando as cortinas. Normalmente não faço isso — não há ninguém aqui fora para olhar dentro —, mas comecei a me recolher na última semana, receosa da escuridão total das noites no campo.

Sento no sofá, esperando que Graham mande uma mensagem ou que seu carro chegue rangendo na garagem. Meu celular permanece no silencioso enquanto a noite avança. Lavo roupa. Checo minhas redes sociais. Tricoto

fileiras e mais fileiras de um novo cachecol de inverno para meu marido.

Lá em cima, o assoalho range.

Às 9h15, não posso mais adiar. Preciso ir para a cama em um horário decente para acordar com o sol e começar o meu dia. Amanhã é sexta-feira — mais um dia até o fim de semana, e então terei Graham só para mim de novo. Talvez a gente consiga transar e, desta vez, finalmente, vai dar certo.

Não tem nada lá em cima, digo para mim mesma enquanto apago as luzes da sala e da cozinha, deixando apenas a luz do corredor acesa para que Graham não bata a cabeça na parede quando finalmente chegar em casa.

Enquanto estou parada no pé da escada, olhando para a escuridão do segundo andar, uma sensação claustrofóbica avassaladora me invade o peito. Imagino um rato farejando uma ratoeira que ele consegue sentir o cheiro, mas não ver, aguardando apreensivamente o estalo que anuncia a chegada da morte.

Tremendo, aciono o interruptor no pé da escada, ao lado da foto minha e de Graham em nossa lua de mel na Itália. O andar de cima se revela em detalhes quando a luz ilumina as ripas brancas do corrimão, o carpete cinza macio nos degraus e a mesa estreita e instável no topo, onde repousam as mãos em oração com pérolas que a mãe de Graham lhe deu.

Tudo está quieto e imóvel, então começo a subir a escada, uma mão se apoiando no corrimão, a outra levantando o vestido até a altura do quadril para não tropeçar. O corredor do andar de cima se ramifica no topo da escada, com a sala de artesanato e o quarto do bebê de um lado, e nosso quarto no final, perto do fundo da casa.

Meus olhos percorrem as portas abertas de cada cômodo enquanto passo, meus pés descalços batendo no piso recém-acabado. A sala de artesanato, mais próxima da escada, está escura e transformada em uma série de sombras ameaçadoras, mas nada se move lá dentro, e eu passo direto.

Cerrei os dentes ao olhar para o quarto do bebê, tenuemente iluminado pela luz noturna ligada na tomada — um pequeno urso marrom, brilhando fracamente, que projeta formas arredondadas no chão e amarela a borda do berço. O quarto do bebê é uma dor no meu peito, um nó no meu cabelo que não se desfaz, mas seu vazio e silêncio me incomodam menos agora.

Não há nada lá dentro também.

Finalmente chego ao nosso quarto e paro em frente à porta fechada. Tenho certeza de que a deixei aberta. Sempre deixo as portas abertas aqui em cima; pode ficar abafado, e gosto de deixar as janelas abertas para ventilação cruzada.

Graham queria instalar ar-condicionado, mas Mara diz que ar-condicionado faz mal para os pulmões, o que não sei se é totalmente verdade, mas não podia arriscar ter um visível ao fundo de uma foto e ser criticada online.

Fico parada no corredor, observando a porta fechada. Espero ouvir a porta da garagem girando ou sentir meu celular vibrar com uma mensagem de Graham a caminho de casa. Qualquer coisa para me poupar de ter que fazer isso sozinha.

Nada.

Estendo a mão, a mão úmida escorregando na maçaneta fria antes de finalmente encontrar apoio e girá-la, empurrando a porta silenciosamente.

Há algo no meu quarto.

Está parado perto da janela aberta, do outro lado do quarto, em frente ao banheiro.

Do tamanho de um humano, com forma humana, mas de costas para mim, completamente imóvel. Eu poderia ter pensado que era uma estátua, não fosse o fato de que consigo vê-lo respirando, mesmo daqui, como se seus pulmões fossem tão grandes que precisassem de mais espaço para se expandir. Não há luz no quarto, mas o brilho do corredor se espalha lá dentro, permitindo-me ver o suficiente para saber que não se trata de uma pessoa.

Eu sei o que é isso. É o meu sonho se tornando realidade.

O quarto, que normalmente cheira a sândalo por causa do difusor de óleos essenciais caro que guardo na cômoda de madeira branca, agora cheira a pântano. Terra úmida, água parada, plantas de brejo. Combina com a temperatura do quarto — úmido, levemente abafado.

Minha boca se abre e um coaxar escapa. Levo a mão à boca enquanto a criatura, escondida nas sombras, começa a se virar lentamente. Ela fixa o olhar em mim, dando um passo à frente, dois, antes de parar novamente.

Meu estômago se revira.

Os olhos que me encaram são completamente brancos. Pergunto-me se suas pupilas se enrolaram para trás ou se ela só tem esclera.

A criatura tem o tamanho e a forma geral de uma pessoa, mas há algo repugnante em suas proporções. Seus braços são um pouco curtos demais, suas pernas um pouco finas demais, seu rosto ligeiramente comprido demais. Tem pele cinza com um tom esverdeado, quase iridescente em alguns pontos, como se estivesse coberta por escamas cravejadas de joias. Duas protuberâncias se projetam de cada têmpora, rompendo a testa áspera como chifres de cabra.

A criatura também está nua. O calor de um rubor sobe pelo meu pescoço,

manchando minhas bochechas, porque, tecnicamente, a criatura é masculina. Não consigo encontrar os pronomes corretos para descrevê-la, mas consigo ver o pênis, ereto, arredondado, sob uma cintura esculpida. Literalmente — seu corpo parece ter sido esculpido em pedra.

Graham disse que eles podiam ter qualquer aparência, até mesmo algo perigoso e perturbador, mas eu não esperava que um anjo tivesse essa aparência.

A criatura se mexe, movendo algo em seus ombros. Será que está usando uma... mochila?

A respiração escapa da minha boca rapidamente. A criatura inclina a cabeça e dá mais um passo à frente.

Ah. Não. Não é uma mochila.

A luz difusa do corredor revela um par de asas, dobradas contra as costas da criatura, grandes demais para serem completamente escondidas. São coriáceas, semelhantes às de um morcego, cinza-escuras, mas quase translúcidas. Veias grossas percorrem a parte superior da superfície.

A criatura não se move mais; fica parada, me observando, como se esperasse por algo. Mas ver as asas é demais. Isso não pode ser real. Devo estar enlouquecendo. Não há anjo nenhum; tenho visto coisas.

O chão se move, minha visão fica turva e estendo a mão para o batente da porta, mas erro e caio no chão.

Tudo fica embaçado, e a última coisa que vejo são os pés da criatura, com garras e da cor de fuligem.

★ ★ ★

Acordo com a voz de Graham acima de mim e uma pressão faminta apertando meu bíceps.

O mundo é um borrão de cores até que me lembro da coisa que vi no nosso quarto. Uma corrente elétrica percorre minha coluna até o topo da minha cabeça, saltando por cada vértebra. Minha garganta fecha e eu respiro com dificuldade enquanto minha visão clareia, olhando freneticamente ao redor, debatendo-me nos braços de Graham.

Suas mãos são as algemas que eu sentia em meus braços, e ele aperta ainda mais enquanto começo a me debater e gritar: "Onde está? Você viu?"

"Camille! Camille! Que diabos está acontecendo? Amor, você está bem?"

Meus músculos se desfazem ao som do tom de voz dele. Raramente

brigamos, e só o ouvi levantar a voz uma vez, há um ano, quando a esposa de um amigo dele me chamou de "burra" e disse que eu só estava alimentando uma "fetiche sexista". Graham surtou e a expulsou de casa. Ele não vê mais esse amigo com frequência, e a esposa dele está proibida de interagir conosco.

"Desculpe", sussurro, me aconchegando contra o peito largo do meu marido. Ele cheira a couro e ar do campo. E a algo mais, algo floral que me lembra a primavera.

"Camille, quanto tempo você ficou inconsciente?", ele pergunta, embalando minha cabeça. Seus olhos escuros me encaram. Há pequenas linhas em sua testa que eu nunca tinha notado antes. Quando elas apareceram? "Precisamos te levar para um hospital."

Minha atenção volta à realidade. "Não", imploro. "Não ao hospital. Estou bem. Eu... não comi muito hoje. Hipoglicemia."

Não consigo lidar com as perguntas que terei que responder no hospital. E se eu deixar escapar todas as alucinações e sonhos que tenho tido na última semana? Eles podem tentar me medicar, e Mara e seu grupo de influenciadores têm sido muito claros sobre os perigos dos medicamentos. E embora a desconfiança em relação a medicamentos e vacinas na minha comunidade online esteja em desacordo com o que eu sei ser verdade, tento me manter dentro da lei.

"Não, hospital não", digo com mais firmeza, ao notar que os olhos de Graham estão semicerrados e sua boca está contorcida. "Estou bem. Por favor." Me desvencilho de seus braços e me movo pelo chão até encostar as costas na parede perto da porta. Aliso o vestido branco-sujo, dando tapinhas nas pernas ao mesmo tempo, como se quisesse ter certeza de que ainda estão ali.

"Tá bom, tá bom", ele diz, levantando as mãos em sinal de rendição. "Tem certeza de que está bem?" Sua barba está desgrenhada, como se ele a estivesse esfregando ansiosamente com a mão enquanto eu estava inconsciente. Seus lábios estão um pouco maiores que o normal, como se estivessem inchados.

"Sim, querido", respondo, pigarreando para que minha voz soe menos frágil. "Que bom que você está aqui. Obrigada por cuidar de mim."

"Sempre que precisar, Camille", diz Graham, sorrindo para mim, as rugas de preocupação desaparecendo de seu rosto encantador. "Graças a Deus você está bem."

Ele fala sério. Graham não usa o nome de Deus levianamente como outras pessoas. Ele está realmente agradecendo a Deus, e me conforta ver o quanto ele estava preocupado.

“Camille? Quer se levantar?”

“Sim”, respondo, olhando ao redor do quarto mais uma vez, procurando por evidências do que vi. Mas só vejo nosso quarto decorado com bom gosto. Será que eu poderia ter imaginado tudo isso?

Graham me ajuda a levantar, lançando um olhar avaliador sobre meu corpo como se procurasse algo que não estivesse vendo. "Você tem certeza de que está se sentindo bem?", ele pergunta novamente.

"Sim", repito, sorrindo para dissipar a exasperação que fervilhava dentro de mim. Não quero mais pensar nisso. Estou muito cansada.

"Ótimo", diz Graham, retribuindo o sorriso. "Estou com fome. Você preparou o jantar para mim?"

CAPÍTULO

8

O OLHO aparece novamente em meu sonho, mas agora é diferente.

O roteiro antigo foi descartado. Desta vez, ele entra direto. Sua voz me pressiona contra o colchão com fervor e insistência, e posso sentir seu desagrado se espalhando por meus membros.

Você queria um bebê.

Tento fechar os olhos contra as asas giratórias, que mais uma vez circundam o óculo, mas, como antes, estou paralisada, forçada a encarar enquanto uma tontura me invade.

Eu quero, penso. *Por favor, pare.*

As asas param de se mover. O olho pisca lacrimejantemente e fica completamente branco.

Você queria um bebê, repete. Você rezou. Você ofereceu um presente. Eu cheguei. Você pediu um bebê.

Você chegou? Espere, você é o(a)—

VOCÊ QUER UM BEBÊ?

O estrondo da voz rasga meu couro cabeludo e penetra meu cérebro, rangendo meus dentes e arranhando o interior da minha cavidade torácica.

Acordo com uma inspiração violenta, como uma mulher se afogando, emergindo à superfície, sem saber se este será seu último suspiro.

Tudo está em silêncio. O quarto está vazio. Completamente vazio — Graham não está ao meu lado. Uma dor diferente surge, roçando meu coração com uma sensação latente como urtigas. Onde está meu marido?

Bato com a mão no criado-mudo, procurando meu celular, ligando a tela. Lá está, enviada uma hora atrás, às 1h24 da manhã — uma mensagem de Graham.

Não queria te acordar depois do seu pequeno episódio mais cedo! Descanse à vontade. Só queria te avisar que vou começar o fim de semana mais cedo. Vou dormir na casa do Bobby hoje para podermos matar aula e assistir ao jogo amanhã. Até logo, te amo.

Meu estômago dá um nó junto com o celular, o aparelho escorrega dos meus dedos e cai no colchão com um baque surdo.

Graham e eu fomos para a cama juntos. Eu nem tentei dormir com ele — ele estava carinhoso e quase enjoativo enquanto eu lhe servia o jantar tarde da noite, insistindo em me ajudar com a louça. Tremi só de pensar na reação da Mara se ela visse meu marido fazendo tarefas domésticas. Depois, Graham me aconchegou delicadamente na cama, dizendo que ia assistir um pouco de TV e já subia. Adormeci quase imediatamente, completamente exausta do incidente anterior e da minha semana de sono ruim.

Mas agora tenho que admitir que meu amado marido me abandonou no meio da noite.

Não me abandonei, tento me convencer. Ele foi tão gentil mais cedo. Viu que você estava bem e decidiu tirar uma folga do trabalho, que era muito necessária, para ficar com seu bom amigo.

Tem que ser isso. Mesmo que Graham continue dizendo o quanto o trabalho é corrido. Mesmo que ele nunca tenha saído de casa tão tarde antes. Mesmo que a esposa dele tenha desmaiado horas antes.

Graham me avisou que sua rotina mudaria quando nos mudássemos para cá. Ele teria que ir ao escritório todos os dias, que fica a uma hora de distância da nossa nova casa. E, sendo um executivo de alto escalão, ele é muito requisitado — ele rejeitou minha sugestão de trabalhar de casa metade do tempo. "Eu preciso estar lá, amor", disse ele. "Você concordou com isso. Talvez não tenhamos tanto tempo juntos. Meu trabalho é o que me permite manter esse estilo de vida, lembra?"

Recuei imediatamente. Graham me sustentava e nos proporcionava a vida maravilhosa que tínhamos juntos. Eu entendia que, nessas novas circunstâncias, o trabalho tinha que vir em primeiro lugar. Mas não imaginava que nossa vida seria assim.

“Ele cheirava a perfume”, murmuro, finalmente reconhecendo o aroma floral que senti quando Graham me abraçou depois de me encontrar no chão. Holy Peony, da Dior. Só tinha sentido esse cheiro em revistas.

Chuto os cobertores para longe das minhas pernas, de repente com muito

calor.

A voz do meu sonho ecoa na minha cabeça: Você rezou.

Pensei que a criatura fosse uma alucinação. Produto de uma mente perturbada pelo estresse e pela falta de sono. Mas talvez seja para isso que os sonhos têm apontado a semana toda. Esta pode ser a resposta.

Um anjo de verdade. Não uma presença assustadora, mas algo belo, grandioso e especial demais para eu sequer conseguir apreciar. Penso no olho dos meus sonhos. O verde acinzentado da pele da criatura. Achei que parecia algo morto, mas e se eu tivesse entendido errado? E se eu não estivesse sendo perseguida por essa criatura — e se ela estivesse tentando me dar um presente?

Afinal, eu não seria a primeira a fazer isso. De que outra forma Maria teria dado à luz Jesus? A Imaculada Conceição é linda, mas talvez fosse uma fachada para a verdade menos agradável: para ter um bebê, é preciso fazer sexo.

E Graham não está fazendo sexo comigo.

Lembro-me do cheiro de peônia sagrada no pescoço do meu marido.

Uma lava espessa e viscosa escorre pelo meu peito, descendo pela minha espinha e seios. Por que eu não posso ter essa única coisa? Eu esperei, rezei e implorei, e nada funcionou. Uma boa esposa não se irrita, e definitivamente não culpa o marido por nada, mas como posso ser uma boa esposa sem um bebê? Como posso criar uma vida perfeita para nós se meu marido continua desaparecendo, voltando para casa muito tarde, cheirando a flores e com os lábios machucados?

Eu preciso disso. Nós precisamos disso. E se Graham não me ajudar, terei que ajudar nós dois sozinha. Farei isso pelo nosso amor.

Que histórias você está contando para si mesma, Camille?, diz uma voz escondida no canto da minha mente.

Saio da cama arrastando os pés e vou até a janela, afastando as cortinas diáfanas e encarando o abismo negro do quintal. Não há lua esta noite, mas consigo sentir o balanço do campo de trigo abaixo de mim, um mar que não posso tocar, mas que sinto no ar.

O mundo lá fora parece tão distante. Tenho estado cercada por campos planos de trigo e milho, a presença imponente da floresta nos fundos da nossa propriedade e a estrada asfaltada que corta a paisagem, sem levar a lugar nenhum que eu possa alcançar. Até o céu começou a parecer opressivo, um peso enorme ameaçando desabar sobre a nossa utopia.

Brasas pulsam dentro de mim. Não sei o que fazer com essa emoção

desconhecida, cujos fragmentos foram se acumulando um a um nos últimos meses, ou nos últimos anos, até que uma torre de ressentimento atingiu meu coração.

"Pare com isso", sussurro, minhas palavras rangendo como as tábuas pintadas do assoalho sob meus pés. "Não seja ingrata. Você queria isso. Sua vida será perfeita assim que tiver um bebê."

Um leve arranhão vem de trás de mim.

Quando me viro, vejo uma forma na porta do quarto, o brilho fraco do abajur do berçário emoldurando seu corpo.

Um suspiro escapa, e a forma oscila, como se fosse feita de estática. Na escuridão densa, é difícil distinguir detalhes do meu ponto junto à janela, mas meus olhos estão ajustados o suficiente para reconhecer a postura cambaleante, o contorno das asas, a cabeça quase reptiliana. Esta é a mesma criatura que me fez desmaiar de medo horas atrás.

Meu coração dispara e palpita como uma bandeira ao vento. Mordo os dentes da frente, afundando-os na maciez do meu lábio inferior, enquanto dou um passo hesitante para longe da janela, em direção ao centro do quarto e ao banheiro privativo. Nossas posições de antes foram invertidas, e imito seus passos ritmados.

A criatura permanece imóvel na soleira da porta. Consigo distinguir seus olhos sinistros, brilhando em branco como duas luas gêmeas, cheios de crateras e sombras, mas sem pupilas é impossível dizer o que ela está olhando, se está seguindo meus movimentos.

Ciente da minha vulnerabilidade, com as pernas nuas expostas no meu pijama de algodão bege, caminho lentamente até o centro do quarto espaçoso sem que a criatura se mexa. O banheiro fica a um metro e meio de distância. Eu poderia me jogar lá dentro, trancar a porta e...

O quê? Não estou com meu celular. Ele está na mesa de cabeceira mais próxima da entrada do quarto. Não posso ligar para Graham. Será que ele atenderia se eu ligasse, ou está ocupado?

Meu sangue ferve, mas a curiosidade se mistura à adrenalina, e sinto novamente o aroma da Peônia Sagrada. Minha pele esquenta.

Não consigo me livrar dos sonhos, da insistência de Graham de que os anjos nem sempre têm a aparência que esperamos. Uma onda de impulsividade me domina, desencadeada pelo estômago embrulhado, os punhos cerrados ao meu lado e o calor que se acumula em meu pescoço.

"Você é um anjo?", pergunto, as palavras ainda cruas e vagas na minha boca.

A criatura na porta não se move, não responde. Talvez não fale inglês. Talvez os anjos tenham sua própria língua. Ou talvez só consigam se comunicar em sonhos.

"Um anjo", repito, com a voz trêmula. "Você é um anjo?"

Como que para confirmar, a criatura se move, dá um passo à frente. Não é particularmente alta, mas de alguma forma esse passo abriu um espaço de um metro e meio. Agora está completamente dentro do quarto.

"Você foi enviada aqui para me ajudar?", pergunto. "Nos ajudar? Deus quer que tenhamos um bebê?"

Novamente, a criatura dá um passo à frente, com os olhos brancos e vazios fixos em mim ou no nada. É difícil dizer.

"Você é um anjo", sussurro, e desta vez a criatura não se move, apenas fica parada perto da cama, com os braços caídos ao lado do corpo.

Pare de chamá-la de criatura se você acha que ela é um anjo.

Não consigo evitar. É diferente de qualquer anjo que eu já tenha visto, e embora esteja aqui para nos ajudar (*Será que você realmente sabe disso?*), não consigo me livrar do medo persistente que se instala na minha alma.

Se não for para eu fazer isso, que o Graham me mande uma mensagem agora mesmo, penso, enviando a prece aos céus.

Espero um minuto para que Deus considere meu pedido e acorde meu marido, lembrando-o de que ele tem uma esposa em casa. Depois, espero mais um minuto, pensando em como joguei a moeda no poço dos desejos. Coisas estranhas aconteceram desde então, mas também tive algumas revelações. Coisas que eu preferiria não pensar estão vindo à tona, e não tenho certeza se gosto disso. Quero que minha vida seja a vida que me foi prometida quando me casei com Graham; quero ser a melhor esposa possível e quero ser mãe. Talvez, só desta vez, esteja tudo bem tomar as rédeas da situação.

Meu celular está com a tela para cima na mesa de cabeceira, perto da criatura. Prendo a respiração, observando a tela, mas ela permanece escura. A criatura — o anjo — permanece imóvel.

Não sei quanto tempo fiquei ali parada, esperando que Graham ouvisse minha oração e me mandasse uma mensagem, mas eventualmente ficou claro que ele não estava pensando em mim. O que significa que eu devo fazer isso. Eu devo conseguir um bebê para nós de uma maneira diferente. Mara Shoemaker

não aprovaria. Meu pai não aprovaria. Mas neste momento, eu não me importo. *Deus* aprovou isso, e o desejo de consertar meu relacionamento e trazer uma criança a este mundo me consome por completo. Isso não é uma escolha — é o destino.

Eu me movo lentamente ao redor da cama, a criatura (*um anjo!*) se tornando mais definida à medida que me aproximo. Sua nudez, a pele áspera e escamosa, os músculos grossos que se estendem pelo peito e abdômen. Olhos brancos se movem nas órbitas enquanto dou um passo à frente. Com o coração acelerado, estendo a mão e pego uma das mãos da criatura, que está imóvel e pendurada ao lado do corpo. Seus dedos têm pontas pretas com garras rombas, mas a palma da mão é surpreendentemente lisa, quente e humana. Eu esperava que fosse fria e áspera como pedra, mas, em vez disso, há um calor úmido emanando de sua pele.

Dou um passo à frente e o quarto ilumina-se subitamente quando a lua surge, despontando por detrás das nuvens escuras que a cobriam. Olho para trás; a cama está banhada por uma luz perolada, o edredom parece macio e luminoso sob o brilho da lua. As cortinas abrem-se com uma brisa fresca e o aroma de pinho e pedra molhada preenche o quarto.

É mais um sinal, penso. Onde havia escuridão, agora há luz.

Volto-me para a criatura. Agora que estou mais perto do seu rosto, a pele dela parece mais macia, mais humana, embora a cor seja perturbadora. Com tão pouco espaço entre nós, consigo ver que seus olhos, tomados pelo branco, estão vermelhos, mas em vez de veias vermelhas como teias de aranha, há fios pretos entrelaçados nas bordas internas da esclera.

Desvio o olhar dos seus olhos — são perturbadores demais. Em vez disso, levanto a barra da minha blusa de algodão e a puxo por cima da cabeça. Em seguida, tiro o short combinando, deixando-o no chão, formando uma poça. Fico em frente à criatura, com os seios à mostra, a pele formigando, vestindo apenas minha calcinha branca de renda.

A voz dos meus sonhos ressoa na minha mente: *VOCÊ QUER UM BEBÊ?*

“Sim”, sussurro.

Estendo a mão e a coloco sobre o membro da criatura, que se move sob meus dedos, ereto e ansioso.

Observo a cavidade na clavícula da criatura, logo abaixo da garganta. Estendo a mão livre, toco-a, o indicador acariciando a depressão. A pele da criatura tem um efeito degradê, variando do cinza claro ao verde pálido, e essa

área em particular é o ponto mais claro e macio em sua parte frontal.

“Dê-me uma criança”, digo.

Sem aviso prévio, a criatura me ergue no ar, seus braços musculosos me envolvem pela cintura, carregando-me por alguns metros até a cama. Ela me deita delicadamente de costas, com o rosto inexpressivo. Não tem pelos, apenas uma protuberância de osso negro perto das têmporas e uma coleção de escamas brilhantes, cinza-escuras, sobre o topo da cabeça, como um capacete.

Puxo minha calcinha para baixo, jogando-a para o lado da cama onde Graham costuma dormir, abro as coxas e estremeço ao sentir o ar noturno tocar meu corpo. Estou fervilhando de expectativa, nervosismo e raiva, mas preciso disso. Quero isso. Penso em como ansiava pelo toque de Graham e em como ele me rejeitava ou usava apenas minha boca para seu prazer.

A criatura paira sobre mim, suas longas mãos com garras descem até repousarem em meus quadris. Então, ela se abaixa, a cabeça perto do meu estômago, deslizando até alcançar meu monte púbico.

"O que você está fazendo?", pergunto, sem fôlego. "Um bebê. Eu preciso de um bebê—"

Sou interrompida pela boca da criatura contra mim, quente e veloz como uma corrente elétrica. Não é assim com Graham. Meu corpo reage de uma forma que não compreendo, arqueando-se, elevando-se, os quadris presos pelas palmas lisas da criatura. Um fogo se acende em meu peito, descendo até encontrar a língua da criatura, que vibra insistentemente dentro de mim. Quando me desfaço, grito de dor, deleite e fúria.

Rapidamente, o rosto da criatura emerge e eu solto um suspiro, estendendo a mão para tocá-la, unindo-nos. Ela me empurra e caímos juntos. Seu corpo cheira a terra e trigo, como se o campo lá fora tivesse se transformado em uma espécie de traje humano de pele escamosa. Há algo azedo no cheiro do seu corpo também, que lembra pão mofado ou vegetais podres. Tento respirar pela boca enquanto nos movemos como um só, nossos corpos se movendo juntos de uma forma que Graham e eu nunca conseguimos. Os braços da criatura estão apoiados perto da minha cabeça agora, e quando olho para o seu rosto, fico aliviado ao ver que seus olhos perturbadores estão fechados. Suas pálpebras têm a textura de folhas mortas, e sua boca, entreaberta, revela uma camada de dentes afiados como agulhas.

As asas da criatura, muito maiores tão perto, se desdobram e descem, envolvendo nossos corpos em um casulo de escuridão e membrana com cheiro

de terra. A pele dos meus braços e pernas se arrepia, os pelos se eriçam como se pudessem tocar as asas que os cercam.

Arector pili.

Nosso ritmo se intensifica até que sinto o fogo se acender dentro de mim novamente, minha respiração ficando rápida, solta e selvagem. Viro o rosto para longe da criatura enquanto me desfaço pela segunda vez, e no mesmo instante, um líquido escaldante jorra dentro de mim. Eu grito, mas o calor é uma dor que se mistura com prazer, e um gemido de satisfação escapa dos meus lábios.

Um bebê. Eu terei um bebê.

A criatura se afasta, agora com os olhos abertos. As asas se dobram, diminuindo de tamanho e repousando sobre seus ombros. A criatura parece olhar para mim, exausta e ofegante sobre os lençóis brancos. Não há nenhuma mudança em sua expressão.

Não, não é dele. Não é um homem, digo a mim mesma, quase me repreendendo. Um anjo. Uma criatura enviada dos céus para me salvar e ao meu casamento. Ele... não pode ser um homem. Porque isso significaria que eu traí, e eu jamais trairia. Isso não é o que uma boa mulher faz.

Mas há um emaranhado de nervos no meu estômago que não para de se contorcer, apesar das ondas de desejo que ainda pulsam na minha parte inferior. Respiro fundo, apoiando-me nos cotovelos enquanto a criatura se afasta da cama. Olho para o meu corpo como se esperasse que estivesse diferente, mas não está. Mesmo assim, sinto o sêmen da criatura dentro de mim e aperto as coxas como se quisesse ajudá-lo a criar raízes e crescer.

Estou pegajosa de suor e da minha própria ousadia. A criatura voltou a ficar completamente imóvel, com os braços ao lado do corpo, o rosto inexpressivo e os olhos arregalados.

A lua, presente durante toda a nossa cópula, desaparece novamente. As nuvens carregadas que a envolviam antes retornam, e a primeira garoa começa a cair. O ar que entra pela janela aberta tem gosto de eletricidade e neblina. Nua, me liberto do emaranhado de lençóis na cama e corro até a janela, pressionando a moldura para bloquear as gotas de chuva, que agora batem com mais força no vidro. Espio o campo de trigo escuro, a linha ondulada da floresta ao longe que parece uma mancha de tinta preta. Segundos depois, o céu se abre com um relâmpago. No clarão da luz branca, vislumbro uma forma escura se afastando da casa, desaparecendo entre as altas hastes de trigo.

Quando me viro, o quarto está vazio e a criatura desapareceu.

CAPÍTULO

9

GRAHAM só volta para casa na noite seguinte.

Ele me manda mensagem de manhã para saber como estou e, mais tarde, à tarde, pede bife para o jantar.

Ajo como se nada estivesse errado, como se nada tivesse mudado. Mas mudou. Enquanto faço minhas tarefas, checo minhas curtidas e mensagens nas redes sociais e tiro algumas fotos do meu equipamento para fazer pão, minha mente está em outro lugar. Não sei se a noite passada foi real ou um sonho.

Graham foi meu primeiro. Ele era tão gentil, tão carinhoso. Explicou que sexo deveria machucar a garota. "É muito normal", disse ele suavemente enquanto eu me encolhia embaixo dele.

Eu sabia que não era verdade, mas fingi que não. Minha aparente inocência o agradava, e eu gostava disso.

Com o tempo, a dor passou, mas o sexo com Graham era rápido e intenso. Eu gostava porque gostava do Graham. Ou melhor, porque o amava. Eu amava o Graham. Aceitei nossa vida sexual — seus elogios à minha aparência e seu apetite voraz no início, depois que expliquei que não tinha muita experiência. Às vezes, quando ele não estava por perto, eu explorava meu próprio corpo em silêncio, imaginando Graham me tocando daquela forma. Ele nunca o fez, sempre perguntando: "Você gozou?" e depois sorrindo para mim quando eu mentia e dizia que sim. Quando nossa vida sexual começou a esfriar pouco antes da mudança, uma parte de mim ficou aliviada. A parte maior e mais forte de mim ficou angustiada.

Eu quero a intimidade. E, mais importante, eu quero o bebê.

Mas mesmo quando Graham não conseguia tirar as mãos de mim, nosso

sexo nunca foi como o da noite passada. Será que é porque Graham nunca me engravidou? Talvez só se faça sexo assim quando se concebe.

Não é à toa que todas essas influenciadoras têm dez filhos, penso com pesar.

Lembro-me de que sou uma das sortudas. Meu marido me ama. Ele nunca me bateria nem gritaria comigo.

Por que, então, recorri tão rapidamente àquela criatura — o anjo — em busca de ajuda? Por que não consigo parar de pensar naquele encontro? E por que não sinto nenhuma culpa?

Quando Graham entra em casa, estou amassando massa, com farinha nos braços e a blusa arregaçada até os cotovelos.

Não consigo evitar; o amor brota em meu coração ao vê-lo. Seus olhos estão embaçados, como se estivesse exausto, e ele precisa fazer a barba, mas todo o resto nele me é tão familiar. Suas calças impecáveis (que eu lavo, passo, dobro e guardo no armário dele), suas sobancelhas escuras, seu queixo quadrado. Me apaixonei por ele imediatamente — ele era exatamente o que eu queria porque sabia o que queria.

Podemos voltar a ser como éramos antes. Estamos tão perto.

"Bem-vindo de volta, meu amor", digo, inclinando-me para que ele possa beijar a ponta do meu nariz. "Como foi sua noite com o Bobby?" Quase menciono o nome do amigo dele, mas no último segundo, decido não fazê-lo. Talvez Graham estivesse falando a verdade. Ser negligente é melhor do que ser infiel.

"Foi tudo bem, nada de especial", diz Graham, apertando meu ombro e olhando para a massa. "Como foi o resto da sua noite? E hoje? Espero que não tenha mais desmaios?"

Por um instante, me preocupo que Graham consiga ver a verdade no meu rosto. Mas então percebo que ele não está olhando para mim; o celular dele tocou e ele se afasta, encostando-se no balcão para ler a mensagem, de modo que a tela fique virada para longe de mim. Ele não vê minha expressão e, mesmo que visse, eu não fiz nada de errado. Aceitei o presente que Deus me deu. Que nos deu.

É isso que você está dizendo para si mesmo?

"Cala a boca", murmuro para a voz na minha cabeça.

"Hã?", diz Graham, distraído enquanto digita uma resposta no celular.

"Hum, nada", respondo apressadamente. "Foi bom. Sem mais desmaios. Muita faxina hoje. E agora, fazer pão."

Graham deve ter clicado em enviar, porque finalmente levanta os olhos da tela e observa a massa à minha frente. “Nova fornada de fermento natural?”

“Sua favorita”, respondo, sorrindo apesar da carranca que ameaça surgir em minha testa.

“Ah, aliás, isso estava colado na porta da frente. Eu vi da entrada da garagem”, diz Graham, me entregando um pedaço de papel. “Você deveria ligar para ela.”

Pego o papel com as mãos sujas de farinha e o desdobro, revelando uma caligrafia cursiva com corações rosa: o nome e o número de telefone de Renee, junto com as palavras: “Adoraria correr em breve!”

“Você leu isso?” pergunto enquanto dobro o papel e o coloco sobre o balcão. Tenho me sentido um pouco sozinha, sim, mas a Renee é... muito. Não sei se quero ser amiga dela, mesmo que tenhamos algumas semelhanças.

“Claro. Queria ver quem estava deixando bilhetes na nossa porta no meio do nada”, diz Graham. “Não quero te assustar, mas há uns boatos estranhos sobre esta região.”

“Ah, é?”

Graham suspira, como se já estivesse se arrependendo de ter mencionado o assunto. “Avisos enigmáticos sobre a floresta. Que não é segura. Não precisa se preocupar, querida. Animais de fazenda somem o tempo todo. Faz parte da vida no campo. Provavelmente tem um urso ou coiotes na floresta.”

Renee mencionou algo semelhante, mas em nenhum momento durante o processo de compra da casa fui informada sobre quaisquer problemas de segurança na área. Por outro lado, Graham cuidou de tudo. Acompanhei-o nas visitas, dando minhas opiniões e abraçando meu marido quando ele concordou que esta casa era a melhor opção para nós, apesar da distância do trabalho dele. Nunca ouvi dizer que a floresta era perigosa, embora definitivamente tenha uma certa atmosfera.

“Estou segura aqui, sozinha, todos os dias?”, pergunto, mais uma vez me questionando como Graham pôde me deixar na nossa cama no meio da noite, especialmente se ele ouviu dizer que a mata é perigosa.

“Não precisa se preocupar, querida”, diz Graham, dando um tapinha no meu rosto como se eu fosse um cachorrinho de estimação. “Predadores são completamente normais aqui no interior. Não estamos mais no subúrbio, lembra?”

“Eu sei.”

“Era isso que você queria.”

Há um tom de acusação na voz dele? Uma leve ênfase na palavra “você”, como se não fosse isso que Graham também queria, como se ele não tivesse aproveitado a oportunidade?

“Sim”, respondo. “Tem sido incrível até agora.” Mudo de assunto. “O que você gostaria de fazer neste fim de semana?”

Graham, quase inconscientemente, olha para o telefone em sua mão novamente antes de me responder. “Por que você não liga para aquela mulher, Renee? Dá uma corridinha, talvez visite a casa dela? Você está presa aqui há um tempo. Ar fresco vai te fazer bem.”

“Eu saio para caminhar todos os dias”, ressalto, embora tenha parado na última semana.

“Mesmo assim. É bom para você ser amigável com os vizinhos.”

“Pensei que talvez pudéssemos passar um tempo juntos”, digo, sem querer tocá-lo por causa da poeira branca em minhas mãos, mas sentindo o magnetismo do seu corpo me atrair para mais perto.

“Seria ótimo”, diz Graham, sorrindo. “Mas vou jogar golfe com os amigos amanhã. Não se preocupe”, acrescenta, percebendo minha expressão. “Dessa vez, estarei em casa para o jantar, prometo! O jogo começa cedo, então volto no final da tarde.”

Tento disfarçar minha decepção. Eu tinha imaginado um dia tranquilo juntos, tirando selfies para as redes sociais, caminhando pela rua, de mãos dadas, aconchegados no sofá para assistir a um filme. Talvez até pudéssemos fazer amor, ver se conseguiríamos reproduzir as sensações oceânicas que senti ontem à noite.

“Teremos uma noite romântica juntos, ok?”, promete Graham, dando um tapinha no meu queixo. “Vou parar e comprar um bolo naquela padaria orgânica que você gosta. Talvez uma garrafa de vinho?”

Não sou de beber muito — Mara diz que álcool faz mal para a pele e deixa a gente com uma aparência desagradável, mas ela permite uma taça ou duas de um vinho tinto caro e elegante de vez em quando, então às vezes eu aproveito uma garrafa cara com o Graham, dividindo em vários dias.

Eu aceno com a cabeça para ele, com um sorriso forçado. “Parece perfeito.”

“Então é um encontro”, ele diz, dando um beijo acima da minha orelha esquerda. “Certo, vou assistir um pouco de TV. Que horas é o jantar hoje?”



Graham vai para a cama mais cedo do que eu, o que é raro. Ele parece cansado, exausto, e fica me lembrando do horário do seu jogo de golfe, como se fosse uma conquista, algo a ser comemorado, talvez esquecendo que eu costumo acordar nesse horário para preparar o café da manhã dele e arrumar a casa para o dia. Quando tivermos um bebê, terei que começar a acordar ainda mais cedo, então considero isso um treino.

Depois de terminar de guardar a louça do jantar, limpar todas as bancadas e arrumar a sala onde Graham ficou por horas, estou completamente exausta. Ainda não me recuperei totalmente dos acontecimentos da noite passada, mesmo que a experiência tenha sido curta.

Entro na ponta dos pés em nosso quarto escuro — mais uma vez, Graham não deixou nenhuma luz acesa para mim — e uma sensação estranha e vertiginosa invade meu estômago ao ver sua silhueta disforme e coberta pelo cobertor na cama em que me remexi na noite passada.

Troquei e lavei os lençóis. Refiz a cama. Borrifei spray de lavanda para dormir nos travesseiros e no edredom. Não há vestígios do que aconteceu. Mesmo assim, ver Graham dormindo ali provoca um arrepio na minha virilha, um desejo ardente dentro de mim.

Atravesso o quarto silenciosamente até o banheiro privativo, fechando a porta para não acordar Graham, e começo minha rotina noturna com sabonete e hidratante.

Estou escovando os dentes quando as ondas começam no meu estômago. Elas balançam e giram como redemoinhos, enviando ondas de náusea pelo meu corpo. Cuspo a pasta de dente e engasgo, deixando a escova cair na bancada de mármore e agarrando as laterais da pia, com o abdômen contraindo enquanto meu estômago se agita em vão. Nada sai, mas meus olhos lacrimejam e minha boca fica seca como lixa.

Espero alguns minutos para ver se vou vomitar, mas eventualmente a sensação de enjoo diminui, e jogo água gelada no rosto, deixando os filetes escorrerem pelos meus pulsos e antebraços.

Talvez seja imaginação minha, mas sinto como se houvesse uma contração lá no fundo, uma folha brotando da terra.

Uma mulher sempre sabe quando está grávida, disse Mara em seu último post de anúncio de gravidez, uma foto de seu rosto dourado cercado por seus

outros filhos. Nossos ancestrais não tinham exames ou médicos para nos dizer o que sabemos em nossos corações. Toda mulher sabe quando criou o milagre da vida.

Olho para o meu reflexo em nosso enorme espelho. Minha pele, recém-limpa, levemente rosada, está coberta por uma camada de loção que faz meu rosto brilhar sob a luz fluorescente. Os cantos da minha boca se curvam em um sorriso enquanto a excitação percorre meu corpo.

É cedo demais para ser filho de um anjo, penso alegremente. Este deve ser filho de Graham!

Dois sóis, um de arrependimento e outro de alegria, se aglomeram, tentando se eclipsar. Talvez eu não precisasse ter me deitado com aquela criatura. Talvez eu já estivesse carregando o filho de Graham e o primeiro teste de gravidez tenha dado errado — acontece às vezes. Eu deveria ter feito outro teste para ter certeza.

Traí em vão.

"Eu não traí!", sussurro em voz alta, encarando meu reflexo no espelho, rugas se formando na minha testa enquanto meu sorriso desaparece. "Eu fiz o que precisava fazer. O que Deus queria que eu fizesse."

Respiro fundo, suavizando a carranca do meu rosto e elevando meu sorriso ao seu devido lugar. Esta é uma notícia incrível. Uma notícia extraordinária. Mara tem razão — eu sinto isso dentro de mim.

Amanhã farei um teste de gravidez, vários deles, para ter certeza. Não posso fazer agora — quero registrar o momento nas redes sociais e preciso de tempo para me arrumar. Além disso, será muito melhor fazer o teste amanhã e ter boas notícias para o Graham quando ele voltar do golfe.

Talvez eu consiga gravar a reação dele! Imagine o engajamento que uma publicação assim teria nas redes sociais. Eu poderia até viralizar, chamar a atenção da Mara Shoemaker e do seu icônico grupo de esposas. Por um instante, me imagino entrando no círculo íntimo online da Mara, sendo convidada para todos os eventos virtuais, os grupos de bate-papo, sendo marcada nas publicações dela. Poderia acontecer.

Tudo começa com esta criança. Meu futuro. Nosso futuro.

Suspiro, olhando sonhadora para o meu reflexo.

Vai ficar tudo bem. Vai ser perfeito.

CAPÍTULO

10

Apesar de toda a reclamação do Graham sobre ter que acordar cedo, eu acordo ainda mais cedo, preparo um café da manhã rápido para ele e encho uma caneca de café para viagem que ele pode tomar no carro.

O olho não interrompeu meu sono ontem à noite, e eu já me sinto mais calma e descansada.

Quando Graham finalmente desce as escadas, com os olhos ainda sonolentos e a boca rangendo de tanto bocejar, ele sorri ao me ver já acordada. Estou usando um vestido longo floral de mangas curtas, e meus cabelos loiros estão levemente cacheados, caindo sobre meus ombros.

"Você é a melhor", ele diz, me dando um meio abraço enquanto pega o sanduíche de ovo e a garrafa térmica.

Graham está usando uma camisa polo azul-clara e calças cáqui impecavelmente passadas, graças a mim. Separei as roupas para ele antes de dormir ontem. Um boné de beisebol cobre seus cabelos escuros, e sua barba roça minhas bochechas nuas enquanto ele me dá um beijo.

"Divirta-se", digo. "Mal posso esperar pelo nosso encontro mais tarde. Acho que vai ser muito especial."

Ele boceja novamente, piscando para mim. "Eu também, amor."

Então ele caminha pesadamente em direção à entrada da garagem em seu escritório. O carro ruge, a porta mecânica ronrona ao se abrir, e o cascalho estala, sinalizando que Graham está partindo para a madrugada.

A casa está suspensa; o tique-taque dos ponteiros de um relógio é audível na sala de estar. Faço uma pausa no silêncio que se segue, inalando o aroma persistente de grãos de café quentes e ovo frito. O cheiro do café da manhã de

Graham impregna avidamente meu nariz, e eu engasgo novamente. Com o estômago embrulhado, corro da cozinha, abro a porta do banheiro do andar de baixo e tropeço até o vaso sanitário de porcelana, conseguindo levantar a tampa bem a tempo.

Fecho os olhos com força enquanto um líquido espesso e quente escorre da minha boca, respingando no fundo da privada. Com o estômago embrulhado, sinto minhas mãos escorregarem da borda, úmidas e trêmulas. Meu cabelo cai para a frente e, com os olhos ainda fechados, passo os dedos rapidamente pelos fios, agarrando-os e afastando-os do meu rosto.

Minha garganta arde como se o líquido estivesse realmente fervendo e não apenas aquecido por dentro, mas finalmente a ânsia de vômito diminui. Cuspo algumas vezes na privada, ofegando em busca de ar, e então abro os olhos. Minha visão está embaçada pelas lágrimas, então me sento sobre os calcanhares e solto o cabelo, enxugando o rosto. Olho para a privada, minha mão buscando a descarga.

Quase vomito de novo quando vejo o que tem lá dentro.

Sangue. O que parece ser baldes e baldes de sangue. Mas não é sangue normal — está meio coagulado e quase sólido. Como uma sopa que ficou fora da geladeira por dias. E é escuro. Não um vermelho vivo, mas um tom de vinho, com listras pretas e marrons, quase como sangue menstrual. Tenho ânsia de vômito de novo ao olhar para aquilo e dou descarga rapidamente, inclinandome para trás para evitar o jato. Por um instante, fico preocupada que o sangue espesso entupa os canos, mas ele desaparece, deixando um cheiro levemente sulfuroso no ar.

Isso não é bom. Grávida ou não, vomitar sangue é um mau sinal. Será que estou realmente doente? E se tudo o que aconteceu na última semana for por causa de uma doença?

Cólicas intensas me invadem e me curvo por um instante, segurando a barriga.

Espere. Tem algo errado...

Me endireito, massageando a barriga. Há um volume ali que certamente não estava presente ontem. Tremendo, uso a pia para me levantar, encarando meus olhos vermelhos no espelho. Então, puxo o tecido do meu vestido longo, meus dedos desaparecendo nas dobras das flores, levantando a saia cada vez mais até conseguir juntar o tecido em um amontoado e enfiar debaixo de um braço, expondo a parte inferior do meu corpo e a barriga.

Olhando para baixo, não consigo ver a elegante renda nude da minha calcinha; está escondida pela protuberância do meu abdômen. A pele estica sobre a barriga, pálida e tensa. Com o vestido debaixo do braço, estendo a mão livre, acariciando a barriga, sentindo a curva, o calor da forma que agora faz parte de mim. Quando minha mão chega ao meio do estômago, sinto uma pressão repentina, um movimento rápido, e algo se choca contra a minha palma por dentro.

Grito e puxo a mão para trás, cambaleando em direção ao chuveiro como se pudesse me afastar do meu estômago. Congelo quando o movimento se repete, agudo e rápido. Desta vez, percebo: uma protuberância, do tamanho e formato de uma uva, surgindo sob a pele da minha barriga.

A respiração escapa da minha garganta, involuntária e forçada. Hesitante, coloco a palma da mão de volta na barriga e, mais uma vez, algo me impulsiona com força suficiente para que minha mão seja arrancada da saliência.

Deixo o tecido cair, o vestido longo deslizando para baixo, escondendo minha barriga e pernas. O suor se acumula na minha testa como se esperasse permissão para cair. De alguma forma, entre o amanhecer e agora, minha barriga começou a aparecer.

Mancando, volto para o espelho, me inclino, vasculho o armário embaixo da pia e tiro uma caixa de testes de gravidez. Sempre os tenho à mão, mas hoje abro a embalagem freneticamente, sem me preocupar com a câmera, sem pensar no vídeo para as redes sociais que planejei. Algo está errado, e coisas erradas não vão para a internet.

Sorrisos, não carrancas.

Vinte minutos depois, três testes de gravidez positivos me encaram da bancada, suas linhas rosas exibindo sorrisos presunçosos.

Aperto as duas mãos na barriga, sentindo o tecido macio do meu vestido roçar na minha pele esticada. Espero, mas nada se move dentro de mim desta vez, como se a confirmação fosse o que eu queria.

Então não é filho do Graham, eu acho.

Posso ser jovem e um pouco ingênua, mas não sou boba. Não é assim que uma gravidez deveria ser. Não se deve vomitar sangue e, de repente, descobrir uma barriga de grávida com um bebê chutando, quando horas antes não havia nada. Mas também não se deve transar com criaturas de poço dos desejos que você encontra no seu quarto.

Anjo, insisto com raiva. Era um anjo. É por isso que tudo parece tão

estranho. É uma gravidez divina. Tenho certeza de que será diferente de uma gravidez normal.

É fácil me convencer disso e voltar para o espelho, sorrindo para o meu reflexo. É fácil ignorar a voz no fundo da minha cabeça que vem me alertando e me contradizendo há meses, mesmo antes da mudança. Porque, no fim das contas, era isso que eu queria. Meu maior desejo era ter um bebê para salvar meu casamento, consolidar minha presença online e, finalmente, ter alguém que me amasse completamente. Importa como chegamos até aqui?

Estou inegavelmente grávida. Quem se importa se existe uma sensação latente de presságio escondida nas minhas articulações e entrelaçada na minha pele?

Imagino o rosto animado do Graham. Contarei a ele no nosso encontro. Ele ficará tão orgulhoso e feliz. Seremos uma família de verdade agora; as coisas podem voltar a ser como eram antes da mudança. Até mesmo melhorar.

Dou um sorriso para mim mesma no espelho, ignorando meus dentes manchados de sangue, as olheiras profundas e a aparência cansada da minha pele. Estou ocupada demais imaginando os ensaios fotográficos, o conteúdo, o bebê adorável que terei. Tenho tanta coisa para fazer para me preparar.

Cantarolando, me afasto do meu reflexo e o bebê começa a chutar de novo.

★ ★ ★

Graham está atrasado.

Tento ao máximo não ficar irritada. Afinal, ele mandou uma mensagem pedindo desculpas pelo atraso. Disse que uma pequena tempestade passou e atrasou o jogo por algumas horas, e que agora estavam terminando.

Ainda teremos nosso encontro! ☺

Agora é mais do que um encontro romântico. Aproveito o tempo extra para preparar a mesa de jantar, arrumando a porcelana fina que a mãe do Graham nos deu de presente de casamento, acendendo velas de soja e diminuindo a intensidade das luzes, montando uma tábua de frios com carnes e queijos locais. Cozinho o prato favorito do Graham — bife de lombo — e desvio o olhar quando a visão da carne crua faz minha boca salivar. Estou grávida; terei alguns desejos estranhos agora. Meu pai me contou que minha mãe costumava comer pickles com pasta de amendoim quando estava grávida de mim.

Dou um passo para trás, observando a cena que preparei. É romântica: a luz

de velas, o jazz suave tocando no toca-discos no canto da sala, o aroma irresistível do bife. Lembro-me de pegar nossas taças de vinho mais elegantes. Claro que não vou beber agora, mas Graham ainda poderá comemorar.

Envio uma mensagem para Graham perguntando quando ele chegará, mas não há resposta. Engulo qualquer ressentimento, respirando fundo para controlar a tensão que cresce no meu peito. Ele não faz ideia do que vou lhe dizer. Se soubesse, tenho certeza de que interromperia o jogo e voltaria correndo para casa.

As velas tremeluzem, a cera meio derretida.

Conferi meu reflexo no espelho de corpo inteiro da sala de estar. Tomei banho e me troquei, aproveitando para admirar a nova forma do meu corpo enquanto massageava a barriga com movimentos circulares suaves. Agora estou usando um vestido de algodão de gola redonda, branco-creme, propositalmente sem forma e soltinho. Ele disfarça minha barriga facilmente — quero surpreender o Graham. Meu cabelo está meio preso, meio solto, e estou usando um pouco mais de maquiagem do que o normal para realçar meus olhos. Afinal, estarei diante das câmeras.

Meu celular e tripé estão posicionados na mesa de centro, apontados para a área de jantar que fica entre a sala de estar e a cozinha. Posicionei a câmera de forma a capturar a mesa inteira e a reação genuína do Graham. Poderei editar qualquer coisa que eu não queira depois. Meu coração se enche de alegria só de pensar em todos os comentários e curtidas que vou receber.

O choque inicial da gravidez repentina já passou, e não vomitei sangue desde esta manhã, então estou considerando como algo passageiro. Me sinto bem. Melhor do que bem, na verdade. Feliz. Animada. Cheia de energia.

Me movo de um lado para o outro em frente ao espelho, ajeitando o cabelo, puxando o vestido para ver a barriga de novo, como se quisesse ter certeza de que ainda está lá. O bebê está quietinho há um tempo, depois de passar a maior parte da manhã chutando. Talvez esteja dormindo. Dou um tapinha na barriga.

"Descanse bem, meu amor. Temos uma vida inteira pela frente."

O barulho de cascalho lá fora faz meu coração disparar. Graham finalmente chegou em casa. Abandonando meu reflexo, corro até o celular, ligo-o e começo a gravar. Então, me apresso para entrar no enquadramento, sentando-me em uma das pontas da mesa, com a outra ponta reservada para o meu marido.

Quando Graham entra em casa, atravessa a cozinha aberta e me vê do outro lado do balcão, meu estômago se revira. O bebê não se mexe, mas minhas

entranhas se movem e balançam, e o cheiro de carne assada de repente me dá náuseas.

Nem pense em vomitar agora.

"Bem-vindo de volta, querido", consigo dizer.

Graham está corado. O boné que ele trouxe de casa não está mais em sua cabeça, e seu cabelo está um pouco bagunçado, com uma mecha rebelde acima da orelha esquerda. Sua camisa polo azul está amassada. Ele se esqueceu de tirar os sapatos na porta, como sempre peço, mas não posso repreendê-lo esta noite. Nem por isso, nem por estar tão atrasado depois de prometer passar um tempo comigo.

"Oi, querida", diz ele, entrando pesadamente na sala de jantar. "O que é tudo isso?"

"Nosso encontro romântico. É um encontro muito especial."

"Amor, preciso tomar banho. Passei o dia todo jogando golfe. Podemos esperar?"

Estou extremamente consciente do celular apontado para a mesa, sabendo que terei que editar toda essa conversa. Ela não representa com precisão o amor e a gentileza em nosso relacionamento. Quem estiver assistindo pode pensar que Graham está vagamente irritado com a mesa que preparei para ele, sem se dar ao trabalho de comentar nada. Podem pensar que as rugas ao redor dos olhos dele são de desânimo em vez de exaustão. E podem se perguntar por que ele não me cumprimenta com um abraço e um beijo ou comenta sobre todo o trabalho que tive para deixar a casa cheirosa e bonita.

Normalmente, eu diria "Como quiser" e deixaria o Graham subir as escadas para tomar um banho de vinte e cinco minutos, correndo pela cozinha para tentar manter a comida quente. Mas esta não é uma noite qualquer. Esta é importante. O banho dele pode esperar.

"Você trouxe o vinho?", pergunto. "Temos que comemorar."

As mãos dele estão vazias. Ele sempre deixa os tacos de golfe na garagem, mas não teria deixado a garrafa de vinho lá, teria?

"Esqueci, desculpe", diz ele, esfregando a mão no rosto como se tentasse espantar o cansaço. Ele não quer saber o que estamos comemorando?

"Tudo bem", tento novamente. Preciso organizar tudo para poder cortar essa parte e ainda assim fazer uma revelação incrível. "De qualquer forma, provavelmente não deveria estar bebendo vinho."

Graham finalmente morde a isca. "Por que não?"

“Querido, você pode se sentar à mesa um instante?”, digo, com a voz suave. “Tenho algo para te contar.”

Incomodado com meu pedido, Graham se senta na cadeira, as narinas dilatando enquanto sente o aroma do bife à sua frente. “O que está acontecendo, Camille? Você está bem?”

Perfeito. É aqui que vou começar o vídeo.

Sorrio para ele, consciente de como estou enquadrada tanto pela câmera quanto pelos olhos do meu marido: maquiagem angelical, vestido caro e esvoaçante, a expressão beatífica cuidadosamente estampada no meu rosto.

“Graham Deming”, digo, como se fosse lhe pedir em casamento. “Estou grávida.”

Por um breve instante, a expressão de Graham se desfaz. É tão rápida e repentina que quase não percebo, porque ele recompõe a expressão um milésimo de segundo depois, um sorriso radiante iluminando todo o seu rosto. Ele coloca as mãos sobre a mesa e se levanta, inclinando-se para a frente. “Você está falando sério? Tem certeza?”

“Sim”, respondo, retribuindo o sorriso, levantando-me para que ele possa me abraçar. Mas Graham não se move do seu lado da mesa. “Fiz três testes. Vamos ter um bebê.”

“Meu Deus”, murmura Graham, como se estivesse rezando, olhando para a superfície da mesa. “Meu Deus.”

“Finalmente está acontecendo, amor”, digo, mentalmente o incentivando a dar a volta na mesa e me abraçar. Ele precisa ser carinhoso aqui. É isso que as pessoas vão procurar online. “Vamos começar nossa família.” Ele ainda não se mexe, então acrescento, percebendo o tom de desespero na minha voz: “Eu te amo”.

Finalmente isso o convence, e ele olha para mim. “Eu também te amo.” Ele pisca algumas vezes, como se estivesse enxugando as lágrimas, e contorna a mesa, vindo em minha direção e me envolvendo em um abraço apertado.

“Estou grávida”, digo novamente, com a voz abafada pela camisa polo do Graham. Ele cheira a sabão em pó e suor. Sinto novamente o aroma de Holy Peony em seu pescoço.

“Estou tão feliz por você”, ele responde. Ele deve ter se esquecido de mencionar “nós”.

Ele se afasta, e é aqui que vou encerrar o vídeo. Qualquer outra coisa seria muito longa e, além disso, já consegui o conteúdo que precisava. “Estou tão

animada! Temos tanta coisa para fazer para nos prepararmos. Um bebê!”

“Ah, querida, foi por isso que você desmaiou outro dia?”, pergunta Graham. “Você estava grávida e ainda não sabia?”

“Ah, sim”, minto, dando um sorriso fraco para ele.

“Como você está se sentindo?”

“Bem.” Não conto a ele sobre o sangue ou sobre o bebê tentando sair da minha barriga, que já inchou de forma alarmante em apenas um dia.

Espero que Graham sugira que vamos a um médico ou hospital para que eu possa ser examinada. Desmaios são comuns durante a gravidez, porque os vasos sanguíneos se dilatam e há um aumento no fluxo sanguíneo e na frequência cardíaca, mas Graham não sabe disso, nem parece mais se importar. É como se o medo de me encontrar inconsciente no chão tivesse se dissipado com o tempo. Ficou no passado, então não importa mais para ele.

“Seremos uma família de verdade, finalmente”, digo a ele, apertando sua mão.

“Isso mesmo”, diz Graham, beijando minha testa.

“Mal posso esperar para conhecer nosso bebê”, digo. “Você vai tirar uma licença do trabalho, né? Vou ter um parto domiciliar. Tudo natural. Como Deus quis”, acrescento, porque ele vai gostar disso. “E você vai querer passar um tempo com o bebê logo depois para que ele crie um vínculo com nós dois.”

“Ah”, diz Graham, desviando o olhar. “Sim, quero estar presente em tudo isso. Mas o trabalho é tão corrido nessa época do ano.” Ele não disse isso um mês atrás, quando nos mudamos e ele parou de passar tanto tempo comigo? Ele não disse isso algumas semanas atrás como desculpa para não fazer sexo? “Não existe licença parental. Não para homens. Isso seria ridículo. Você entende, né, amor?”

“Entendo”, digo imediatamente, as palavras escapando enquanto meu cérebro gira em círculos. Isso não está certo. O bebê deveria mudar as coisas. Melhorar o nosso relacionamento. Talvez ele precise de um tempo. Ele vai mudar de ideia. Afinal, ainda temos nove meses. Ele não pode estar tão ocupado daqui a nove meses, pode?

Não me detenho no fato de não haver manchas de grama em seus sapatos, nem que, quando verifiquei a previsão do tempo no campo de golfe depois da mensagem de Graham sobre a tempestade, o céu estava completamente limpo. Não me concentro no fato de que, por um breve instante, o rosto de Graham se fechou quando lhe contei a novidade.

“De quantas semanas você está, afinal?”, pergunta Graham, os olhos percorrendo meu rosto, meu peito e meu tronco.

Faço uma pausa, sem saber como responder. Nossa vida sexual já estava esfriando antes da mudança, mas o fato de eu ter acordado hoje com a barriga lisa e, em poucas horas, ter ficado com a barriga de uma grávida de dois meses complica as coisas. O bebê não deveria estar se mexendo tanto quanto antes. Talvez alguns movimentos leves fossem possíveis, mas não a força perturbadora que vi no banheiro. Afasto a lembrança da minha pele esticando, saltando, com força. Talvez eu tenha imaginado.

É melhor ser vaga. "Acho que já estou bem avançada na gravidez", digo. "Pensei que talvez fosse estresse, sabe, com a mudança e tudo mais. Fazia tempo que eu não menstruava. Mas aí percebi que estava ganhando peso e agora a barriga está começando a aparecer, então estamos chegando lá!"

"Deveríamos chamar uma parteira", diz Graham, mas há uma dúvida na voz dele, como se ele não tivesse certeza, como se nunca tivesse pensado no que vem depois. "Um médico?"

Em hipótese alguma posso ir a um médico ou hospital. Certamente não posso chamar uma doula ou uma parteira. Qualquer pessoa com formação na área perceberá que há algo... diferente com este bebê. Não posso dizer que é uma criança sagrada, "ajudada" a vir ao mundo por um anjo, então tenho que fazer isso sozinha. Tenho que mentir e torcer para que Graham não conteste.

Penso no bilhete da Renée, que está em cima do balcão, e aproveito a oportunidade. "Sabe o que eu estava pensando?", digo, como se estivesse refletindo sobre isso há algum tempo. "A Renée, nossa vizinha, aquela que deixou o número dela? Quando a conheci, ela me disse que é parteira. Ela pode ajudar. Ela também poderá vir durante o dia, assim não vamos incomodá-la quando você estiver de folga."

Essa sugestão faz com que as sobrancelhas de Graham se franzam e sua testa se alise. "É uma ótima ideia. Maravilhoso. Vamos fazer isso." Ele se inclina para a frente, me dá um beijo casto nos lábios e se afasta. "Posso tomar banho agora? Depois podemos jantar juntos, tudo bem?"

"Claro. Precisamos contar para a nossa família. Sua mãe vai ficar tão feliz. Meu pai também."

"Com certeza." Ele joga a sacola por cima do ombro, já na cozinha, como se não visse a hora de tirar a roupa e ficar debaixo da água fervendo.

Quando ouço os passos de Graham na escada, volto para a sala, tiro a

câmera do tripé e paro a gravação. Graham nem percebeu. Assisto ao vídeo, pausando no momento em que lhe contei a novidade, tentando dar zoom e examinar seu rosto. Mas sua expressão é tão rápida, tão fugaz, que duvido que alguém mais note sua hesitação.

Se eu me esforçar bastante, consigo parar de notar coisas assim também.

CAPÍTULO

11

As pessoas na internet não se concentram na reação nada ideal do Graham à notícia da gravidez quando eu corto, edito e publico o vídeo no dia seguinte. Pelo contrário, na verdade.

No domingo de manhã, estou encostada no balcão da cozinha, depois de terminar minhas tarefas matinais, deixando o Graham dormir até mais tarde para que eu possa ler todos os comentários no meu vídeo. Na nossa antiga casa, estaríamos nos preparando para ir à igreja agora, mas ainda não encontramos uma nova congregação em meio à correria da mudança. Tudo bem. Isso me dá tempo para ficar babando nas minhas redes sociais.

Vejam como a primeira coisa que ele faz quando ela conta é orar! Esse sim é um homem de verdade.

Ele está tão emocionado! É tão lindo quando eles se abraçam!

Vocês dois são tão lindos, o bebê de vocês vai ser uma gracinha!

Ninguém percebe a franzida de testa do Graham por uma fração de segundo, e isso me convence de que eu realmente não vi. Além disso, estou distraída com a verdadeira conquista: a própria Mara Shoemaker curtiu meu vídeo. Não tem nenhum comentário, e ela ainda não me segue, mas o vídeo chegou até ela, o que significa que foi selecionado pelo algoritmo da nossa comunidade online e teve um destaque suficiente para chamar a atenção dela.

Meus dedos suam na tela do celular enquanto eu acesso o perfil da Mara, olhando avidamente para a página dela: o número obsceno de seguidores, a estética impecável que ela segue sem esforço. Eu sigo a Mara em todas as suas redes sociais — Instagram, TikTok, até mesmo no Pinterest. Mara é mais velha do que eu, da geração millennial, e seu maior número de seguidores está no

aplicativo ao qual ela é mais apegada: o Instagram.

Tem uma foto nova no feed dela: uma fileira de bagels caseiros esfriando em uma grade, com uma aparência irresistível e iluminada pela luz que entra pela janela da cozinha da Mara. A legenda diz: "Deliciosos bagels sem ácido fólico! Minha receita especial! Acabei de descobrir os perigos do ácido fólico para o corpo, então estou experimentando essas novas versões de um clássico. Cuidem-se! Vocês e seus filhos merecem corpos saudáveis e livres de agrotóxicos."

Ácido fólico?

Já mandei mensagens para a Mara antes — comentando sobre as lives ou histórias dela, mensagens entusiasmadas sobre como ela é inspiradora — mas ela nunca respondeu. Não a culpo; ela está ocupada com os filhos e com a vida plena que leva. Mas preciso tentar de novo.

Oi Mara! Vi que você curtiu meu anúncio de gravidez, obrigada! Adorei seu último post, mas sempre ouvi dizer que o ácido fólico é muito importante para gestantes. O que você recomenda para alguém que precisa consumir isso para o desenvolvimento do bebê?

Fiquei surpresa quando a Mara me respondeu em menos de três minutos.

Oi! O ácido fólico, assim como outros conservantes e aditivos, é perigoso para você e para o seu bebê! Recomendo optar por alimentos o mais naturais possível. Use apenas alimentos que você mesma prepara para garantir que não haja nenhum aditivo invasivo imposto pelo governo. Principalmente para os seus filhos! Beijos.

Meus dedos começam a digitar uma resposta antes que eu possa impedi-los, sobre como mulheres grávidas deveriam tomar 400 microgramas de ácido fólico diariamente para ajudar a prevenir defeitos do tubo neural, mas quando releio as palavras que digitei, as apago uma a uma. Quem sou eu para questionar Mara, com todos os seus seguidores e vida invejável? Ela é saudável, seus filhos são radiantes. Ela sabe do que está falando.

Obrigada! Desligo o teclado. *Vou parar de tomar ácido fólico a partir de agora!*

Ignoro veementemente a vozinha no fundo da minha cabeça que questiona se isso é uma boa ideia. Que insiste, na verdade, que é uma péssima ideia, sabendo o que sei sobre o corpo humano.

“É assim que minha comunidade age”, sussurro para mim mesma. “Faz parte do nosso estilo de vida. Vai ficar tudo bem. Mara está bem.”

Pela primeira vez, percebo claramente a mentira na minha voz.

Por dentro, meu coração se contrai como um punho, enviando espasmos de dor pelas minhas costas.

“Querida? Você está bem?” Graham entra na cozinha de shorts de dormir, o peito nu e coberto por pelos escuros e ásperos. Seus olhos estão lacrimejantes e ele se aproxima de mim, dando um beijo na minha bochecha. “Você parece estar com dor.”

“Estou bem”, digo, endireitando-me e sorrindo enquanto largo o celular, ainda pensando no ácido fólico. “Como você dormiu?”

“Ah. Bem. Eu bem que precisava de um café”, Graham murmura, procurando a cafeteira pela cozinha.

Droga, penso. Esqueci. Esqueci de fazer o café da manhã do Graham.

“Ah. Ai, Graham, me desculpe”, digo, me esquivando para o lado e pegando o recipiente de mármore onde guardo os grãos de café. “Achei que você fosse dormir mais um pouco. Não preparei nada.”

Graham bufa, mas dá de ombros como se não fosse nada demais. Pego o pilão e o almofariz que uso todas as manhãs para moer os grãos dele enquanto ele se encosta no balcão, bocejando. “Tudo bem, amor. Vou voltar para a cama um pouco, então, tá bom? Você pode me trazer quando estiver pronto.”

“Vou sim. Me desculpe de novo. Deve ser névoa mental.” Ele parece confuso, então eu esclareço. “Por causa da gravidez. Isso acontece com algumas mulheres.”

“Bom, espero que não com muita frequência”, diz ele, tentando fazer uma piada que falha miseravelmente. Ele dá um tapinha no meu ombro enquanto me viro para o balcão, esmagando os grãos com um movimento de torção enquanto minha lombar continua doendo.

“Você também quer comer alguma coisa?”

“Café por enquanto.”

Ele arrasta os pés ao sair da cozinha, subindo as escadas aos trancos e barrancos enquanto eu me apresso para preparar sua bebida. Minha barriga pressiona a bancada e me pergunto se ela aumentou desde ontem. Parece maior, como se eu precisasse de mais espaço para me movimentar do que antes. Eu nem tinha percebido quando vesti meu vestido longo azul-royal mais cedo; estava muito animada para postar o vídeo e passar o dia com o Graham comemorando a notícia. Mas agora o tecido na minha barriga está desconfortavelmente apertado.

Preciso comprar roupas de gestante o mais rápido possível. Vou ver os links

que a Mara tem na bio dela. Ela deve saber tudo sobre as melhores opções.

Dez minutos depois, me junto a Graham no quarto. Seu café repousa em uma bandeja de madeira, acompanhado de um guardanapo de alabastro, uma colher de prata e um raminho de lavanda em um pequeno vaso de vidro. Tiro uma foto da decoração e a publico nos meus stories com a legenda "*Servindo meu rei na cama hoje*", antes de subir.

"Obrigado", diz Graham, pegando a xícara de café da bandeja, sem notar todos os outros detalhes que me dei ao trabalho de criar. "Eu precisava disso."

"Desculpe, de novo", digo, mordendo o lábio inferior, me controlando e forçando um sorriso. "Estou com muita coisa na cabeça. E estava distraída. Estão nos parabenizando."

"Hã?" pergunta Graham, erguendo os olhos enquanto toma seu chá. Ele está reclinado na cama, com as costas apoiadas no mesmo travesseiro ao lado do qual gritei quando estava com a criatura.

"Anjo", corrijo-me.

Sinto minhas bochechas corarem com a lembrança e engulo em seco. "Ah", digo, tentando não gaguejar enquanto afasto as imagens de asas coriáceas e pele úmida e escamosa, a sensação daquilo dentro de mim, movendo-se sem esforço. "Postei sobre a nossa gravidez nas redes sociais. Todos estão sendo muito compreensivos."

"Você já postou sobre o bebê?" diz Graham, arqueando uma sobrancelha. Ele não percebeu meu rubor, ou talvez pense que seja porque estou envergonhada por ter sido pega postando a notícia online.

Mas o Graham sabe como funciona. Ele sabe que às vezes ganho coisas de graça para casa pelas minhas contas e sabe que preciso manter contato com meus seguidores. O Graham não usa redes sociais. Ele não se importa de aparecer na minha página, mas não conhece as nuances de como essas coisas funcionam, nem o impacto que anúncios de gravidez causam na minha comunidade.

"Ainda nem contamos para a nossa família e amigos", ele me lembra.

Não para os meus amigos. Para os seus amigos.

Afasto o pensamento com um lampejo de irritação enquanto as memórias traiçoeiras e amorosas finalmente começam a se dissipar. Os amigos de Graham também são meus amigos. É normal eu não ter amigas da minha idade, já que mal fui para a faculdade e não trabalho em um escritório ou algo horrível assim. Além disso, veja só quantas mensagens de felicitações estou recebendo dos meus amigos online!

"Desculpe", digo timidamente, oferecendo-lhe um sorriso conciliador. "Eu estava animada. Vamos contar para a nossa família hoje. Agora mesmo!"

"Não é preciso esperar um certo tempo para contar para as pessoas?", pergunta Graham. "Foi o que a esposa do Brian fez."

Fico surpresa que ele saiba disso; Graham nunca foi muito ligado em relação ao corpo feminino.

"Está tudo bem", eu o tranquilizo. Aponto para minha barriga que aparece por baixo do vestido longo azul. "Estou começando a mostrar. Já passamos dessa fase."

"Posso ver?"

Por um segundo, fico em conflito. Agora, o bebê é meu. Nós dois juntos, compartilhando um só corpo. Se eu mostrar para o Graham, e se a ilusão se quebrar? E se ele me olhar como se eu fosse louca, disser que não tem barriga nenhuma, mesmo eu conseguindo vê-la por baixo do tecido do vestido? E se ele confirmar meu maior medo — que nada disso é real e que estou ficando maluca?

Afasto essas preocupações. Graham é meu marido e este será nosso filho. Ele merece ver. Talvez isso torne tudo mais real para ele também. Talvez ele finalmente expresse a alegria e o entusiasmo que eu esperava dele.

Pela primeira vez, não me preocupo com pudor. Subo na cama ao lado de Graham, ajoelho-me e levanto o vestido, revelando minha barriga redonda, olhando para ela com o coração pulsando de amor por esse ser que ainda nem respirou. Essa criança vai mudar tudo. Pode ser uma gravidez incomum, mas não me importo.

Se ao menos eu pudesse contar a verdade para Graham. Ele provavelmente apreciaria, sendo tão religioso. Mas isso não é uma opção — não posso arriscar o que poderia acontecer se ele não apreciasse. Ou acreditasse.

"Está vendo?", digo, colocando a mão na barriga e erguendo o olhar para meu marido.

"Estou vendo", ele repete suavemente. "Um bebê."

"Nosso bebê", insisto.

"Você vai ser uma mãe incrível", diz Graham, e há uma ternura em sua voz que me surpreende.

"Serei?"

Ele estende a mão e delicadamente pega a barra do meu vestido da minha mão livre, soltando-a e deixando o tecido cair sobre minha barriga, cobrindo a protuberância. "Com certeza. Você é tão carinhosa, organizada e metódica. Você

vai ser incrível.”

Meu coração dispara a cada palavra, os elogios me preenchendo como mel doce se dissolvendo em um chá quente. É isso. O momento que eu estava esperando. Graham e eu nos reaproximando, reencontrando aquela conexão que tínhamos no início, quando estávamos em sintonia e animados com nosso futuro e nossa família. E, o mais importante, a reação dele torna tudo real. Eu não estou ficando louca.

“E você será um ótimo pai”, digo, aproximando-me de Graham e virando meu rosto para o dele. Me inclino para a frente, sentindo a maciez e o suporte da cama sob meus joelhos.

Há uma teia de aranha por trás do sorriso de Graham, uma rede pegajosa que marca o formato de seus lábios. “Espero que sim”, ele responde, dando-me um beijo seco na bochecha e se afastando rapidamente.

O ar viciado paira entre nós por um instante enquanto os olhos de Graham percorrem meu corpo até a barriga sob meu vestido. O ar parece carregado e sufocante, e por um momento, me pergunto se faremos amor. Se Graham me tocará como a criatura me tocou.

Mas então o telefone de Graham toca, sua expressão se fecha e o momento passa. Ele rola para fora do travesseiro que o apoia e pega o telefone na mesa de cabeceira. Eu me movo da cama, já sentindo o peso diferente do meu corpo, a necessidade de me mover com mais cuidado. Graham lê uma mensagem, com o rosto sério, e então se vira para mim. “Bem. E agora?”

Quero retomar o ritmo que tínhamos. Continuar a comemoração. Digo animadamente: “Vou ligar para o meu pai. Ele vai ficar tão feliz por nós.”

Graham acena com a cabeça e, mais uma vez, me oferece um sorriso que me faz pensar em aranhas.

Meu pai pega o anel pela quinta vez, e ouve-se o som das ondas quebrando atrás dele; ele está na praia, como sempre. Ele conseguiu se aposentar cedo graças à sua brilhante carreira como advogado e ao pagamento do seguro de vida da minha mãe. A vida de aposentado na Flórida lhe cai bem. “Você realmente levou seu tempo!”, ele brinca quando conto a ele. “Vocês estão casados há cinco anos!”

“Três”, eu o corrijo, sorrindo para Graham, que agora me observa com o rosto inexpressivo, como se sua mente estivesse em outro lugar. “Juntos há quatro.”

“Sim, sim”, diz meu pai, e consigo imaginá-lo acenando com a mão como

se não fosse nada demais. “Bom, parabéns! Mal posso esperar para conhecer o pestinha. Espero que seja um menino. Posso ensinar-lhe alguns movimentos de futebol. Arranje um craque, hein?”

Insisto para que Graham ligue para os pais dele em seguida. Eles moram no oeste, o que provavelmente é melhor, porque sempre tive a impressão de que a mãe dele não gosta muito de mim. Ela nunca é grosseira ou me menospreza abertamente, mas em feriados em família ou no nosso casamento, às vezes eu a flagrava me encarando, olhos semicerrados, lábios franzidos, como se estivesse examinando cortes de carne e achasse o meu ruim.

Mas quando Graham liga para ela, a voz fina da mãe explode no viva-voz, e se ela está fingindo entusiasmo, está se saindo muito bem. “Oh, meu primeiro neto!”, ela exclama. “Nossa, como eu queria que morássemos mais perto. Talvez vocês dois possam considerar vir para o oeste? Não agora, obviamente, vocês acabaram de se mudar, mas mais para frente. Vocês vão precisar de ajuda. Bebês dão trabalho. Oh, que notícia maravilhosa. Meu primeiro netinho!”, ela repete antes de chamar o pai de Graham, com a voz abafada. “Richard, venha aqui! Graham tem novidades!”

Graham se contagia com a animação dos pais e diz à mãe que eles devem visitá-lo quando o bebê nascer.

“Camille precisa ser examinada imediatamente”, diz a mãe de Graham. “Certifique-se de que a criança está bem.”

“Não se preocupe”, diz Graham, e pela primeira vez desde que soube da gravidez, ele parece confiante e calmo. “Temos uma parteira.”

Ah. Certo.

A mentira que inventei sobre a Renee. Eu não tinha a menor intenção de ligar para ela na frente do meu marido, mas depois de desligar com os pais dele, o Graham ficou me enchendo o saco até que finalmente liguei. Contei para ela pelo telefone que estava grávida e perguntei se ela gostaria de vir conversar amanhã. Para o Graham, que só ouviu a minha parte da conversa, parecia que eu estava falando com uma parteira em vez de uma dona de casa. O grito de alegria da Renee me ensurdeceu e foi audível até para o Graham.

Renee e eu combinamos de almoçar, e eu deixo o telefone cair sobre a colcha, soltando um suspiro alto de satisfação. Pela primeira vez desde ontem, o bebê se mexe. É um movimento brusco que provoca uma onda de cólicas na minha parte inferior do corpo, e eu disfarço uma careta, sentando-me novamente na beirada do colchão, a poucos passos de Graham.

"Sabe", diz Graham pensativo depois que todas as nossas ligações terminam. "É domingo. Deveríamos voltar a ir à missa. Com o bebê chegando, acho importante encontrarmos uma nova igreja."

"Tudo bem", concordo. "Deve haver alguma por perto."

"Vou dar uma olhada", oferece Graham, e fico feliz que ele esteja se empenhando tanto. "Encontrar um bom lugar para começarmos a frequentar. Também precisaremos de uma comunidade. Meus amigos e familiares são ótimos, mas moram muito longe para podermos contar com eles se precisarmos."

Não menciono que Graham parece não se importar com a distância entre todos, já que passa 90% do tempo trabalhando ou no nosso antigo bairro com eles. "Isso parece ótimo", digo. "Afim, Deus finalmente atendeu às nossas orações."

Graham não faz ideia de como essa afirmação é verdadeira.

"Hum-hum", responde ele, mexendo no celular. "Vou dar uma volta de carro daqui a pouco, ver o que encontro."

Meu coração afunda. "Ah, hoje? Pensei que talvez pudéssemos passar um tempo juntos. Fazer planos. Conversar sobre nomes de bebês?"

"Querida, você é melhor do que eu nessas coisas", diz Graham, finalmente se levantando da cama, como se a ideia de ir à igreja o tivesse energizado. "Confio plenamente em você para tomar a decisão certa." Ele dá um tapinha no meu joelho, a barba por fazer acima do lábio superior se contraindo enquanto sorri. "Vou tomar um banho."

Graham leva o celular para o banheiro e, depois que a fechadura estala e o chuveiro liga, eu me aproximo sorrateiramente e encosto o ouvido na fresta da porta. Por cima do som ambiente da água, consigo ouvir o murmúrio da voz de Graham, baixo demais para distinguir qualquer palavra. Depois de alguns minutos, sua voz para e, alguns segundos depois, o barulho da água batendo nos azulejos fica mais alto quando ele entra no chuveiro.

Eu me encosto na porta do banheiro, com as duas mãos na barriga enjoada, a testa úmida de suor, esperando o bebê se mexer.

Ele permanece completamente imóvel.

II Segundo Trimestre

CAPÍTULO

12

GRAHAM ENCONTROU uma igreja para nós.

Ou pelo menos foi o que ele disse ontem à noite, quando finalmente chegou em casa depois de passar horas dirigindo pelo interior, aparentemente procurando algo adequado. Quando perguntei por que ele não podia procurar online, ele insistiu que precisava ver o lugar pessoalmente para ter certeza de que seria o “ideal” para nós.

Na manhã seguinte, levanto com o amanhecer como de costume, bocejando e esfregando os olhos, exausta depois de uma noite inquieta. Tentei encontrar uma posição confortável para mim e para o bebê, mas toda vez que achava que tinha me acomodado, a criança dentro de mim se mexia e eu tinha que começar tudo de novo. Pelo menos os sonhos com o olho alado pararam.

Não é normal ter um bebê ativo na minha barriga tão cedo na gravidez. Deve ser algum efeito colateral da minha... comunhão com a criatura.

Anjo.

Talvez uma gravidez abençoada se desenvolva mais rápido do que uma normal. Ou talvez este seja mesmo o bebê do Graham! Talvez o teste de gravidez negativo tenha sido uma farsa e eu esteja grávida o tempo todo.

Não minta para si mesma como mentiu para ele. Sua menstruação está regular. Este não é filho do Graham.

Ultimamente, não tenho gostado da frequência com que essa voz aparece na minha cabeça. Eu a aperto, sufocando-a até que o pensamento se cale. Me arrasto para fora da cama e desço as escadas, com as mãos envolvendo minha pequena barriga, sentindo o calor que irradia dela. Meus tornozelos estão estranhamente doloridos, minha boca está sensível e há uma coceira dolorosa na

minha lombar, como se houvesse palha emaranhada no meu sacro.

"Este é o nosso bebê", sussurro ao entrar na cozinha, que está escura sob a luz do amanhecer. "Tudo será perfeito quando o bebê chegar."

Com o nascer do sol, preparo mingau e café para o Graham, coloco a roupa para lavar e esvazio a lava-louças. Deixo na mesa os scones de cranberry sem ácido fólico que fiz ontem, quando o Graham me deixou sozinha para procurar igrejas. Quando meu marido desce as escadas e se senta no balcão da cozinha, o cansaço já começa a me consumir.

Como é que esse feto já está tão pesado?

"Chego em casa no horário hoje à noite", diz Graham depois de tomar o café da manhã, olhando para a barriga visível sob meu vestido marrom. "Precisa de alguma coisa?"

Dou um sorriso radiante para ele, esquecendo meu cansaço. Ele é tão gentil em perguntar. "Vou conferir minha lista e te mando uma mensagem se precisar. Obrigada, amor."

"Adoraria um bife para o jantar", diz ele. "Temos algum?"

Eu aceno com a cabeça. "Da fazenda. Posso preparar hoje à noite."

Quando ele sai, a casa parece mais fria e maior, sua presença tão rara e preciosa que até mesmo nossa casa se fecha quando ele se vai.

A manhã avança lentamente, e o cansaço é uma companhia constante, encostando a cabeça no meu ombro enquanto viro a roupa, arrumo a entrada, tiro o pó do escritório do Graham e leio os comentários nas minhas redes sociais. Publiquei uma foto dos meus scones, marcando a Mara, agradecendo-lhe efusivamente pelas dicas sobre como viver sem ácido fólico e pelas receitas, e a publicação está fazendo sucesso. A própria Mara curtiu minha publicação de novo, e dessa vez deixou um comentário! Dois emojis de coração vermelho. Sinto uma onda de validação percorrer meu corpo. O reconhecimento da Mara abriu as comportas; outras mulheres estão respondendo nos comentários, ansiosas para assar seus próprios scones, babando pela apresentação perfeita e pelos deliciosos cranberries que aparecem entre os scones.

Para ser sincera, os scones tinham um gosto meio estranho, sem graça e mofado. Mas a internet não precisa saber disso.

Por fim, acabo voltando para a cozinha.

Fico em pé na pia, lavando a louça, minha barriga roçando na bancada enquanto a espuma morna escorre pelos meus antebraços. As mangas compridas do meu vestido cor de âmbar estão arregaçadas até os cotovelos, o tecido

começando a incomodar meus braços enquanto eu limpo as tigelas do café da manhã ritmicamente.

Olhando para cima, observo pela janela em frente à pia, vendo as ondas de trigo balançando sob a luz tênue do sol. Nuvens densas cobrem o céu hoje, e a temperatura tem caído. O verão está lentamente chegando ao fim. Imagino como será nosso primeiro inverno nesta casa nova. Será que nevará muito? Será que Graham se encarregará de limpar a neve?

Uma onda de gratidão pelo bebê me invade. Terei algo para me distrair durante a estação fria e tediosa.

O bebê se mexe, uma sensação de contorção com toques de dor, como se os membros da criança estivessem ligados aos meus nervos, e uma tigela escorrega das minhas mãos ensaboadas e cai com um baque no fundo da pia. Desvio o olhar da janela, pegando a tigela às pressas e soltando um suspiro de alívio ao ver que não está quebrada. Enxáguo-a, sacudindo as gotas de água enquanto a coloco cuidadosamente no escorredor de bambu.

Quando volto a olhar para a janela, a criatura está lá, olhando para dentro da casa.

Um grito morre na minha garganta, a boca seca demais para deixá-lo escapar. A água corre, respingando alegremente pelo ralo enquanto gotas rolam pelos meus pulsos e dedos.

Os grandes olhos brancos da criatura parecem ainda mais perturbadores à luz do dia — suas escleras têm a cor de iogurte rançoso e, embora não haja pupilas, sinto que ela me observa diretamente, separada apenas por um painel de vidro e alguns metros de drywall e isolamento. Sua pele verde-acinzentada, tão áspera e escamosa, faz com que pareça um morto-vivo. Não consigo ver suas mãos, com garras negras nas pontas, mas as imagino em meu corpo nu, as palmas surpreendentemente lisas, o calor úmido do meu corpo me envolvendo como uma brisa pantanosa.

Sinto minhas bochechas corarem e meu pescoço esquentar. Não vejo a criatura desde quinta à noite. Ou melhor, desde a madrugada de sexta. Presumi que nosso "contrato" tivesse terminado. As alucinações cessaram. Não vi o olho em meus sonhos. Meu filho cresce em meu ventre, e aqui está o salvador da nossa família, nos observando pela janela com uma expressão vazia.

"Vá embora", sussurro, sabendo que é impossível me ouvir através do vidro e do barulho da água na pia. "Por favor, vá embora. Obrigada pela ajuda, mas acabou. O trabalho está feito."

A criatura não se move, apenas encara. Seus olhos percorrem as órbitas, como se estivesse examinando meu rosto e garganta, lendo meus lábios através do vidro.

O bebê se mexe de novo, um movimento mais profundo e violento desta vez, e eu engasgo de dor, afastando-me da pia para agarrar minha barriga com as mãos molhadas, como se pudesse envolvê-la em ternura e acabar com o desconforto.

Um grito ensurdecedor corta as cólicas no meu estômago, e eu olho para cima novamente. A criatura está passando uma garra longa e escura pela parte externa da janela, traçando uma linha reta vertical no vidro. A ponta afiada da unha deixa um rastro, uma marca fina como uma navalha que se arrasta por vários centímetros antes que a criatura pare, levante o dedo e pressione a palma da mão contra o vidro, cobrindo a linha que fez.

Pela primeira vez, consigo ver bem a parte de baixo da mão que pressionou meus quadris, que deslizou sobre meu corpo. A palma da criatura é surpreendentemente humana, se ignorarmos as unhas escuras que se projetam vários centímetros das pontas dos dedos. A pele da palma da mão não é cinza nem esverdeada. Também não há escamas. Ver a pele levemente bronzeada, com o mesmo tipo de linhas entrecruzadas que decoram minhas próprias palmas, alivia a tensão no meu peito.

Volto para a janela, inclinando-me para a frente, com cuidado para não pressionar a barriga contra o balcão, e estendo a mão, colocando-a contra o vidro frio. Nossos dedos se espelham — os da criatura são ligeiramente maiores que os meus. O vidro embaça, como se o calor úmido do corpo da criatura estivesse se espalhando pela vidraça.

O bebê fica imóvel e a dor diminui. Nós três — eu, a criatura e o bebê — prendemos a respiração, imóveis, esperando. Desvio o olhar das nossas mãos, pressionadas contra lados opostos da janela, e observo o rosto da criatura mais uma vez. Ela não pisca, como uma cobra, mas tem pálpebras. Fechou os olhos quando estávamos juntos.

Nossos olhares se encontram: o meu castanho, o da criatura branco. Abro a boca, sem saber o que vai sair, mas sou puxada por uma corda no meu peito, um anzol cuja existência eu desconhecia até então.

O toque estridente da campainha interrompe a conversa.

Dou um pulo, afastando-me e olhando por cima do ombro para o corredor. Quando me viro novamente, a janela está vazia e a criatura sumiu. A marca que

deixou com sua garra ainda é visível no vidro.

CAPÍTULO

13

Vou até a porta da frente, ignorando o encontro com a criatura.

Não significou nada.

Renee está parada na soleira da porta, animada e sorrindo. Eu tinha me esquecido. Convidei-a para almoçar ontem. Simplesmente me passou pela cabeça. Não estou preparada para ela, principalmente depois do que acabou de acontecer.

Renee veste um jeans surrado e uma blusa rosa com a frase "*Mãe Divertida*" bordada na frente, ao lado da estampa de uma taça de martini, com o líquido transparente e azeitonas derramados. Seus cabelos escuros estão presos no alto da cabeça e seus lábios e olhos estão sem maquiagem.

“Estou tão feliz por você!” Renee grita enquanto entra em casa como um raio. “Meu Deus, olha só para você! Já está dando para ver! Você sabia outro dia, né? Sua danadinha! Não, não se preocupe, eu entendo. Às vezes a gente quer esperar até ter certeza. Mas, nossa, você escondeu muito bem! Eu não fazia ideia. De quantas semanas você está?”

Isso foi um erro.

Renee não para de falar enquanto eu a guio pelo corredor e pela cozinha, puxando um banquinho para ela no balcão da cozinha. “Posso te oferecer uma xícara de chá? Café?”, ofereço em vez de responder a qualquer uma de suas perguntas rápidas.

Ela pisca. “Ah. Sim, chá, por favor! Ou melhor, deveríamos comemorar! Tem champanhe?” Ela exagera na piscadela, com um sorriso largo. Sua língua está manchada de vermelho.

Eu a encaro do outro lado do balcão, tentando sorrir com a mandíbula

cerrada. “Hum, estou grávida, lembra? E ainda nem é meio-dia.”

Renée ri. “Estou brincando, estou brincando. Chá está ótimo! Você tem alguma coisa sem cafeína? Eu tento evitar depois das onze da manhã, se possível. O que estou dizendo? É claro que você tem opções sem cafeína; é tudo o que você pode beber agora!”

Por que a energia dela é tão caótica? “Eu tenho camomila...”

“Perfeito!” A voz dela é tão alta e rouca que é como soltar um cavalo selvagem na minha casa, deixando-o correr solto, chegando muito perto da minha decoração cuidadosamente escolhida.

Tento mudar de assunto enquanto coloco a chaleira no fogo. “Como estão seus filhos? Eles estavam se sentindo mal, não é?”

“Que gentil da sua parte perguntar!” Renée responde com um tom de voz característico. “Sim, mas eles estão melhorando. Estamos todos nos sentindo muito melhor agora. A nova mania da Millie é encontrar insetos no quintal e trazê-los para dentro de casa. Ela os deixa na banheira, e estamos tentando ensinar o Henry a usar o penico, e ele fica chateado se vai ao banheiro e vê minhocas. Não posso culpá-lo!”

Enquanto a água ferve, ignoro a tagarelice de Renee, abro um armário e pego o pote de vidro com chá de camomila a granel que comprei numa feira local no ano passado e duas canecas.

"Meu Deus, por que estou falando de mim?" Renee interrompe seu devaneio e sorri para mim novamente. "E você? Me conta tudo!"

Não farei nada disso. Preparo o chá, observando o nível da água nas duas canecas para garantir que nada derrame na minha bancada impecável. "Você gosta de mel? Leite?"

"Não! Está ótimo assim!"

Coloco uma caneca na frente de Renee, mantendo o balcão da cozinha entre nós. Não tenho interesse em sentar com ela, por mais que meus pés e costas estejam doendo. A sala de estar e a porta de vidro deslizante ficam atrás dela, e por um instante me pergunto o que aconteceria se a criatura entrasse sorrateiramente na casa enquanto ela estivesse aqui.

Sentada em seu banquinho, Renee envolve a caneca com as duas mãos, suspirando com o calor. "As manhãs estão começando a ficar frias. Achei que tivéssemos mais tempo. O verão está passando muito rápido, né? Então... Me conta!"

Fico sonhando acordada com a ideia de me sentar. Meu pescoço dói e meu

estômago está mais pesado hoje do que ontem, mas não quero me mexer ao redor do balcão e ficar mais perto da voz áspera da Renée. Pego minha caneca de chá e me encosto no balcão, deixando o vapor acariciar meu queixo.

"Bem, vamos ter um bebê", digo cautelosamente. "Estou muito feliz."

"Eu também!", explode Renée. "Quando é o parto?"

Essa é a parte complicada. Não posso admitir que não tenho um médico, e também não posso dizer que não sei quando meu filho vai nascer. Se minhas suspeitas estiverem certas, engravidei há quatro dias. Hoje pareço estar grávida de quase três meses. Se a barriga continuar crescendo nesse ritmo, é bem possível que o bebê nasça antes dos nove meses completos. Não existem diretrizes para uma gravidez como essa.

"Meu parto está previsto para o inverno", decido dizer, mantendo a informação vaga, na esperança de que seja uma estimativa correta.

"Que emocionante! Você já deve estar bem avançada na gravidez! Já sabe o sexo do bebê?"

"Hum, não. Quero que seja uma surpresa." É verdade, mas não pelos motivos que Renée imagina.

"Nossa, você deve estar bem grávida, mas semana passada eu nem percebi! Você tem sorte. Nas minhas duas gestações, a gravidez estava tão evidente o tempo todo. Mas sinto falta daqueles tempos." Ela suspira, quase nostálgica, e faz uma pausa, como se a bateria tivesse acabado. Renee bufa e se recompõe, voltando a se concentrar. "Quer dizer, cada mulher é diferente, mas parece que a sua barriga começou a aparecer de repente", brinca, e eu disfarço um sobressalto.

Ela está sendo intrometida, e eu não gosto disso. Mal sei o que está acontecendo com o meu corpo, e agora tenho que tentar explicar para essa mulher que é praticamente uma estranha. Essa mentira para o Graham se voltou contra mim.

"Não acredito como você está linda." Renee suspira. "Esse vestido ficou deslumbrante em você. Mal posso esperar para ver todas as suas roupas de gestante. Aposto que você será a grávida mais bem vestida de todo o estado."

Por outro lado, talvez Renee não seja tão ruim assim. Eu cedo, tentando relaxar. Ela está feliz por mim, demonstrando o nível de emoção que eu secretamente desejava de Graham. Eu deveria me permitir aproveitar isso.

"Estou preparando tudo agora", digo a Renee, tomando um gole do chá. Está muito quente e o gosto está ruim. "Mas se você tiver alguma dica para uma

mãe de primeira viagem...”

O rosto de Renee se ilumina e ela se inclina para a frente no banquinho. "É mesmo? Bom, antes de mais nada, não compre nada. Eu tenho tantos livros sobre bebês, roupinhas, brinquedos, tudo o que você imaginar. Pode levar o que quiser — eu e o Zach já terminamos, ha! E não é como se estivessem sendo usados agora."

Olho para a blusa rosa de Renee e duvido sinceramente que alguma coisa que essa mulher tenha combine com o estilo que estou imaginando para o meu bebê, mas concordo com a cabeça e sorrio para ela despreocupadamente. Deixo que ela descreva os livros sobre maternidade que tem, seu conselho para segurar o bebê o máximo possível. Deixo que ela me alerte para não dormir na mesma cama que a criança e me assegure que a mamadeira é tão boa quanto a amamentação.

Não conto a ela que não terei escolha a não ser amamentar meu bebê — minha comunidade espera isso. Exige, na verdade. Mas agora que estou pensando nisso, percebo algo potencialmente alarmante: meus seios parecem normais.

O resto do meu corpo parece estar se adaptando à gravidez, crescendo ou mudando, mas meu busto continua do mesmo tamanho de sempre. Não sinto dores nem sensibilidade. Os mamilos não mudaram de aparência. De seis a oito semanas de gravidez, os seios deveriam crescer. Minha barriga parece estar além dessa marca, mas ainda uso sutiã tamanho A.

Será que tem algo errado com meu leite?

Uma pontada de ansiedade me invade enquanto Renee continua falando, alheia à minha situação.

É por isso que você deveria ir ao médico, diz a voz no fundo da minha cabeça.

Mas eu não posso. Não vale a pena correr o risco.

"Você tem família por perto? Alguém para te ajudar conforme a hora se aproxima?", pergunta Renee, interrompendo meu pânico silencioso.

"Ah, sim", minto. "Os pais do Graham talvez venham ficar um tempo depois que o bebê nascer. E eu tenho uma parteira." Não acrescento que a própria Renee é a substituta da parteira fictícia que eu criei.

"Tenho uma amiga que era parteira", diz Renee. "Para mim, não! Preciso de todos os remédios e medicamentos modernos que puder encontrar! Ah, mal posso esperar para conhecer o Graham." Ela já terminou metade do chá, mesmo

estando bem quente. Aparentemente, o gosto não a incomoda como me incomoda. “A reação dele foi tão doce.”

Faço uma pausa, com os lábios na xícara, abaixando-a lentamente. “O quê?”

“Ah, eu não te contei!” diz Renee, animada. “Vi o vídeo do seu anúncio de gravidez online! Apareceu no meu feed. Encontrei ontem à noite depois que você ligou.”

“Nossa”, digo. A geolocalização deve ter mostrado meu vídeo para pessoas da região. Como a Renee.

“Eu te segui”, ela continua. “Suas fotos são lindas.”

“Obrigada”, digo distraidamente. Houve tantos seguidores novos desde que postei o vídeo que devo ter perdido a Renee de vista.

Não consigo decidir o que sinto sobre ela ter acesso ao meu conteúdo. Todos os meus outros amigos online são estritamente virtuais — nunca conheci nenhum deles pessoalmente. Eles não estão por perto para flagrar nenhum exagero ou mentirinha quando posto algo. Mas a Renee mora perto. Ela já esteve na minha casa. Se um dia eu tiver uma espinha e editar uma foto para tirá-la, será que a Renee vai me chamar a atenção? Não estou familiarizada com a dinâmica desse tipo de amizade feminina e não tenho certeza se quero isso.

“E eu não sabia que você era cientista! Que legal!”

As palavras de Renee ecoam na minha mente, gelando meu sangue. O gosto já mofado do chá fica amargo na minha boca. Eu a encaro boquiaberta. “O-o que você disse?”

“Ah, nada”, responde Renee, surpresa com a minha reação. “Só que eu não sabia que você tinha formação científica. Vi um comentário na sua última postagem antes de vir para cá. Você é—”

Parei de ouvir, me joguei em direção ao meu celular, desbloqueando-o freneticamente e examinando minhas notificações, encontrando a sequência de comentários na minha postagem sobre ácido fólico que eu tinha perdido enquanto encarava a criatura.

“Não”, gemi baixinho. “Não, não, não.”

O comentário está quase no topo, impulsionado por um número preocupante de curtidas: Acho isso muito surpreendente, Camille. Você sabe tão bem quanto eu que o ácido fólico é importante para gestantes. Seu foco no CAST era literalmente biologia e o corpo humano. O que diabos aconteceu com você?

Clico no nome de usuário. É uma conta privada e a foto do perfil é pequena demais para identificar, mas reconheço vagamente o nome: Melody Lateef. Ela

não me segue.

Com a pulsação acelerada, volto para a minha publicação. Abaixo do comentário de Melody, há vários outros de membros da minha comunidade:

Ácido fólico faz mal para bebês!

O que é CAST?

Você não sabe do que está falando.

Para meu horror, Melody respondeu ao último comentário: "Com certeza. Conheci Camille há anos. Nós duas frequentávamos um programa de ciências de prestígio. Camille desistiu por algum motivo. Nunca mais tive notícias dela, e então me deparei com essa tragédia na minha página Explorar. Ela poderia ter sido uma das melhores biólogas do país. Agora está mentindo sobre ácido fólico na internet. Triste."

"Camille?" A voz de Renee vem de longe. "Camille, você está bem?"

Meus dedos estão tremendo tanto que é difícil apagar a sequência de comentários, mas finalmente consigo. Volto para a página de Melody e a bloqueio.

"Camille! O bebê! Você precisa se sentar."

Olho para Renee. A sala está balançando. Talvez ela tenha razão. Na ponta dos pés, contorno o balcão e me sento em um banquinho ao lado de Renee, que se inclina para perto de mim, com uma expressão alarmada. Sua mão fecha firmemente em volta do meu bíceps, como se quisesse me manter em pé.

"O que está acontecendo?", ela pergunta.

"Eu não sou cientista", insisto, percebendo o líquido borbulhante dentro do meu peito, o rubor da vergonha se espalhando pelas minhas bochechas. Quantas pessoas viram os comentários da Melody? Meu Deus, será que a *Mara* viu?

"Está tudo bem", diz Renee, tentando me acalmar. "Achei o comentário um pouco grosseiro. Mas não é nada demais. Respire fundo. Do que elas estavam falando mesmo? ELETRODO?"

Respondo automaticamente: "Programa Coleman de Aptidão em Ciências. É um programa especializado, de âmbito nacional, para calouros e alunos do segundo ano da faculdade."

Não consigo contar toda a verdade. Como tive que escolher um tema e criar uma tese, fazer pesquisas e experimentos, escrever um resumo e defender meu trabalho. Como o programa me provou que eu não tinha vocação para ser cientista.

As lembranças borbulham, pressionando o topo do meu crânio. Minha

alegria por ter sido aceita no programa, o desânimo do meu pai, sua insistência de que eu não precisava de mais estudos, que era mais importante eu ficar em casa e ajudá-lo com a casa e as tarefas domésticas. Mas eu amava biologia e o corpo humano, e graças às minhas notas e a todas as feiras de ciências que ganhei no ensino médio, consegui uma bolsa de estudos acadêmica para uma universidade local, então meu pai não tinha mais desculpas para me impedir de ir. Frequentei o CAST no verão entre o primeiro e o segundo ano do ensino médio. Nunca cheguei ao segundo ano da faculdade.

"Nunca ouvi falar desse programa", admite Renee. "O que você estudou?"

"Doenças priônicas", murmuro. Percebendo sua confusão, esclareço: "Distúrbios neurodegenerativos fatais causados pelo dobramento incorreto da proteína priônica no cérebro. Meu foco era o kuru, uma doença que costumava ser comum entre o povo Fore da Papua-Nova Guiné."

Renee pisca. "O que é kuru?"

"A doença se espalhou a partir do costume funerário de comer o cérebro de familiares falecidos para ajudar a libertar os espíritos dos mortos. Mas é no cérebro que os príons infecciosos estão mais concentrados", explico, desenterrando uma pesquisa que não me vinha à mente há anos. "Meu trabalho era usar o que sabemos sobre doenças como o kuru para reduzir as proteínas priônicas no cérebro e, potencialmente, encontrar uma cura, ou pelo menos interromper a progressão, de doenças neurodegenerativas como Alzheimer e Parkinson."

Renee, pela primeira vez, fica em silêncio, o rosto inexpressivo de choque. Mordo a parte interna da minha bochecha, desejando nunca ter postado a foto daqueles scones idiotas.

Não contei o resto para ela. Como eu amava o programa, até a seção de revisão por pares, onde tive que defender minha tese diante de outros alunos do CAST. Eles apontaram falhas no meu trabalho. Chamaram-no de "pretensioso" e "ambicioso demais". Esperaram que eu respondesse, que argumentasse contra suas críticas, mas minha garganta ficou tão irritada que não consegui falar. Abri a boca e imaginei vômito espumoso saindo em vez de palavras. Tremendo, saí correndo da sala.

Lá fora, ajoelhada na calçada de concreto, liguei para meu pai, chorando.

"Eu te disse", ele disse. "Esse não é o seu caminho, Camille."

"Então qual é?", soluzei.

"O caminho que sua mãe não conseguiu terminar", ele disse tristemente.

"Esse é o seu destino. Não essa coisa de ciência."

Ele tinha razão. É fácil receber elogios e demonstrações de carinho quando você dedica sua vida a cuidar dos outros. A ciência não foi gentil — me criticou e decepcionou meu pai —, mas quando abandonei o CAST e a faculdade, fui recompensada: conheci Graham um ano depois. Nunca contei a ele sobre minha formação científica. Ele me amou mesmo sem isso.

Meu pai tinha razão. Este é o meu caminho.

"Tudo bem", diz Renee, me tirando do passado. "Sem julgamentos. Parece que você está muito feliz agora sem essa coisa de ciência." Ela enfatiza levemente a palavra "parece". Os olhos de Renee percorrem a casa, observando a cozinha impecável, os pisos recém-limpos. "Pela sua página, percebi que você é mais... tradicional, de qualquer forma."

A presunção dela me irrita profundamente. A Renée não me conhece. Eu gosto de cuidar das coisas. Sou boa em cuidar da casa. E o que ela faz o dia todo que seja tão diferente do que eu faço? Afinal, ela é mãe em tempo integral.

A raiva que ardia no meu peito transbordou, transformando-se em uma fúria lancinante. Como Melody se atreveu a fazer aquele comentário depois de todos esses anos? Como Renee se atreveu a me julgar por viver uma vida mais tradicional? Abandonei uma carreira que não dava certo para mim, assim como Mara. Assim como minha mãe. E em troca, recebi amor. Meu pai ficou tão orgulhoso quando larguei a faculdade e voltei para casa, juntando os cacos do meu sonho despedaçado. Ele me ajudou a conseguir o emprego no centro de cultivo, dizendo que eu deveria usar minhas habilidades em biologia para fazer coisas lindas florescerem. Eu nunca lhe disse que botânica e biologia eram áreas diferentes.

No início, eu estava preocupada que meu pai ficasse decepcionado quando eu comesse a namorar o Graham, que sentisse que eu o estava substituindo, mas depois de conhecê-lo, meu pai ficou radiante.

"Seu caminho", ele me lembrou depois do primeiro jantar com meu futuro marido. "Este é o seu caminho."

Ninguém critica meu trabalho agora. Pelo contrário, meus amigos online o elogiam; Graham o aprecia. Eu amava a ciência, sim, mas era um amor doloroso. É aqui que eu devo estar.

A tensão se dissipa dos meus ombros. Respiro fundo, acariciando meus cabelos perfumados.

Está tudo bem, lembro a mim mesma.

Apaguei o comentário e bloqueei a Melody. Vou restringir os comentários na publicação para evitar mais incidentes. Não tem como a Mara ter visto. Ela está muito ocupada e recebe milhares de notificações todos os dias. Não precisa se preocupar.

"Eu sei que te convidei para almoçar", digo para a Renee. "Mas não estou me sentindo muito bem. Podemos remarcar?"

Há um toque de tristeza no sorriso da Renee. "Claro. Você parecia que ia desmaiar há alguns minutos. Descanse. E"—ela faz uma pausa, umedecendo os lábios com a língua manchada de vermelho—"me desculpe. Se você se sentiu... Bem, eu acho que você está fazendo um trabalho incrível. Tudo bem?"

Eu me mostro mais gentil com ela. Ela é intrometida, mas acho que tem boas intenções, ao contrário da Melody. "Talvez depois que eu der à luz, a gente possa correr", sugiro. "Me ajuda a perder o peso da gravidez."

Renee olha para o meu corpo com um olhar avaliador. "Querida, você já é tão magra. Não se prenda a essa história estranha de 'volta à forma' depois da gravidez que todo mundo adora. Seu corpo está gerando e alimentando um ser humano!"

É fácil para ela dizer isso. Ela não está tentando se tornar uma grande influenciadora como a Mara Shoemaker. Sou jovem e atraente. Espera-se que eu tenha meu bebê e depois volte à minha forma ideal. É o que a Mara faz, e ela tem oito filhos.

"Claro", digo, tentando sorrir. "Eu te acompanho até a porta. Quem sabe a gente não repete isso em breve?" Meu estômago está dando voltas. O bebê não se mexe, mas sinto pontadas vindas do meu útero, como se um gongo estivesse soando dentro de mim.

"Com certeza", diz Renee, enquanto me ajuda a levantar do banquinho. Quando chegamos à porta de vidro fosco, seus olhos percorrem o corredor arrumado e a entrada impecável. "Como eu disse, tenho um monte de coisas de bebê. Se precisar desabafar ou pedir uma segunda opinião sobre alguma coisa, é só me chamar. E aproveite enquanto pode. Sua casa nunca mais vai ficar limpa depois que o bebê chegar!"

Dou um sorriso amargo e me despeço dela enquanto caminha até o carro. Ela estacionou fora da rua, no nosso gramado. Não podia ter entrado na garagem? Os pneus estão achatando a grama.

Observo-a partir, com uma pontada de saudade no peito. Ela pode se locomover com tanta facilidade com o carro dela, sem estar presa à casa como

eu. Graham e eu conversamos sobre um segundo carro. A mudança para o campo me fez pensar que talvez fosse necessário, mas Graham não entendeu que poderia haver outros motivos para eu querer sair de casa além de comprar ingredientes para cozinhar e limpar. Não posso culpá-lo, no entanto. Não é como se eu tivesse amigos ou familiares por perto para visitar.

Talvez seja preciso retomar a conversa sobre o segundo carro quando o bebê chegar. Ainda não falamos sobre escola ou atividades extracurriculares, mas quero proporcionar ao nosso filho as aventuras que eu não vivi quando criança — tudo o que perdi depois que minha mãe morreu.

O caminho que sua mãe não conseguiu completar.

Estou parada na porta, encarando a estrada asfaltada há um tempo. O carro da Renée já se foi. Nuvens se estendem sobre minha cabeça, ondulando como a parte de baixo das ondas. O ar está estático e tem um leve cheiro de pinheiros e grama alta. A paisagem rural me cerca, manchas de marrom dourado e verde. Às vezes, nesta casa, quando estou sozinha, me sinto a única pessoa que restou no planeta.

Quando finalmente me afasto da porta, meu estômago ronca. Estou faminta; a náusea e a adrenalina provocadas pelos comentários de Melody já passaram. Normalmente como porções pequenas — Graham gosta que eu tenha uma figura esbelta e cintura fina —, mas nunca senti tanta fome antes, mesmo controlando as porções.

A vontade surge violentamente, com urgência. Corro pelo corredor até a cozinha, olhando em volta freneticamente. Não consigo dizer o que quero, mas a compulsão de comer algo crava as garras no meu estômago e não vai embora. Lembro-me do gosto estranho do chá. Talvez eu precise de algo mais substancioso.

Abro a caixa de pão no balcão, arranco um pedaço de pão de fermentação natural fresco e o enfio na boca, rangendo os dentes contra o pão azedo. É como usar um conta-gotas para encher um oceano. Nada acontece. Antes que eu perceba, já comi o pão inteiro, que tem um gosto estranhamente ácido, e a dor da fome ainda lateja no meu estômago. O bebê está se mexendo agora, como se tentasse evitar a comida que estou lhe dando.

Ofegante, abro a geladeira e pego o pote de vidro onde guardo a manteiga. Derreter um pedacinho na língua de vez em quando já não basta. Estou com fome, muita fome, e nada do que como parece saciar a minha fome, então talvez a gordura e o sal da minha comida favorita me satisfaçam. Pego o tablete de

manteiga, cuidadosamente moldado pelas minhas mãos algumas semanas atrás, e mordo a ponta, mastigando os pedaços cremosos e escorregadios que tentam escapar da minha boca. A manteiga escorre pelos meus lábios, gruda na minha gengiva e garganta enquanto eu engasgo, tentando engolir.

Minha boca está trabalhando mais do que o necessário — meus dentes descem com uma gravidade surpreendente, e minha língua está no caminho. Eu estremeço quando uma bolha de dor, seguida de sangue, enche minha boca. Sem pensar, cuspo, deixando o sangue respingar no tablete de manteiga que estou segurando. Olho para baixo, com a língua latejando, observando as manchas vermelhas na manteiga, vendo gotas de sangue penetrarem na superfície escorregadia.

O bebê se ergue bruscamente, como um tubarão tentando romper a superfície do oceano. Finjo que tudo é culpa da criança que estou carregando quando levo o resto da manteiga manchada de sangue ao meu rosto e a mordo.

O sabor é diferente de tudo que já provei — metálico e doce, sedoso e picante. Caio de joelhos e inalo o resto do palito, espalhando sangue e manteiga por todo o meu rosto, mãos e vestido.

Quando termino, deixo o recipiente de vidro cair no chão, o fundo rachando. Ofego, o bebê chutando alegremente dentro da minha barriga.

Temos carne crua na geladeira, esperando, ainda embalada em plástico. O bife que Graham pediu. Eu ia prepará-lo para o jantar dele hoje. Mas ainda estou com fome, e o bebê está crescendo e se mexendo dentro de mim.

"Tudo bem, meu amor", digo, dando um tapinha na minha barriga e me levantando com dificuldade. "Vamos te alimentar."

Abro a geladeira novamente, meu estômago roncando ao ver a carne ensanguentada.

CAPÍTULO

14

NO DOMINGO SEGUINTE, Graham insiste em ir à igreja que encontrou.

Tento não me surpreender com a existência da igreja — Graham ficou tanto tempo fora na semana passada que eu não tinha certeza se ele estava realmente fazendo o que dizia estar fazendo.

Levantamos juntos da cama e eu preparo bacon e ovos para Graham. Quando ele não está olhando, enfio vários pedaços de bacon cru na boca, engolindo-os com dificuldade, dando tapinhas na barriga quando o bebê pula de prazer. Deixo os ovos de lado — o bebê não gosta deles. Não gosta de nada além de carne. Crua, se possível.

Na última semana, passei o tempo respondendo mensagens da Renee perguntando se eu queria este ou aquele item do sótão dela, experimentando diferentes tipos de comida que consigo reter e acompanhando o crescimento da minha barriga, que está aumentando muito mais rápido do que deveria.

Ir à igreja será um alívio bem-vindo — estou começando a ficar inquieta. A casa está perfeita; sempre cumpro todas as minhas tarefas diárias, mas estou muito mais lenta do que o normal e minha energia diminuiu. Tenho dificuldade para acordar de manhã e meu corpo dói. A textura do meu cabelo está estranha, parecendo palha, e minha pele está com uma fragilidade incomum. Mas ainda é cedo na gravidez — talvez eu me recupere. Que eu fique mais parecida com a Mara e as outras influenciadoras online que irradiam juventude e saúde durante a gestação.

“Pronta?”, pergunta Graham depois do café da manhã, estendendo o braço para mim.

Ele tem estado melhor esta semana — sem noites em claro, sem sumir da

nossa cama de madrugada. Ele fica bastante no celular, mas não me importo, contanto que esteja em casa. Ele está se esforçando para participar, o que eu aprecio.

Na outra noite, experimentei alguns vestidos de gestante para ele. Ele sorriu, bateu palmas e disse que eu estava linda, embora, quando me olhei no espelho depois, minha pele estivesse pálida e minhas bochechas estivessem mais fundas do que antes.

Mas não importa. Graham está voltando para mim, como eu esperava.

“Estou pronta”, respondo, pegando no braço de Graham, seus músculos quentes se contraindo sob a camisa. Ele está especialmente bonito com sua camisa azul de botões, a barba por fazer finalmente aparada e os olhos relaxados.

Confiro meu reflexo no espelho do corredor enquanto ele me guia pelo escritório até a porta da garagem. Para a ocasião, escolhi um vestido midi cor ferrugem, com cinto e mangas compridas, que destaca minha barriga de forma discreta. Meu cabelo está preso em um coque elegante, e estou usando botas de camurça marrom-escuras e um cardigã cor de camelo, caso a igreja esteja tão fria quanto o ar da manhã agora. O verão definitivamente está dando adeus.

Sinto uma vibração de entusiasmo enquanto nos acomodamos no carro. Parece uma eternidade desde que estive em qualquer lugar além da casa nova. Graham me diz para ficar à vontade, que são trinta minutos de viagem.

Não costumo andar de carro, mas acho que o cheiro está diferente. Um pouco adocicado. Procuro um aromatizador de ar, mas não encontro nada. O perfume é suave, mas persiste, como se não conseguisse se desprender completamente do interior de couro do Audi de Graham.

Santa Peônia.

Os campos passam velozmente num turbilhão dourado enquanto o sol desponta sobre as árvores da floresta que se aproxima. Graham dirige pelas estradas sinuosas num ritmo mais acelerado do que eu gostaria, considerando o bebê e a minha náusea e fome intermitentes, mas ele está ouvindo música folk num volume que indica que não está interessado em conversar.

Quando chegamos à igreja, o estacionamento está lotado de carros, e eu pigarreio para disfarçar um grito de ansiedade. Não via tanta gente desde que nos mudamos.

Saio do carro com dificuldade, desejando que Graham desse a volta e abrisse a porta para mim como um cavalheiro, mas ele já está lá fora, caminhando em direção à igreja.

O prédio é pequeno e branco, com uma pequena torre e um letreiro na frente que diz: *Jesus está observando!*

A igreja fica à beira da estrada, entre duas fazendas, mas há alguns hectares de grama e um pequeno jardim. Vários carvalhos proporcionam sombra além do estacionamento. As pessoas estão entrando aos poucos, mas alcanço meu marido e o puxo para o lado antes de entrarmos, apontando para o meu celular.

"Foto", digo, e Graham suspira, já acostumado com isso.

Viro a câmera, chamando Graham para mais perto, e estendo o braço para tirar uma selfie nossa. Enquadro cuidadosamente a torre da igreja ao fundo, checando a iluminação no meu rosto. Estou com uma aparência mais abatida do que o normal. Vou ter que retocar essa foto. A bochecha barbuda e irritada de Graham, roçando na minha, força meu sorriso.

"Finja estar mais feliz", sussurro entre os dentes cerrados. "Estamos na igreja! Vamos ter um bebê!"

Graham, obedientemente, abre bem a boca, encarando a câmera, sem perceber que eu estava falando sozinha.

Tiro vinte fotos rapidamente, todas de uma vez, inclinando a cabeça em micromovimentos para cada uma, para ter opções de ângulo. Satisfeita, pego na mão de Graham e caminhamos até a porta da frente da igreja.

Lá dentro, há cerca de vinte bancos de madeira envernizada com recortes florais. Há um tapete amarelo que me lembra mofo, e vários vitrais pequenos me causam uma profunda tristeza — eles não devem ter dinheiro para algo mais grandioso. O altar na frente da igreja é tão pequeno quanto o resto do espaço, espremido em um nicho arqueado ao lado de um púlpito diminuto. Um padre se move ao redor do tabernáculo, de costas para mim, sua batina branca se movendo em torno dos tornozelos. Eu esperava que a igreja cheirasse a livros velhos e velas derretidas, mas, em vez disso, há um cheiro mofado, rançoso e opressivo. Ele impregna minha pele e deixa uma camada de sujeira nas minhas mãos e no meu rosto.

A quantidade de pessoas na pequena igreja cria uma sensação claustrofóbica.

Uma camada de suor se forma ao redor da minha gola, e quando engulo em seco, meu esôfago protesta fracamente, a dor acompanhando minha saliva como se eu tivesse dor de garganta. Dentro do meu útero, o bebê se mexe.

Algo está errado.

Minha visão fica turva e nuvens cinza-escuras rondam minha periferia —

uma tempestade se aproximando que não consigo afastar piscando. Apertar a mão de Graham com força não adianta; meus dedos úmidos escorregam de sua mão e eu tropeço, caindo no carpete feio e tentando alcançar o banco mais próximo. Me apoio na madeira, que está lisa e seca sob minhas mãos molhadas.

"Você está bem?" A voz de Graham vem de trás de mim, um sussurro urgente.

Não encontro palavras para respondê-lo.

Quando levanto os olhos, com a visão turva e trêmula, todas as pessoas na igreja se viraram em seus assentos para me olhar.

Nenhuma delas tem rosto.

É como se alguém tivesse borrado suas feições com tinta, criando um turbilhão caleidoscópico de rosas e marrons até que não reste nada além de pinceladas e ecos de expressões. O padre também se vira; seu rosto é largo e vazio, seus braços pendem ao lado do corpo.

A igreja está silenciosa. Seus habitantes me observam sem olhar. Os espaços vazios em seus rostos, onde suas bochechas deveriam estar, estão salientes, como se as bocas que não consigo ver estivessem sorrindo.

As pessoas no banco em que me agarro começam a deslizar lentamente, aproximando-se de mim. Gemendo, solto o banco e me afasto rapidamente, esbarrando em Graham.

"Meu Deus, diga que você também está vendo", imploro, me virando para cair nos braços do meu marido.

"Camille, o que está acontecendo?", ele pergunta, me amparando e me levantando, colocando-me de volta no chão.

O bebê está chutando freneticamente; a marca dos seus pezinhos bate na minha barriga, um ritmo frenético e pulsante que acompanha o meu pulso.

"Graham, você não vê—"

Interrompo-me ao avistar o rosto do meu marido. Seus olhos são negros como breu, suas pupilas dilatadas a ponto de abranger as íris e escleras: o negativo fotográfico da criatura. Como os fiéis na igreja, Graham está sorrindo, mas é um sorriso largo e forçado. Uma gosma escura e viscosa escorre de seus lábios, descendo lentamente pelo queixo. Seu nariz também começa a pingar — uma gosma preta desce pelo filtro e se acumula sobre o lábio superior como muco escorrendo.

"Droga, ai, droga", sussurro, minha respiração presa na garganta enquanto fecho os olhos com força, na esperança de que, ao abri-los, tudo esteja normal

novamente.

"Camille, o que foi? Todo mundo está olhando para você", Graham sibila.

Abro os olhos. Lágrimas negras escorrem das pupilas de Graham, deixando rastros manchados em suas bochechas e trilhas ralas em sua barba, como se estivessem queimando os pelos.

O bebê se agita dentro de mim. Se debate, se contorce, se debate. Nunca experimentei esse nível de movimento antes — acho que nem é biologicamente possível. Mesmo assim, está acontecendo, e mal consigo me manter de pé. A dor me envolve, cegando-me ainda mais enquanto minha testa queima e minhas mãos ficam dormentes.

"Preciso de ar", consigo gaguejar. "Não estou me sentindo bem. Já volto."

Os bancos da igreja rangem enquanto me desvencilho do meu marido e cambaleio até a porta da frente, a poucos metros de distância. Minha visão se deteriora ainda mais, tornando-se um mero ponto de luz que sigo desesperadamente enquanto o farfalhar das roupas e passos leves acompanham meus passos.

Me atiro em direção à porta, esperando sentir dedos em meu pescoço, puxando meu cabelo, arranhando minhas costas a qualquer segundo.

Atravesso as portas da igreja, o ar entrando com dificuldade em meus pulmões enquanto me afasto da entrada. As portas batem atrás de mim e me viro, as botas rangendo no cascalho. Ofegante, suando, protegendo minha barriga, observo as portas da igreja enquanto mechas de cabelo escapam do meu coque e grudam na minha pele molhada.

Ninguém aparece. Nem mesmo Graham.

Um gemido gutural escapa da minha boca enquanto me afasto lentamente do prédio branco, tentando respirar fundo. Os movimentos frenéticos do bebê diminuem, mas meu estômago está embrulhado, quente e pesado. Uma onda de enjoo me invade e eu me apresso para contornar a igreja, indo em direção ao enorme carvalho no outro extremo do estacionamento.

Consigo chegar atrás do tronco da árvore a tempo de cair de joelhos, o vestido vermelho-escuro encharcado ao meu redor, o peso do bebê me fazendo cambalear para a frente. Quando vomito, fecho os olhos e rezo para que não esteja sujando toda a minha roupa nova.

Meu peito queima — quente, em carne viva, mas é diferente de quando vomitei sangue. Desta vez, é como se o que está dentro de mim não quisesse sair e minha garganta fosse estreita demais para permitir uma passagem fácil. Seja lá

o que for, fica preso e eu engasgo, em pânico, meus olhos se arregalam ao perceber que não consigo respirar. Bato com o punho no meu esterno, golpeando o osso do peito como se pudesse expelir aquilo, mas nada acontece.

Engasgo de quatro, saliva escorrendo da minha boca aberta, coração acelerado, lágrimas rolando pelo meu rosto.

Por favor, por favor, eu imploro. Por favor, não me deixem morrer aqui. Não deixem meu bebê morrer.

Uma pressão intensa vem do meu útero, mas não baixa — é alta, como se a cabeça do bebê estivesse pressionando minha caixa torácica. Então, uma pontada repentina e dolorosa, e minha garganta se expande, a substância presa ali jorrando para cima e para fora, transbordando dos meus lábios e respingando na grama seca.

É lama. Terra úmida e escura, compactada e aglomerada com torrões de terra e raízes cortadas que se contorcem como minhocas pálidas. Continua vindo, um verdadeiro deslizamento de lama, jorrando do meu estômago embrulhado até que eu esteja vazia e chorando.

A lama escorregadia e molhada mancha meu vestido e escorre ao lado do carvalho. Sento-me sobre os calcanhares, agarrando minha barriga e enxugando o suor e as lágrimas do meu rosto com as costas da mão livre.

Meu útero está silencioso novamente, o bebê calmo. Minha garganta está seca e parece o interior de um triturador de lixo. Tudo o que eu quero é me deitar em um pedaço de grama seca e dormir até esquecer tudo o que aconteceu hoje.

Fecho os olhos com força, respiro fundo três vezes, apertando a ponte do nariz e tentando recuperar um pouco da compostura. Quando abro os olhos, a luz do sol filtrada pelas folhas do carvalho reflete em um brilho intenso na terra úmida. Observo a lama fumegante que saiu de mim.

Meio enterrada, com a ponta para cima, saindo de um torrão duro de terra, está uma única moeda de cobre.

CAPÍTULO

15

Meu cérebro se desprende do carrinho do meu corpo enquanto encaro a moeda.

Não consigo mais sentir o ar na minha pele nem ver o sol nos meus olhos. Estou perdida acima de tudo, flutuando para longe; meu espírito se agarrando aos galhos do carvalho, a única coisa que me impede de me lançar ao céu infinito.

“Camille?” A voz de Graham ecoa pelo estacionamento.

Eu me assusto, saindo do meu transe, espiando por trás do tronco largo do carvalho. Meu marido está se esquivando entre os carros, esticando o pescoço, procurando por mim.

Uma onda de alívio invade meu coração. Consigo ver o branco dos seus olhos, mesmo daqui. Não há manchas escuras em seu rosto. Ele parece normal, inalterado. Tudo o que vi na igreja deve ter sido outra alucinação. Talvez a atividade intensa do bebê dentro do meu útero tenha me feito sentir mal.

Está tudo bem; está tudo bem, digo a mim mesma. Não é normal, mas está bem. Você está bem, o bebê está bem.

Não consigo precisar o momento exato em que parei de acreditar nas mentiras que conto a mim mesma, mas não importa. Eu as aceito mesmo assim. Tenho que aceitar. Não há outra opção.

Dou uma olhada para trás, para o monte de lama, que começa a endurecer lentamente sob a luz do sol da manhã. Parece errado deixar a moeda aqui, embora a visão dela seja perturbadora de uma forma que prefiro não descrever. Verifico novamente se Graham está por perto; ele está se aproximando. Não posso deixar que ele veja isso.

Enfiando a mão na lama, pego a moeda, sacudo os torrões de lama e a enfio

dentro do meu vestido, escondendo-a no sutiã. A moeda está úmida e fria, apesar de ter saído do meu interior quente, e uma gota escorre pelo meu peito e cai na pele esticada da minha barriga. Usando a árvore como apoio, me levanto com dificuldade e contorno o tronco, cambaleando de volta para o estacionamento enquanto Graham me vê.

“Camille!” Ele corre até mim e para a poucos passos de distância. “Nossa. O que está acontecendo? Você parece muito mal. Tem lama no seu vestido? Você está se sentindo bem? Devemos ligar para a Renée?”

“Por que eu iria querer ela?” Eu respondo antes que possa me conter. O rosto de Graham empalidece em choque, e eu balanço a cabeça em sinal de desculpas. Eu sempre me esqueço de que Graham acha que nossa vizinha é minha parteira. “Desculpe, amor. Eu... eu estou com muita náusea. Acho que preciso me deitar. Me desculpe pela igreja.”

Ele me observa atentamente. “Tudo bem.”

“Foi...” Eu não deveria perguntar. Mas preciso saber. “Você não viu nada... estranho lá dentro, né?”

“*Estranho?*” Graham repete, franzindo a testa. “Estranho como o quê?”

“Ah, nada”, respondo rapidamente. Percebo que Graham não é um bom mentiroso. A expressão de confusão em sua testa é genuína. Ele não deve ter visto o que eu vi. Estava tudo na minha cabeça. “Acho que preciso descansar um pouco.”

“Ah, tudo bem”, diz Graham, dando um passo em minha direção, com um olhar cauteloso, como se eu fosse um cão selvagem prestes a morder. “Vamos para casa. Você pode ligar para a Renee lá. Peça para ela te examinar.”

“Talvez tenha sido o carro”, sugiro. “Estou me sentindo um pouco enjoada.”

“Percebi”, admite Graham. Ele não me toca. Por que não pega na minha mão? Me dá um abraço? Algo assim? “Essas estradas são bem sinuosas. E você provavelmente está mais sensível a esse tipo de coisa agora, no seu estado.”

Assinto com a cabeça, grata por ele aceitar isso, mas desejando seu toque. “Com certeza. Acho que não precisamos nos alarmar. Preciso descansar. Por favor.”

“Com certeza, querida. Vamos, vamos te levar de volta para o carro.”

Nossos passos rangem pelo estacionamento, a brita se afastando do nosso caminho. Espero que Graham pegue meu braço, ofereça a mão, pergunte se estou bem de alguma forma, mas ele não faz nada. Ele me deixa entrar no carro sozinha, promete dirigir mais devagar e liga a música novamente.

Enquanto ele dirige, coloco as duas mãos na minha barriga e no vestido manchado, sentindo a moeda pressionar meu seio, ainda fria.

★ ★ ★

Quando chegamos em casa, Graham insiste para que eu veja Renee, mas consigo convencê-lo de que isso pode esperar até amanhã de manhã, quando ele estiver no trabalho.

Ele me diz para não me preocupar com o almoço; ele vai encontrar os amigos na cidade para que eu possa descansar na cama.

"Assim você estará ótima e pronta para preparar o jantar mais tarde", diz ele, me entregando um copo d'água enquanto tiro meu vestido estragado e me enfio debaixo das cobertas, só de sutiã e calcinha.

Graham desvia o olhar.

Quero tomar um banho, mas estou fisicamente exausta. Minha garganta está irritada e arranhada, e minha barriga dói muito por causa dos movimentos intensos do bebê na igreja. Preciso tirar um cochilo primeiro, descansar. Depois, posso me limpar e terminar as tarefas domésticas para Graham.

"Tem certeza de que não deveríamos pedir para a Renée cuidar de você enquanto eu estiver fora?", pergunta Graham.

A última coisa que eu quero é a Renée me bisbilhotando, mas não posso contar a verdade para o Graham. "Já estou me sentindo melhor. Vou voltar ao normal depois de um cochilo", juro, e ele cede.

Eu queria que ele não fizesse isso. Queria que ele me desse mais atenção, mesmo sabendo que não é o que eu quero — não quero que ele fique me examinando e perceba o quão incomum é esta gravidez. Não quero que ele note que as coisas não estão se encaixando, que não estou passando por nada remotamente parecido com o que seus amigos casados, que já têm filhos, estão vivenciando.

Mas mesmo assim, quero sentir que meu marido se importa comigo. Ele se importa; eu sei que se importa. Ele veio me procurar depois que saí correndo da igreja; nos levou para casa sem fazer perguntas, mesmo estando animado para voltar a frequentar uma congregação. Graham não é tão afetuoso quanto costumava ser, mas talvez isso seja normal. Estamos evoluindo como casal. Como família. E não tenho dúvidas de que ele será um bom pai — capaz de proporcionar um ambiente estável e acolhedor para que eu crie nossos filhos. Ele

já está fazendo isso. Na segunda-feira passada, Graham me entregou o cartão de crédito, aquele preto sem limite, e disse para eu comprar o que precisássemos.

"Deveríamos contratar ajuda? Uma babá?", perguntou ele ao mesmo tempo.

"Não", protestei. "Isso vai contra tudo o que defendemos. Eu consigo fazer isso sozinha. Eu preciso fazer isso sozinha." Além disso, uma babá não seria tão alheia quanto Graham, e não consigo imaginar o alvoroço se meus seguidores — ou, Deus me livre, Mara — descobrissem que eu não estava criando meu primogênito sozinha.

Em vez disso, usei o cartão de crédito do Graham, toda animada, para comprar tudo o que precisaríamos. Eu já tinha bastante coisa: trocador, berço, carrinho de bebê, móvel pendurado no teto. Mas com o cartão de crédito, consegui encher o quarto do bebê com paninhos de boca, babás eletrônicas e roupinhas. Tantas roupinhas de bebê! Ignorei as constantes ofertas da Renee para doar as roupas e brinquedos usados dela e comprei sapatinhos de bebê orgânicos, bodys costurados à mão, mantas bege e brancas. Comprei um abajur novo — a base parece uma trepadeira enrolada, o suporte é uma haste que se estende até a cúpula de vime. Dá ao quarto um ar delicado e natural. Encomendei um kit chamado "Social Media Baby" no Etsy, com acessórios e números combinando na cor taupe para que eu possa tirar fotos do bebê todo mês, fazendo a contagem regressiva para o primeiro aniversário.

Ontem instalei o monitor de bebê, que grava áudio e vídeo, transmitindo as gravações diretamente para o meu celular.

"Estamos todos prontos para você", eu disse ao bebê, acariciando minha barriga. "Mal posso esperar para te conhecer."

Eu não teria conseguido fazer nada disso sem a ajuda financeira do meu marido. Tenho que ser grata pela ajuda que ele me dá. Sou uma das sortudas.

Graham sai, prometendo voltar para o jantar. Tento não pensar em como, mais uma vez, ele está deixando a esposa sozinha em casa depois de um incidente assustador.

Não é culpa dele, insisto. Eu disse a ele que estava bem. Minimizei toda a situação. Ele deveria ter permissão para sair para jantar com os amigos. Não é como se eu pudesse alimentá-lo neste estado.

No fundo da minha mente, existe aquela voz irritante que exige que eu procure ajuda profissional, mas eu a afasto como sempre. Esta é uma gravidez especial. Nada nela pode ser mudado, ajudado ou explicado pela ciência, por mais que eu a respeite.

Tem certeza? Você está comendo carne crua. Está vomitando lama e vendo coisas. Esses sintomas que você está tendo podem ser indícios de problemas maiores e mais sérios.

Não sou uma pessoa violenta, mas se eu pudesse silenciar essa voz e trancá-la numa caixa lacrada, faria isso sem hesitar. Por que não consigo confiar no processo? Confiar no pedido que fiz no poço e no anjo que me foi enviado depois?

A moeda queima gelada contra meu peito. Com Graham fora de casa, tiro a moeda do meu sutiã e puxo o cobertor para o lado para poder colocá-la sobre minha barriga de grávida.

Não tenho certeza se é a mesma moeda que joguei no poço dos desejos. Não olhei direito para ela antes de jogá-la no buraco com uma oração e uma esperança. Como essa moeda foi parar dentro de mim?

Eu sei como, diz a voz irritante, e dá vontade de estrangulá-la.

Tiro a moeda da minha barriga e me viro desajeitadamente de lado para poder guardá-la na gaveta do criado-mudo, embaixo do meu livro novo sobre gravidezes incomuns. Penso em ler um capítulo, mas nada ali se aplica a mim. O que estou passando não tem nada a ver com livros. Além disso, não sou cientista, não mais.

Em vez disso, estendo a mão mais para o fundo da gaveta e tiro um maço de papéis. Folheio-os: fotos impressas do perfil da Mara. Seu lindo feed, seus comentários, imagens de sua casa e filhos. Isso me acalma, traçar seu rosto radiante com o dedo, relendo minhas legendas favoritas. Gosto de ter essas representações físicas dela à mão. Parece mais real do que navegar pela página dela na tela do celular. Se eu a estudar bastante, posso ser como ela, eu sei disso.

Encaro a foto dos bagels sem ácido fólico da Mara. Felizmente, ninguém mais apareceu depois do fiasco da semana passada, mas estou com tanto medo de postar qualquer coisa que possa ser interpretada como relacionada à ciência. Tenho me limitado a conteúdo estético e atualizações sobre a gravidez. Ciência não deveria mais fazer parte da minha vida.

Suspirando, guardo meus papéis sobre a Mara na gaveta e me preparo para um cochilo, o peso da minha barriga me levando ao sono quase instantaneamente.

Quando o olho, aquele alado que não via há semanas, aparece no teto acima de mim, tento me esquivar. Congelada ao colchão, com a barriga nua exposta ao óculo piscante acima de mim, sou forçada a encarar enquanto as asas começam a

girar novamente.

A voz surge, pesada e sem direção, e não me surpreende, mas mesmo assim tento me encolher para me afastar dela.

Não volte, diz ela.

Tento entreabrir os lábios, tentando encontrar as palavras e pronunciá-las, mas não consigo formulá-las direito, não encontro a umidade necessária na boca para soltá-las.

Não volte para lá.

O olho pisca acima de mim, e o choque de seus cílios soa como o aço de espadas tilintando uma contra a outra.

Não é seguro.

Eu confiei no anjo antes. Foi assustador, mas eu o ouvi, e ele me deu um bebê. Não posso ignorá-lo agora. Não quando ele está me dando uma ordem direta e clara. Não há nada para interpretar aqui. Nada para entender.

As pessoas com rostos inexpressivos na igreja. A lama que vomitei. A inquietação do bebê em meu ventre. Nada disso pode acontecer novamente.

Não consigo falar, mas elevo meus pensamentos em direção ao olho: *Eu entendo.*

O anjo parece satisfeito com essa resposta, porque as asas ao redor do olho param de girar vertiginosamente e o piscar cessa. O cômodo fica em silêncio, e nos encaramos por um instante, o olho gigante sem íris e meus pequenos olhos castanhos.

A moeda que costumava pairar no olho do anjo sumiu.

O mundo escurece e eu acordo.

★ ★ ★

No dia seguinte, me sinto normal. Faço minhas tarefas e preparo o café da manhã do Graham. Acompanho-o até a garagem e combino de mandar uma mensagem para ele depois que a Renee vier me "dar uma olhada".

Depois, volto para a cozinha e mastigo um lombo de porco cru enquanto o bebê se mexe feliz dentro de mim, saboreando o suco da carne que escorre pelo meu queixo e o cheiro terroso da carne crua. Quanto mais rápido como, melhor me sinto, e logo devorei tudo, os pedaços escorregadios de carne mastigados em mordidas menores e engolidos com avidez.

Quando a Renee chega, já tenho chá e scones fresquinhos à sua espera.

Ainda bem que não lhe contei nada sobre o que aconteceu na igreja quando a convidei para vir aqui. Ela acha que estamos a tornar-nos amigas, e eu nunca me atreveria a ser tão rude a ponto de lhe admitir que ela é apenas uma intermediária entre mim e o meu marido.

“Que bom que você mandou mensagem depois da última vez. Sei que você ficou chateada com aquele comentário grosseiro, mas fico feliz que esteja se sentindo melhor agora”, diz ela enquanto a deixo entrar em casa, olhando desconfiada para o saco de lixo que carrega no ombro. Eu a levo até o balcão da cozinha, onde o chá e os scones esperam pacientemente. Renee joga o saco de lixo no chão ao lado do banquinho e coloca as mãos na cintura, girando para me observar. “Nossa, você está... Quer dizer, faz só uma semana que não te vejo! Bem, como você está se sentindo?”

Fiquei um pouco irritada com o tom dela. Me esforcei para estar apresentável hoje. Estou usando um vestido de linho cor pêssego que, na minha opinião, disfarçava bem o quanto minha barriga cresceu nos últimos dias, e fiz um penteado com duas tranças que esconde as manchas estranhas e descoloridas que começaram a aparecer perto da minha raiz loira. Quando me olhei no espelho mais cedo, enquanto aplicava blush e bronzer, e passava corretivo embaixo dos olhos para minimizar as olheiras, achei que seria difícil alguém notar a textura ressecada da minha pele ou o aspecto sem vida do meu cabelo.

Ainda estou esperando aquele brilho natural da gravidez, aquele que a Mara tem sempre que está grávida. “Estou ótima”, digo firmemente. “O que tem na sacola?”

Distraída, Renee olha para o saco de lixo cheio aos seus pés. Ela sorri, batendo palmas animadamente. “Eu não tinha recebido nenhuma resposta sua sobre o que você poderia precisar, e você ainda não sabe o sexo do bebê, então decidi trazer um monte de coisas dos meus dois filhos. Você terá opções!”

Meu coração afunda. Por que a Renee não entende indiretas? Ignorei as mensagens dela sobre o que eu precisava, então ela decidiu por mim?

“Que gentil da sua parte, mas nós realmente não—”

“Deixa eu te mostrar!” Renee interrompe, abaixando-se impacientemente para desatar o saco de lixo. Seu movimento espalha seu aroma familiar, rançoso e frutado em direção ao meu rosto, e eu tusso para disfarçar uma ânsia de vômito.

Renee enfia uma mão na abertura apertada e estica a boca do saco, revelando vislumbres de roupinhas de bebê coloridas amontoadas lá dentro.

Coloco a mão na lombar, meu corpo doendo de desagrado e exaustão. Convidá-la de novo foi um erro. Eu deveria ter mentido para o Graham e aproveitado esse tempo para limpar. Estou muito mais lenta ultimamente, principalmente com todas as pausas para pedir e comer carne crua enquanto preparo as refeições normais do Graham.

“Este foi o primeiro body do Henry. Não é uma gracinha? Adoro as girafinhas. E aqui está o conjuntinho de suéter da Millie. É ótimo para o inverno; você devia levar.” Renee vasculha o saco de lixo — um saco de lixo, acredite se quiser! — e aponta para diferentes roupinhas. Ela se levanta para respirar, ajeitando-se e vendo os scones. “Ah, que delícia!” Ela se levanta e enfia a ponta de um na boca, mastigando ruidosamente e espalhando pedacinhos de massa por todo o meu chão brilhante.

O bebê se mexe na minha barriga, e eu me imagino colocando a mão na nuca dessa mulher e esmagando a testa dela contra a bancada.

Balanço a cabeça, assustada com a visão. Em vez disso, olho para dentro da sacola aberta. As roupas que ela me apresentou não são as que eu teria escolhido. Na verdade, eu não teria escolhido. Penso nas lindas roupinhas em tons neutros, cuidadosamente dobradas e guardadas na cômoda do bebê lá em cima. Não sei o sexo do bebê, mas não importa — de qualquer forma, não vou vesti-lo com cores feias, como azul-claro ou rosa. Em vez disso, usaremos paletas de cores combinando: tons suaves e simples que harmonizam com a nossa casa charmosamente minimalista.

De jeito nenhum vou vestir nosso bebê com nenhuma das roupas que a Renee trouxe. Vejo um chapéu verde neon com detalhes pretos, um body roxo-real com uma cabeça de urso de desenho animado na frente e um par de sapatinhos de bebê que imitam patinhas de cachorrinho.

Imagino o desprezo dos meus seguidores ao verem meu bebê vestido como uma peça de catálogo do Walmart.

Reprimo um arrepio. "Muito obrigada; você realmente não precisava fazer isso."

"Não tem problema", diz Renee, mordiscando o bolinho e espalhando migalhas pelo peito que caem no chão. Seus lábios estão um pouco rachados e vermelhos, mas parece que ela não está usando batom.

"Como está sua família?", pergunto.

“As crianças voltaram para a escola!” diz Renee, batendo palmas. No mesmo instante, seu queixo se abaixa e seus olhos se estreitam. “Queria ter

estado lá para me despedir delas.”

“Ah, você estava ocupada?”

Ela levanta o olhar, como se lembrasse da minha presença. Limpando a garganta, ela esboça um sorriso tímido, pequeno demais para sua boca larga. Renee diz: “Ah, sim. Consulta médica. Talvez no ano que vem.” Ela tenta cruzar os dedos, mas o indicador se sobrepõe ao dedo médio, e ela precisa usar a outra mão para mover os dedos manualmente até o gesto correto.

Não quero que a Renee faça mais perguntas sobre a minha gravidez, então mudo o rumo da conversa para a vida dela. “Que tipo de fraldas você usou? A mesma para os dois filhos?”

A Renee começa um discurso entusiasmado sobre os detalhes da sua marca de fraldas favorita, e eu a ignoro. Eu já sei que vou usar as mesmas fraldas de pano feitas à mão que a Mara divulga na página dela.

Depois de passar mais uma hora agonizante puxando assunto, desviando das perguntas e pedindo dicas para recém-nascidos à Renee, ela finalmente vai embora.

Dou um nó no saco de lixo que ela deixou para trás e o arrasto até a garagem, jogando-o num canto atrás da caixa de ferramentas do Graham.

Com o esforço, o bebê chuta rapidamente e eu dou um tapinha na minha barriga. “Já sei. Vou preparar algo para comermos.”

Apago a luz, mergulhando a garagem vazia na escuridão, e volto para a cozinha para amamentá-lo.

CAPÍTULO

16

A gravidez não combina comigo, e isso me irrita.

As fotos que tiro precisam de muitos filtros. Tenho que usar a criatividade com poses e roupas que escondem meus membros finos e minha pele pálida. Não me pareço com a Mara ou com nenhuma das outras influenciadoras que sigo, que irradiam orgulho quando estão grávidas. Pareço frágil e doente. Isso limita a quantidade e a qualidade do conteúdo sobre gravidez que eu tanto queria. Mas talvez seja melhor assim, porque há coisas sobre a minha gravidez que não consigo explicar e para as quais não quero chamar atenção.

Minha barriga está crescendo a um ritmo alarmante. Um mês e meio depois, ela está completamente redonda, e o bebê pesa nas minhas costas. Ao mesmo tempo, perco peso em outras partes do corpo. Meus braços e pernas ficam finos e frágeis; meu cabelo começa a cair no chuveiro em longas mechas douradas. Aproveitando a mudança de clima, uso gorros de tricô para esconder as manchas estranhas e descoloridas na minha pele.

Minhas gengivas começaram a sangrar, às vezes quando estou comendo, às vezes sozinhas. Sinto o gosto do líquido quente e salgado escorrendo pela minha garganta e sei que meus molares superiores estão vazando novamente.

E não importa o que eu coma, não importa a quantidade de carne crua que eu consuma, agachada no canto da cozinha à meia-noite depois de fingir que como a comida cozida que sirvo para Graham, não consigo me livrar da fome que me consome. Encomendo secretamente bifés extras da fazenda próxima, para serem entregues quando Graham está no trabalho.

É o bebê. Consumindo minha energia, devorando meus recursos, desejando comidas estranhas que deveriam me fazer mal, mas que, em vez disso, me dão

uma estranha explosão de adrenalina. Cheguei a me perguntar se comer carne crua me deu algum verme ou doença, mas não consigo parar. O bebê se mexe feliz na barriga quando como carne, e vomito qualquer outra coisa.

Mas tudo vale a pena, porque eu amo meu bebê. Mesmo que essas "peculiaridades" signifiquem que não poderei fazer um ensaio fotográfico de gestante fofo, que não poderei confiar em um fotógrafo profissional para examinar meu corpo definhando através de uma lente, ou uma compilação de fotos diárias em vídeo por causa do crescimento inconsistente e enigmático da minha barriga.

Em vez disso, monto meu tripé no quintal e uso o temporizador do meu celular para tirar fotos com meus vestidos de gestante novos e caros durante a hora dourada. Os raios de sol iluminam minha pele e me fazem parecer saudável, meu corpo longe demais da câmera para revelar qualquer detalhe.

É a única vez que estive perto dos campos de trigo desde que engravidei, e não vi a criatura novamente desde que ela apareceu na janela da cozinha. A marca deixada por sua garra ainda está lá; Graham não percebeu. Ele raramente está na pia.

Não estou necessariamente evitando o campo ou o poço, embora os avisos de Graham e Renee para ficar longe da floresta ecoem em meus ouvidos sempre que olho pelas janelas. É mais que não quero confundir a criatura. Eu disse a ela, semanas atrás, que tudo havia acabado e que nossa interação havia terminado. Não quero que ela volte.

Seleciono as melhores fotos do meu ensaio particular no nosso amplo quintal e as publico online com legendas inspiradoras, transbordando gratidão.

Essas fotos, cuidadosamente editadas e filtradas, com as ondas de trigo visíveis ao fundo e as folhas caídas no chão sob meus pés descalços, fazem com que Mara me note mais uma vez.

Meu coração dispara de alegria quando vejo a notificação, e o bebê responde da mesma forma, chutando meus rins com uma força feroz. Preciso me sentar, ofegante, mas a dor não importa porque Mara curtiu minha foto e comentou!

"Eu tenho o mesmo vestido! Você está incrível. Deve ser por ter cortado o ácido fólico ;)"

"Três frases inteiras!" sussurro, maravilhada, massageando minha barriga dolorida e me recostando no sofá, estupefata. "E ela se lembra de quem eu sou."

Mara deve receber milhares de mensagens por semana, mas ela se lembrou

da nossa conversa e, mais importante, me reconheceu! Abro o perfil dela no Instagram, verifico a lista de pessoas que ela segue, mas ela ainda não me segue de volta. Tudo bem. Chegaremos lá. Ela me conhece agora. Estou no radar dela.

Respondo ao comentário dela: Obrigada, querida! Dá mais trabalho preparar comida sem ácido fólico, mas vale muito a pena! Nunca me senti tão bem. ☺

É mentira. Mas não vou contar ao mundo que estou tendo a gravidez mais estranha de todas. Não vou anunciar que precisei da ajuda de uma criatura (*Anjo*, me corrijo pela enésima vez) para engravidar. E não vou admitir que preparar comida sem ácido fólico é um saco.

Nada nesse processo é como eu esperava. A fragilidade do meu corpo, o mal-estar por dentro, a aparência esquelética do meu rosto. Esta gravidez está repleta de surpresas desagradáveis que tento ignorar. Eu deveria ser grata. Sou grata. Finalmente consegui o que queria.

Mas a verdade é que minha gravidez está cheia de mentiras.

À noite, Graham e eu estávamos sentados no sofá — ele assistindo boxe, eu tricotando um par de meias de bebê com um fio macio cor de aveia — quando ele abaixou o volume durante um comercial.

“De quantas semanas você está?”, perguntou ele, olhando fixamente para minha barriga saliente, que eu tentei esconder com roupas largas. “Você parece bem mais grávida agora do que algumas semanas atrás.”

Preto não é minha cor — não combina com o estilo que estou buscando —, mas cores escuras emagrecem, então tenho usado vestidos pretos e longos de algodão cinza-escuro em tamanhos de gestante maiores do que o meu. Para minha surpresa, Graham percebeu.

“Acontece que eu estava mais adiantada do que pensávamos”, minto. “Estou perto do parto”, diz Renee. “Talvez um mês.”

“Sério? Mas o resto de você parece... normal. Ou talvez você tenha emagrecido? Não era para você ficar maior—” Ele se interrompe, com as bochechas coradas. Graham gesticula para baixo, olhando para o meu peito. “Sabe...”

Meus seios não estão maiores. Claro que Graham notaria isso. Sempre achei, em segredo, que ele não se impressionava com o meu busto naturalmente pequeno. Ele nunca diria nada — Graham é muito elegante e modesto para isso. Mas eu tinha minhas suspeitas.

“Eles estão maiores”, minto novamente, tentando não parecer que estou discutindo com ele. Boas esposas não discutem com seus maridos, mas estou

cansada, minhas costas doem e o bebê estava se mexendo na minha barriga como se estivesse rolando ladeira abaixo hoje mais cedo. “Aumentei um tamanho de sutiã.” Viro-me para encará-lo, com um tom desafiador na voz. “Quer ver?”

Observo sua expressão, iluminada pela TV, procurando sinais de excitação, ainda na esperança de que talvez o bebê nos conecte de uma forma que não sentimos há tempos. Mas, em vez disso, o rosto de Graham se fecha, e ele se afasta de mim, os olhos vidrados, sem mais percorrer meu corpo.

Mal percebo minha decepção.

Graham dá de ombros. “É estranho, só isso. Sua barriga está crescendo, mas o resto do seu corpo está encolhendo.”

Graham pode não ser o homem mais científico do universo, mas sabe que os bebês levam nove meses para nascer. Estou visivelmente grávida há um mês e meio. Ele vai questionar isso. Preciso tentar explicar, e espero que sua admiração pela beleza física supere qualquer preocupação intelectual que ele possa ter.

“Algumas mulheres emagrecem na gravidez”, tento dizer, dando de ombros e sorrindo para ele. “Acho que sou uma das sortudas. Fiquei grávida por um bom tempo sem perceber. Meu ciclo menstrual já é bem irregular.” Hesito em falar sobre menstruação — Graham não gosta; acha que deve ser um assunto privado e mantido em segredo —, mas a vantagem disso é que ele geralmente não sabe ou não percebe quando estou menstruada.

Graham olha para mim. “Nossa”, diz ele, tentando sorrir. “Só você mesmo para emagrecer grávida.”

Assim, sem mais nem menos, ele deixa para lá, voltando a atenção para a TV. A decepção se mistura com o alívio. Ele acredita, de alguma forma, que eu já estou grávida de oito meses, mesmo morando comigo. Mesmo que, com certeza, ele já tivesse percebido. Como ele pode aceitar isso tão facilmente?

Porque ele não se importa?

Cala a boca, eu respondo bruscamente à voz que ronda os limites da minha consciência. Ele não entende muito sobre o corpo feminino. Todas as escolas que ele frequentou eram religiosas. Ele não teve aulas de educação sexual.

Talvez isso seja bom. Não quero que Graham fique se intrometendo — não quero ter que explicar a verdade e torcer para que ele acredite em mim. Mas também não quero que ele esteja tão distante. Ele não está fazendo perguntas suficientes. Não está preocupado com essa gravidez como eu. Não percebe minhas gengivas sangrando, meu cansaço, as mechas escuras no meu cabelo, que

geralmente é bem claro. Ou talvez ele ache que seja normal.

Ele não está preocupado, e isso me faz sentir completamente sozinha.

Mas quando Renee vem aqui no dia seguinte, enquanto Graham está no trabalho, ela fica preocupada.

“Você não parece muito bem, Camille. Já foi ao médico?”, pergunta ela, sentando-se ao meu lado no sofá, com uma vela perfumada de abóbora acesa na mesa de centro. “Você já fez ultrassonografias e tudo mais, não é?”

“Sim”, minto. “Está tudo bem. Estou tendo uma gravidez... difícil. Mas vou superar.”

“Vai sim”, diz ela, dando um tapinha na minha mão. “Você é uma guerreira. Olha só tudo o que você já fez! Vai ser uma ótima mãe.”

Eu sorrio para ela. É por isso que Renee se tornou uma espécie de presença constante na minha vida. Às vezes ela é irritante, mas também é compreensiva e generosa com elogios. E não disse nada de crítico sobre meu estilo de vida desde o incidente com o ácido fólico. Então, permito que ela venha me "ajudar". Na realidade, ela basicamente come a minha comida e conta histórias longas e desconexas sobre os filhos, exalando o cheiro azedo de uvas amassadas secando ao sol. Às vezes, ela usa roupas estranhas — hoje, por exemplo, apareceu com um de seus vestidos de gestante, girando pela cozinha quando a convidei a entrar.

“Gostou?”, ela pergunta agora, puxando o vestido vermelho de malha com estampa de folhas amarelas berrantes. “Você ficaria tão glamourosa com ele. Pensei que você poderia ficar com ele, se quisesse.”

Eu não quero. De jeito nenhum.

Mas vou tolerar o comportamento bizarro e a personalidade intrusiva dela por enquanto, porque é bom interagir com alguém que não seja o Graham. O bebê ainda não nasceu, e Graham não me convida mais para sair com os amigos dele, dizendo que preciso descansar. Embora ele ainda espere que a casa esteja limpa e que as refeições estejam prontas. Ele está fora do meu alcance, uma miragem no deserto da qual não consigo me aproximar.

Renee não é ideal, mas é alguém com quem posso conversar.

“O que mais você trouxe?” pergunto, apontando para a sacola aos seus pés perto do sofá.

“Ah! Livros de nomes de bebês!” Renee exclama, abaixando-se e despejando o conteúdo da sacola, que se espalha entre nós no sofá como uma barreira física. Sou grata por isso; vai impedi-la de me tocar demais, de esfregar

as mãos na minha barriga com tanta ânsia que me arrepiava.

“Nossa, obrigada”, digo, pegando um livro e folheando-o, parando na letra N, examinando a página. Independentemente do sexo, não vou chamar meu filho de Nemo.

“Este é ótimo”, diz Renee, empurrando um livro chamado Nomeie Esse Bebê! na minha direção, enquanto estou no sofá. “Eles têm uma boa mistura de nomes tradicionais e modernos.”

Fecho o livro do Nemo e pego o Nomeie Esse Bebê!, folheando-o sem realmente prestar atenção. Quero fazer isso com o Graham, não com a Renee.

“Talvez da próxima vez eu possa ir aí na sua casa”, digo, não porque eu realmente queira, mas porque estou louca para sair de casa um pouco, mesmo que seja só para dar uma voltinha. “Eu poderia ir andando. Seria bom dar um longo passeio.”

“Nossa, você não quer vir para a minha casa”, ri Renee, olhando ao redor da sala de estar branca e impecável. “Por que você iria querer sair de um lugar tão lindo? Para vir aqui, sentar em giz de cera derretido, andar em meio a montanhas de bichos de pelúcia e tropeçar em sapatos? Acredite em mim, fique na sua bolha de gravidez o máximo que puder, porque depois que esse anjinho sair de você, você nunca mais terá um minuto de paz!” Ela diz isso com leveza, mas há uma ponta de maldade em suas palavras que me faz pensar se ela está com inveja.

“O que você fazia antes dos seus filhos?”, pergunto, genuinamente curiosa. “Tipo, antes de se tornar mãe em tempo integral?”

Renee sorri, folheando aleatoriamente o livro de nomes de bebês que eu descartei, parando em uma página, franzindo a testa e balançando a cabeça. “Você não pode dar o nome de Scooter para o seu bebê. Mesmo que seja um menino. De jeito nenhum.” Ela olha para mim. “Eu era gerente de um restaurante. Era um trabalho de alta pressão e ritmo acelerado, mas eu era ótima nisso. Quando engravidei, porém, Zach e eu decidimos que fazia mais sentido eu ficar em casa com as crianças. Economizar dinheiro com babá e ter um descanso da vida no restaurante. Isso envelhece a gente, sabe?”

Não sei, mas aceno com a cabeça displicentemente. Dou uma olhada no relógio de parede dourado que fica acima da TV, seu corpo circular abstrato sustentando dois ponteiros de metal que giram lentamente em torno do mostrador. Está quase na hora de começar a preparar o jantar. E meu estômago está roncando, o bebê se ajeitando dentro de mim enquanto imagino o bife cru

nos esperando na geladeira.

"E você?", pergunta Renee.

Volto minha atenção para a mulher no meu sofá. "E eu?"

"Depois de toda aquela história do CAST, você voltou a estudar?" Ela faz uma pausa, fechando o livro que tinha nas mãos. "Estudou mais alguma coisa? Você é claramente muito inteligente e manda muito bem nas redes sociais. Fez algum curso de marketing ou algo assim?"

Recuo, com o rosto impassível. Não quero falar sobre a CAST de novo. Já foi ruim o suficiente da primeira vez; só contei a verdade porque estava em estado de choque e angústia. Mas preciso lhe dar alguma explicação. "Não tenho diploma universitário. Sempre fui boa em fotografia, no entanto. E em design de interiores. Consigo imaginar coisas lindas e replicá-las no mundo real. É para isso que nasci, e não me envergonho das minhas escolhas."

É a resposta que sempre dei quando me perguntavam sobre meus hobbies e presumiam que, por ficar em casa o dia todo, eu era chata ou burra. É a resposta segura.

Eu nunca falo sobre o CAST ou sobre o quanto eu era apaixonada por ciências quando era mais nova. Nunca falo sobre meu interesse por biologia e pelo corpo humano. É muito "masculino". Pelo menos era o que meu pai dizia quando eu era criança.

"Ciências e matemática são para meninos", ele resmungava quando eu, animada, mostrava minhas notas. "Bom trabalho, querida, mas vamos nos concentrar no que realmente importa, ok? Como está indo sua aula eletiva de culinária?"

Renee acena com a cabeça enfaticamente. "Ah, claro. Não tem problema nenhum em abandonar a faculdade se não for para você. Mas eu me pergunto..." Ela para de falar.

"O quê?", pergunto, desafiando-a.

"Bem, é... Parece que você era realmente talentosa. Pesquisei sobre esse programa depois que conversamos. CAST? Aparentemente, apenas oito alunos são aceitos por ano. É muito concorrido", ela responde, sem me encarar, folheando novamente o livro de nomes de bebês. "Eu entendo se você decidiu que não era para você. Mas por que não tentar outra coisa? Você é tão jovem. Fico me perguntando o quanto do mundo você já teve a oportunidade de explorar."

Minhas palmas esquentam e tento forçar um sorriso, sentindo as rugas de

uma carranca se formando na minha testa. “É isso que eu quero explorar. Meu lar. Minha família. Minha vida aqui.”

“Mas o que você quer?” Renee insiste, olhando para mim novamente. Seus olhos são quase tão grandes quanto sua boca, e quando ela pisca, é como se seu olhar percorresse o cômodo antes de voltar para o meu rosto — para lá e para cá, para lá e para cá. “O que você realmente quer?”

“Isto.” Gesticulo para minha barriga. “É isto que eu quero. Sempre foi.”

“Sério? Era isso que você queria ser quando era pequena?”

“Bem, sim”, digo irritada, colocando a mão protetoramente sobre minha barriga. “Tive que cuidar do meu pai quando era pequena porque minha mãe morreu. Sou boa em cuidar das pessoas. Eu estava destinada a ser assim.”

Não vou contar a ela sobre o início da CAST, sobre como eu vislumbrava um futuro diferente se desdobrando — um futuro onde eu poderia usar a biologia para ajudar as pessoas. Abandonei esse sonho quando ficou claro que a ciência, como tantas outras indústrias, era toda sobre rejeição e julgamento.

“Há uma diferença entre ser bom em algo e querer algo. É isso que você quer?”, insiste Renee. Ao ver a expressão no meu rosto, ela acrescenta: “Sabe, os pais devem cuidar dos filhos. Não o contrário.”

“Meu pai era muito ocupado”, respondo, irritada. “Ele precisava de mim.”

“Há algo que você tenha feito que tenha gostado simplesmente por ser para você? Não para as redes sociais, para o seu marido ou para o seu bebê?”

A presunção dela me incomoda e cerro os dentes, mas não consigo parar de pensar no treino de força que tentei, na sensação de poder que me proporcionava, na saudade que senti quando Graham disse que eu não deveria mais fazê-lo. Penso nas caminhadas que fiz no campo de trigo atrás de casa, aquelas que fiz sozinha antes da gravidez, sem que Graham soubesse. Penso nas aulas de biologia no ensino médio — dissecar sapos e porcos não me incomodava. Eu adorava aprender sobre o funcionamento dos seres vivos, especialmente os humanos. Mas quando contei para o meu pai, ele disse que eu era bonita demais para ser cientista. Ele não apoiou minha escolha de frequentar a CAST, mas os elogios e o carinho que me demonstrou quando desisti me mostraram que tomei a decisão certa.

“Estou ficando cansada”, digo em vez de contar qualquer coisa para a Renee, fingindo bocejar e, segundos depois, bocejando de verdade. “Acho que talvez você devesse ir.”

“Ah, tudo bem”, diz Renee, com os ombros caídos. “Se precisar de alguma

coisa, me mande uma mensagem. Vou deixar os livros aqui. Pode ignorar os nomes destacados. Foram eu que anotei, anos atrás. Fique à vontade para marcar do seu jeito."

Acompanho-a até a porta e, quando tenho certeza de que ela foi embora, volto para a cozinha, encostando a cabeça no aço inoxidável frio da geladeira, deixando meu hálito embaçar a superfície metálica.

Eca. Preciso escovar os dentes, penso, franzindo o nariz.

Meu hálito cheira a carne podre e terra recém-lavrada. Espero que a Renée não tenha percebido. Mas mesmo que tenha percebido, quem se importa? Quem é ela para me julgar? Se intrometer nos meus "desejos" e insinuar que esta vida não é a melhor para mim? Não é da conta dela. Minha vida pode estar tumultuada agora, mas tudo vai melhorar quando eu der à luz. O bebê vai normalizar tudo.

Será? Mesmo que nada sobre a concepção ou esta gravidez tenha sido normal?

Odeio essa voz.

Meu estômago ronca em resposta, como se estivesse conspirando com a minha consciência, e eu suspiro, afastando a cabeça da porta e abrindo a geladeira. Rasgo um pacote de linguças, mastigando a carne com meus molares. O bebê se mexe feliz na minha barriga enquanto a baba escorre pela minha mandíbula. Devoro a carne crua, mas não é o suficiente. Volto correndo para a geladeira e pego o bife escondido sob um saco de espinafre.

A princípio, pensei que o líquido vermelho que escorria dos bifés fosse sangue, mas depois pesquisei um pouco. Na verdade, é mioglobina, água misturada com uma proteína rica em ferro e que se liga ao oxigênio, encontrada no tecido muscular dos vertebrados. É uma delícia.

Mergulho minha língua na carne esponjosa, lambendo a mioglobina.

Talvez as coisas não sejam perfeitas. Talvez esse processo seja difícil e estranho. Talvez não seja o que eu imaginei. Mas não me importo — quando me conecto com o bebê assim, alimentando-nos da maneira mais natural e primitiva que consigo imaginar, parece certo. Eu nasci para fazer isso.

Passo a língua em volta do bife, minha parte inferior do corpo vibrando ao pensar na criatura fazendo os mesmos movimentos de lambida dentro de mim um mês e meio atrás. O bebê pula na minha barriga, exigindo atenção, e eu mordo a carne, gemendo enquanto o sabor rico e terroso explode nas minhas papilas gustativas. O cheiro metálico se instala no meu nariz, e eu quase ronro

enquanto consumo a carne crua, chupando o suco da ponta dos meus dedos e lambendo a bandeja de isopor e o plástico filme que a continham. Quando termino, o bebê se acalma e eu jogo o lixo no chão. Eu recolho depois.

Eu me deito no chão, segurando a barriga, satisfeita. A fome vai voltar — sempre volta. Mas por agora, o bebê e eu estamos alimentados e em paz. Olho para a barriga, grande ao lado dos meus braços magros e dos ossos do pulso proeminentes. Minhas mãos estão constantemente frias agora; meus pés também. Todo o meu sangue está no centro do meu corpo, ajudando a criar um ser humano.

Suspiro, limpando a boca com as costas da mão.

As palavras de Renee ecoam na minha mente. O que eu quero? Antes era o Graham. Depois, um bebê. Agora tenho os dois e, para ser sincera, não sei o que mais espero da vida.

O que eu quero?

O que alguém realmente quer? Ser feliz, saudável, realizada. Quero ser como Mara Shoemaker, exibindo minha linda vida online para que outros se inspirem, para mostrar a boa esposa e mãe que sou para as pessoas que mais importam. Sempre entrelacei minha felicidade com a dos outros, com a pessoa que cuido. Isso é o que significa ser mulher.

Mas algo nisso soa vazio agora. É como o reflexo da lua em águas tranquilas: belo e sedutor, mas uma ilusão. Se eu conseguir me desvencilhar da imagem no espelho e olhar para cima, o que pensarei da lua de verdade?

Talvez haja coisas que eu possa fazer sem me preocupar com os outros. Coisas que os homens da minha vida gentilmente reorganizaram ou removeram para que minha atenção voltasse para eles.

Graham não voltou para mim da maneira que eu queria. Na verdade, ele está se afastando ainda mais. Seu afeto é limitado e, às vezes, acho que consigo perceber falhas em sua gentileza. Será que isso sempre esteve lá e eu só estou notando agora? Ou será que esse homem simplesmente não é quem eu pensava que fosse e só agora, com a chegada iminente de alguém que eu já amo incondicionalmente, estou percebendo isso?

Estendo as pernas à minha frente no chão da cozinha, os azulejos frios na minha bunda e coxas. Encosto-me na porta da geladeira e olho para o teto.

Faz tempo que não vejo a criatura. Não tive sonhos ou visões estranhas desde o incidente na igreja. Mesmo assim, há uma ausência. Sinto falta dela.

Gemendo, viro-me para o lado e uso a maçaneta da geladeira para me

levantar. Agaco-me para pegar a embalagem do bife que deixei no chão e levo-a até a lata de lixo embaixo da pia.

O bebê chuta, uma vez. Acaricio minha barriga distraidamente, reconhecendo meu filho.

Não posso ficar aqui o dia todo. Tenho tarefas para fazer. Refeições para preparar. Graham espera que eu cuide da casa, mesmo estando grávida.

Esta é a minha vida, e eu preciso amá-la.

III Terceiro Trimestre

CAPÍTULO

17

ACONTECE Uma semana depois, uma hora após Graham sair para o trabalho.

Estou na sala de jantar, entre a cozinha aberta e a sala de estar, borrifando um produto de limpeza de lavanda na mesa e limpando-a com um pano de microfibra, quando uma forte sensação de estalo ressoa dentro do meu corpo. Um movimento de raspagem lá no fundo me faz estremecer. Uma sensação de calor surge perto da minha vagina, depois se transforma em ardência enquanto um líquido escorre pelas minhas coxas.

Levanto a saia para observar uma substância branca e viscosa rastejar pelas minhas pernas, pingando em direção ao chão impecável.

Devo colocar uma toalha, penso atordoada enquanto acompanho o caminho do líquido com o olhar.

Mas não me mexo; não quero que saia mais rápido. O líquido branco continua a escorrer do meu corpo; há veios carmesim misturados, combinando com o branco, criando um padrão caleidoscópico de faixas rosa nas minhas canelas e pés.

Quando a bolsa rompe, o líquido deveria ser transparente, talvez um amarelo pálido, inodoro, fino, aquoso. Mas este é espesso, como cola, e cheira a buraco recém-cavado. O sangue atravessa partes do dilúvio como tinta acrílica mal misturada.

Está *tudo bem*, digo a mim mesma enquanto a substância pegajosa começa a se acumular ao redor dos meus pés. O rompimento da minha bolsa não significa necessariamente que o bebê está—

Uma agonia intensa percorre meu corpo, tudo escurece por um segundo enquanto sou tomada por uma convulsão tão forte e violenta que me derruba no

chão, machucando meus joelhos. Uma perna escorrega para o lado, deslizando na poça d'água lisa, mas consigo me equilibrar inclinando-me para a frente, com as duas mãos tocando o chão seco a poucos metros de distância.

Respiro pelo nariz enquanto outra contração lancinante atravessa meu útero, meus olhos se enchendo de lágrimas com a força da dor.

"Você nasceu antes do previsto", eu ofego enquanto o bebê se mexe. Sinto como se um gato assustado estivesse preso dentro do meu útero, rasgando meu revestimento uterino com garras afiadas e dentes caninos, rastejando, se posicionando como se estivesse pronto para escapar do lar onde passou tão pouco tempo. O bebê está bem? Por que ele está se mexendo tanto?

Nada disso tem sido normal. Por que eu pensaria que o parto seria diferente?

Um grito irrompe da minha boca quando uma nova contração explode, sacudindo minha carne, corroendo meus átomos. Eu poderia me partir ao meio — a história bíblica das duas mulheres que reivindicavam a paternidade de um bebê me vem à mente. O rei se ofereceu para cortar o bebê ao meio para que cada uma ficasse com um pedaço. Uma das mulheres imediatamente desistiu da reivindicação e foi declarada a verdadeira mãe, uma mulher que não suportava ver seu filho despedaçado.

Eu deveria ser a mãe, a mulher verdadeira e nobre que não suporta ver seu bebê morto, mas em vez disso, sou a criança, dilacerada ao meio. Ninguém está aqui para me libertar da reivindicação sobre o meu corpo. Ninguém está aqui para me salvar.

De quatro, ofegante, com tanta dor que nem consigo gritar, não consigo parar de pensar em como meu cabelo deve estar horrível, grudado no meu rosto e pescoço suados. Como diabos aquelas mulheres conseguem tirar fotos de gravidez perfeitas segundos depois do parto? Ou durante? Mara tinha um fotógrafo no parto do seu quinto filho.

De repente, sou tomada por um ódio profundo por todas as mulheres da minha comunidade que insistem que o parto natural é o ideal, que agem como se você só fosse mulher se fosse mãe, que demonizam qualquer pessoa que tenha uma gravidez diferente da sua.

Outra onda de dor me atravessa, e eu reprimo um soluço seco ao pensar em dar à luz aqui, no chão da nossa sala, sozinha, como uma vaca.

Um sussurro vem do outro lado da sala, e levanto os olhos quando a porta de vidro deslizante se abre.

A criatura entra, e as luzes da casa se apagam, como nuvens engolindo o sol.

Ela deixa a porta de vidro deslizante aberta, e a brisa fresca do outono açoita a casa, refrescando meu rosto molhado. Inspiro avidamente, absorvendo o cheiro do trigo, a promessa de chuva, os pinheiros distantes na floresta.

"Fique comigo", gemo enquanto outra contração, agora mais rápida, ondula minha pele. O bebê está se libertando do meu útero, arrancando camadas das minhas entranhas, arranhando as paredes do meu corpo enquanto avança.

A criatura avança para o interior do quarto, o rosto impenetrável, os olhos brancos arregalados e vazios. Talvez esteja aqui para me matar — eu a receberia de braços abertos neste momento. Mas a criatura não faz nada, apenas permanece a alguns metros de distância, observando. Não me importo. Sou grata por não estar mais sozinha.



O trabalho de parto dura quatro horas.

Isso não é normal. Contudo, esse processo anormalmente curto é algo que pago com dor. Grito quando tenho saliva suficiente para descolar a língua do céu da boca; sou incapaz de me mover da posição de quatro, com os joelhos dormentes contra a madeira. Às vezes, sinto como se meus ossos quisessem morrer, e meus músculos os apertam com mais força e sussurram, profunda e intensamente: *Ainda não, querida, ainda não.*

A criatura se aproxima de mim e, duas horas depois, agacha-se e me observa com olhos vidrados, como se estivesse contemplando um formigueiro com um leve interesse.

Quase no fim, meus braços fraquejam, tremendo, e começo a cair de bruços, incapaz de sustentar a parte frontal do meu corpo.

A criatura se move pela primeira vez em uma hora, estendendo os braços lentamente até me amparar. A parte inferior de seus antebraços escamosos pressiona meu esterno e clavícula enquanto minha cabeça pende em direção ao chão. Meu cabelo cai em mechas desgrenhadas e encharcadas de suor sobre meu ombro. Não consigo levantar a cabeça. Permaneço inerte nos braços da criatura enquanto ela me apoia no chão de madeira manchada.

O cheiro de terra molhada é insuportável.

“Está vindo”, sussurro, sem saber se meu companheiro me entende, uma pressão intensa e irritante se acumulando no centro do meu corpo.

Um jato quente e úmido jorra da minha vagina; uma dor lancinante irradia

pela minha parte inferior, e eu automaticamente empurro, espremendo meu filho de seu antigo lar com uma ternura pulsante. O bebê começa a escorregar para fora, e eu entro em pânico, não querendo que ele caia no chão duro. Me contorço nos braços da criatura, reunindo o último resquício de força que me resta, colocando minhas mãos doloridas de volta no chão para me apoiar.

“Pegue o bebê”, resmungo, esperando que ele entenda, esperando que ao menos consiga intuir o que estou pedindo.

Respiro aliviada quando a criatura solta meu peito e desaparece suavemente da minha vista, movendo-se ao meu redor, em direção à minha retaguarda. Ela já me viu nua antes. Já me fez quebrar contra ela como uma onda em uma rocha. Ela ajudou a criar esta criança, mas nada pareceu tão íntimo quanto isso.

Graham deveria estar aqui, penso, mas logo afasto o pensamento. Este parto foi alarmante e incomum. Ele não pode ver isso. Ele não pode saber a verdade. Eu fiz isso por nós.

Gostaria que houvesse alguém aqui para me dizer para fazer força, mas não há. Preciso dizer a mim mesma.

"Força!", grito, e sinto o bebê emergir, o ar fresco brincando no meu rosto vindo da porta de correr aberta. "Só mais uma! Você consegue!"

Uma torrente de dor me invade quando o bebê se desprende do meu corpo, caindo e deixando um rastro de pequenos tremores. Rapidamente, inclino a cabeça para trás, certificando-me — e sim, a criatura pegou a criança e a está gentilmente afastando do meu corpo. O cordão umbilical é estranho — verde-escuro e pulsante. Talvez eu não esteja vendo direito.

Com a missão cumprida e sem energia nenhuma, desabo no chão em uma poça viscosa do líquido que antes estava dentro de mim. Viro-me para um lado, observando a criatura embalar o bebê, que permanece quieto e imóvel.

"O bebê... será que...?"

A criatura olha para mim, com olhos grandes, brancos e vazios. Suas asas se abrem de repente, e há rasgos na membrana coriácea, veias negras serpenteando pela pele. Ela nos envolve com as asas — a mim, a criatura, o bebê — e somos mergulhados em uma cúpula silenciosa de luz cinza. Cheira a floresta — casca de árvore, terra recém-escavada e fezes de animais. Por um instante, minha dor desaparece e uma onda de calma me envolve, aliviando meus pulmões.

Então a criatura recolhe as asas e o bebê grita, se contorcendo em seus braços. A dor retorna, fazendo minha visão vacilar por um instante. Sou engolida pela tempestade que ruga dentro de mim. Pela primeira vez, me pergunto se

sobreviverei a este parto. Mulheres morrem assim há gerações. Eu poderia facilmente me juntar a elas, especialmente porque nada nesta gravidez ou parto foi preciso ou esperado.

Pisquei rapidamente, clareando a visão a tempo de ver a criatura roer o cordão umbilical, que caiu úmido no chão com um baque surdo. A náusea subiu, mas a reprimi. Eu precisava expelir a placenta. Não conseguia distinguir entre a queimação e as dores pulsantes das contrações residuais que deveriam expulsar a placenta, então, quando ela finalmente saiu, alguns minutos depois, foi quase uma surpresa. Era como uma água-viva escapando de uma caverna. Ainda deitada de lado, a placenta deslizou pela minha perna e caiu na poça de gosma branca e sangue.

Olhei para a criatura, para o bebê que chorava em seus braços. Eu tinha uma filha.

"Oh", sussurrei. "Oh, por favor, me dê ela."

A criatura não me obedece. Em vez disso, transfere o bebê para um dos braços, avançando sobre os calcanhares para me ajudar a sentar com a mão livre. Ela me ajeita de modo que minhas costas se apoiem na mesa de jantar robusta, minhas pernas esticadas à minha frente como troncos secos.

A criatura finalmente me entrega a criança, e eu a aperto contra meu peito quente, meu coração pulsando. Ela congela imediatamente, fica em silêncio. Quando olho para o meu bebê, suas narinas estão dilatadas como as de um cachorro, farejando o ar, farejando minha pele. Ela abre os olhos, observando meu rosto.

Meu estômago se contrai. Seus olhos são completamente brancos. Ela não tem pupilas, nem íris. Apenas escleras brancas como a neve, que parecem ter sido branqueadas.

Levanto o olhar para encontrar a criatura com os olhos iguais aos meus, mas a sala está vazia. A porta de vidro deslizante continua aberta, mas o pai biológico do meu bebê sumiu.

CAPÍTULO

18

A primeira foto que postei da minha filha recebeu sessenta mil curtidas e uma enxurrada de comentários.

Fiquei radiante, mas a foto precisou ser cuidadosamente posada e editada — nela, estou sentada na cadeira de balanço do nosso lindo quartinho de bebê, segurando a pequena em um embrulho de cobertores bege. Dá para ver o rostinho dela, os traços delicados, os olhos fechados. Estou usando um gorro de tricô, com uma trança encostada no ombro para disfarçar a quantidade de cabelo que perdi. Minha aliança, bem visível, aparece na minha mão esquerda, sustentando minha filha — fiz questão de que ela estivesse na foto.

Precisei corrigir as cores de toda a foto, já que tanto eu quanto minha filha parecíamos um pouco acinzentadas e cansadas. Deixei a foto com tons quentes e brilhantes, e com meu sorriso enorme e o rostinho minúsculo do bebê dormindo, a ilusão funciona. As pessoas adoraram.

Ganhei quinhentos novos seguidores imediatamente, um deles sendo a Mara.

Dancei pelo quarto do bebê, cantando para ele. Minha filha estava deitada de costas no berço, e eu estava dobrando as roupinhas dela, organizando os looks para a semana. O Graham saiu para o trabalho há algumas horas, e não consigo imaginar uma maneira melhor de começar o dia do que passar um tempo com meu bebê e descobrir que a Mara Shoemaker me seguiu de volta depois de todos esses anos.

“Conseguimos, querida! Ela só segue cem contas”, digo com voz melosa, abraçando o celular enquanto os grandes olhos brancos da minha filha fitam o aparelho acima da sua cabeça. “Ela tem uma política de ‘um entra, um sai’. Ela

literalmente deixou de seguir outra pessoa para me seguir! Tudo por sua causa, meu amor!”

Meu amor.

Graham disse que cuidaria de toda a papelada e escolhermos um nome para nossa filha. Mas assim que fizemos isso, o nome sumiu da minha cabeça. Em vez disso, comecei a chamá-la de Meu amor. Graham, achando graça, fez o mesmo. Não sei se é para me agradar ou se ele realmente gosta, mas não importa.

Ela é Meu amor, seu nome original esquecido.

Graham ficou chocado ao chegar em casa alguns dias atrás e me ver no sofá com nossa bebê. Ele não conseguia acreditar, mesmo depois de eu explicar que Renee tinha me ajudado a dar à luz a Sweetheart e a limpar tudo depois, embora na realidade eu tivesse feito tudo sozinha.

Mas a surpresa dele se dissipou depois de algumas horas de eu repetir minhas mentiras. Mais uma vez, eu queria que ele insistisse mais. Que perguntasse por que eu não o tinha chamado para estar presente, que me interrogasse sobre a cronologia da gravidez.

Não vou deixar a ingenuidade de Graham estragar tudo para mim. E pelo menos ele parece satisfeito, babando pela Sweetheart, que milagrosamente está sempre dormindo quando ele está por perto. Graham ainda não viu os olhinhos brancos dela.

Ele também não percebe as outras anormalidades dela. Como a pele verde-acinzentada, não tão saturada quanto a da criatura, mas suficientemente visível para que ela pareça doentia e com aspecto de barro sob certas luzes. O cheiro de terra que se sobressai ao talco de bebê. O peso dela; Querida é pesada. Eu a pesei na balança do banheiro — ela tem seis quilos, e talvez isso explique a dor inimaginável que senti durante o parto. O estranho é que ela não parece grande — é como se fosse uma matriosca com corpos escondidos dentro dela.

Antes de sair esta manhã, Graham disse: “Vou trabalhar muito, querida. Vou ganhar o máximo de dinheiro possível para poder proporcionar uma vida maravilhosa para vocês dois.”

“Sim”, eu disse. “Gostaria que você pudesse estar aqui para passar mais tempo com ela.”

“Vou trabalhar bastante agora para poder estar com ela mais tarde”, explicou Graham.

Fiquei pensando se Graham estava mais encantado com a ideia de ser pai do

que com as tarefas que isso exige. “Entendo”, concordei.

“Ah”, disse Graham antes de sair pela porta. “A propósito, vou me atrasar hoje.”

Balancei a cabeça, afastando a lembrança. Não posso pensar nisso agora. Não quando finalmente tiver meu bebê e a aprovação tácita de Mara Shoemaker!

Preciso registrar este momento. Abrindo minhas fotos, encontrei o álbum com o nome da Mara e selecionei uma das minhas selfies favoritas dela — Mara em frente a uma parede bege encantadora em sua casa. Guardo as melhores fotos dela para usá-las como inspiração, mas desta vez abro um dos meus vários aplicativos de edição e carrego a foto da Mara. Percorro minhas próprias selfies até encontrar uma que pareça proporcional e a adiciono ao aplicativo. Um pouco de mágica para remover o fundo, uma ajudinha da inteligência artificial, e de repente meu rosto e o da Mara estão lado a lado em frente à parede bege dela. A iluminação está um pouco estranha, mas ficou bom. Real. Como se estivéssemos posando juntas na casa dela, melhores amigas.

Sorrindo, salvo a foto. Não vou postá-la em lugar nenhum, mas vou imprimi-la e emoldurá-la. Vou guardá-la no meu ateliê. É a maneira perfeita de marcar o início do nosso novo relacionamento.

Parelado sobre o berço, de olho na minha querida, volto ao Instagram, digitando agradecimentos nas mensagens de texto.

Uma série de mensagens de texto surge na parte superior da minha tela: o grupo de bate-papo em que estamos com os pais do Graham.

Mais fotos, por favor! Mal posso esperar para conhecê-la, diz a mãe do Graham.

Fazendo uma careta, percorro minhas fotos procurando algo apropriado para enviar. Fotografei e editei uma dúzia de fotos cuidadosamente selecionadas da minha querida para o meu pai e os pais do Graham. Envio uma agora: minha filha encolhida, com o rosto aconchegado em uma das mãos.

Um anjo! Você tem alguma foto dela acordada?

Minha garganta se fecha.

Da próxima vez que ela acordar, tentarei tirar uma, respondo digitando. *Ela dorme muito!*

Estou subestimando a situação. O padrão de sono da minha querida é mais parecido com o de uma preguiça do que com o de um bebê humano. Recém-nascidos devem dormir de doze a dezesseis horas por dia, mas a minha querida dorme perto de vinte. Não é normal, mas quando ela está acordada, parece bem,

então decido que tudo está indo como deveria.

— Que sorte! — respondeu a mãe de Graham. — Quem me dera se Graham dormisse quando era bebê!

— Ah, mãe, eu só queria passar todo o meu tempo com você — respondeu meu marido um minuto depois. Ele acrescentou o emoji de piscadela.

Guardei o telefone, sentindo um pouco de enjoo, e voltei a olhar para minha filha.

Minha querida estava me observando, com as narinas dilatadas. Ela abria e fechava a boca rapidamente, mas nenhum som saía. Ela não chorava; nunca chorava. Ela dormia e acordava no meio do dia, quando Graham estava no trabalho, me encarando.

Um fio de saliva escorria do seu lábio inferior enquanto ela cheirava o ar.

Ela está com fome. Mas temos um problema: eu não tenho leite. Meus seios nunca se desenvolveram completamente e não há nada para alimentar meu bebê. Eu não queria tentar a mamadeira — Mara odeia mamadeira — mas não tive escolha. Enviei secretamente fórmula infantil orgânica para casa por entrega expressa, mas a Querida recusou a mamadeira. Não sei mais o que fazer. Já se passaram vários dias desde o nascimento da Querida e ela ainda não comeu nada. Estou começando a entrar em pânico.

Os olhos grandes e expressivos da Querida fixam-se no meu rosto. Pelo menos, acho que ela está fixando-se no meu rosto. É difícil dizer quando não há pupilas. Talvez suas pupilas e íris sejam exatamente do mesmo tom de branco que sua esclera, ou talvez ela não tenha pupilas.

“Será que devemos tentar a fórmula de novo?” pergunto a ela, como se esperasse que ela se sentasse e me respondesse. E por que não responderia? Já não me surpreendo mais. Desde a mudança, minha vida tem sido repleta de milagres.

Uma sensação quente e úmida me invade, e eu me encolho.

Guarde esse pensamento.

“Um segundo, querida, preciso ir ao banheiro”, digo à minha amada, correndo para o quarto ao lado e para o banheiro anexo.

Com o celular na mão, abro o aplicativo do monitor de bebê para ficar de olho nela.

No banheiro, retiro o absorvente grosso da minha calcinha, encarando a terra úmida espalhada sobre ele. Não é bem lama, mais como terra escura e úmida. Como algo retirado do interior de um poço. Essa terra vem saindo de

mim desde o parto. Eu esperava o lóquio, um sangramento vaginal não muito diferente da menstruação. Cheguei a me preparar para os coágulos, que às vezes me assustavam. Me convenci de que isso poderia acontecer por semanas.

O que eu não esperava era terra úmida com cheiro de ferro e manchas enevoadas.

Pelo menos está diminuindo. As primeiras doze horas após o parto foram as piores — a terra escorregou de mim como uma avalanche de lama. Manchei irremediavelmente quatro calcinhas e usei oito absorventes higiênicos. Em um momento, simplesmente dobrei uma toalha de rosto e a enfiei na calcinha. Tive sorte de Graham estar no trabalho durante a pior parte — normalmente não uso calças, mas me enfiei em uma calça de moletom macia e apertei as coxas em volta da toalha. Encolhida no tapete do quarto do bebê, observei meu filho, fazendo caretas enquanto a terra grudenta escorria da minha vagina.

Querida, ela farejou o berço com avidez, seus olhinhos brancos como giz quase brilhando através das grades de madeira que a prendiam. Depois daquele primeiro choro após o nascimento, ela ficou bem quietinha, como se estivesse determinada a observar tudo ao seu redor antes de comentar.

Depois de trocar o absorvente, lavei as mãos e voltei para o berçário, sorrindo alegremente e batendo palmas ao ver Querida no berço.

"Oi, meu amor!", cantei para ela. "Vem cá, vamos te tirar daí e dar mais uma mamadeira. Mas não conta para ninguém! É o nosso segredinho."

Estendi uma das mantas da Sweetheart no chão do berçário. É densamente macia, da cor de chá com leite, tricotada em formato de waffle com fio orgânico. Eu mesma a fiz, e me pergunto se há uma oportunidade para fotografá-la enquanto ajusto as bordas, voltando ao berço para pegar minha filha. Delicadamente, coloco Sweetheart de costas na manta fofa e me afasto, pegando meu celular.

Os olhos da minha querida estão abertos, sem piscar, e vazios. A brancura que antes me perturbava nessa criatura, agora me encanta. Olhar em seus olhos é como contemplar a névoa aprisionada em um frasco, ou a teia de aranha derretida e misturada com leite. Seus olhos me lembram as partes mais belas da natureza: a névoa sobre um lago no outono; as nuvens que coroam os picos mais altos. Os olhos da minha querida refletem coisas que eu nunca vi, provavelmente nunca verei, e a amo ainda mais por isso.

Mas os outros não verão a beleza em seus olhos desumanos, apenas escleras brancas e trêmulas emolduradas por veias negras. Não conseguirei tirar uma foto

de seu rosto. Não enquanto ela estiver acordada assim. Em vez disso, inclino a câmera para capturar seus pés descalços apoiados no cobertor, seus dedos como pérolas.

"Olha", eu murmuro, inclinando-me sobre Querida, seu rosto a poucos centímetros dos meus pés descalços. Inclino-me ainda mais para mostrar a foto a ela. "Teremos que editá-la. Sua pele parece um pouco esverdeada com essa luz. Mas é fofa, não é?"

Querida rola rapidamente sobre o cobertor de uma maneira que nenhum recém-nascido deveria ser capaz de fazer, e antes que eu entenda o que está acontecendo, ela já arrancou dois dedos do meu pé direito com uma mordida.

Ela morde o dedinho do pé e o dedo ao lado, abocanhando com força, os ossos estalando em sua boca enquanto o sangue escorre pelo seu rosto.

A agonia começa silenciosa e se intensifica à medida que o choque passa.

"Ai", gemo. "Ai, meu Deus."

Como se pudesse me entender, Querida olha para cima, esticando o pescoço bruscamente. Nenhum bebê deveria conseguir mover o pescoço assim. Nenhum ser humano deveria conseguir mover o pescoço assim.

Querida me observa enquanto mastiga os dedos, piscando, e então volta sua atenção para o meu pé ardente, o sangue jorrando dos tocos que ela deixou para trás. Estou paralisada, tremendo de dor, tentando assimilar o que acabou de acontecer.

Mas minha filha não terminou. Ela observa o sangue escorrendo do meu ferimento e manchando seu adorável cobertor. Minha querida engole meus dedos, inclina-se para a frente novamente e prende os lábios na ponta do meu pé. Sua boca é como a de um peixe-ventosa quente; eu sou a mamadeira e ela está bebendo de mim. Espero sentir seus dentes afiados como agulhas novamente, mas ela se alimenta feliz e silenciosamente por vários minutos até se afastar, chupando as mãos.

"Oh", sussurro, olhando para o meu pé, com a boca entreaberta.

A carne mastigada se fechou. Uma fina camada de pele avermelhada cobre o local onde meus dois dedos costumavam estar. Uma cicatriz recém-cicatrizada.

Estou fraco e cambaleando. Imagino quanto sangue perdi enquanto Querida mamava. A dor é abafada, mas latejante, irregular e com os olhos lacrimejando. Poderia ter sido pior; a saliva de Querida selou o ferimento, impedindo que eu sangrasse até a morte.

Querida rola de costas, chutando as pernas alegremente, gorgolejando,

bolhas de sangue estourando em seus lábios enquanto sorri para mim.

É então que consigo ver bem os dentes que não tinha notado.

Eu juraria que ela não os tinha ontem. Mas agora, com a boca aberta e o rosto iluminado de satisfação, consigo ver uma fina fileira de dentes afiados como navalhas. Dentes talvez não seja a palavra certa. Parecem mais presas de cobra; a boca pequena, mas mortal, de um réptil.

Saio cambaleando do cobertor, agarrando o peito, olhando para os respingos de sangue no tecido de malha. Não tenho certeza se essas manchas vão sair. Droga. Eu realmente amava aquele cobertor. Agora vou ter que jogá-lo fora antes que Graham veja. Meu olhar volta para o espaço entre meus dedos, o coração disparado, ainda sem conseguir aceitar que duas partes do meu corpo se foram completamente. Continuo esperando que elas brotem das pontas dos cotos, como se tudo isso fosse uma piada de mau gosto.

Minha querida solta um gritinho, um gorjeio de bebê que denota alegria. Esta é a vez que ela está mais vocal e ativa desde que nasceu.

Ela ainda não deveria ter dentes, principalmente não esses que tem. Ela não deveria conseguir se mexer assim. Ela não deveria ter sangue escorrendo pelos lábios, dos dedos que ela arrancou do meu corpo com tanta vontade.

Mas ela finalmente comeu. E parece feliz. Radiante, até. Se é disso que a Querida precisa para viver, não posso negar a ela. Meu pulso desacelera e eu me ajoelho no chão ao lado da minha filha, colocando a mão na barriga dela. O algodão macio do seu macacão, cor de aveia com botões bege, está quentinho sob a minha palma. A Querida grita de novo, um grito de alegria, balançando as pernas como se estivesse pedalando.

Penso na carne crua que eu desejava durante a gravidez — a carne crua que continuo comendo mesmo depois de ter dado à luz. Tentei voltar a comer alimentos cozidos e vegetais nos dias seguintes à chegada do meu amor, mas vomitei tudo imediatamente. Parece que agora peguei o gosto e não consigo voltar atrás. O engano continua — cozinho para o Graham as mesmas refeições que ele já espera, enquanto me empanturro de pedaços grossos de carne vermelha quando ele não está por perto.

"Carne, querido? É isso que você quer? Podemos fazer isso", digo.

Instalei o monitor de bebê para poder ver minha querida no chão e desci as escadas correndo, pulando os portões de segurança que já havia instalado. Com o celular na mão, de olho na minha filha, que balbuciava alegremente em preto e branco no cobertor, abri a porta da geladeira. Meu estômago revirou de fome

enquanto eu rasgava um pacote de carne moída orgânica, quebrando um pedaço e fechando a porta com força. Subi as escadas correndo e voltei para o quarto do bebê, ofegante.

Eu me agacho ao lado da minha Querida novamente, meus dedos amputados pulsando com meu coração acelerado, uma dor abafada no pé. Não tenho medo da minha filha, mas prendo a respiração quando me inclino para levantar sua cabeça para que ela não se engasgue com a comida que estou oferecendo. Querida não tenta me morder novamente, apenas me encara com seu olhar leitoso.

"Aqui está, meu bem", digo, quebrando um pedaço de carne do que peguei e o aproximando da boca dela.

Os lábios da Querida se fecham com um estalo. Ela me olha com os olhos semicerrados, como se estivesse completamente ofendida.

"Vamos lá, meu amor", murmuro. "É isso que você quer, não é?"

Empurro a carne em direção aos seus lábios fechados, e ela vira a cabeça, o rosto se contorcendo enquanto lágrimas se formam em seus olhos brancos.

"Está tudo bem", insisto, colocando a carne na minha própria boca e mastigando-a exageradamente. "Viu? Ótimo!"

Talvez ela perceba que estou mentindo. A carne não tem o mesmo gosto de antes. Não estragou; eu verifiquei. Mas o pedaço que estou mastigando não sacia como há algumas semanas. Está sem graça e seco, como cereal sem leite ou salada sem molho.

Minha querida vira o rosto resolutamente quando tento novamente, tentando-a com outro pedaço, desta vez um que escorre mioglobina. Ela começa a fungar, e eu não consigo imaginar o que os influenciadores que sigo diriam se pudessem me ver tentando forçar minha recém-nascida a comer carne crua.

Eu seria cancelada rapidinho.

Talvez ela não esteja com fome? Talvez meus dedos do pé tenham sido suficientes para ela?

Não quero que a Querida comece a chorar, então deixo o resto da carne no cobertor de bebê estragado e a seguro, cantando uma canção desafinada e balançando-a para frente e para trás nos meus joelhos, tentando ignorar a estranha sensação de ausência no meu pé direito.

Meus movimentos reconfortantes não estão acalmando a Querida. Ela está resmungando e reclamando, seus punhos pequeninos subindo para esfregar os olhos, sua boca manchada de sangue.

Suspiro, colocando-a de volta no cobertor. "Tudo bem. Espere um minuto."

Desço correndo as escadas, trazendo a faca mais afiada que temos. É bem pequena — uso para desossar. Minha filha se anima ao me ver voltar ao berçário com a faca, embora não tenha a menor ideia para que serve. Ela ainda nem tem noção de permanência do objeto. Mas há uma inteligência no rosto da minha filha que me intriga. Ela é um bebê especial. Nem todos os livros do mundo poderiam me preparar para ela.

Tiro o vestido, passando-o pela cabeça, e a faca desaparece na escuridão do tecido por um instante. Deixo o vestido cair no chão e o chuto para o lado, reprimindo as batidas do meu coração e a secura amarga da minha boca.

Minha querida jaz sobre o cobertor ensanguentado, olhando para mim, expectante.

"Eu te amo muito", sussurro para ela.

Aperto uma dobra de pele na minha barriga, que está solta e esticada pela impressão da minha filha dentro de mim, e a puxo para longe do meu corpo com uma mão, cortando com a outra. Minha mira é surpreendentemente firme e precisa — a faca corta a pele esticada com uma rapidez cortante, separando um pequeno pedaço de carne da minha barriga.

Sweetheart chuta os pés, suas bochechas rechonchudas tremendo com o movimento, seus lábios se entreabrindo mais uma vez para revelar seus dentes de lagarto. Ela gorgoleja para mim enquanto eu caio pesadamente de joelhos, o ferimento em meu estômago sangrando livremente, o pedaço de carne tremendo em minha mão. Há uma queimação intensa ao redor do corte, e cada gota de sangue que escorre dele forma uma marca quente na minha pele nua.

Levantando a cabeça de Sweetheart novamente, ofereço-lhe gentilmente um pedaço de mim. Ela o abocanha avidamente, devorando-o rapidamente. Ela costumava estar dentro de mim, então talvez seja certo que haja pedaços de mim dentro dela agora.

"Vamos lá", digo suavemente, erguendo-a até meu estômago. "Coma."

Ela se agarra à ferida e suga, emitindo grunhidos felizes contra meu corpo. Seus pés param de chutar, e seus punhos minúsculos se fecham como conchas enquanto ela se aninha contra minha barriga, com os lábios manchados de vermelho.

Eu suspiro, um suspiro irregular e entrecortado que afunda até o fundo do meu corpo. A dor está diminuindo — o apego de Querida está estancando o sangramento, e a ardência está se reduzindo a uma leve brasa.

Ela deve estar com fome depois de dias sem comer, então permito que ela se alimente à vontade, mesmo quando fico tonta e manchas pretas e difusas aparecem na minha visão. Finalmente, Querida se afasta da minha barriga com um som molhado. Colocando-a cuidadosamente de volta sobre o cobertor destruído, examino meu corpo.

Da mesma forma que meus dedos dos pés agora estão cobertos por uma pele rosa-avermelhada que arde silenciosamente e esconde qualquer sinal de um ferimento horrível, o corte está cicatrizado. Há uma pequena depressão na minha carne, evidência do pedaço que faltava, mas a ferida aberta que eu causei desapareceu.

Com as mãos nos joelhos, nua, exceto pelas minhas roupas íntimas, eu estremeço. Minha filha precisa da minha carne e do meu sangue para sobreviver. De certa forma, faz sentido. Ela foi criada a partir de mim e tão prematura — talvez ela precise de mais de mim para continuar crescendo.

Sem coragem de me levantar, sabendo o quanto estou tonta, observo Sweetheart, que já adormeceu. Sua respiração é constante e profunda, e o subir e descer do seu peito me acalma, me traz de volta ao meu corpo. Pontadas de dor reverberam no meu pé direito e abdômen, mas são tênues, já lembranças. Parece que não terei que morrer para alimentar minha filha — a forma como ela se alimenta me permitirá sobreviver.

Há sangue espalhado em seu rosto, então rastejo até o trocador de bebês e pego os lenços umedecidos antes de me arrastar de volta para Sweetheart. Limpo sua boca com leves toques, removendo o sangue delicadamente, o que deixa o lenço umedecido rosa.

Meu coração transborda de amor por ela. Afinal, a maternidade não é feita de sacrifícios? Se é disso que ela precisa, tenho que fazer o que for preciso para alimentá-la. Estou disposta a abrir mão de partes de mim para garantir que minha filha tenha uma vida saudável.

"Você é a melhor coisa que já me aconteceu", digo para minha filha adormecida, deixando o lenço umedecido de lado, na esperança de que ela esteja sonhando.

Tiro uma foto dela, de olhos fechados, com o sangue limpo das bochechas, o cobertor encharcado de vermelho cortado da imagem, e a publico nos meus stories com a legenda "Meu anjinho".

CAPÍTULO

19

NO DIA SEGUINTE, Renee aparece na nossa entrada quinze minutos depois de Graham sair para o trabalho. Não a vi desde nossa conversa constrangedora sobre o que eu realmente “quero”, mas ela me mandou várias mensagens depois pedindo desculpas e dizendo que estou fazendo um ótimo trabalho.

Mesmo assim, penso em deixá-la na varanda, mas ela está batendo na porta, tocando a campainha horrível, gritando através do vidro fosco: “Meu Deus, você já teve o bebê?! Já?”

Preciso começar a impor alguns limites aqui — e se ela tivesse chegado vinte minutos antes e ela e Graham tivessem se encontrado? Ele poderia ter percebido que ela não é minha parteira.

“Por favor, me mande uma mensagem antes de vir, tá?” digo quando finalmente abro a porta para Renee, que entra em casa com a energia de um touro em um ateliê de cerâmica.

Acho que Renee não assimilou nada do que eu disse. Ela está correndo pelo corredor, entrando na cozinha a passos largos, girando a cabeça sem parar.

“Onde ela está? Ah, por que você não me ligou? Eu vi online! Vi suas lindas postagens sobre ela nas redes sociais. Camille, estou tão feliz! Por favor, me deixe vê-la! Onde ela está?” A energia de Renee é tão frenética e entusiasmada que fico um pouco surpresa. Parece... desproporcional, considerando que ela não me conhece há muito tempo.

“Hum, na verdade, ela está dormindo. Lá em cima.”

“Ah, por favor, podemos ir vê-la?” Renee pergunta, literalmente pulando de alegria na minha cozinha. “Não vou acordá-la, prometo. Quero ver. As fotos online não foram suficientes.”

Nunca me aconteceu isso antes — uma seguidora que pode me seguir na vida real. Os amigos do Graham achavam minhas contas muito “femininas” e nunca se deram ao trabalho de me seguir. Mas a admiração da Renee por mim e pela minha vida é contagiante. A minha querida está dormindo e o quarto está escuro. Não custa nada deixar a Renee dar uma espiadinha. Ainda não tive a oportunidade de mostrar minha linda filha pessoalmente, e a Renee está sempre cheia de elogios.

“Tudo bem”, eu cedo. “Mas só por um minuto.”

Enquanto subimos a escada, uma leve pulsação ecoa no meu pé. Meus dedos ausentes estão escondidos por grossas meias de lã, e espero que Renee não note o tecido solto na extremidade do meu pé direito. Graham certamente não notou.

"Querida. Que nome encantador", sussurra Renee enquanto me segue pelo corredor do andar de cima. "Não seria o que eu teria escolhido, mas é muito fofo. Como você está se sentindo? Ela nasceu prematura? Não acredito que você acabou de dar à luz. Qual era a sua data prevista mesmo?"

Me viro quando chegamos à porta aberta do berçário, disfarçando com um sorriso a ameaça de franzir a testa, e coloco um dedo nos lábios. "Silêncio, por favor. Tenho certeza de que você sabe como pode ser difícil fazer um recém-nascido descer."

“Com certeza”, diz Renee, baixando ainda mais a voz. “Nem um pio.”

Com as cortinas fechadas e o abajur apagado, o quarto está escuro o suficiente para que a pele esverdeada da minha filha não seja perceptível. Seu rosto está virado para a parede, e ela resmunga enquanto dorme, os olhos brancos felizmente fechados.

Renee coloca as duas mãos no berço e se inclina, os cabelos escuros caindo sobre as orelhas. Seu rosto brilha enquanto ela faz carinho na minha filha em silêncio. Luto contra a vontade de arrancar a mulher de perto do berço e empurrá-la para fora do quarto, batendo a porta atrás dela. É estranho compartilhar minha filha com alguém novo; não consigo conter o instinto protetor que surge dentro de mim.

Depois de cinco minutos encarando minha bebê dormindo como uma pervertida, Renee finalmente se dá por satisfeita e acena para mim. Nós duas voltamos para o andar de baixo, onde podemos conversar enquanto eu fico de olho na minha querida pelo monitor de bebê.

Dessa vez, não ofereço comida nem bebida para Renee. Não quero que ela

fique muito tempo; não me sinto mais sozinha. Tenho minha filha.

"Sabe, se você precisar de um descanso ou de uma babá, estou à disposição!", diz Renee, com a voz um pouco embargada, como se o pensamento a tivesse tomado de emoção. "Uma casa tranquila e silenciosa faria bem para você. Eu poderia ficar com ela lá em casa por algumas horas. Ou até meio dia! Você não deve estar dormindo muito."

Ela não sabe de nada.

De jeito nenhum eu deixaria a Sweetheart sozinha com essa mulher. Mal a conheço e, além disso, a Sweetheart precisa ser protegida. Tenho sorte de ela estar dormindo agora. Não consigo imaginar a reação da Renee se visse minha filha com os olhos abertos.

"Obrigada, mas temos babá", minto.

"Então vamos lá!" diz Renee, aproximando-se de mim na cozinha. Seus dentes estão levemente arroxeados, como se ela tivesse chupado uma bala de uva. "Conte-me tudo!"

Ela está falando arrastado ou está muito animada?

"Adoraria", digo, recuando um pouco, examinando sua boca de elástico e o casaco azul fofo que ela não se deu ao trabalho de tirar. "Mas temos uma consulta médica marcada. Talvez em outra hora."

Renee suspira, semicerrando os olhos. "Droga! Mas acho que é importante. Ir com frequência, garantir que tudo esteja normal e sem problemas!"

Essas são duas palavras que eu jamais usaria para descrever a primeira semana da minha querida na Terra. "É verdade", respondo. "A saúde dela vem em primeiro lugar."

"Devo dizer que fico aliviada em ouvir isso", admite Renee, arrastando os pés enquanto a conduzo novamente em direção à porta da frente.

Paro em frente ao espelho do corredor, observando minha pele pálida e meu cabelo ralo. "O que você quer dizer?"

Renée se mexe, umedecendo os lábios manchados. "Pelo que você disse, parece que você não... acredita nisso. Sabe, com essa sua coisa de dona de casa tradicional e tudo mais. Mas aí eu pensei: 'Não, ela tem formação científica; ela sabe o quanto isso é importante!'"

Cerco os punhos e abro um sorriso forçado. "Eu faria qualquer coisa para manter meu bebê seguro."

Renée acena com a cabeça, retribuindo meu sorriso, embora o dela pareça menor que o normal. "Só a mantenha longe da floresta."

Paro diante da soleira. Esta é a segunda vez que Renee menciona a floresta comigo. "Há algo que eu precise saber? Graham disse que animais de fazenda às vezes desaparecem, mas..."

Renee torce as mãos. "Não quero te preocupar."

"Renee. Por favor."

Ela suspira, olhando furtivamente ao redor. "Animais de fazenda são... levados. Animais grandes também, não só galinhas e patos. Vacas. Cavalos. Quase nunca encontram restos mortais, o que é estranho. Virou uma lenda local. Dizem que a cada poucos anos, como um relógio, um caçador entra na floresta para matar o urso ou felino grande que vive lá." Ela faz uma careta. "Nem todos voltam."

Minha boca seca. "Pessoas já morreram lá dentro?"

Renee balança a cabeça. "Ah, duvido. Superstição local, sabe como é. Mas com certeza tem alguma coisa comendo animais de fazenda, então é melhor ficar longe, de qualquer forma."

"Entendo", murmuro, me perguntando se Graham sabe de alguma coisa disso. "Bom, obrigada por me contar." Dando um passo à frente, abro a porta com um gesto incisivo, fazendo um gesto para Renee entrar. "A gente se vê por aí."

Ela obedece à deixa social, desviando um pouco do caminho ao sair. Virando-se, ela diz por cima do ombro: "Mas falando sério. Se precisar de ajuda, me avisa. Adoraria cuidar das crianças!"

Enquanto ela caminha até a entrada da garagem, imagino-me correndo atrás dela e esmagando seu rosto contra o chão, jogando pedrinhas em sua pele, quebrando suas maçãs do rosto.

Sorrio e aceno enquanto ela vai embora.

★ ★ ★

Na sexta-feira, faço uma live para apresentar oficialmente minha filha ao mundo. Aos seus futuros fãs. Apenas algumas centenas de pessoas assistem à minha live; Mara recebe milhares, mas isso é mais do que da última vez que fiz uma dessas, antes da Sweetheart nascer.

Estamos sentadas no sofá da sala, com o telefone apoiado na mesa de centro a poucos metros de distância. Minha filha está aconchegada contra meu peito, com os olhos fechados de forma inquietante. Posicionei uma luz amarela quente

fora do enquadramento para que seu brilho disfarce um pouco a coloração peculiar da Sweetheart, e a enrolei em uma manta cinza-escura para disfarçar a cor da sua pele.

Ah, é a iluminação e a manta, imagino dizendo para quem notar.

Há outro cobertor sobre minhas pernas. O campo já abraçou o outono por completo, então meu corpo está escondido sob um longo vestido branco de lã, mas não quero correr riscos — a pele marcada e brilhante das minhas coxas e barriga precisa ficar fora de vista. Ninguém vai entender que eu alimento Sweetheart não com meus seios, mas com meu sangue.

Tenho usado meias grossas pela casa, e hoje meus pés também estão enfiados em pantufas quentinhas de pele de carneiro que escondem completamente o fato de eu ter perdido dois dedos.

“Vamos ver”, digo, semicerrando os olhos para a câmera, lendo os comentários flutuantes dos meus seguidores. “Ai, Andrea! Adorei seu último post com seus filhos na sala de aula.” Leio a pergunta dela em voz alta, devagar, para quem está assistindo: “A Andrea pergunta: ‘Quais são seus planos para a escola? Aliás, você está linda.’ Ai, Andrea, você é tão querida!” Dou risada, percebendo que a manta da minha filha escorregou no vídeo e ajustando-a. Jogo minha trança por cima do ombro. Não estou linda — estou ficando craque em disfarçar meu cabelo ralo, que não cresceu de novo, meus membros finos e minha pele pálida e cansada. É incrível o que um pouco de bronzeador, chapéus e camadas de roupa outonais podem esconder quando se usa a criatividade.

Disfarço uma careta enquanto me ajesto na almofada do sofá. Meu bebê está pesado — é como se eu estivesse segurando um saco de tijolos no colo em vez de um bebê, e preciso me mexer com cuidado. Ainda estou dolorida e inchada por causa do parto. Há espaços na minha barriga e nas coxas que não existiam antes. A pele cicatrizou, mas os locais de amamentação estão sensíveis.

Também estou enrolando. Não sei como responder à pergunta da Andrea porque nunca pensei ou conversei sobre isso com o Graham. O que é... estranho. Por outro lado, achei que tínhamos mais tempo. Eu não fazia ideia de que engravidaria e daria à luz em um intervalo de dois meses.

Sempre presumi que mandaríamos nossos filhos para a escola, mas a casa nova é tão longe da civilização. E a Querida é... diferente das outras crianças.

“Estamos analisando algumas opções”, digo, sem querer deixar muito silêncio constrangedor na transmissão ao vivo. “Mas preciso admitir que estou inclinada para o ensino domiciliar. Parece ser a melhor opção, considerando

nossa localização e nossos valores. E você fez parecer tão incrível, Andrea! Um abraço para a Andrea por ser uma defensora tão ativa do ensino domiciliar em nossa comunidade! Ah, aqui vai outra pergunta: ‘Quem é a sua maior inspiração?’”. Eu rio e ajusto minha cadeira mais uma vez. “Essa é fácil! Mara Shoemaker é um pilar em nossa comunidade, e se eu conseguir ser metade da mulher que ela é, já estarei fazendo meu trabalho direito.”

Uma explosão de corações ilumina minha tela enquanto as pessoas que assistem enviam sua aprovação silenciosa à minha declaração. Mara não está na minha live — ela é muito popular e ocupada para isso — mas seus fãs estão por toda parte, e um deles pode comentar com ela. Quem você conhece é tudo online; Mara me segue, e agora eu preciso do engajamento dela. Se Mara te marcar em um story ou em uma publicação, você pode ganhar milhares de seguidores da noite para o dia.

Outra pergunta aparece na tela, e eu a leio em voz alta sem pensar, antes de perceber o que diz: “Você é uma dona de casa tradicional de verdade ou está fingendo?”

Um calor sufocante me invade o estômago. Minha pálpebra direita treme e sorrio para disfarçar o ranger de dentes. Outro comentário vem logo em seguida, e desta vez não sou tola o suficiente para repeti-lo como se estivesse lendo um teleprompter: *Vi que você era cientista. O que aconteceu?*

Cravo as unhas na palma da mão, a dor lancinante aguçando meus pensamentos.

Pelo amor de Deus. Eu nem era cientista de verdade; eu tinha interesse na escola e a abandonei em menos de um ano! Mas claramente alguém viu os comentários da Melody na minha postagem de semanas atrás e os interpretou mal.

“Estou comprometida em ser a melhor esposa e mãe que posso ser”, digo formalmente para a câmera. “Mara deixou Hollywood para cumprir seu dever, e eu deixei meu passado para trás para fazer o mesmo.”

Uma série de corações aparece na tela — menos do que antes, mas o suficiente para que eu respire fundo e sinta minhas costas relaxarem. Minha palma está úmida; olho para as gotas de sangue que minhas unhas deixaram na minha pele.

No meu colo, o nariz da minha filha se mexe. Olho para a câmera e depois para ela. Seu rosto está se contraindo e ela começa a resmungar.

Ela está acordando.

“Bem, parece que minha pequena precisa trocar a fralda!” digo para a câmera, tentando disfarçar o pânico na voz. Preciso encerrar a live antes que a Querida abra os olhos ou que eu receba outras perguntas horríveis e julgadoras. “Essa foi rápida, mas volto na próxima para conversar com vocês!”

A Querida boceja e abre os olhos.

Minha mão livre se estende e pego o celular, erguendo-o para que apenas meu rosto apareça na tela. “Tchau, pessoal, até mais!”

Encerro a live com o coração disparado. Suspiro, deixando o celular cair ao meu lado no sofá, e gemo enquanto ajeito a Querida para aliviar o peso dela dos meus joelhos.

Ela resmunga para mim, fazendo birra. Menti — a fralda dela não está suja. As evacuações da Querida são raras e incomuns. A urina dela é branca, da mesma cor dos olhos, e as fezes têm a consistência e a cor de terra molhada. Aliás, cheiram a terra: terra úmida e compactada que escorre dela como cimento derramado. Quando a Querida vai ao banheiro, ela congela e sorri, mostrando os dentes de réptil. Eu já estava preparada para vazamentos e fezes com cheiro ruim, mas a pior parte das defecações da Querida é o peso delas. Tenho que usar dois sacos plásticos e jogá-las no campo de trigo moribundo atrás de casa.

Não, quando ela fica inquieta e vocal assim, é porque está com fome.

“Tudo bem”, digo, pegando-a no colo e levando-a para a cozinha, onde está sua cadeirinha. Ela fica tentando se virar e lambe as manchas de sangue na minha palma.

A minha querida está a ultrapassar os marcos do desenvolvimento infantil como se fossem itens insignificantes numa lista de tarefas improvisada — já consegue sentar-se sozinha, reconhecer-se ao espelho e balbuciar sons sem sentido. Curiosamente, só faz estas coisas quando estamos só nós duas. Quando o Graham está em casa, ela dorme. Quando a Renee aparece para trazer mais uma sacola de coisas de bebê que não quer mais, o que já aconteceu duas vezes desde que nos viu no início da semana, ela dorme. A minha querida passa a maior parte do tempo no mundo dos sonhos, mas é curioso como ela consegue sincronizar tudo tão perfeitamente.

Ela resmunga na cadeirinha, chutando as pernas gordinhas e agitando os punhos. Os olhos da minha querida, cobertos de neve, arregalam-se e demonstram grande interesse enquanto ela me grita.

“Sim, sim, eu sei”, digo, procurando a faca de desossar.

Pronto. Deixei secando no escorredor de pratos de bambu.

Agora temos um processo. Abro um saco de lixo e o coloco no chão embaixo da cadeirinha da minha filha para aparar qualquer respingo ou derramamento. Tiro as camadas de roupa, levanto o vestido e jogo a saia por cima do ombro, decidindo onde cortar hoje. A barriga é a mais fácil. É a mais acessível para ela, e a pele ainda está elástica.

Com precisão, corto a carne, ignorando a pontada inicial de dor que irradia ao redor do local, coloco a faca molhada na bandeja da cadeirinha e me aproximo da minha filha para que ela possa mamar.

Levanto o vestido, respirando fundo enquanto ela se alimenta. Ela nunca come demais. Nos três dias desde que comeu meus dedos do pé, ela nunca se alimentou tanto a ponto de eu desmaiar, e por isso sou grata.

Quando ela termina, com a pele já começando a cicatrizar, abaixo o vestido, limpo o sangue do rosto dela e coloco tudo que estiver manchado ou com sangue no saco de lixo aos meus pés, jogando tudo fora. Vou levar para as lixeiras mais tarde, antes de Graham chegar em casa.

Depois de alimentar a Querida, deixo-a na cadeirinha na cozinha para que ela possa observar enquanto eu como minha refeição diária de bife cru. Ultimamente, tem sido difícil engolir qualquer outra coisa. O sabor insosso do bife fica mais evidente a cada dia, como chiclete grudado na boca por tempo demais. A fome me corrói por dentro mesmo depois de me fartar. Não é suficiente. É como se não houvesse vida suficiente ali.

A Querida boceja; ela está pronta para voltar a dormir. Ela só acorda para mamar e, ocasionalmente, para me encarar em silêncio, como se tentasse entender o rosto que vê a cada minuto de sua vida acordada.

Levo-a para o andar de cima, até o berço, e ela já está dormindo profundamente quando a acomodo. Meu corpo dói quando volto para baixo. Estou muito atrasada com as tarefas domésticas desde que dei à luz. Não é que a minha querida ocupe muito tempo; é que não consigo mais a mesma rapidez e meticulosidade de antes. Tudo leva uma eternidade, cada movimento é custoso, e a motivação que eu tinha para manter a casa limpa desapareceu.

Começo a arrumar a casa, mas quando entro na sala para pegar meu copo d'água — a única coisa que consigo beber sem me dar enjoo —, um movimento me chama a atenção.

Há uma sombra na porta de vidro deslizante. Uma forma escura que mal consigo vislumbrar, passando rapidamente pelo espaço aberto do quintal e pelos campos além dele.

Quando finalmente me apresso para lá, porém, não há nada. Apenas a vista do quintal, a grama seca, as hastes de trigo murchando lentamente, que estão ficando opacas e crocantes. Encaro a porta por um instante, observando o trigo ondulando, procurando por movimento. Depois de alguns segundos, avisto algo caído no chão do outro lado do vidro, apoiado no degrau de concreto que leva ao quintal.

"Será que é uma...?"

Uma lebre morta. Corpo marrom encolhido a trinta centímetros da casa. Esfrego os olhos, certificando-me de que é real. Seu pescoço está quebrado.

A saliva se acumula na minha boca enquanto estou ali parada, uma ânsia crescente se instalando em meu estômago. Imagino o cheiro do corpo esfriando através do vidro; imagino como seria morder sua carne com sabor de caça.

Não, penso, me afastando. Não.

Quando levanto os olhos, a criatura está parada entre as hastes, observando-me, a luz do sol texturizando suas asas coriáceas.

Sem pensar, deslizo a porta de vidro e saio, os olhos fixos na criatura. O ar cheira a folhas secas e poeira, e a luz do sol incide sobre o campo de trigo, fazendo-o cintilar.

A criatura e eu nos encaramos por um instante, e então ela se camufla novamente no campo, sua pele cinzenta se misturando com as hastes altas até que tudo o que consigo ver é o brilho pálido de seus olhos.

Engolindo em seco, volto minha atenção para a lebre, cutucando-a com o pé como se quisesse ter certeza de que está realmente morta.

O campo de trigo sussurra ao meu redor. A casa é uma ilha em um mar de ouro moribundo. Prendendo a respiração, movo a lebre com o pé, tirando-a do degrau de concreto e colocando-a ao lado da casa, de modo que não seja mais visível da porta.

Voltando para a casa, ignoro resolutamente o ronco do meu estômago e a umidade da minha boca.

CAPÍTULO

20

GRAHAM REALMENTE CHEGA em casa a tempo para o jantar hoje à noite, devorando avidamente a sopa de abóbora que preparei do zero, mergulhando o pão de fermentação natural sem ácido fólico no caldo amarelo e o devorando ferozmente antes de passar para o frango grelhado.

Apressei-me para deixar tudo pronto para a chegada de Graham; estava distraída depois de encontrar a lebre no quintal.

"Você está com muita fome hoje à noite", digo, com a voz leve.

Desde o nascimento da Sweetheart, tenho sentido cada vez mais que não tenho nada para conversar com o Graham. Deveria ser o contrário. Deveríamos estar constantemente trocando mensagens e conversando sobre nossa filha. Mas ele está tão distante fisicamente e completamente satisfeito em me deixar cuidar de tudo relacionado ao bebê.

Sobre o que costumávamos conversar? Quebro a cabeça, tentando me lembrar. O trabalho dele, talvez. Os amigos. Os interesses. A vida dele. De vez em quando, eu contava algo sobre o meu dia ou como tinham ido as tarefas, mas sempre percebia que o Graham estava ouvindo pela metade, sendo educado e acenando com a cabeça nos momentos certos, sem realmente absorver nada do que eu dizia.

Mas agora meu marido está em casa, é sexta à noite, e eu deveria me esforçar mais para voltarmos a ser como éramos antes. Afinal, esse era o objetivo de tudo isso.

"Como foi seu dia?", pergunto. A lebre morta do lado de fora de casa me vem à mente, e eu a afasto. "Conte-me tudo."

"Ah, você sabe, normal", diz Graham. "Sem graça. Esqueci de comer o

almoço que você preparou, então estou morrendo de fome. Aliás, está ótimo", acrescenta, cutucando o frango.

"Obrigada." Forço um sorriso, mexendo na comida no meu prato e olhando para o celular para ter certeza de que a Querida está dormindo profundamente no berço. "Que bom que você gostou. E que bom que você está aqui para o jantar. Sentimos sua falta."

"É", diz Graham, engolindo um pedaço de frango meio mastigado. "Eu ia falar com você sobre isso. Vou tentar estar mais presente, tá bom? Eu sei o quanto você trabalha. Quero proporcionar uma vida boa para nós. E para o meu amor. Mas também quero estar mais por perto."

Meu coração se enche de alegria e meus lábios se abrem em um sorriso mais genuíno. "É tão bom ouvir você dizer isso, amor. Eu também quero isso."

Pode ter demorado um pouco, mas Graham finalmente está voltando para mim. Graças a Deus.

Graham não mexe no celular durante todo o jantar. Nada de mensagens, nada de ficar rolando a tela, nada de sumir na conversa para "verificar" alguma coisa.

Talvez eles tenham brigado, sussurra a voz que eu detesto no meu ouvido. Talvez ele esteja irritado e por isso esteja voltando para o que conhece. O que é fácil.

Afasto esse pensamento traiçoeiro. Não há verdade nisso, e não vou ficar remoendo, não importa o que meu subconsciente murmure. Preciso manter o otimismo: homens como Graham, que têm esposas como eu, não precisam trair.

Depois do jantar, arrumo a louça e Graham me ajuda, secando os pratos e colocando-os no escorredor de bambu.

"O que aconteceu aqui?", ele pergunta, passando o dedo na janela acima da pia, finalmente percebendo a marca de garra que a criatura deixou semanas atrás. "Parece que foi do lado de fora. Uma pedrinha bateu na casa ou algo assim?"

Minha garganta aperta e dou de ombros. "Não faço ideia. Acho que terminamos, querido. Quer vir comigo ver como está a Sweetheart?"

Distraído, Graham me segue escada acima e sinto seus olhos em minhas costas enquanto ele me acompanha. O vestido vintage laranja-escuro que estou usando abraça minha cintura e cai até o chão, cobrindo meu corpo, que se recusa a voltar ao normal.

No berçário, Graham e eu caminhamos na ponta dos pés até o berço, o quarto iluminado pela luz amarela suave do abajur. Observamos nossa filha

dormir, um punho cerrado perto da cabeça, o outro ao lado do corpo. Na penumbra, com seu macacão cor de casca de ovo e os olhos bem fechados, Sweetheart parece um bebê como qualquer outro.

“Tivemos muita sorte”, diz Graham, sorrindo para Sweetheart, com os braços em volta dos meus ombros. Observamos seu rostinho se mexer enquanto ela dorme. “Ela é um bebê tão tranquilo.”

Ele pensaria isso. Ele não está em casa quando ela está acordada e com fome. Ele não vê os olhos dela e não olha com atenção suficiente para notar sua pele acinzentada ou o fato de que ela já tem dentes.

“Sim”, concordo mesmo assim. “Ela é perfeita.” E embora ela seja difícil e mais complicada de entender do que um bebê comum, não estou mentindo. Sweetheart é tudo para mim.

Meu marido beija a lateral do meu pescoço e acaricia meu ombro. “Com certeza.”

Graham está estranhamente carinhoso esta noite, e é tão inesperado, tão raro agora, que não sei bem o que fazer com isso. Começo a imaginar uma noite tranquila aconchegada no sofá, assistindo a um documentário sobre a natureza ou algo que não seja esporte, quando a mão de Graham desliza para o meu quadril.

“Vamos”, ele diz com a voz rouca, me puxando do berçário para o nosso quarto.

Uma pontada do meu coração se estende e se agarra ao berço da minha filha — uma relutância em deixá-la e a segurança do berçário. Mas o aperto de Graham é forte, e o apego se rompe.

No quarto, Graham me beija, mas é um beijo mecânico, sem graça, como se ele estivesse interpretando uma cena de um roteiro que já ensaiou demais. Sua respiração começa a ficar pesada contra minha boca, e eu fecho os olhos e tento aproveitar a sensação de suas mãos percorrendo minhas laterais, amassando o tecido do meu vestido e o levantando.

Mesmo assim, não consigo evitar a comparação. O toque da criatura era suave e voraz ao mesmo tempo. Suas mãos, escamosas e com garras, mas lisas por baixo, eram muito mais habilidosas que as de Graham. Pressionada contra a criatura, fiquei molhada e ansiosa. Pressionada contra Graham, sentindo seu perfume e o toque floral, minha vagina se contrai, lembrando da violência que a dilacerou apenas uma semana antes.

As mulheres devem esperar até seis semanas antes de terem relações sexuais

após o parto. O lóquio estranho, com aspecto de terra, ainda escorre de mim. Minhas pernas doem e imploram por descanso. E eu não quero que Graham veja meu corpo — as novas cicatrizes, os dedos que faltam, os membros frágeis. Mesmo que Graham e eu não tenhamos feito sexo há o que parece uma eternidade, mesmo que seja meu dever como esposa sempre dizer sim às suas necessidades, eu não consigo.

"Graham", sussurro, me afastando. Graham me ignora e leva a boca ao meu pescoço, lambendo a pele delicada ali. "É muito cedo. Acabei de dar à luz. Me desculpe."

Meu marido se desprende do meu pescoço com um som de sucção. Recuando, ele pisca para mim, confuso. "O quê?"

Nunca o neguei antes. Nunca. "Desculpe", repito. "Deveríamos esperar seis semanas."

Acabei de ter um bebê, quero acrescentar, mas jamais conseguiria falar com ele assim. Ainda assim, o pensamento em si é novo; normalmente não permito que coisas desse tipo invadam minha mente.

"Ah", diz Graham, e desvio o olhar do volume em suas calças enquanto ele passa a mão pela barba por fazer. "Certo. Bem, talvez você possa..." Ele olha para baixo, ergue uma sobrancelha e me lança um sorriso irônico.

Antes eu achava isso sexy. O jeito como ele não pedia o que queria, confiando que eu intuía suas necessidades. O triste é que não há dúvidas sobre o que ele deseja agora. Ele quer que a esposa, a que deu à luz recentemente, se ajoelhe no chão duro e desconfortável do quarto e faça sexo oral nele a poucos metros da filha adormecida.

Mas se eu tiver que engolir o pênis pulsante e de tamanho médio do Graham agora e fingir que gosto quando ele se esfregar na minha garganta, vou vomitar.

Um mês atrás, eu teria feito sem pensar duas vezes. Dois meses atrás, eu teria implorado pela oportunidade. Agora, só de pensar nisso, sinto nojo e hesito.

Nos últimos anos, minha vida girou em torno de Graham. Eu tinha pavor de perdê-lo, pavor de decepcioná-lo. No entanto, agora não tenho interesse em algo que eu poderia facilmente fazer para fazê-lo feliz. Penso no rostinho precioso da minha querida; penso na foto emoldurada que fiz de mim e da Mara. Existem outras pessoas que me amam agora. Não é só o Graham. E minha filha depende de mim mais do que Graham jamais poderia — estou literalmente dando meu corpo a ela.

Talvez seja por isso que estou hesitando. Talvez seja por isso que há uma

notável ausência de culpa no meu coração. Eu já decidi: vou fazer o que nunca fiz antes. Vou rejeitar meu marido. Porque o amor dele não é mais o único amor na minha vida.

“Desculpa, amor”, digo novamente, com o coração acelerado, me preparando para a decepção dele. “Estou muito cansada. Não estou com disposição hoje. Talvez outro dia?”

Graham me encara de boca aberta, com uma expressão apática. Ele pisca várias vezes, como se tentasse se despertar. Parece um peixe preso em uma rede, bobo e desatento demais para entender o que aconteceu.

“Você... você está falando sério?”

Sinto um arrepio na espinha, fazendo-me endireitar a postura. Luto contra o instinto de me desculpar novamente e aceno com a cabeça, pensando em Mara e na minha filha. Não preciso mais da devoção incondicional de Graham. “É.”

“Ah.”

Momentos de emoção cruzam o rosto do meu marido — alarme, choque, suspeita e, por fim, ressentimento. É tão claro quanto o sol num céu azul. Suas sobrancelhas grossas e escuras fazem todo o trabalho por mim, expressando exatamente o que ele está sentindo.

"Talvez da próxima vez", digo, tentando manter a leveza. "Quando eu me recuperar do parto."

Graham não sorri. "Certo. Sua saúde vem em primeiro lugar."

"Obrigada por entender", digo, embora ele claramente não entenda. "Vou me preparar para dormir. Te amo."

Ele não responde. Me deixa ir ao banheiro sem dizer mais nada.

★ ★ ★

Quando Graham adormece, vou ver como está a Querida. Ela se mexeu um pouco, mas continua dormindo tranquilamente. Acho que tenho sorte por ela sempre dormir a noite toda. Nunca preciso acordar às três da manhã para amamentá-la como as outras mães. Não, tudo o que preciso fazer é cortar um pedaço da minha carne e deixá-la beber meu sangue.

Saio do berçário e desço as escadas devagar, movendo-me com cuidado e silêncio, rastejando pelo primeiro andar escuro. Conheço melhor a casa agora; sei onde desviar da mesa de centro e onde coloquei a cadeirinha de balanço da Querida. Sei exatamente como chegar à porta de vidro deslizante sem acender

nenhuma luz.

Delicadamente, destranco a porta e saio para a noite fria. O ar corta minha pele, devorando avidamente meu fino pijama de algodão e devorando minha carne. As meias grossas que uso protegem as almofadas dos meus pés do frio cortante do degrau de concreto, e meus dedos ausentes se mexem como se ainda estivessem lá.

Viro a esquina e me ajoelho ao lado da lebre morta. Passo a mão por sua pelagem áspera, tentando engolir a saliva quente que se acumula em minha boca, sem sucesso. Um fio de baba escorre do meu lábio inferior, estendendo-se desesperadamente em direção à lebre.

O vento sussurra entre as hastes de trigo moribundas no campo, um coro de sussurros de meia-vida que me impulsionam. Pego a lebre, seu corpo frio em minhas mãos, mas com cheiro de árvores, campos e energia.

A lua espreita por trás de um véu de nuvens para observar enquanto eu dilacero o animal morto com as próprias mãos, sem poder esperar ou parar para pegar uma faca na cozinha. Devoro a lebre crua, o sangue manchando meu rosto, pelos grudando nos meus dentes. Sua carne é inebriante e orgásmica. Embora esteja morta há algum tempo, tem um sabor fresco, diferente dos bifos na nossa geladeira. A textura da carne é amanteigada e salgada, evocando imagens de incêndios florestais e tempestades. Talvez seja impressão minha, mas até parece quente, não apenas descongelada e fria como a carne que eu estava comendo antes.

Inalo a refeição, e os roncos no meu estômago finalmente cessam.

Quando termino, me aproximo furtivamente do campo de trigo e jogo os ossos e a cartilagem entre as espigas.

Não consigo vê-la, mas sinto que a criatura está observando.

CAPÍTULO

21

Sempre me orgulhei da minha capacidade de realizar várias tarefas ao mesmo tempo, equilibrando tudo o que preciso fazer para manter uma casa funcionando sem problemas. Sempre desdenhei dos trolls da internet que dizem que o que eu faço não é um trabalho de verdade ou que mulheres como eu devem ser burras ou chatas. A quantidade de trabalho que realizo em um único dia os deixaria perplexos. Mas agora, para meu desgosto, estou me debatendo, tentando conciliar tantas coisas ao mesmo tempo que não consigo ter sucesso em nenhuma delas.

Meu amor é minha prioridade, obviamente. Mas também estou cozinhando, limpando, lavando roupa, juntando as folhas secas do lado de fora de casa, separando as correspondências para o Graham ver depois, criando conteúdo e interagindo com minhas redes sociais que crescem rapidamente, e consumindo secretamente uma série de animais mortos que foram deixados no quintal.

É muita coisa.

Mando uma mensagem para o Graham, dando uma pausa nas notificações constantes das redes sociais para saber como ele está depois que termino minhas tarefas da manhã: Ainda está de pé o encontro?

Estou parada na lavanderia embaixo da escada, com a testa coberta de suor apesar do frio e da incapacidade da casa nova de reter calor. Minha querida dorme no cercadinho na sala; seus resmungos ecoam do outro lado da parede.

Fico surpresa quando Graham responde rapidamente: *Com certeza. Vou comprar um vinho.*

Vou ter que fingir que bebo. A única bebida que consigo tolerar agora é água morna. Se estiver muito gelada, meus dentes doem; se estiver muito quente, meu

estômago embrulha. Mas não importa; pelo menos Graham e eu estamos tentando.

Já faz um mês desde o nascimento da Sweetheart, e Graham começou a falar em levá-la para o oeste para visitar a família dele nas festas de fim de ano. Eu o convenci de que o Dia de Ação de Graças é muito cedo para viajar com um recém-nascido e sugeri que a visita fosse na primavera.

"Ou no Natal, se eles quiserem", eu disse, sabendo que a mãe dele detesta voar e preferiria muito mais que fôssemos até eles. Se os convidarmos para o Natal este ano, com tão pouco tempo de antecedência, eles não virão, e eu ficarei livre dessa obrigação. Terei mais um ano para descobrir o que fazer em relação às... diferenças da Sweetheart.

"É uma boa ideia", ele disse, mas havia um toque de frieza em sua voz.

Graham se afastou ainda mais desde que rejeitei suas investidas algumas semanas atrás. Estou curada agora — ainda não se passaram as seis semanas sugeridas, mas desde que comecei a alimentar a Querida com o que ela realmente gosta, notei uma mudança no meu corpo. Estou mais forte, mais saudável. Os ferimentos que eu causava na minha pele para alimentar a Querida cicatrizam rapidamente, mas o mesmo acontece com outros ferimentos. As dores e a dor lancinante na minha vagina desapareceram.

Mas não tento compensar o Graham, e mesmo tendo lealdade e amor pelo meu marido, ele percebe como me distanciei dele. Suas noites se tornaram mais longas e ele começou a dormir na casa do "Bobby" quando quer.

Estou perdendo-o. Finalmente estou pronta para aceitar isso — mas a dor é amenizada pela minha querida. Ela é exatamente o que eu queria, exatamente o que eu esperava. Alguém que eu amo incondicionalmente e que me amará de volta. Alguém que eu posso cuidar para sempre, sabendo que sempre estaremos na vida um do outro.

Mesmo assim, não estou disposta a desistir do Graham. Os fins de semana têm sido imprevisíveis, mas às vezes ele fica em casa, me deixa cozinhar para ele, segura a minha querida adormecida e assiste à TV.

"É normal ela dormir tanto assim?", ele perguntou uma vez. "Não me lembro da última vez que a vi acordada."

É porque você não a viu. Porque você nunca está em casa.

"Recém-nascidos dormem muito", respondi com um tom calmo. "A Renée diz que ela é perfeita."

"Ela está meio pesada", comentou Graham, erguendo Sweetheart nos

braços. “Ela parece grande. Esse é o tamanho normal de um recém-nascido? E por que a pele dela está com essa cor estranha? Tem certeza de que ela não está doente?”

Meu rosto ficou vermelho, principalmente com os comentários sobre o peso dela. Eu esperava que ele não percebesse que nossa filha cresceu extraordinariamente rápido desde o nascimento, ultrapassando marcos de desenvolvimento que deveriam ter levado seis meses para serem alcançados. O tamanho dela está mais próximo ao de um bebê de quatro meses do que ao de um mês. Tento mantê-la enrolada em cobertores o máximo possível perto de Graham e Renee, que insiste em nos visitar pelo menos uma vez por semana.

Achei que estivesse escondendo bem, mas talvez não.

“Graham, querido, é para isso que estou aqui, não é?”, eu disse, pegando a Sweetheart dele com cuidado, meus músculos do antebraço doendo sob o peso dela, e entregando-lhe uma cerveja. “Você confiou em mim para cuidar de tudo por quatro anos. Confie em mim agora com o nosso bebê. Eu sei o que estou fazendo. Está tudo bem. Está tudo normal.”

É um sinal de quão distantes nos tornamos que Graham tenha me aceitado tão facilmente. Ele finalmente estava percebendo as diferenças na filha, mas não estava envolvido o suficiente para se importar de verdade. Não quando eu estava satisfeita e insistia que não havia problema algum.

Ele aprendeu a não fazer perguntas além de “Como foi seu dia?”.

Mas não sei por quanto tempo mais conseguirei manter essa farsa.

Suspiro, encostando-me na secadora zumbindo, deixando as vibrações percorrerem minha coluna. É sábado, mas Graham alegou que precisava ir ao escritório terminar um trabalho que não conseguiu concluir ontem, e eu não discuti com ele, sugerindo, em vez disso, que tivéssemos um encontro romântico quando ele voltasse. Para minha surpresa, ele concordou, mas agora me pergunto sobre o que conversaremos. A sensação de tranquilidade entre nós se perdeu desde o nascimento da nossa querida. Ou talvez tenha sido quando nos mudamos. É difícil dizer. O tempo se tornou nebuloso e indistinto.

Abro o Instagram, sorrindo para as notificações vermelhas que me fazem companhia enquanto as curtidas e os comentários das minhas publicações recentes — fotos da minha querida dormindo, um vídeo da minha “Vida Perfeita de Mãe”, uma foto do único cantinho da cozinha que consegui limpar — continuam a aparecer. Conferindo minha lista de seguidores, meu coração se acalma ao ver a foto de perfil familiar da Mara no topo. Todos os dias, às vezes

várias vezes ao dia, verifico se ela ainda me segue. Estamos interagindo cada vez mais, comentando nas publicações uma da outra e enviando mensagens sobre receitas sem ácido fólico. Está mesmo acontecendo — nossa amizade está florescendo, e tudo graças à minha querida.

Percorro meu feed e paro em uma foto que Andrea postou há quarenta e seis minutos. Ela é uma das influenciadoras religiosas que sigo — aquela que educa seus seis filhos em casa. A publicação que me chama a atenção é uma imagem simples de um milharal, com um vislumbre de uma varanda visível no canto inferior da foto. A fonte florida de Andrea sobreposta à foto tem tantos arabescos e curvas que levo alguns segundos para decifrar as palavras: Pois se Deus não poupou os anjos quando pecaram, mas os lançou no inferno, prendendo-os em correntes de trevas para serem julgados...

A legenda abaixo discute, de forma indireta e delicada, uma traição recente que a influenciadora sofreu nas mãos de alguém que ela considerava um amigo. Os comentários são interessantes, com pessoas especulando sobre a fofoca. Não consigo me concentrar nisso; o drama pessoal dela não me interessa. Mas o versículo bíblico que Andrea citou, que a legenda indica ser 2 Pedro 2:4, despertou algo na minha memória.

Um anjo caído.

Graham falou sobre isso uma vez, bem no início do nosso relacionamento, usando como exemplo algumas das partes mais sombrias da Bíblia. Mas não me lembro dos detalhes, e ele passou pelo assunto rapidamente, como se não quisesse me expor a isso.

Algo sobre anjos que deixaram o céu e se tornaram demônios.

Aperto o telefone com força e tento aliviar a tensão no peito com um longo suspiro. Bloqueio o celular e o guardo no bolso do cardigã cor creme que estou usando. O que os olhos não veem, o coração não sente. Eu não deveria estar navegando nas redes sociais mesmo.

Tenho tanta coisa para fazer, e logo meu amor vai precisar comer.

★ ★ ★

Graham chega em casa no final da tarde, com cheiro de cidra de maçã e churrasco.

Fico pensando onde ele estava. Se ele estava mesmo sentado no escritório, terminando relatórios e resolvendo chamados técnicos como se não fosse um

executivo de alto escalão com funcionários que podem fazer isso por ele. Talvez estivesse por aí, curtindo o outono, comendo e bebendo sem a esposa e a filha.

"Oi, querido", digo, dando-lhe um beijo obediente na bochecha. "Estou fazendo o jantar agora. Vai ficar pronto em uma ou duas horas. Que tal truta?"

"Ótimo." A voz de Graham é desanimada e seu sorriso, forçado. "Embora eu preferisse que você tivesse feito cordeiro. Trouxe Merlot. Não é a melhor combinação para truta."

Bem, talvez se você tivesse me dito isso, eu poderia ter feito exatamente o que você queria. Eu deveria ler sua mente e saber que você vai comprar vinho tinto?

Pisquei, assustada com a crueldade da minha consciência, e forcei um sorriso rápido para disfarçar a ruga na testa. "Desculpe", disse, mantendo a voz leve. "Da próxima vez, me avise, e eu harmonizo a refeição com o vinho."

Graham fez uma pausa, talvez percebendo algo no meu tom que eu não consegui ignorar, e me examinou enquanto colocava a garrafa de vinho no balcão. "Sim", disse ele finalmente, concluindo que o que ouvira devia ter sido apenas imaginação dele. "Parece ótimo."

Ele estava tão charmoso como sempre, com uma camisa de flanela marrom e jeans escuros, e deu um tapinha no meu ombro como se eu fosse um bom cãozinho antes de contornar a copa e se acomodar no sofá da sala de estar.

"Oi, meu bem", Graham diz carinhosamente para Sweetheart, que está dormindo, como sempre, em um cobertor no cercadinho.

Gosto de tê-la à vista quando estou cozinhando e limpando na cozinha, e deste ângulo, consigo vê-la por cima do balcão, a alguns metros da mesa de centro.

Graham liga a TV, sintonizando a ESPN, e aceita sem dizer uma palavra a cerveja que abro e levo para ele na sala. Seus olhos vão da tela da TV para Sweetheart, que não se incomoda com o barulho. Graham faz isso — ele considera que está passando um tempo com a filha, mesmo que ela não esteja acordada, mas isso me deixa nervosa.

Nossa querida entrou numa rotina recentemente: ela acorda, mama ao meio-dia e depois dorme de novo até o meio da noite, quando acorda para mamar novamente. Mas se ela quebrar esse padrão e acordar agora, não haverá como esconder seus olhinhos. Só porque ainda não aconteceu não significa que não vai acontecer. Ela é um bebê. Um bebê incrível, sem dúvida, mas ainda assim imprevisível.

Preparar o jantar é uma correria tediosa entre checar meu marido e o bebê dormindo, assar batatas frescas, assar a truta e fazer uma salada de outono com abóbora, abobrinha e romã — uma receita que a Mara me mandou. Faço questão de tirar fotos do resultado final para poder postar, agradecendo e marcando a Mara. Todo mundo precisa ver como estamos quase lá.

Meu coração dispara o tempo todo, esperando um suspiro vindo do outro cômodo, mas a rotina da minha querida se mantém firme mais uma vez — ela não acorda.

“Graham, o jantar está pronto”, aviso depois de arrumar a mesa da sala de jantar e dispor todos os pratos. “Pode começar enquanto eu coloco a minha querida para dormir.”

“Ótimo, obrigado, amor.” Graham, já na terceira cerveja, inclina-se sobre o cercadinho para acariciar a cabecinha macia da Sweetheart e depois se arrasta até a mesa, com as narinas dilatadas. “Cheira muito bem. Vou abrir o vinho. E talvez você possa se trocar enquanto estiver lá em cima?”

Já pegando a Sweetheart no colo, pressionando seu corpo robusto contra meu peito, dou uma olhada na minha roupa, perplexa. Então percebo — estive tão ocupada hoje, dividida entre tantas coisas, que me esqueci de me vestir como de costume.

Estou usando calças de moletom de algodão bege claro e uma blusa de manga comprida combinando, com uma carcela de botões de madeira. Normalmente ando descalça em casa, mas tenho aproveitado a chegada do frio como desculpa para usar pantufas, meias grossas e até sapatos dentro de casa. Graham ainda não percebeu que me faltam dois dedos do pé, mas aparentemente nota imediatamente se eu ousar usar algo feito para o conforto em vez do estilo.

Fazendo uma careta, olho para Graham, observando seu rosto. Estou confortável e aquecida. A pele rosada e brilhante da minha barriga e coxas está escondida. O corpo que mudou drasticamente desde a gravidez está disfarçado — não sou mais flexível e bronzeada. Minha pele está pálida, meu cabelo está escurecendo, e todo o tempo que passo carregando o corpo pesado do meu amor pela casa está me dando músculos onde antes havia fragilidade.

Mas não foi com essa mulher que Graham se casou.

Quando volto para o andar de baixo, com o celular na mão para ficar de olho na minha filha pelo monitor de bebê, estou usando um vestido midi canelado de cashmere cor aveia, que combinei com um cardigã laranja queimado. Não posso mostrar meus pés descalços, então optei por mocassins de

camurça. Uma bandana cor aveia, combinando com o vestido, cobre meus cabelos ralos e oleosos, e minha maquiagem está impecável.

"Muito melhor", diz Graham, sorrindo enquanto me sento à mesa com ele. Ele já começou a comer, e as manchas em sua taça de vinho me dizem que ele também já tomou alguns goles. "Está tudo excelente."

Ele está se esforçando esta noite. É o elogio mais sincero que ele fez desde que me recusei a fazer sexo oral nele algumas semanas atrás. Talvez isso signifique que ele está me perdoando e se abrindo para a ideia de sermos uma família amorosa novamente.

É isso que você quer?

Se eu pudesse silenciar essa voz, juro que o faria. Em vez disso, sorrio para Graham e começo a mexer no meu prato de comida. Minha verdadeira fome está crescendo, corroendo minhas entranhas e causando coceira nos meus intestinos. Tudo o que eu quero é carne fresca. Ainda quente. O sangue tão ácido e fumegante que quase dá para imaginá-lo pulsando pelo corpo. Vísceras escorrendo pelas minhas mãos e formando poças aos meus pés. Lambendo um osso até ficar limpo, chupando a cartilagem.

A saliva quente inunda minha boca e, em um ato de desespero, experimento um pedaço da truta e quase vomito. Como diabos eu conseguia comer essa porcaria cozida antes? O forno suga todo o sabor, toda a essência.

"Então, oi", diz Graham, com um ar intensamente casual que imediatamente me deixa alerta. "Já que estamos aqui, conversando, devemos discutir o batismo da Querida."

Bem, é por isso que Graham está se comportando tão bem esta noite.

"Certo", digo com cautela. "O que você está pensando?"

"Ela já tem um mês. Você não queria vaciná-la, e eu concordo, mas precisamos mesmo batizá-la o mais rápido possível. É importante."

A verdade é que eu vacinaria minha filha se ela não fosse quem é. Mara e os outros me diriam para não fazer isso, diriam que as vacinas podem prejudicar meu bebê, mas essa é a única coisa do meu passado que não consigo simplesmente deixar de lado e esquecer. Parte da minha tese para o projeto CAST era propor uma versão de vacina para prevenir ou interromper doenças priônicas humanas, que um dia poderia ser expandida para uma vacinação contra distúrbios neurodegenerativos. Claro, a revisão por pares detonou meu trabalho, dizendo que a vacinação ativa não é uma boa opção para doenças priônicas humanas, dadas as taxas de incidência muito raras, mas minha tese argumentava

que o longo período de incubação genética das doenças priônicas poderia ser usado a nosso favor para—

Pare.

Me afasto da parte agitada do meu cérebro, cerrando os dentes. O teste CAST não importa; nada disso importa. O importante é que, no fim das contas, amo demais a minha querida para arriscar que algo aconteça com ela. Por isso, dei uma desculpa esfarrapada para o Graham sobre não acreditar em vacinas. A realidade é que não posso levar a minha querida ao médico. E também não posso levá-la a uma igreja. O Graham tem sido compreensivo e não tem insistido para que eu volte, mas essa tolerância acabou.

Minha mente gira; preciso ganhar tempo. “Vamos esperar mais um pouco. Você sabe que seus pais vão querer estar lá. Por que apressar as coisas? Vamos fazer na primavera, quando ela tiver seis meses. Talvez no oeste. Podemos ficar com seus pais. Fazer na igreja deles.”

Os olhos de Graham brilham com isso. “Ah. Isso... não é uma má ideia.”

Meus ombros relaxam, se afastando das minhas orelhas, e minha respiração volta a ficar fácil. Graham é mais maleável quando se trata de seus pais. Eles são católicos rigorosos e devotos que o cobriram — seu único filho — de carinho e elogios durante toda a infância. Foi difícil para ele se mudar para o Centro-Oeste por causa do trabalho, ficar tão longe deles, então ele aproveita todas as oportunidades que tem para vê-los.

“Então está decidido”, digo, grata por ele ter mordido a isca.

“Enquanto isso, deveríamos voltar à igreja”, continua Graham, espetando um pedaço de truta com o garfo e levando-o à boca. Ele faz um som de satisfação ao provar e, antes de engolir, dá um gole no vinho. Um sorriso se forma em seus lábios enquanto sua garganta se move. “Teria sido melhor com vinho branco. Por que você está sorrindo assim?”

Me recomponho — meu sorriso deve estar exagerado, mas não consigo evitar. Eu estava imaginando-o engasgando.

O que diabos há de errado comigo?

Uma carranca tenta se instalar na minha testa, e eu me esforço para disfarçá-la. Expirando para suavizar minhas feições, tento novamente. “Desculpe pela confusão com a harmonização de vinhos. Da próxima vez, vamos combinar melhor o que comer e beber no nosso encontro.”

“Hum-hum.” Graham não se deixa abalar. “Então, igreja. Deveríamos voltar. Principalmente agora que o bebê nasceu.”

De jeito nenhum posso voltar àquela igreja. Ou, suspeito, a qualquer igreja, e certamente não posso expor meu amor a uma reação como a que tive há quase dois meses.

“Eu gosto da ideia de começar a levá-la depois do batismo, sabe?” digo, tentando manter a voz calma. “Um novo começo. Afinal, essa é a apresentação dela à igreja, certo? Não queremos que ela adquira maus hábitos antes disso. Vamos esperar.”

Graham levanta as sobrancelhas, mas acena com a cabeça, relutantemente, como se minha sugestão de que um bebê pudesse aprender maus hábitos de frequentar a igreja fosse completamente razoável. “É. Acho que funciona. Estou um pouco surpreso que você não queira ir antes.”

Você está? Você sequer sabe o que eu quero? Não se lembra do que aconteceu da última vez que fui àquela igreja? Ou você não se importa?

Cerrei os dentes como se estivesse triturando os pensamentos tóxicos e continuei forçando um sorriso. "Quero que tudo seja perfeito. Além disso, pensei que poderíamos ler para ela enquanto isso. Passagens da Bíblia, sabe?"

Graham assentiu, inclinando a cabeça para o lado e tomando outro gole de vinho. "É, gostei da ideia. Uma boa atividade para a família."

Uma atividade da qual ele participará por uma semana e depois esquecerá, deixando tudo para mim.

De qualquer forma, é melhor assim. Preciso limitar o tempo que Graham passa com a Querida. Ela está crescendo rápido e, eventualmente, vai parar de dormir tanto e começar a abrir mais os olhos.

Quero desviar a conversa da religião, mas também não consigo parar de pensar na postagem do Instagram que vi mais cedo, e esta é a melhor transição que vou conseguir.

"O que você sabe sobre anjos caídos?", pergunto a Graham.

Ele para com o garfo perto dos lábios. "O quê?"

"Anjos caídos", repito.

"O que... o que te fez pensar nisso?"

"Ah", digo vagamente, "uma pessoa que sigo no Instagram postou sobre eles. Ela é muito religiosa, e eu não conseguia me lembrar do que se tratava."

"O que se tratava?", Graham repete, erguendo uma sobrancelha. Ele tem razão, não parece ser algo que eu diria, mas não me importo. Graham coloca um pedaço de truta na boca e mastiga devagar, me observando. "Isso não é exatamente assunto para jantar."

“Me conta mesmo assim.” Espero, observando-o, e sua expressão muda quando percebe que não vou deixar o assunto para lá como costumo fazer. “Lembro de você falando deles quando a gente namorava. O que você disse na época?”

Ele me olha com relutância, quase como se estivesse nervoso. E talvez um pouco irritado por eu não me lembrar das palavras exatas que saíram da sua boca sagrada quatro anos atrás. “Bem, eles são exatamente o que parecem. Anjos que foram expulsos do céu. São um pouco controversos.”

“Por quê?”

Graham está se empolgando agora, adotando o tom didático que usa quando me explica algo sobre o qual acha que sabe muito. “Existem diferentes teorias sobre eles, mas, de modo geral, são anjos que pecaram e deixaram o céu. Alguns acreditam que se acasalaram com mulheres humanas, gerando os Nefilins, que foram posteriormente destruídos pelo dilúvio de Deus. Suas almas foram deixadas vagando pelo mundo como demônios.” Graham percebe as palavras que saíram de sua boca tarde demais, levado por todos os seus anos de instrução religiosa, esquecendo-se de que estava falando com uma mulher doce e simples. “Eu não deveria ter te contado sobre... o acasalamento. Desculpe.”

Eu cerro os lábios, tentando disfarçar a mandíbula cerrada. Ele me acha tão protegida e frágil. Tudo o que ele sabe sobre mim é o que eu mostrei a ele. Ele não faz ideia do que sou capaz. Do que estou fazendo para criar nossa filha.

“Esses Nefilins”, digo, ignorando sua última afirmação. “O que há de errado com eles?”

Ele me lança outro olhar estranho, mas responde: “Acreditava-se que eles eram gigantes. Seres de grande força e estatura. Os... descendentes dos anjos caídos.”

Me enrijeço ao ouvir a palavra “descendência”. Soa impessoal e grosseira. Penso em Sweetheart encolhida em seu berço, com o punho na boca aberta e afiada, fungando baixinho enquanto se mexe durante o sono. Toco no meu celular, abrindo a gravação ao vivo da minha filha no berçário. Ela está visível na luz infravermelha, deitada de costas. Meu queixo cai ao vê-la tão calma e tranquila.

“Anjos normais acasalam com mulheres humanas?”, pergunto, desviando o olhar da transmissão de vídeo.

Graham engasga com o vinho. “Por que essas perguntas, Camille? Você está bem?”

"Eles acasalam?"

"Que Deus a perdoe", ele murmura. "Não, Camille, eles não perdoam." A voz de Graham agora está áspera. "Esse é o ponto. Anjos assumindo forma humana é perverso, um pecado. É por isso que os caídos foram expulsos do céu. Eles abandonaram sua posição para experimentar uma carne que não era para eles. Podemos parar com essas perguntas agora? Acho melhor você parar de seguir aquela conta se ela vai te deixar assim."

Recosto-me na cadeira, cutucando a comida no meu prato com o garfo. Graham está irritado, bufando e fungando indignado do outro lado da mesa, mas não posso me preocupar com isso agora. Consegui a informação que precisava. A informação que eu suspeitava há algum tempo, mas não queria admitir.

Mesmo assim, mesmo no momento da concepção, você realmente não achou que fosse um anjo, achou?

É difícil dizer. Quem eu sou agora não é quem eu era há alguns meses. Talvez eu acreditasse. Talvez eu precisasse acreditar. Ou talvez fosse como tudo na minha vida — um aviso que ignorei porque era o que eu tinha sido treinada para fazer. Por que eu me ouviria quando havia homens por perto para me dizer o que era preciso e como eu era maravilhosa por estar à disposição deles?

Meus verdadeiros sentimentos estavam enterrados como fiapos nas costuras de um bolso, imperceptíveis a menos que você revirasse tudo do avesso. E, de qualquer forma, não importa.

Minha querida está aqui, minha querida é minha, e não me importo com a origem dela. Ela é minha filha, e vou garantir que ela cresça segura e feliz, custe o que custar.

CAPÍTULO

22

O ENCONTRO ROMÂNTICO TERMINA em fiasco. Graham adormece no sofá, empanturrado de truta e com a maior quantidade de bebidas que já o vi consumir de uma só vez. Ele parou de reclamar que o jantar não combinava com o vinho depois da terceira taça.

Em defesa de Graham, eu o peguei de surpresa com a pergunta sobre anjos caídos. Acho que ele não esperava por essa.

Olhando meu celular, percebo que a Querida está acordada; seus olhos, negros e invertidos no monitor de bebê, piscam para mim na tela. Ela está agarrada às grades do berço, se erguendo para se sentar, embora tudo o que eu tenha lido diga que é muito cedo para ela conseguir fazer algo assim.

Deixo meu marido dormindo em frente à TV, com um resumo esportivo tocando ao fundo para lhe fazer companhia enquanto subo as escadas.

Meu peito dói enquanto caminho pelo corredor do segundo andar. Ainda nem é meia-noite. Esta é a hora mais cedo que já vi minha filha acordar para o lanchinho da noite, e isso me preocupa. Não consigo ignorar o quão rápido ela está crescendo e como ainda não consegue seguir nenhum dos marcos de desenvolvimento esperados para bebês.

Mas quando o rosto da minha filha se ilumina ao entrar no quarto dela, a tensão no meu corpo desaparece. Ela estala os lábios e balbucia para mim, um meio sorriso cheio de dentinhos se abrindo em seu rosto.

"Aaaaahhhakk", ela balbucia, balançando a cabeça animadamente.

"Sim, estou aqui", sussurro, olhando para trás para ter certeza de que ainda consigo ouvir o ronco do motor do meu marido antes de entrar no quarto do bebê e fechar a porta silenciosamente.

Tiro meu cardigã laranja e levanto a barra do vestido midi canelado. É a peça mais justa que usei nos últimos tempos, e permanece no lugar enquanto exponho minhas pernas e abdômen, tirando a faca de desossar e um saco de lixo preto de seu esconderijo em uma gaveta do trocador. Abaixo a borda ajustável do berço para que o rostinho do meu bebê possa aparecer e piso no saco de lixo.

O quarto do bebê cheira a talco e lavanda, com um toque de ferro. Está quentinho aqui, ao contrário do resto da casa, e me pergunto se é porque a pele da minha querida parece sempre quente. Ela é uma pequena fornalha, gerando seu próprio calor para manter o berço aconchegante.

Respiro fundo pelo nariz, concentrando-me no cheiro do quarto, enquanto corto uma lasca da minha coxa esquerda, oferecendo-a à minha filha.

Ela cheira, ansiosa, e inala a carne, depois olha para cima, expectante, enquanto me aproximo. Ela se agarra à ferida, e eu suspiro enquanto a dor diminui a cada gole. Sua saliva é anestésiante, e eu me deixo levar por ela.

Até que percebo que ela não vai parar.

Normalmente, minha querida mama até se fartar e se afasta quando começo a ficar tonta por causa da perda de sangue. Mas esta noite, ela suga com mais força, mama mais fundo, e quando olho, vejo filetes de sangue escorrendo pela minha coxa. Seus olhos leitosos estão fechados em êxtase — seus dentes começam a trabalhar contra minha perna. Sinto pontadas através da leve dormência, e meu coração acelera.

Ela está começando a mastigar.

Quero dar à minha filha o que ela quer, o que ela precisa. Mas se ela mamar demais, eu morrerei, e então quem a protegerá?

"Querida, não, já chega por hoje", murmuro, colocando a mão em sua cabeça macia, tentando tirá-la de qualquer transe de sangue em que ela esteja. "Vamos lá."

Ela me ignora. A ferida na minha coxa começa a arder e zumbir; ela está mordiscando-a agora, como se não conseguisse se conter. Rosnados reverberam contra minha perna como se ela fosse uma cadela com um osso que não larga.

"Querida." Minha voz está firme e mais alta agora. Mara diria que é minha "voz de mãe". Mas não surte efeito na minha filha — ela abre seus olhos pálidos para me olhar e depois volta a mamar.

Ela vai arrancar um pedaço da minha perna. Já existem pequenas manchas rosadas de pele espalhadas pelas minhas coxas e barriga, marcas e cicatrizes que mostram onde minha filha esteve antes. Quase me orgulho delas, apesar de

precisar escondê-las do Graham e do resto do mundo. São a prova física de quanto eu amo minha filha, de quanto eu faria por ela.

Mas, por mais que eu a ame, eu não consenti que ela arrancasse meus dedos do pé, que não cresceram de novo, e não consinto que ela coma toda a minha coxa. Eu preciso viver para cuidar dela.

Isso vai doer.

Abaixo-me e agarro Sweetheart pela cintura, puxando-a para longe da minha perna. Seus dentes, cravados na minha carne, rasgam, e um som úmido de rasgo faz meu estômago roncar de fome.

O sangue flui livremente — eu deixo. Estou ocupada demais observando a boca de Sweetheart, certificando-me de que ela não se descontrole e se agarre ao meu braço ou à minha mão. Mas agora que finalmente se soltou, ela não demonstra mais interesse em continuar se alimentando. Seus olhos brancos se voltam para o meu rosto, e há um leve movimento em seu olhar nebuloso que parece consciente de uma forma que deveria me perturbar. Sweetheart se debate em meu aperto, agitando os braços para cima e para baixo, um pequeno grito escapando de seus lábios manchados de sangue.

Com os braços tremendo de tanto segurá-la, coloco-a no protetor de colchão, erguendo a lateral do berço de volta ao lugar com um clique.

"Por hoje é só", digo a ela. "Vamos ter mais cuidado da próxima vez, tá bom?"

Dou um passo para trás, afastando-me do berço, respirando com dificuldade, observando os rastros de sangue secarem na minha perna, a ferida cicatrizando lentamente. Teias de aranha vermelhas de pele cobrem o corte, translúcidas e entrelaçadas como tule. De manhã, estará cicatrizada. Mas a carne que falta, agora um semicírculo largo e roído na minha coxa esquerda, é muito maior do que qualquer outro local onde fui mordida.

Deveria me causar repulsa. Isso seria quase bem-vindo, porque minha reação real é pior. Não consigo negar o ronco no meu estômago, a saliva se formando nos cantos da minha boca. Quero cravar meus dentes na minha própria carne. Observar minha filha comer sempre me dá fome também. Quero encontrar aquele estado de êxtase de olhos fechados e barriga cheia.

"Durma agora, meu bem", eu a acalmo. "Mamãe também precisa preparar o jantar logo."

Os olhos da minha filha já estão pesados, e ela boceja, um pedacinho de pele preso entre dois de seus dentinhos minúsculos.

Querida está ficando maior. Ela está crescendo. O que significa que está ficando com mais fome. Acho que faz sentido. Os bebês passam de líquidos para sólidos no primeiro ano de vida, mas, mais uma vez, ela está muito adiantada. E se pedacinhos de carne e goles do meu sangue não forem mais suficientes, o que ela vai precisar?

Querida se vira de costas sozinha, balbuciando sonolenta, e dá tapinhas no rosto com as mãos abertas. O vermelho tinge suas bochechas e palmas. Preciso limpá-la, mas não quero me aproximar ainda. Quero dar a ela um momento para digerir. Para dormir.

Não tenho medo da minha filha. Amo-a, sempre. Mas depois do que aconteceu esta noite, ficou claro que preciso, no mínimo, ter cautela com ela. Também preciso finalmente admitir a verdade que tenho evitado há algum tempo. Isso me permitirá planejar nosso futuro adequadamente. Não posso continuar ignorando o óbvio simplesmente porque é difícil de engolir.

A verdade é que minha linda, encantadora e angelical filha não é humana.



Mais tarde naquela noite, depois de acordar Graham de seu torpor no sofá e levá-lo para a cama, saí, me afastando da casa em direção a uma forma escura caída no campo.

Estou surpresa que o trigo ainda não tenha desaparecido. As hastes caíram, estalando sob os pés, mas a maioria ainda permanece ereta, inclinada e quebradiça, mantendo seu mar marrom. O lugar perfeito para segredos e refeições escondidas.

A noite é mais claustrofóbica em novembro. Ela se insinua mais profundamente, se agacha mais perto, trazendo seu rosto para a terra fria e exalando gelo e silêncio. Mesmo assim, não me incomodo com a escuridão e a geada. Meu casaco está da cor de brasas e meus pés estão enfiados em botas de chuva. Não estou usando camadas suficientes de roupa, mas minha fome me aquece, enviando ondas de calor por todas as minhas extremidades.

Uma ovelha morta me espera entre as hastes, fumegante e fresca.

No chão, ao lado do animal, há um tapete trançado de trigo, com as hastes entrelaçadas formando uma camada protetora macia. Percebo, com um sobressalto, que é para os meus joelhos, ao me abaixar. A criatura deve ter feito essa almofada, percebendo que eu fazia caretas depois de longas sessões de

alimentação.

É inesperado, essa atenção atenciosa.

Ajoelho-me sobre a esteira de trigo, afundando a mão na lã espessa da ovelha, sentindo os nós de rebarbas e os pedacinhos de folhas presos em sua lã. Suspeito que seu pescoço esteja quebrado, como o das outras, e que ela deve ter sido morta há poucos minutos, porque consigo sentir o gosto da vida no ar ao seu redor. É o aroma de baunilha em uma padaria. O toque de especiarias antes de tocar a língua. Minhas papilas gustativas o antecipam; minha boca saliva.

Leva um tempo para rasgar a lã e alcançar a pele por baixo. Não uso nenhuma ferramenta para isso. Rasgo com os dentes e as mãos.

A lua minguante observa. Em algum lugar, entre as hastes, a criatura também observa.

Quando finalmente consigo abrir o corpo, a pele cedendo às minhas unhas famintas, a carne se separa como num parto, revelando-se para mim da mesma forma que me abri para a Querida. O vapor sobe do cadáver enquanto afundo meu rosto na carne rica e succulenta.

Enquanto como, me pergunto por que minha filha não pode se juntar a mim nessas refeições. Por que ela tem que se alimentar do meu corpo. Tentei, certa vez, alguns dias depois de sua primeira refeição, oferecer-lhe o sangue e a polpa de uma cabra morta deixada perto da casa. Ela recusou, literalmente torcendo o nariz, tão desinteressada quanto estivera com a carne da nossa geladeira.

Mesmo enquanto me empanturro, lambendo o sangue dos dedos e arrancando ligamentos, não consigo deixar de notar que os sabores estão se dissipando, como aconteceu com a carne crua da cozinha. Quanto mais fresca a carne, melhor, mas mesmo assim, falta algo. Há um componente essencial que falta nos animais dos quais sou forçado a me alimentar noite após noite, incapaz de engolir qualquer outra coisa.

Respirando pesadamente, termino, tendo comido o máximo que consigo sem explodir como um saco de lixo podre. Sento-me sobre os calcanhares, com os joelhos apoiados na esteira de trigo, inclino o rosto para o céu sem fundo, examinando as constelações que pontilham o firmamento.

Minha filha não é humana. E daí? Isso significa que ela não merece amor? Significa que ela não pode ter uma vida boa? Minhas escolhas a criaram, e eu não me arrependo delas. Nem um pouco. Mesmo que essas mesmas escolhas estejam me mudando também. Meu corpo perfeitamente esculpido se foi; meus princípios inabaláveis e minha confiança em Graham se foram; a vida que

construí com tanto esmero para ter uma determinada aparência se foi.

O trigo farfalha à minha direita, um rangido suave que nada tem a ver com a brisa fresca que circula a casa, trazendo o aroma de pinheiros e luar. A vontade de rastejar até o trigo ondulante me aperta o peito, mas resisto.

Posso ser diferente, mas não estou pronta. Ainda não.

Levanto-me, limpando a boca com o dorso da mão, lançando um olhar para os restos. Limpei as primeiras refeições, as menores eu conseguia carregar sozinha. Mas com os animais maiores, desisti. De manhã, seus ossos e pelos sempre tinham sumido, levados pela correnteza. Se eu voltasse ao poço, talvez os encontrasse todos no fundo insondável. Se é que algum dia eu conseguiria alcançá-lo.

Levantando a mão em direção à escuridão do campo de trigo num gesto de reconhecimento sem esforço, saboreio o ar fresco antes de voltar para casa.

Usando a língua, solto um fio de lã dos meus molares e me pergunto quanto tempo me resta antes que o castelo de cartas que construí em torno desta vida ilusória desmorone.

CAPÍTULO

23

NA MANHÃ SEGUINTE, eu temia alimentar a Querida. Me preocupava que ela mamasse muito fundo de novo e comesse mais do que devia, então tentei uma tática diferente.

De pé sobre a pia da cozinha, fiz um pequeno, mas profundo corte no meu antebraço esquerdo, apertando a carne cortada para deixar o sangue escorrer. Usando um funil de confeitaria, coletei o sangue, deixando o líquido escorrer pelo buraco para que se acumulasse no fundo de uma mamadeira.

Quando a garrafa está um quarto cheia, alivio a tensão no meu corte e o enfaixo bem apertado com gaze e fita adesiva. Essa ferida não foi tocada pela boca do meu amor, então preciso garantir que estou cuidando dela. Abaixo as mangas do meu moletom escuro, cobrindo a gaze.

Graham arregalou os olhos ao ver minha roupa quando preparei o café da manhã para ele — um suéter da cor de um céu tempestuoso e uma calça de moletom preta que eu geralmente usava apenas para caminhar. Meu cabelo está escondido sob um gorro preto, e minha pele pálida se destaca em meio às cores escuras. Ele não disse nada, mas eu percebi que Graham estava reparando na minha falta de cuidado.

É domingo, e meu marido está na igreja. Ou, pelo menos, ele disse que ia à igreja.

“Concordo com o seu plano”, disse ele esta manhã ao acordar. “Mas é bom ter alguém da nossa família aqui. E posso parar na fazenda na volta. Percebi que estávamos com pouco bife. Posso comprar mais.” Ele fez uma pausa, como se esperasse elogios e aplausos por ter tomado a iniciativa e feito algo tão simples quanto ir ao supermercado.

Não o elogiei, e também não discuti com ele sobre sua insistência em ir à igreja sozinho. Estou começando a gostar do tempo que ele passa fora de casa, nos deixando a sós com meu amor.

Subo as escadas com a mamadeira cheia de sangue e a levo até o berçário, oferecendo-a à minha querida, que está pulando no colchonete. Mais cedo, vestia-a com um charmoso vestido azul floral com um nó, que já está quase pequeno demais para ela. O laço combinando, que veio com o vestido, já foi arrancado da cabeça dela e está amassado em um canto do berço.

Minha querida está claramente com fome de novo, e há um brilho em seus olhos que me lembra da minha própria fome insistente e febril. Aquela sensação na barriga que exige comida, que prenuncia uma raiva incontrollável se você não a consegue.

A princípio, Sweetheart encara a mamadeira com desconfiança, o bico a centímetros de seus lábios, e então suga-o timidamente, os olhos brancos fixos em meu rosto. Meu coração se enche de alegria ao ver a confiança refletida em sua expressão. Inclino a mamadeira e o sangue começa a escorrer. Sweetheart bebe com mais avidez, mas suga rápido e forte, e quando cospe a mamadeira, o bico está completamente destruído. Gotas de sangue escorrem pelos furos na borracha; o resto da mamadeira está vazio.

O rosto de Sweetheart se contorce e lágrimas leitosas se acumulam nos cantos de seus olhos enquanto ela fecha a boca com força e começa a uivar.

“Oh, querida, não, por favor”, imploro, jogando a mamadeira para o lado e, com grande esforço, pegando-a no colo e aconchegando-a contra o meu peito. “Desculpe. Não é o suficiente. Precisamos ter cuidado. Você entende?”

Mas ela não entende. Ela é um bebê faminto. Minha querida está chorando muito agora. Como ela raramente chora, não sei o que fazer além de confortá-la. Eu a emalo nos meus braços, sussurrando em seu ouvido, beijando sua cabecinha cheirosa. Com as lágrimas desabar, minha querida grita e grita, como se tivesse reprimido os soluços por toda a sua curta vida.

Espero que ela perceba o quão perto seu rosto está do meu corpo quente e pulsante; eu até permitiria, deixando-a cravar os dentes na minha pele para se alimentar direito. Ela está tão chateada que eu faria qualquer coisa para fazê-la se sentir melhor. Mas a minha querida mudou de atitude. Ela está mais focada em soluçar copiosamente, choramingando e esperneando enquanto rios de lágrimas brancas escorrem por suas bochechas e desaparecem em seu vestido azul-claro.

Depois de alguns minutos, preciso me sentar na cadeira de balanço porque ela está muito pesada. Aconchegando-a, canto uma música boba que está bombando nas redes sociais.

Depois do que pareceu uma eternidade, Sweetheart finalmente silenciou. Meu maxilar relaxou quando os gritos ensurdecedores cessaram. Seus olhos estavam fechados, uma substância branca e pegajosa grudada em seus cílios, colando-os uns aos outros. Delicadamente, removi a gosma, depositando um beijo em sua testa suada enquanto ela resmungava em seu sono, virando o rosto em direção ao meu peito e soltando um suspiro profundo.

Sinto vontade de chorar também, mas já estou com uma aparência ruim o suficiente sem adicionar olhos vermelhos e manchas à lista. Em vez disso, peguei minha filha no colo e desci as escadas. Coloquei Sweetheart em seu cercadinho e o movi para a cozinha, para que eu pudesse tê-la por perto caso ela acordasse novamente.

Preciso fazer outra coisa. Algo para me distrair dessa reviravolta. Vou assar algo. Fazer biscoitos para o Graham. Biscoitos de gengibre. Os favoritos dele, e a época perfeita para isso.

Enquanto pego os ingredientes e começo a organizá-los na bancada, percebo que não postei nada hoje. Tenho estado menos interessada em tirar fotos ultimamente. Em vez disso, fico perto da janela grande, olhando para o trigo ondulante, pensando em terra, carne e pedras frias.

Normalmente, eu estaria documentando isso, minha rotina doméstica: meu filho dormindo, parecendo contente e adorável agora, em vez de uma banshee sedenta de sangue gritando. Preciso manter as aparências. Quando ligo a tela do meu celular, uma nova notificação chama minha atenção.

Uma conta aleatória, que não me segue, comentou em uma foto da minha querida no berço, dormindo profundamente: Eca. A pele dela parece verde. Bebê Shrek, rsrs.

Não me surpreende, respondeu outro comentarista. *O bebê provavelmente está doente. Essas donas de casa tradicionais são mães terríveis.*

A cozinha treme sob meus pés enquanto um som estridente invade meus ouvidos. Como... como ousam? Já tive trolls antes, mas esta é a primeira vez que alguém ataca a minha querida. Rangendo os dentes, apago os comentários ofensivos e clico no botão "Bloquear" em ambos os perfis.

Vou mostrar a eles. Abro a câmera do celular rapidamente, enquadrando minha filha na foto, movendo-me para encontrar a melhor iluminação. Ela parece tão

doce, tão inocente. Pauso com a lente suspensa sobre o rosto adormecido da minha querida, pronta para tirar outra foto que esconda seu tamanho, sua pele, seus olhos.

O que estou fazendo?

Estou expondo minha filha ao escrutínio. Ao mundo. A pessoas que podem perceber a verdade ou dizer coisas horríveis sobre ela sem nem mesmo conhecê-la. Esses comentários... haverá mais. Quanto maior minha página fica, piores ficam as interações. Primeiro foi a Melody, depois a acusação horrível durante minha live, e agora as pessoas estão destilando veneno contra minha filha.

Postar fotos da minha namorada online a expõe — e a mim também — a julgamentos e críticas de outras pessoas. Destrói a privacidade dela antes mesmo que ela tenha idade suficiente para entender o que é privacidade. Ela não pode consentir que eu publique a imagem dela nas redes sociais — como posso justificar isso se a expõe a algo que pode machucá-la agora ou no futuro?

Não posso fazer isso. Não mais. Não me importo se isso prejudicar meu engajamento ou se arruinar a estética da minha página.

Apago a foto da minha filha que os trolls comentaram e jogo o celular na bancada. Fico de olho na minha filha dormindo enquanto misturo farinha, açúcar mascavo, bicarbonato de sódio, canela, gengibre, cravo e sal em uma tigela de cerâmica. Meu estômago se revira com o cheiro agridoce, e a náusea ameaça me dominar, mas a distração é boa. Meu coração desacelera enquanto repito os movimentos familiares.

Respiro pela boca enquanto adiciono pedaços de manteiga e misturo tudo até formar uma massa marrom, macia e quebradiça. Olho com saudade para a manteiga — não consigo mais comê-la. A textura me dá ânsia de vômito agora, e não se compara às minhas refeições da meia-noite nos fundos da casa.

Penso na carne de ovelha que comi ontem à noite enquanto misturo o melaço e o leite. Cubro a massa com filme plástico e coloco a tigela na geladeira. Preciso deixá-la gelar por algumas horas — isso me dá tempo para pensar no que vou preparar para a próxima refeição do meu amor.

Guardo os ingredientes e deixo o rolo de massa artesanal, único, que o Graham me deu de Natal há dois anos, sobre a bancada para usar mais tarde. Minhas mãos tremem um pouco, resquícios da raiva que senti ao ler os comentários nas redes sociais.

Limpo os restos de farinha e as migalhas de açúcar, mas é como se estivesse limpando um hotel, não a minha casa. É estranho; esta casa parecia mais

acolhedora antes, quando nos mudamos, do que agora. A novidade era como um abraço, mas quanto mais me entrego a ele, mais luto para me libertar de braços que me apertam demais.

Quase dou um pulo quando a campainha toca.

Olhando de relance para ter certeza de que o barulho ensurdecedor não acordou a minha querida, apresso-me a abrir a porta de vidro fosco, irritada, mas não surpresa, ao encontrar Renee sorrindo na entrada. Renee nunca vem nos fins de semana, mas aqui está ela. Está usando leggings pretas e um suéter verde-limão com a frase "Não chore na mamãe". A julgar pelas bochechas rosadas, o cabelo despenteado pelo vento e os tênis brancos, ela veio a pé em vez de dirigir hoje. Renee está carregando um saco de lixo menor desta vez, e eu apostaria minha casa inteira que está cheio de coisas de bebê.

Meu estômago se contrai. Eu não disse a ela para parar de aparecer sem avisar? Agora tenho que me preocupar com ela aparecendo nos fins de semana e dando de cara com o Graham.

"Oi, desculpa por não ter conseguido te mandar mensagem! Tenho planos com meus filhos mais tarde, então já volto", diz Renee, com um tom levemente resmungão na voz. "Estava revendo minhas coisas e achei umas coisinhas que você precisa ter para o bebê!"

"Não está um pouco frio para andar por aí assim?", pergunto. Não me mexo. Bloqueio a entrada de casa, incapaz de forçar um sorriso dessa vez. Estou muito abalada pelos comentários maldosos da internet.

"Ótimo clima para caminhar!", insiste Renee. "E carregar a mochila nas costas como o Papai Noel me ajudou a ficar quentinha." Ela ri. "Além disso, eu estava pensando em fazer umas corridas juntas. Está ficando mais frio, mas às vezes esse é o melhor clima para correr!"

"Agora não é uma boa hora—"

"Nossa, que cheiro maravilhoso!" Renee interrompe, inclinando-se para a frente e se encostando em mim para sentir o ar. É algo muito pessoal, e o cheiro de fruta ácida em seu hálito é disfarçado por um spray barato de gengibre da Bath & Body Works. "O que você está fazendo? Cheira a Natal! Me dá ainda mais saudade dos meus filhos!"

Eu paro. "Onde estão seus filhos?"

Ela ri, alto demais, com os olhos fixos além do meu ombro. "Ah, você sabe. Na escola. Sempre aprendendo alguma coisa. Ou marcando amiguinhos. A Millie começou aulas de espanhol, eu já te contei? Ela é tão inteligente.

Diferente de mim, ha! Deve ter puxado ao Zach.”

De alguma forma, durante o discurso, Renee conseguiu me passar e agora está parada no corredor, com o saco de lixo amassando ao seu lado. Quero que ela vá embora, mas é óbvio que ela não vai a lugar nenhum até que passemos por essa palhaçada idiota de ela me doar roupas usadas e feias que eu nunca uso.

"A Querida está dormindo", digo, cedendo e a levando para a cozinha. "Por favor, faça silêncio."

"Claro", diz Renee em um sussurro fingido, sorrindo e colocando o dedo na boca grande de sapo. Ela entra na cozinha como um gnu, as narinas dilatando enquanto suspira. "Nossa, esse cheiro é realmente bom. Ah, olha só o anjinho!", murmura Renee, com os olhos fixos na Querida, que cochila no cercadinho perto dos armários.

"Desculpe, não tenho tempo para ficar aqui agora", aviso enquanto ela larga a sacola no chão.

"Nossa, olha só!", diz Renee, distraída. Ela corre até a bancada e acaricia o rolo de massa, admirando os cabos de madeira artesanais e o belo rolo marmorizado.

Meus ombros caem em decepção. Ela não está me ouvindo. Preciso que ela vá embora. Tenho coisas para fazer, comida para preparar.

"Como você está?", pergunta Renee, colocando o rolo de massa de volta no lugar e se virando para mim. "Faz tempo que não tenho notícias suas." Há um tom de repreensão em sua voz: o de uma professora repreendendo uma criança por mau comportamento. Então ela suaviza. "Estou preocupada com você, Camille. Você sabe que moro aqui perto. Às vezes sento na varanda. Acho que nunca vi você passar de carro. Ou a pé. Você está saindo de casa? Dando seus passeios? Está tendo um tempo para si mesma?"

Não é da conta dela, e sua intromissão me incomoda. "Tenho estado muito ocupada."

"Mas o Graham está te ajudando, não é?"

A pergunta é capciosa; ela me segue nas redes sociais. Ela sabe que tipo de esposa eu sou. Ela deve saber que eu estou fazendo a maior parte do trabalho.

"Sim", respondo lealmente. "Graham é ótimo. Só que tenho estado muito ocupada."

"Com essa querida, sem dúvida!" Renee se aproxima do cercadinho e paira sobre ele, sorrindo para minha filha adormecida. "Nossa, como ela cresceu! Parece bem grande para a idade dela. Bom para uma menina em crescimento,

claro! Mas... você a viu ultimamente? Ela é linda. É mesmo. Olha só esse vestidinho adorável que ela está usando! Não é meu, né?” Renee não espera minha resposta; sua boca está a mil, como sempre. “Mas você não acha que ela está um pouco grande demais? E a pele dela... é sempre dessa cor? Ela está resfriada?”

Os comentários que apaguei da foto da Sweetheart voltam à minha mente, e eu cerro os dentes. Renee não os escreveu, mas eu quero dar um tapa nessa mulher com toda a força dos meus braços recém-musculosos. Meu estômago se contrai, e luto contra a vontade de arrancar Renee do cercadinho. "Por favor, não acorde—"

"Sabe, eu nunca nem a peguei no colo! Posso... eu só vou..." Renee não termina a frase. Antes que eu possa impedi-la, ela pega a Sweetheart no colo e a puxa para perto do peito. "Uau, pesada!" ela ri.

Meu sangue ferve e meu estômago revira.

Essa mulher tocou na minha filha. Pegou-a no colo sem nem pedir. Ela está segurando minha bebê de um jeito que eu não gosto, com olhos brilhantes e desesperados que percorrem o corpo e o rosto da minha querida. Abro a boca, tento dizer para ela colocar minha bebê no chão imediatamente, mas estou tão violada, tão atordoada, que nada sai. Minha garganta está um deserto, minha boca seca e aberta.

“Nossa, ela é grandona!” Renee resmunga, passando os braços por baixo de Sweetheart para que ela possa se ajeitar. “Ela dorme bastante também. Todas as vezes que a vi, ela estava dormindo profundamente. Tem certeza de que não deveria levá-la ao médico? Ela é tão fofa.” Ela diz a última parte em tom de dúvida, como se não tivesse mais certeza, e isso finalmente me tira do meu transe de choque.

Minha filha é fofa. Minha filha é linda e perfeita. “Por favor, coloque-a no chão. Ela está descansando”, digo secamente.

As narinas de Sweetheart se dilatam uma, duas vezes, e ela inspira profundamente, assim como Renee fez na nossa porta de entrada. Seus olhos se abrem.

Renee solta um suspiro de espanto.

Tudo dentro de mim congela. Minha respiração falha e sai em rajadas curtas e irregulares. O espaço no meu pé direito, onde meus dedos ausentes costumavam estar, formiga e coça furiosamente.

A cozinha fica em silêncio por um momento. Sweetheart olha para Renee,

examinando seu rosto, percebendo lentamente que a mulher que a segura não é sua mãe.

“O-o que há de errado com os olhos dela? Ela está... ela está cega?” Nunca ouvi a voz de Renee tão rouca e lenta.

Assim como Graham, assim como meus seguidores online, Renee nunca viu os olhos de Sweetheart abertos. Ela está sempre dormindo, ou talvez fingindo dormir, quando Renee vem visitá-la. Mas agora os olhos brancos da minha filha estão bem abertos e fixos em Renee, sem piscar.

Ela umedece os lábios.

“Querida, não—” começo a dizer.

Mas antes que eu possa impedi-la, Querida vira a cabeça e agarra o antebraço de Renee, cravando os dentes fundo na carne da mulher, cortando facilmente a manga do suéter verde-limão de Renee. É impossível dizer o que os olhos brancos e sem pupilas de Querida estão encarando enquanto se estreitam, mas sua boca se move enquanto ela começa a mastigar.

Os gritos de Renee chegam com um atraso de vários segundos, como se seu cérebro não conseguisse processar o que está acontecendo; a tradução de seus fotorreceptores está funcionando com um atraso. Ela solta minha filha, mas Sweetheart continua agarrada, e suas mãozinhas se agarram ao suéter verde enquanto ela se pendura no antebraço de Renee, com os dentes cravados na carne da mulher.

"Sweetheart!", grito, correndo para frente. "Não!"

Minha filha balança a cabeça para frente e para trás como um cachorro tentando quebrar o pescoço de um esquilo, claramente frustrada com o excesso de tecido com o qual nunca teve que lidar antes. Grunhidos raivosos saem de sua boca, enterrada no braço de Renee.

“Porra, porra, que porra é essa!” Renee grita, com uma voz completamente diferente da habitual em meio à histeria. “Tira isso de mim, tira isso de mim!”

Isso. Minha filha não é um “isso”. Uma onda de calor percorre meu corpo enquanto estendo a mão para Sweetheart, um sorriso automático surgindo em minha testa para disfarçar as rugas de raiva.

Renee se vira bruscamente, gritando, agitando o braço, tentando se livrar de Sweetheart. Desvio dos movimentos frenéticos de Renee, grito para que ela fique parada para que eu possa ajudá-la, mas ela não me ouve. O lado assustado e animalesco do seu cérebro assumiu o controle, e ela dança pela cozinha, me evitando e chorando enquanto Sweetheart crava a agulha cada vez mais fundo, o

sangue começando a manchar o suéter verde.

"Sai de cima!" implora Renee, balançando o braço descontroladamente. Sweetheart está pendurada no braço de Renee como um carrapato, seu corpo pesado voando pela cozinha enquanto Renee entra em pânico.

Preciso impedi-la. Ela vai machucar Sweetheart. Se minha filha se soltar, pode voar pelos ares e quebrar as costas. Pode cair no chão e bater com a cabeça. O medo percorre meus ossos, tornando meus movimentos trêmulos e entrecortados.

Pego a primeira coisa que consigo alcançar: o rolo de massa. É pesado e sólido em minhas mãos, e seu corpo de mármore faz um estalo úmido e desagradável quando o balanço contra a nuca de Renee.

CAPÍTULO

24

RENEE DESABA CONTRA O BALCÃO, o braço caindo. O peso extra da minha filha faminta puxa o membro de Renee para baixo como uma âncora. Os dedinhos descalços de Sweetheart agora ficam a apenas trinta centímetros do chão.

Levanto o rolo de massa novamente e o abate mais uma vez sobre o topo da cabeça de Renee com um estalo seco e final. A mulher cai de joelhos, e eu jogo o rolo de massa para o lado com um estrondo, agarrando minha filha e segurando-a com força enquanto Renee desaba para a frente, certificando-me de que Sweetheart não seja esmagada ou fique presa sob o corpo que cai.

"Por favor, querida, me solta", imploro a Sweetheart, puxando-a delicadamente. Seus dentes estão cerrados e seu rosto está ensanguentado.

Finalmente, Sweetheart solta Renee, cuspidos pedaços de tecido verde e espalhando sangue por seus lábios. Ela resmunga para mim, uma reclamação indignada, enquanto a coloco no chão de costas. Sweetheart solta um grito agudo e estridente enquanto sua língua pálida desliza para fora da boca e começa a explorar seus próprios lábios ensanguentados.

"Deixe-me pensar", digo a ela, minha mente completamente em branco, repleta de ruídos e descrença.

Estendendo a mão, pressiono dois dedos contra o pescoço de Renee. Sua pele está suada e quente, mas não consigo encontrar pulso. Sua cabeça está aberta como um ovo, então isso não deveria ser surpresa. Ela está sangrando por todo o meu piso de azulejos brancos e está de bruços, imóvel.

À minha esquerda, vejo Sweetheart se contorcendo de costas, rolando para a frente com um movimento repentino e, em seguida, encolhendo os joelhos em

direção ao peito para rastejar até mim e para Renee.

"Você está brincando?", sussurro. "Rastejando? Já?"

Sweetheart sorri, mostrando seus dentinhos de lagarto, os olhos brancos semicerrados de alegria, enquanto bate as palmas das mãos no chão, arrastando-se até Renee. Gritos de alegria escapam de sua garganta, mas eu a bloqueio.

"Preciso pensar", repito. "Preciso tirá-la desta casa. Meu Deus, Graham pode chegar a qualquer minuto."

Pego nos pés da Renee e começo a arrastá-la até a porta de vidro deslizante. Um rastro de sangue a segue, o ferimento na cabeça dela ainda sangrando. Sou grata por não termos carpete no térreo.

Minha querida rasteja atrás de nós, lambendo o sangue que resta, deixando algumas manchas de lado para se concentrar nas poças e nos grumos. Terei que limpar tudo direitinho depois disso e espero que o Graham mantenha o hábito e não volte para casa por mais algumas horas.

Deixando a porta de vidro deslizante aberta, puxo a Renee para fora de casa e a atravesso pelo quintal, sentindo uma imensa gratidão pela tranquilidade da nossa rua. Os carros raramente passam por aqui, e de qualquer forma, não conseguem ver os fundos da casa da rua.

Ofegante pelo esforço, deixo o corpo de Renee a alguns metros dentro do campo de trigo, as hastes secas escondendo-a da vista. Terei que encontrar outro plano para ela antes que o frio chegue de vez e tudo morra, expondo seu cadáver em decomposição.

Ou talvez não.

Minha querida, rastejando muito mais rápido do que eu jamais poderia imaginar, está se aproximando rapidamente. Seus movimentos são como os de um inseto, concentrados — seu vestido cobre os joelhos e arrasta na grama amarela e nas folhas caídas. Pensei que minha filha ficaria em casa, lambendo o rastro de sangue, mas ela deve ter pressentido que sua refeição estava saindo.

"Querida, não, você vai se arranhar toda", imploro, abaixando-me para pegá-la.

Sweetheart acelera, atravessando meus braços com uma rapidez perturbadora, os olhos brancos fixos no corpo de Renee. Sigo minha filha, certificando-me de que não há gravetos ou pedras em seu caminho, observando-a cravar os dentes na cintura de Renee. Ela mastiga furiosamente o grosso suéter de Renee, cuspidando o tecido rasgado até conseguir alcançar a carne por baixo.

"Não se machuque", imploro a ela. "Aqui, deixe-me ajudar."

Sweetheart rosna como uma loba territorial quando me aproximo, mas quando percebe que estou puxando o suéter verde feio da Renee, levantando-o, ela para de rosnar e recua, permitindo que eu manobre o corpo da Renee para que seu peito e barriga fiquem à mostra. Enrolo o suéter sobre o rosto da Renee, escondendo-o.

Agradeço a Deus que a Renee esteja usando um sutiã com fecho frontal em vez de um sutiã esportivo — desabotoo-o e o tiro do caminho. Não quero que Sweetheart fique com o aro preso na garganta.

"Você não precisa comer tudo agora", aviso minha filha enquanto ela enterra o rosto na caixa torácica da Renee, grandes pedaços de carne se desprendendo do corpo mais rápido do que consigo acompanhar.

A pobre Sweetheart devia estar morrendo de fome. Os pedaços da minha própria carne e sangue já não eram suficientes para saciá-la, mas ela estava lidando com a fome porque me ama. É a única explicação, e meu coração se enche de alegria. Eu amo a Sweetheart, mas perceber que ela também me ama, incondicionalmente, a ponto de controlar seu próprio apetite insaciável, é realmente especial. Vale tudo.

Eu não queria machucar a Renee, mas não podia deixar que ela machucasse minha filha. E talvez isso seja melhor. Agora ela não pode mais bisbilhotar, agora não pode contar a ninguém o que viu. Além disso, a morte dela vai ter algum significado. Ela está alimentando uma criança faminta. Ela deveria se orgulhar disso. Em vez de apodrecer debaixo da terra, coberta de insetos, ela está permitindo que um bebê cresça feliz e saudável. Não é tudo o que podemos esperar?

"Obrigada", murmuro para o corpo, feliz por ter coberto o rosto ensanguentado da Renee com o suéter dela para não ter que olhar para aquilo.

O céu troveja acima de nós, as nuvens escurecendo. O ar está frio, mas não há brisa, e o chão parece quente sob meus pés. Olho para baixo, meus dedos amputados escondidos dentro das minhas pantufas, pensando na pele rosada esticada sobre o lugar onde os dedos costumavam estar.

O trigo farfalha ao nosso redor, uma canção de ninar de fundo que harmoniza com os grunhidos e rasgos de Sweetheart. Visceras e sangue mancham as bochechas e as mãos da minha filha — sua roupa está definitivamente arruinada, mas ela parece tão satisfeita que não me importo. Sua cabecinha, coberta de fios dourados, balança para cima e para baixo enquanto ela se aprofunda no torso de Renee.

Enquanto observo minha filha, sentindo os primeiros pingos de chuva, meu estômago ronca. O cheiro — o sangue coagulado, a caixa torácica exposta, as entranhas fumegantes — desperta uma fome voraz. A saliva se acumula nos cantos da minha boca e estalo os lábios.

Dou um passo em direção ao corpo e à minha filha enquanto a chuva começa a cair com força, gelando meu rosto. Imagino qual seria o gosto de um pedaço da carne de Renee. Imagino a diferença entre carne humana crua e carne animal crua. Imagino-a derretendo na minha língua como as porções de manteiga que eu costumava comer. Imagino o sangue, ainda quente, escorrendo pelo meu queixo. Deve ser muito mais... revigorante comer algo quente, fresco e humano. A carne de animais de fazenda tem me faltado ultimamente.

Caio de joelhos do outro lado do corpo de Renee, estendendo a mão, os dedos tremendo.

Que merda você está fazendo?

Minha consciência me paralisa bruscamente e eu caio para trás, aterrissando de bunda na terra, que já começa a ficar lamacenta e molhada. Hastes de trigo estalam ao meu redor, seus ossos rangendo uns contra os outros.

"Oh", sussurro. "Oh, não."

É disso que Querida precisa para sobreviver. Posso aceitar isso. Mas não é do que eu preciso. Tenho me virado bem comendo a carne que a criatura deixa para mim no quintal. Não recuperei meu brilho saudável de antes nem meus longos cabelos, mas isso provavelmente se deve a uma gravidez difícil e interrompida.

A chuva cai com mais força e eu olho para o céu cinzento, a água respingando no meu rosto e na minha boca. Minhas roupas estão úmidas e meus ossos, gelados.

Precisamos entrar logo. Não posso deixar a Querida pegar nenhuma doença.

"Termine, por favor", sussurro para minha filha enquanto me afasto do corpo de Renee, curvada. "Não se preocupe, você pode voltar mais tarde e comer mais se ainda estiver com fome."

Depois de alguns minutos, Querida se afasta de Renee. Seu rosto está rosado, o sangue se misturando com a chuva e escorrendo por suas bochechas rechonchudas. Ela pisca para mim, seus olhos brancos sonolentos e leitosos.

"Terminou?", pergunto, levantando-me cambaleante e passando por cima do corpo de Renee para ajudar minha filha a se levantar do chão.

Minha querida aconchega-se na minha clavícula, soltando um suspiro de

contentamento, o rosto pendendo enquanto começa a adormecer. Eu a aperto contra o peito, o coração acelerado, enquanto olho para minha vizinha. Seu estômago e metade do peito desapareceram, corroídos até a coluna vertebral. Minha querida ignorou os intestinos — eles se espalham sobre o buraco oco no corpo de Renee, intactos. Mas seu estômago foi sugado até a última gota, a fásia ao redor do fígado dilacerada como cartilagem de aves.

O rosto de Renee permanece escondido pelo suéter verde. Viro-me, deixando-a na chuva, e volto para casa, carregando minha filha ensanguentada e adormecida.

IV Matrescência

CAPÍTULO

25

O CORPO DE RENÉE ALIMENTA Sweetheart por três dias. A decomposição está lenta devido ao frio intenso das noites ultimamente, e isso não parece incomodar minha filha. Não me preocupo que ela fique doente por causa da comida — o estômago dela é mais resistente do que o de uma criança normal.

Todas as manhãs, depois que Graham sai para o trabalho, levo Sweetheart até o campo de trigo e a coloco ao lado do corpo de Renée, que está desaparecendo rapidamente. Às vezes, falta mais do que eu me lembro. Fico pensando se alguma outra coisa está se alimentando dele quando não estamos por perto.

Querida está crescendo mais rápido, revigorada pelo corpo de Renee. O sangue a sustentou por um tempo, mas agora ela está claramente se desenvolvendo sozinha: seus ossos se alongam, seus dedos crescem, sua massa aumenta. Ela já está quase do tamanho de uma criança de um ano, e se continuar nesse ritmo, terei uma criança pequena até o ano que vem.

Mas ela vai parar de crescer eventualmente, certo?

Talvez sim. Talvez não. Minha filha não é como as outras crianças, e é por isso que preciso protegê-la. Nada do que aprendi na escola se aplica à Querida.

De qualquer forma, no terceiro dia, Renee estava reduzida a alguns ossos e uma pilha de órgãos indesejados, e depois de colocar Sweetheart para dormir, juntei o resto dos restos mortais em um saco de lixo e caminhei penosamente pelo campo, aproximando-me do poço. Rapidamente, abri o saco, deixando os restos de Renee caírem no buraco, na escuridão, o cheiro de terra molhada e pedras se desfazendo se misturando com os restos manchados de sangue.

Não ouvi os ossos atingirem o fundo.

Meu estômago revira de fome, e eu me viro, reprimindo o desejo como sempre faço quando visitamos o cadáver. A criatura, talvez percebendo meu desconforto perto do corpo de Renee e meu desinteresse pelos animais da fazenda que ele traz, tem me deixado refeições diferentes nessas últimas noites. Em vez de ovelhas e gansos, tem deixado veados e falcões. O sabor desses animais selvagens é um pouco mais forte que o dos outros, mas ainda falta alguma coisa.

Amasso a sacola e me afasto apressadamente do poço, sem ousar olhar para trás.

De volta à casa, tudo está em silêncio. A lavanderia não está funcionando; o forno não está ticando enquanto aquece; o aspirador de pó continua no armário do corredor. A poeira se infiltrou nos cantos da sala de estar. As bancadas da cozinha estão manchadas e oleosas.

Depois de lavar e tirar o sangue da Renee do chão com água sanitária, não consegui reunir energia para fazer mais nada. Cozinhei para o Graham nos últimos dias, mas sem nenhum carinho. Fiz tudo no automático, preparando lanches sem graça para ele, e ontem pedi muffins industrializados para entrega em casa, que fingi serem meus. Desisti de fazer comida sem ácido fólico.

Mara ficaria furiosa.

Me jogo no sofá, pego meu celular para ver como está minha querida, que está dormindo tranquilamente no berço, e então abro o Instagram. Mara tem uma nova publicação — um vídeo lindamente produzido dos filhos ajudando-a a colher legumes da horta, lavando-os na pia enorme e organizando-os por cor enquanto ela corta vários vegetais para um ensopado de inverno. Mara escreveu uma legenda prolixa sobre como esta é a época da gratidão e como todos precisam garantir que seus filhos comam apenas alimentos saudáveis e naturais que eles mesmos cultivaram ou criaram.

"Afimal, você é o que você come!", ela exclama no final do vídeo.

Os filhos de Mara estão sempre sorrindo, mas é um sorriso forçado e ensaiado que ela precisa insistir em manter durante as filmagens. Ela treinou a família para esperar uma câmera apontada para o rosto. Eles não estão em um reality show. Estão nas redes sociais, expondo sua infância ao mundo antes mesmo de entenderem o que isso significa.

O celular está quente nas minhas mãos enquanto verifico a lista de pessoas que Mara segue. Meu nome ainda está lá, e meu coração dispara.

Passo a tela para o meu próprio perfil, suspirando. Não postei nada nos

últimos quatro dias. Uma nova notificação chama minha atenção: alguém me mencionou em um story.

Fundo preto, texto branco, claramente uma continuação de um desabafo em stories anteriores: Mulheres como essa não só perpetuam estereótipos e sexismo, como acho que metade delas está fingindo! O que me deixa perplexa, tipo, será que vocês estão tão desesperadas por seguidores assim? Essa aí embaixo bloqueou minha amiga quando ela a confrontou sobre estar num programa de ciências (*Oi Camille, pode me bloquear também!*), e isso é muito suspeito.

"De novo não", eu disse, cuspiando as palavras.

O perfil dessa pessoa tem muito mais seguidores do que o da Melody e é público. Reconheço vagamente a mulher nas fotos, segurando cartazes em protestos e postando sobre ligar para os representantes do seu estado: Sophie Tang. Ela também estava na CAST. Foi ela quem disse que meu projeto sobre prions era "um uso ineficaz de tempo e energia" e que meu foco em kuru "beirava a insensibilidade cultural". As críticas da CAST permanecem nas partes mais obscuras do meu cérebro, relutantes em serem esquecidas.

Minhas contas ficaram tão cheias que chamaram a atenção de pessoas de fora da minha comunidade. Pessoas que eu não vejo ou com quem não falo há anos. Como a Mara lida com isso? Ela deve receber comentários negativos, mas eu nunca os vejo.

Mordendo o lábio, vibrando com a energia solta que percorre meu corpo, atendo ao pedido da Sophie e a bloqueio, depois mando uma mensagem para a Mara:

Oi! Ultimamente, tem aparecido cada vez mais gente na minha página sendo grosseira com o nosso estilo de vida. Eu as bloqueio, mas elas voltam. Alguma dica?

Em poucos segundos, aparece um texto embaixo da minha mensagem avisando que a Mara a viu. Mas ela não responde. Espero quinze minutos, encarando meu celular, tentando não piscar. Nada.

A pressão sobe no meu peito e minha respiração fica ofegante. Volto ao meu perfil, examinando-o. Parei de postar fotos e vídeos da minha filha desde a minha epifania no último fim de semana. Não é só que ela está crescendo num ritmo que não consigo explicar nem negar, é que parece... invasivo. Ela é minha filha, e eu não entendo mais como essas outras mulheres conseguem exibir suas famílias na frente das câmeras para ganhar curtidas e cliques. Não quero convidar o mundo para dentro da nossa casa para julgar ou ficar olhando com

malícia.

Sophie Tang está errada: eu não estou fingindo meu estilo de vida. Não completamente. Acredito totalmente em tudo que Mara e os outros dizem? Não, não mais. Mas pensei que, se me esforçasse bastante, conseguiria. Da mesma forma que acredito que Graham e eu ficaremos bem. E que a criaturinha é um anjo. Você pode abraçar qualquer coisa se se comprometer com ela.

Hesito por um minuto, admirando com carinho a alta quantidade de curtidas nas minhas fotos da minha querida. Todos os comentários. Todos os compartilhamentos.

Afinal, quem compartilha fotos do bebê de um estranho? Por que se importam tanto?

Apago todas as postagens da minha filha. Apago o vídeo do anúncio da gravidez. Apago o destaque "bebê" do meu perfil. Fecho o Instagram, abro o TikTok e meus outros aplicativos também. Em segundos, apaguei minha filha completamente das minhas redes sociais.

Preciso sair desta casa. O sol está brilhando. O céu está sem nuvens. Andar. Precisamos andar. Luto contra a vontade de jogar meu celular na parede e, em vez disso, visto um casaco por cima de outro conjunto de moletom e suéter. O tecido extra cobre mais, escondendo as mudanças pelas quais meu corpo continua passando: o tom acinzentado da minha pele, os músculos grossos se formando nas minhas pernas e braços, a carne marcada e com cicatrizes. Se Graham e eu estivéssemos fazendo sexo, não haveria como esconder isso, nem meus dedos faltando.

Mas Graham não percebe nada porque Graham não se importa em perceber.

Acomodo a pequena Sweetheart, que dorme, no carrinho, que quase não usamos desde que ela nasceu. Envolvero-a num cobertor cinza macio, abaixo o capuz do carrinho para cobrir seu rosto, e saímos.

Se eu passar pela casa da Renee, talvez consiga ter uma ideia melhor do que está acontecendo por lá. Se a polícia já foi acionada. Ninguém veio procurá-la, mesmo que a Renee tenha dito que tinha planos com os filhos naquele dia. O marido dela deve estar ficando louco, mas talvez ele não saiba que ela estava me visitando. Talvez ele seja como o Graham e não tenha ideia do que a esposa estava fazendo durante o dia. Talvez tudo o que a família dela saiba é que ela desapareceu há três dias.

Tropeço pela lateral da estrada asfaltada, ao longo do acostamento empoeirado. O campo de trigo moribundo deixa espaço suficiente para eu

empurrar o carrinho de bebê na terra batida, e sorrio ao inspirar o ar fresco.

Leva cerca de quinze minutos para a casa de Renee surgir após uma leve curva na estrada asfaltada. Não cruzamos com nenhuma outra residência; nossos vizinhos mais próximos ficam um pouco mais adiante, na direção oposta. E nenhum carro passou em alta velocidade também. A estrada rachada com suas faixas pintadas é uma companhia silenciosa à minha direita enquanto nos aproximamos lentamente da divisa da propriedade de Renee.

Graham e eu passamos de carro em frente à casa dela apenas uma ou duas vezes, já que fica na direção oposta da cidade. Renee tem (*tinha*) uma casa azul de dois andares, estilo fazenda, como a nossa, mas com venezianas vermelhas e um jardim frontal desarrumado. A dela fica do outro lado da rua, então a floresta não invade a propriedade como invade a minha.

A casa parece mais deteriorada do que me lembrava. A tinta das venezianas está descascando e lascando; a varanda da frente está cedendo. O campo de trigo ao redor da casa de Renee está completamente morto, dando à propriedade um aspecto vazio. O prédio se destaca na paisagem plana como um dentinho solitário na boca de um bebê. O carro de Renee, um Chevy velho, está estacionado na entrada da garagem — ela veio a pé até minha casa outro dia.

Há uma atmosfera estranha no ar que não consigo definir. Olhando para os dois lados da rua, manobro o carrinho de bebê até a calçada e atravesso, parando na entrada da garagem de Renee.

Silêncio, percebo. A casa está silenciosa demais.

Onde está a família dela? Por que ninguém está correndo por aí, desesperado, procurando por Renee?

A casa me encara, as janelas do andar de cima como olhos arregalados. Não há cortinas, nem pálpebras, para proteger nenhum segredo. O interior da casa está escuro.

Um ruído fraco de passos apressados vem de trás de mim, e instintivamente me aproximo da casa de Renee; um carro está vindo pela rua. Luto contra a vontade repentina de me esconder, de pegar Sweetheart e me enterrar no chão como uma toupeira. Mas não há para onde ir além da casa de Renee, e Sweetheart ainda está dormindo, o rosto escondido pelo capô do carrinho.

Pego meu celular, fingindo que estou navegando na internet como se estivesse fazendo uma pausa na minha caminhada, mas o barulho do carro diminui, substituído pelo ronco de um motor, e quando levanto os olhos, vejo uma caminhonete parada na rua em frente à casa, bem do outro lado da rua.

"E aí?", diz um homem, debruçando-se na janela.

"Boa tarde", respondo, lutando para manter a calma.

"Tudo bem?", ele pergunta. O homem usa um boné laranja de caminhoneiro e tem uma barba castanha espessa, vários centímetros mais comprida que a do Graham. Óculos de sol cobrem seus olhos, mas ele levanta a armação para poder nos olhar.

"Sim. Dando nossa caminhada diária." Sinto o cheiro do cara na brisa que sopra pela rua. Ele cheira a loção pós-barba e suor. Meu estômago ronca.

"Ah, entendi." Ele acena com a cabeça. "Você tem spray de pimenta para ursos?"

"Como assim?"

Ele ergue uma sobrancelha. "Para proteção. Tem um urso bravo naquelas matas. Nunca o vimos na estrada, mas é melhor prevenir do que remediar."

Seu tom é um pouco provocador, então dou de ombros. "Vamos ficar bem."

"Espero que sim. Uma vez encontraram uma coluna vertebral humana perto da floresta. Simplesmente lá. Coberta de cartilagem." Ele sorri para mim, mexendo os dedos como se estivesse contando uma história assustadora. "Sou o Bill. Moro ali perto. Vocês estão no número 502, certo? A nova família?"

Não deveria me surpreender. Vida no campo; todo mundo sabe de tudo. "Isso mesmo."

Não consigo vê-lo por inteiro daqui, mas ele parece grande. Como se tivesse uma carne macia e gordurosa que daria para alimentar alguém por uma semana. "Sou Camille."

"Você está visitando a Renee Colt?" Ele levanta as sobrancelhas e ergue os óculos escuros para olhar por cima do meu ombro, para a casa, como se não tivesse certeza se faria o mesmo. O motor da caminhonete dele ronca, expelindo gasolina pela traseira.

Não quero responder especificamente. É melhor ser vaga. Mentir. "Sempre passamos por aqui. Às vezes vemos os filhos dela."

Bill franze a testa. "Como assim?"

"Você sabe. O filho e a filha dela."

Bill balança a cabeça. "Não sei quem você viu, senhora. A família da Renee não mora mais aqui. Faz um bom tempo."

Meu coração dispara e aperto o carrinho da Sweetheart com mais força. Dou um passo em direção à rua para ter certeza de que não estou ouvindo errado o Bill por causa do barulho do caminhão dele. "Desculpe, o quê?"

"Ela está em casa?" Bill se encolhe no banco para olhar para a casa. "O carro dela está na garagem."

"Acho que ela foi correr", improviso rapidamente. "Não a vi. Como assim, a família dela não mora mais aqui?"

"Vocês são amigos? Ela não te contou?" Bill pergunta, parecendo cada vez mais cético. "O marido da Renee se divorciou dela. Foi uma briga feia. Uma grande questão pela guarda. Todo mundo por aqui ficou sabendo. Minha esposa era amiga da Renee por um tempo antes de tudo isso acontecer."

"Você está falando sério?", acrescento. "Sim, eu não a conheço bem. Talvez eu não tenha visto os filhos dela. Talvez eu tenha me confundido. Sabe como é, né? Eu tenho a cabeça de mãe."

"Deve ser isso", diz Bill. "Porque eles não vêm aqui há um ano."

"O que aconteceu?", pergunto sem conseguir evitar.

Bill torce o nariz. "A Renee estava desempregada, então o tribunal ficou do lado do ex dela. Também corriam boatos por aqui de que ela tinha problemas com bebida, que o ex-marido mencionou isso no tribunal e a acusou de beber vinho durante o dia enquanto cuidava das crianças. Acho que a Renee tem visitas supervisionadas nos fins de semana. Mas as crianças não vêm para cá. A Renee tem que ir para a nova casa do ex na cidade." Bill parece estar se divertindo agora, contando os detalhes da vida da Renee para uma mulher que conheceu na rua, com um tom conspiratório.

As fechaduras se encaixam. Isso explica o tempo livre da Renee, por que ela sempre estava ansiosa para me ver no meio do dia durante a semana, mas raramente aparecia nos fins de semana. Explica por que ela parecia tão desesperada por tempo perto de mim e do meu bebê. A falta de limites dela. O cheiro familiar que eu sentia em seu hálito e em sua boca manchada: vinho.

"Que horror", digo, me perguntando quantas vezes a Renee veio à minha casa bêbada e quantas vezes eu nem percebi.

"É", responde Bill. "Bem, preciso ir. Foi um prazer te conhecer. E olha, tem outras pessoas nessa rua. A Renee é... intensa. Se vocês quiserem vir jantar aqui em casa, ficaremos felizes em recebê-los."

Meu estômago ronca novamente ao ouvir a palavra jantar, e eu sorrio. "Obrigada, eu que agradeço. Prazer em conhecê-lo."

"Igualmente. Que gracinha", diz Bill, piscando o olho antes de ir embora. Ele estende a mão para fora da janela aberta em despedida enquanto segue pela estrada.

Quando ele se vai, volto-me para encarar a casa vazia de Renee. Eventualmente, alguém vai notar que ela se foi. Vão procurá-la e não encontrarão nada.

Vou ver como está Sweetheart, esticando o pescoço para dentro do carrinho. Ela está acordada agora, silenciosa e atenta sob o cobertor, seus olhos brancos fixos na casa para a qual Renee nunca mais voltará.

CAPÍTULO

26

GRAHAM RECLAMA do jantar. Diz que o frango está seco e os legumes mal cozidos.

Estamos juntos à mesa, mas nem finjo que estou comendo. Não há prato na minha frente; Graham não percebe. Mas a comida imperfeita? A linha de poeira na bancada? Isso ele nota.

“Você está se sentindo bem?”, pergunta ele, cutucando a comida com desinteresse. “Isso não é típico de você. E você lavou o chão hoje? Parece... pegajoso ou algo assim.” Ele bate os pés embaixo da mesa como se quisesse enfatizar seu ponto.

Não respondo às suas perguntas. Não me sinto bem; estou estressada. Não lavei o chão; estive ocupada demais tentando descobrir de onde virá a próxima refeição da minha filha, agora que os restos mortais de Renee se foram.

"Preciso ver como está nossa filha", digo, de forma incisiva.

Evito Graham pelo resto da noite, passando o tempo no berçário com minha filha adormecida, ignorando seus resmungos enquanto ele anda de um lado para o outro na porta, espiando de vez em quando para mimar minha filha e me perguntar quando pretendo arrumar tudo.

"Farei isso mais tarde", digo entre dentes cerrados. "Não se preocupe. Você nunca precisa se preocupar."

Quando Graham finalmente vai para a cama, irritado e aparentemente ofendido com a minha indiferença, desço as escadas sorrateiramente e saio para roer o veado que deixaram para mim no mesmo lugar onde o corpo de Renee jazia. A criatura percebeu da última vez que eu comi mais veado do que os outros animais da fazenda; está me atendendo aos meus desejos de uma forma

que Graham nunca fez.

Saciada e sonolenta, volto para dentro de casa, apago todas as luzes e subo para me preparar para dormir. Entro no banheiro privativo e me tranco lá dentro enquanto meu marido ronca no outro quarto.

Estou usando meu pijama favorito — cinza mesclado, elástico e confortável, que vai até abaixo dos meus joelhos. As mangas compridas cobrem meus braços que estão ficando mais grossos e o tecido macio esconde as cicatrizes no meu corpo.

Meus olhos se fixam na minha raiz e no meu couro cabeludo no espelho do banheiro. Não tenho me observado muito ultimamente; tenho passado bem menos tempo me olhando no espelho. As selfies no meu celular diminuíram a zero. Mas agora me inclino para a frente, encarando. Meu cabelo está solto nos ombros, destacando as falhas que nunca mais cresceram. Eu aperto os olhos. Parece que raízes pretas estão crescendo no lugar dos meus fios dourados, mas isso não pode estar certo. Sou loira natural.

Eu me inclino mais para frente, pressionando as mãos contra a bancada fria. As falhas no meu couro cabeludo não são mais falhas — bato a unha na raiz escura e toco em algo duro e liso. A luz é implacável, refletindo no oval escuro. Pressiono a ponta do dedo contra ele.

Liso. Seco. Como uma escama.

Me afasto do espelho, limpando a garganta com uma tosse. Apago as luzes e continuo me preparando para dormir no escuro, sem conseguir me ver no espelho, apenas um leve brilho azul vindo da luz instalada no vaso sanitário.

Quando volto para o quarto, o celular de Graham está tocando, iluminando a mesa de cabeceira. O brilho pisca na escuridão do quarto, me chamando. Normalmente, Graham carrega o celular lá embaixo, no escritório, usando-me como despertador todas as manhãs, sabendo que o acordarei gentilmente quando o café da manhã estiver pronto.

Mas hoje ele deve ter esquecido. Ele ficará chateado amanhã se acordar com o celular descarregado. Eu deveria correr para lá e carregá-lo. É o que uma boa esposa faria, e eu deveria tentar ser uma, mesmo que esteja cada vez mais difícil me importar com isso.

Silenciosamente, pego o celular do Graham, esperando que seus roncos cessem e que ele estenda a mão para me impedir. Mas Graham já provou que consegue dormir com quase tudo, e o ritmo de sua respiração rouca não muda.

Olho para a tela, que ainda está acesa por causa da última notificação

recebida.

Um ícone familiar brilha para mim.

Sinto um frio na barriga e meus joelhos começam a tremer. Isso não pode estar certo. Eu não estou vendo isso. Graham não tem Instagram. Ele sempre disse que não precisa. E aqui está uma mensagem do Instagram iluminando o quarto.

Não sei o que é a notificação; Graham configurou o modo de exibição para privado, então o texto fica oculto.

Dou uma olhada rápida em Graham, que dorme profundamente. Aproximando o celular do meu peito para bloquear a luz, me aproximo sorrateiramente da beirada do colchão e rapidamente mostro a tela para o rosto do meu marido. Virando-o de volta, sorrio com uma satisfação mórbida — o celular, reconhecendo o rosto da dona, desbloqueou.

Saio do quarto sem fazer barulho, tocando na tela enquanto caminho para que ela não entre em modo de espera e me bloqueie novamente.

Assim que chego à relativa segurança da cozinha, com o brilho azulado dos relógios digitais dos nossos eletrodomésticos iluminando o piso de cerâmica, acesso a conta secreta do meu marido nas redes sociais. A notificação é uma mensagem direta de alguém chamada @rosexrose.

Como foi seu dia?

Dou uma olhada rápida nas mensagens dela — são centenas. Muitas para ler de uma vez. Em vez disso, clico no link para o perfil da pessoa.

A foto do perfil é de — veja só — uma rosa. A conta tem um número modesto de seguidores, cerca de setecentos, e apenas sessenta publicações, o que me diz que ela não está muito online. Ou pelo menos não posta muito. As fotos no feed são todas de flores. Sem rostos, sem pessoas. Não há nenhuma informação na bio além de um nome: Rose.

Nossa, ela realmente se promoveu, não é?

Quebro a cabeça, mas não conhecemos ninguém chamada Rose. Nem nada parecido com Rose — nada de Rosemary ou Rosaline. Mas isso não significa nada. Graham poderia tê-la conhecido em qualquer lugar. A casa é meu domínio. Sempre foi. O mundo é do Graham.

Voltando ao histórico de mensagens do Graham com a Rose, rolo a tela. Não há fotos, o que é interessante, mas muitas mensagens diretas de texto. Não sei até quando foram. Chuto que há um bom tempo. Meu olhar se detém em um conjunto de mensagens de alguns dias atrás.

Rose perguntou ao meu marido como é ser pai.

Você se arrepende de alguma coisa? ela acrescenta. Era isso que você sempre quis?

Não sei, diz a mensagem do Graham. Tenho muita sorte de ter um bebê, mas às vezes eu queria...

O quê?

Às vezes, queria que fosse com outra pessoa... Não com ela. Sabe?

Eu sei.

Talvez um dia.

Você não a ama?

C?

Não. Sua filha.

Sim. Acho que sim. Sei lá, é estranho. A C tem sido evasiva sobre a cronologia. Não sei quando a concebemos. Se é que concebemos. Você sabe que é a VOCÊ que sou leal. Eu não a quero. Não mais.

Eu sei.

E aí o Graham teve a audácia, a audácia absoluta, insuportável, de digitar "Talvez ela tenha me traído".

Oooo. Nossa. Eu jamais trairia um homem como você.

Você é o melhor, meu bem.

É o apelido carinhoso que me faz gritar, um grito rouco e penetrante, cheio de catarro e náusea. Como ele ousa chamá-la pelo nome da nossa filha? Como ele ousa?

Faço uma pausa, ofegante, esperando que Graham acorde, desejando desesperadamente que ele acorde para que eu possa arrancar seus olhos. Mas a casa está silenciosa. Graham consegue dormir em qualquer situação, até mesmo com o som angustiada da esposa em agonia.

Com as mãos tremendo, volto para a conta alternativa de Graham, olhando para seu perfil em branco. Eu jamais imaginaria que fosse Graham por trás dessa página — não há fotos, nem biografia. O nome de usuário é genérico e vago: uma sequência de letras e números. Ele tem alguns seguidores, a maioria bots. Ele segue apenas quinze contas: times esportivos, modelos do Instagram e algumas páginas pessoais, uma delas da Rose. Percorro sua lista de "seguindo" novamente, certificando-me, conferindo duas vezes.

Ele não me segue.

Essa é a gota d'água. Fecho o aplicativo e bloqueio o celular do Graham,

vendo a tela escurecer. Meu peito está dilacerado, os laços do meu casamento pendurados sobre os ventrículos do meu coração, já não mais firmemente conectados ao homem com quem eu pensava que passaria o resto da vida.

Afundo no chão, deixando o rosto cair entre as mãos. Só porque não é uma surpresa não significa que não doa.

Depois de recuperar o fôlego, sento-me ereta. Sinto como se meu estômago tivesse sido raspado por um bisturi. Está em carne viva e sangrando, mas o espaço vazio significa que há lugar para algo mais. Para as partes de mim que reprimi e reduzi a mim mesma durante toda a minha vida. A fome cresce, fervilhando no meu estômago, e desta vez não é uma fome física, mas emocional.

Graham não me quer? Ele não quer salvar este casamento depois de tudo o que fiz por ele? Muito bem. Não estou mais sozinha; tenho a minha querida. E não posso contar com ela para dinheiro ou segurança como contava com Graham, mas ela conta comigo, e isso é mais importante.

Levanto-me, pego o celular do Graham e subo as escadas de dois em dois degraus. Estou sem fôlego novamente quando volto arrastando os pés para o nosso quarto e devolvo o celular do meu marido à sua mesa de cabeceira. Encaro-o por um instante, observando seus olhos revirarem sob as pálpebras, detestando o ronco sufocante dele. Não é à toa que ele não conseguiu me ouvir gritar.

Seu rosto está inocente e nu enquanto dorme, uma lembrança do homem que conheci na feira há tantos anos. Este é o homem a quem entreguei minha virgindade. O homem com quem me casei. O homem para quem cozinhei, limpei e cuidei.

Ondas de calor percorrem meu corpo, e preciso me afastar da cama antes de pular sobre ele, ansiosa para sentir sua pele se rasgar sob minhas garras.

Não. Unhas. Eu não tenho garras. Claro que não tenho garras.

Engolindo em seco, sentindo um frio repentino, saio do quarto, indo para o aconchego do berçário. Meus ombros relaxam no instante em que entro, meu estômago se acalma e minha mandíbula relaxa. Caminho na ponta dos pés até o berço da Querida e a observo dormir, sua pele banhada em um dourado pela luz noturna.

Suas unhas — longas, com as pontas brancas — brilham na luz.

Que novidade.

Eu me inclino sobre o bebê adormecido e respiro fundo, captando aromas de

pinho, terra fresca e talco. Mais profundo, mais fraco, é o cheiro de carne crua. Faz meu estômago roncar, mesmo eu achando que já estava satisfeita.

Encaro minha querida. Será que vou criá-la para ser como eu, seguindo os caprichos de todos os homens da sua vida? Vou ensiná-la a ser esposa, mãe, dona de casa? Ou vou deixá-la explorar o que ela quiser? Ela poderia ser alguém que eu nunca tive a chance de me tornar. Ela poderia aprender a viver como bem entender, em vez de seguir um conjunto de regras que a prendem numa caixa.

Talvez eu não queira criar uma esposa tradicional. Talvez eu queira criar uma mulher selvagem.

CAPÍTULO

27

Deixando minha amada aconchegada em seu berço, levando meu celular para poder ficar de olho nela pelo aplicativo de babá eletrônica, saio de casa novamente.

Pego meu sobretudo cor de camelo ao sair e o visto por cima do meu vestido de dormir cinza-claro enquanto minhas botas de chuva pretas rangem na grama seca. Abro caminho entre os talos de trigo murchos no quintal, guiando-me pela escuridão apenas pelos sentidos. Está garoando levemente, e meu rosto umedece enquanto marcho em direção ao poço, a floresta se aproximando à minha frente como uma montanha baixa.

Finalmente, chego, aproximando-me da forma que emerge do chão negro. A floresta vibra, pulsando além da minha propriedade, uma canção sem melodia que me chama para mais perto.

Paro junto ao poço dos desejos, iluminado pelo fraco luar que penetra as nuvens. A chuva é mais como uma névoa, espalhando-se suavemente sobre a minha pele, gelando-me até a medula dos ossos. Acolho-a, grato pelas gotas de chuva que escondem as minhas lágrimas quentes.

Um galho estala na floresta, e eu contorno o poço para fitar a penumbra, semicerrando os olhos na luz fraca. A mata além do poço cheira a pinho e carne, como se tudo fosse um ser vivo, respirando, agachado nos arredores dos campos. Espero, mas o que quer que estivesse se movendo dentro da mata fechada permanece imóvel.

Minha pele se arrepia como se eu estivesse sendo observado.

O som de escamas raspando em uma pedra vem de trás de mim, e me viro a tempo de ver um braço emergindo da boca do poço.

Hesito em dar as costas à floresta, mas acabo dando, hipnotizada pela criatura que se liberta do poço dos desejos, desdobrando o corpo até ficar diante de mim, as protuberâncias em suas têmporas iluminadas pela luz aquosa da lua. Suas asas estão firmemente pressionadas contra as costas, mas, à medida que se endireita, elas se abrem lentamente, como se estivesse esticando os braços após uma longa noite de sono.

Os olhos brancos da criatura brilham na escuridão, fios de veias negras serpenteando pelos cantos de suas pálpebras imóveis. Dou um passo à frente, diminuindo a distância entre nós.

Não sei por que vim. Não sei o que quero. Tudo o que sei é que existe uma dor dentro de mim que ficou trancada numa caixa durante todos os meus vinte e quatro anos de vida, e esta noite, finalmente encontrei a chave. Agora que tenho acesso a tudo o que descobri lá dentro, não consigo imaginar voltar a ser como era antes. Mas também não consigo imaginar seguir em frente.

Estou perdida, presa. Talvez o fundo de um poço me desse a sensação de liberdade.

Não digo nada. A criatura e eu nos encaramos por alguns minutos, a floresta murmurando atrás de mim. O luar brilha nas gotas de chuva que cobrem a pele escamosa da criatura, fazendo-a parecer luminosa, o reflexo das estrelas num lago.

Como fiz na noite em que concebemos Querida, estendo a mão e seguro a mão da criatura. Desta vez, sua palma macia se aperta em torno da minha, e ela me puxa para mais perto, pressionando meu peito contra o seu. Olho para cima, tão perto de seu rosto: as cristas de seu nariz, o padrão de escamas em sua cabeça nua, o buraco escuro de sua boca, que se abre suavemente e me banha no cheiro de lama e pedras escorregadias pela chuva.

A mão livre da criatura desliza até meu rosto, e um dedo com garras toca a pele macia sob meu queixo e inclina meu queixo para cima.

Ela me beija.

Eu me entrego ao abraço, nossas bocas quentes e úmidas uma contra a outra. É como beijar a terra — molhada, esponjosa, cheia de terra. A criatura solta as mãos e, em vez disso, envolve minha cintura com seus braços musculosos, me puxando ainda mais para perto de seu corpo nu. Meu coração dispara como se tentasse atravessar meu peito e chegar ao da criatura, mas não há resposta alguma vinda do seio pressionado contra o meu.

Não importa. O calor em nossas bocas aumenta até parecer fogo, uma

agonia deliciosamente abrasadora que queima minha garganta e derrete meus dentes. Estou sendo consumida, engolida, e deixo acontecer; a língua da criatura desliza para dentro da minha boca com um interesse inquisitivo, arrastando-se pelo céu da boca, fazendo os pelos dos meus braços se arrepiarem.

Músculo eretor do pelo. De novo.

A chegada da minha amada permitiu que meu corpo mudasse de maneiras fascinantes; todas as minhas feridas abertas cicatrizaram delicadamente, inclusive aquela que estava entre minhas pernas.

Deixei meu casaco cair sobre a terra fria, revelando meu camisolão cinza, fino e inútil aqui fora, no frio invernal. Não me importo; a noite gélida não me incomoda. Há calor em meu interior e umidade escapando da boca e da pele da criatura.

A criatura cresce contra mim, pressionando minha coxa, e meu corpo responde da mesma forma, um gemido baixo escapando da minha garganta e ecoando contra sua boca. Estimulada, a criatura me envolve com os braços e me levanta, girando para me sentar na borda do poço dos desejos. As pedras uniformes pressionam minhas nádegas enquanto a criatura levanta meu vestido de dormir até a cintura, a boca ainda presa à minha. Eu ajudo, puxando minha calcinha para baixo e jogando-a no chão abaixo de mim.

As garras da criatura arranham de forma excitante a pele nua das minhas coxas enquanto a chuva umedece suavemente nossos corpos, o frio um componente esquecido da noite. Somos uma bola de fogo flamejante, queimando uma à outra.

Sinto a boca do poço dos desejos atrás de mim, pronta para me engolir, e minha pele fica ainda mais quente, o espaço entre minhas coxas formigando. A criatura recua por um instante, como se pressentisse minha excitação, examinando meu rosto corado. Encaro seus olhos leitosos, minha respiração ficando rápida e ofegante.

"Por favor", sussurro.

A criatura me empurra para baixo, a borda das minhas omoplatas batendo no lado oposto do poço dos desejos, o buraco negro sob meu torso. Meus pés balançam no ar, as coxas abertas e expostas. Estou suspensa sobre o vazio, meus braços estendidos ao longo da parede do poço, agarrando-me à curva das rochas, incapaz de me levantar sozinha. A profundidade escancarada do poço está abaixo de mim, lançando ar frio para cima e para dentro das minhas costas. Cheira a carne podre e pelo rançoso.

A parede do poço tem a altura perfeita — a criatura só precisa dobrar os joelhos levemente para se enfiar dentro de mim.

Solto um suspiro e minha cabeça cai sobre a borda de pedra do poço, meus braços se tensionando enquanto a criatura se move contra mim, rítmica e constante. O terror de saber que a qualquer momento minhas forças podem falhar e eu posso cair, encolhida como um cartão postal, provavelmente quebrando as costas e morrendo uma morte lenta e sufocante, me faz gemer.

A pressão aumenta e a criatura ofega sobre mim, penetrando mais rápido e com mais força agora. Minha mão esquerda escorrega na pedra molhada e meu quadril afunda na boca do poço antes que eu possa me reposicionar. A criatura não faz nenhum movimento para ajudar, continua a me foder sem interrupções. Firmo minha pegada no poço e levanto meus quadris, rosto para o céu, gemendo.

Uma das mãos da criatura encontra o caminho até a umidade que se acumula entre minhas pernas e começa a trabalhar, os dedos roçando minha área mais sensível. Minha pele se rompe, desfazendo-se de uma vez enquanto a criatura penetra fundo, meu corpo se abrindo e se costurando novamente em questão de segundos. O mesmo líquido quente que senti meses atrás queima dentro de mim, e meus músculos relaxam, meu corpo afundando na boca do buraco.

Vou cair agora, me espatifar no fundo do poço. Embora eu não queira deixar Querida, talvez seja melhor assim.

Antes que eu consiga entrar na abertura, a criatura me agarra com os dois braços, me ergue e me coloca no chão firme ao lado do poço. Perco a força e desabo na terra úmida, fungando. Me encolho em posição fetal, tentando recuperar o fôlego enquanto ondas de prazer e medo me invadem, cada uma um pouco menos intensa que a anterior.

A criatura permanece de pé sobre mim, pingando água, observando. Então, pesadamente, se ajoelha e coloca a mão na minha cabeça. É quente e reconfortante, e eu relaxo ainda mais, minha respiração finalmente se acalmando.

Quando consigo, me levanto e sento, a mão da criatura deslizando suavemente sobre meu cabelo para pousar em meu ombro. Olhamos um para o outro, meu rosto refletido no espelho branco de seus olhos. Sou pequena, desarrumada e encharcada. Não me pareço com a esposa de Graham. Não me pareço com um ser humano. A fome cresce em meu estômago enquanto nos encaramos, o vapor subindo de nossa pele devido ao calor de nossos corpos.

Qual de nós é realmente o anjo caído? Pergunto-me, enquanto imagino mais uma vez o sabor da carne fresca e quente.

CAPÍTULO

28

NA MANHÃ SEGUINTE, Querida está acordada quando vou vê-la, o que até então era inédito.

Certifico-me de enrolá-la em cobertores, escondendo seu rosto e olhos de Graham enquanto ele se movimenta pela casa, se arrumando para o trabalho.

Decidi não confrontar Graham. Pelo menos não agora. Preciso bolar um plano, já que não tenho economias nem emprego. Como católico praticante, Graham já disse que nunca quer se divorciar. (Divórcio é impensável, mas traição aparentemente não tem problema.) Além disso, Graham vem fazendo planos para o futuro — falando em batismo, visitar os pais, voltar à igreja. Não parece que ele esteja tentando se distanciar permanentemente, não importa o que diga para a *Rose*. Não sei quais são as intenções de Graham, se ele vai ficar comigo e continuar me traindo, mas não posso terminar tudo antes de estar pronta.

Pelo menos assim, tenho um aviso prévio. Sei qual é a minha situação. Posso começar a planejar uma vida para a minha querida que garanta a segurança dela. Mas é assustador — nunca morei sozinha antes e não tenho certeza se isso é uma opção. Nem me mudar para a Flórida e ficar com meu pai.

Ele certamente vai notar as... características da minha querida.

Pela primeira vez, aceito o quão completamente isolada estou. Meus amigos virtuais são apenas isso — amigos virtuais. Não posso contar com o apoio deles; Mara nunca respondeu às minhas mensagens diretas. E agora que Renee se foi, não tenho ninguém na minha vida que eu veja com frequência suficiente para considerar um amigo.

Terei que ficar aqui, nesta casa, com Graham, fingindo que tudo está normal

até que eu consiga resolver isso.

Só de pensar nisso, sinto um arrepio de pânico; não estou acostumada a tomar decisões sozinha.

"Você decidiu transar com uma criatura que vive no seu poço", aponta a voz familiar na minha cabeça. Ela passou do fundo do meu cérebro para a frente nas últimas semanas. "Você fez essa escolha sozinha, e fez bem rápido. Vai ficar tudo bem."

"Deus proverá", sussurro, e então rio.

Seja lá qual for o Deus envolvido na minha vida, não é o Deus efêmero e benevolente que me lembro da minha juventude. Talvez seja o Deus de Graham, um ser imortal pronto para lançar enxofre e trovões se eu desobedecer. E eu desobedeci. Não sou mais uma boa esposa. Já faz um tempo.

"Camille?" Graham chama lá de cima, interrompendo meus pensamentos confusos. "Camille? Tem café da manhã?"

Não, pelo amor de Deus, não tem café da manhã, porque estou aqui em cima cuidando da nossa filha faminta, cujos olhos você nunca viu, embora não pareça achar isso estranho.

Endireitando os ombros, olho para a minha querida balbuciando no berço. "Fica aqui, meu bem", sussurro. "Por favor, não chore agora."

Saio correndo do quarto, mal olhando para Graham, que me encara do pé da escada enquanto passo por ele e entro na cozinha. Pego uma tigela no armário, uma caixa de cereal na despensa e ouço o barulho dos anéis de aveia caindo na tigela de cerâmica. Sinto Graham atrás de mim na cozinha, observando, enquanto abro a geladeira e despejo o leite fresco que recebemos em garrafa no cereal.

"Aqui", digo, enfiando a tigela nas mãos estendidas de Graham.

Ele hesita por um instante, olhando para meus lábios como se esperasse ver um sorriso. Mas eu não tenho um para lhe dar. Não hoje. Não depois da noite passada.

"Você... você está falando sério?", pergunta Graham, com a tigela de cereal murchando em suas mãos grandes.

"Sim, Graham. Estou ocupada. Nossa filha acordou e está com fome, e eu comecei tarde." Tento disfarçar a irritação na minha voz, mas a proximidade das sobrancelhas de Graham indica que não estou tendo muito sucesso.

"Camille, acho que deveríamos—" Graham é interrompido pela campainha.

Por um breve e ridículo instante, penso que deve ser Renee na porta, e

minhas mãos começam a suar só de pensar nela interagindo com Graham. Então me lembro.

“Quem é tão cedo?” Graham se pergunta enquanto leva a tigela de cereal até a bancada, deixando-a para trás ao sair para o corredor.

Meu estômago se revira enquanto corro atrás dele, vislumbrando minha expressão sombria no espelho do corredor. Dou uma olhada no monitor de bebê no meu celular — minha querida está em pé no berço, completamente imóvel.

Minha garganta se fecha; o suor inunda o cós da calça macia que estou vestindo. Minha filha encara diretamente a câmera do monitor. Seus olhos estão arregalados e vazios.

Em pé. Ela já está em pé.

Seus punhos estão cerrados nas grades do berço como se ela fosse uma prisioneira esperando sua última refeição. Ela está quieta — por enquanto. Mas consigo sentir sua fome através da tela do celular.

Quero subir correndo as escadas; será que é a primeira vez que a Querida está de pé, ou ela já fez isso sozinha antes, quando eu não estava olhando? Eu deveria estar lá para um momento tão importante, mas Graham está abrindo nossa porta de vidro fosco sem nem se dar ao trabalho de usar o olho mágico e—

O chão some debaixo dos meus pés quando um homem de uniforme marrom com um distintivo dourado aparece na nossa porta, acenando para o meu marido.

Ai, isso é ruim.

"Bom dia, senhor", diz o policial, me vendo e levantando a mão. "Senhora. Gostaria de saber se a senhora teria um momento para falar comigo?"

É difícil respirar normalmente; cada inspiração arranha minha garganta, e meu peito parece uma sanfona — dobrado e comprimido. Dou uma olhada rápida no meu celular. Minha esposa não se mexeu, mas suas narinas se dilatam enquanto ela cheira o ar.

“Claro”, diz Graham, gentilmente dando um passo para o lado para permitir que o policial entre. “Sou Graham. Graham Deming. E esta é minha esposa, Camille.”

O que você está fazendo? Quero gritar com meu marido. Não o deixe entrar!

“Sou o policial Lipton”, diz o homem. Ele é mais baixo que Graham, talvez até mais baixo que eu, e seu rosto está barbeado e salpicado de pintas. Cabelos escuros aparecem por baixo da aba do chapéu, e ele parece ter por volta de trinta

e poucos anos. Suas botas pretas levantam poeira e partículas de sujeira no corredor, mas não me importo. “Desculpem incomodá-los tão cedo, mas estou com um pequeno problema e gostaria da ajuda de vocês.”

“Claro”, diz Graham, parando em frente à escada. “Desculpem a bagunça. Temos um recém-nascido. Minha esposa está tentando se reerguer.”

Cerrei os dentes contra a provocação desnecessária, concentrando-me, em vez disso, no alívio de Graham não estar levando o policial mais para dentro de casa. Até que, como se estivesse combinado, o grito estridente da minha filha vem do andar de cima, curto e agudo.

"Recém-nascida, hein?", diz o policial Lipton, oferecendo-me um sorriso fraco. "Eu sei como é. Minha filha mais velha acabou de fazer dezessete anos. Elas também choram muito nessa idade. Você precisa ir buscar sua bebê?"

"Não!" Saiu mais em pânico do que eu gostaria, e forcei um sorriso. "Quer dizer, não, ela está bem por enquanto. Por favor, continue." Quero que isso acabe logo. O grito da minha filha significa que a fome dela está aumentando.

“Bem”, diz Lipton, olhando ao redor da casa de um jeito que tenho certeza que ele considera discreto. Ele está tentando nos avaliar através da nossa casa decorada com bom gosto. “Estou procurando uma vizinha sua que foi dada como desaparecida. Renee Colt? Estou tentando descobrir a última vez que alguém viu ou falou com a Sra. Colt.”

Me endireito, observando os olhos sonolentos de Lipton enquanto meu coração dispara. Graham se mexe ao meu lado, e resisto à vontade de me virar bruscamente e subir correndo as escadas para me trancar no quarto do bebê com a minha querida.

“Ah, sim”, diz Graham antes que eu possa responder. Ele sorri para o policial, mas desfaz o sorriso ao ver que não é recíproco. “Renee. Ela mora aqui perto. Nós a conhecemos. Ela está desaparecida?”

“O ex-marido dela disse que ela não apareceu para a visita com os filhos no domingo à tarde”, explica Lipton, encarando Graham como se ele tivesse esquecido que estou ali. “Aparentemente, ela pode ser meio imprevisível. O Sr. Colt não se preocupou de imediato, mas quando tentou contatá-la no início da semana e não obteve resposta, ficou apreensivo. Quando foi até a casa dela para ver como ela estava, não havia ninguém.”

“Espere aí”, diz Graham. “Visita? Com os próprios filhos? E você disse ex-marido?”

Dá vontade de dar uma cotovelada no meu marido, pisar no pé dele para

fazê-lo calar a boca, mas Lipton perceberia e estou começando a suspeitar que Graham seja muito lerdo para entender o que estou querendo dizer.

Lipton acena com a cabeça, arqueando uma sobrancelha. "É verdade. Eles estão divorciados. Você não sabia?"

"Não", Graham responde, surpreso, e não é porque Renee está desaparecida — é a palavra "divórcio" que o deixou perturbado. Graham tem uma opinião negativa sobre pessoas que se divorciam. Ele se vira para mim. "Ela não te contou, Camille? Ela nunca te disse nada?"

Eu havia desviado o olhar, mas agora cerro os dentes, desconcertada por ter sido colocada em uma situação delicada. Limpando a garganta, olho para Graham e depois para Lipton. "Não, ela nunca mencionou nada."

Lipton não parece surpreso. "Bem, o ex-marido dela disse que ela estava tendo um pouco de dificuldade para aceitar. Talvez não quisesse falar sobre isso. Quão próximos vocês eram?"

"Na verdade, não éramos tão próximos assim", digo ao mesmo tempo em que Graham anuncia: "Ela era nossa parteira".

Um silêncio perturbador paira pelo corredor. Lipton lentamente enfia a mão no bolso da frente e tira um pequeno bloco de notas e uma caneta, abrindo a capa do bloco com um estalo.

Ele pigarreia. "Então, qual era a verdade? Vocês não eram próximos ou ela era sua parteira?"

Graham me olha, franzindo a testa, e eu engulo o nó na garganta. "As duas coisas", minto. "Faz tempo que não a vejo. Ela me ajudou durante a gravidez. E no parto."

"Acho isso interessante", diz Lipton. "Porque não se sabe se Renee Colt tem formação em obstetrícia." Ele levanta os olhos do bloco de notas, fixando o olhar em mim desta vez.

Vejo para onde isso vai dar, e sou impotente para impedir. A torre que construí está começando a desmoronar.

"Camille?", pergunta Graham. "O que está acontecendo?"

"Não sei o que dizer", respondo a Lipton. "Ela me disse que tinha treinamento e que sabia o que estava fazendo. Obviamente. Estou viva, não estou? Mas, como eu disse, eu realmente não a conhecia muito bem. E não a vejo há um tempo."

Graham me olha, a barba tremendo enquanto seus lábios se movem, como se eu fosse um animal de zoológico desconhecido. Ele nunca me ouviu ser tão

contraditória assim, principalmente com outro homem.

"Há quanto tempo?", pergunta Lipton, a caneta pairando sobre o bloco de notas. Seu rosto está impassível. "Há quanto tempo você não vê a Srta. Colt?"

Lá de cima, Sweetheart grita de novo, um grito estridente, e eu arrisco mais uma olhada no monitor de vídeo no meu celular, usando isso como desculpa para desviar o olhar do policial.

Sweetheart se moveu para a beirada do berço mais próxima da porta do berçário, e sua cabeça está inclinada para cima, como se fosse um cão farejando algo.

Vê-la acalma meu coração.

"Não tenho muita certeza", digo, improvisando. "Tenho estado com a cabeça nas nuvens ultimamente. Não tenho dormido muito. Sabe como é. Mas"—baixo a voz—"nas últimas vezes que a vi, depois do meu parto, ela cheirava a vinho."

Graham está franzindo a testa; será que ele poderia deixar nossa desconexão ainda mais óbvia? Quero dar um tapa nele e apagar a perplexidade do seu rosto.

"Entendemos!", eu queria gritar. Mas talvez nunca tenhamos concordado em nada e eu só esteja percebendo isso agora.

"Entendi", diz Lipton, mas sua expressão não muda. Se o ex-marido de Renee, Zach, contou ao policial sobre o alcoolismo da ex-esposa quando fez o boletim de ocorrência de pessoa desaparecida, minha história se encaixará perfeitamente nessa narrativa. "Bem, eu não o culpo por não saber a data exata em que a viu pela última vez. O sono da minha esposa ficou uma bagunça por um ano. Pode ser difícil lembrar."

"Desculpe, policial, não quero apressá-lo", interrompe Graham. "Mas eu realmente preciso ir trabalhar."

"Ah, então posso ficar e conversar um pouco com sua esposa", diz Lipton, e meu coração se aperta.

Mas Graham finalmente faz algo útil. Ele balança a cabeça, parando na minha frente. "Acho que não é uma boa ideia. Ela tem muita coisa para fazer. Tenho certeza de que você consegue ouvir nossa filha lá em cima!" Graham suaviza as palavras com outro sorriso maroto. "E a casa precisa de alguns reparos hoje. Estamos um pouco desarrumados. Talvez você possa voltar outra hora?"

Minha boa vontade em relação a Graham evapora quando ele, mais uma vez, encontra uma maneira de me alfinetar — ele ainda deve estar irritado com a tigela de cereal.

“Entendo”, diz Lipton, fechando o bloco de notas com um movimento suave e guardando-o, junto com a caneta, no bolso. “Fica para outra hora. Gostaria muito de conversar em breve. Estamos tentando entrar em contato com a Sra. Colt, e eu adoraria voltar para a família dela e dizer que não há nada com que se preocupar.”

“Tenho certeza de que é verdade”, responde Graham. “Talvez ela tenha saído de férias.”

“Talvez”, diz Lipton, dando de ombros de um jeito que parece casual demais. Ele está intrigado — ele voltará. “Muito bem, pessoal. Obrigado pelo tempo de vocês. Espero que a senhora consiga dormir bem, Sra. Deming.”

Aceno com a cabeça para ele, com a boca colada. Graham acompanha o policial até a porta da frente, e Sweetheart grita novamente lá de cima, como se pudesse sentir o cheiro deles se afastando. Mas não me atrevo a ir até ela; ainda não.

"Tenha um bom dia, policial", diz Graham, e observamos Lipton voltar para a viatura, que está estacionada na beira da estrada. Não é à toa que não o ouvimos na entrada da garagem.

Quando o policial se afasta, Graham bate a porta fosca com força e se vira bruscamente. "Que diabos está acontecendo, Camille?"

Ele está falando sério — Graham nunca usa a palavra "diabos" dessa forma.

"Nada!", protesto.

“Nada?” ele repete incrédulo. “Por que aquele policial está dizendo que a Renee não tem formação de parteira? E como assim, você não era tão próxima? Achei que ela viesse aqui o tempo todo!”

“Você nunca está em casa, então como você saberia?” retruco, nossas vozes se elevando gradualmente para se igualarem.

“Camille, é melhor você me contar o que está acontecendo”, Graham avisa. “Tem alguma coisa errada. Já faz um bom tempo.”

“Concordo plenamente.” Minha voz baixa e eu encaro meu marido sem expressão, tentando disfarçar verdades que ainda não consigo verbalizar.

Graham congela, percebendo meu tom pesado, mas aparentemente decidindo não insistir. "Você precisa de um tempo. Pense nisso. Me diga o que realmente está acontecendo. E talvez eu consiga minha esposa de volta, sabe? A mulher que ama seus hobbies, se veste para impressionar todos os dias e que cuida das pessoas ao seu redor sem esforço."

"Ah, você quer dizer a mulher que cozinha e limpa para você, usa vestidos

impraticáveis para você e cuida de você sem esforço?" Eu retruco.

Graham dá um passo para trás, com os olhos arregalados. "Camille! Você sabe que não é isso. O que aconteceu com você ultimamente?"

Carne. Muita, muita carne.

Quase dou uma gargalhada ao pensar nisso, minha compostura se esvaindo novamente, meu rosto quente e tenso como uma máscara de gesso. "Nada", sussurro. "Não me passou pela cabeça nada."

"Olha, vou me atrasar para o trabalho se perder mais tempo com isso", diz Graham. "A gente conversa quando eu chegar em casa."

Uma lembrança, desenterrada como raízes podres no solo da minha mente, se espalha com as palavras do meu marido: meu pai, dez anos atrás, encontrando um livro de anatomia humana escondido no meu quarto.

"O que é isso, Camille?" ele rosnou. "Por que você tem isso? Sabe que tipo de fotos tem aqui? Eu folheei. Isso não é um livro didático." Ele ergueu o livro, que tinha um capítulo inteiro sobre órgãos sexuais, e o sacudiu ameaçadoramente. "Meninas da sua idade não deveriam ler obscenidades como essa."

Eu estava completamente confusa. Queria saber mais sobre por que minha vagina sangrava todo mês, o que estava acontecendo dentro do meu corpo que poderia causar algo tão surpreendente. Minha mãe já havia falecido há muito tempo. Não morávamos perto de nenhuma parente mulher, e não havia ninguém na escola em quem eu confiasse o suficiente para perguntar.

"Eu queria aprender", eu disse fracamente, e o rosto do meu pai pairou sobre mim, sombras escuras aninhadas em rugas que eu nem sabia que ele tinha.

"A escola é para aprender. Isto"—ele acenou com o livro novamente—"não é aprendizado. A menos que você esteja anotando posições sexuais e DSTs? Algo que você precise me contar?"

Corei intensamente e lágrimas se formaram. "Não! Não. Me desculpe, pai. Vou me livrar disso."

"Que se dane." Sua voz era como uma tempestade. "Eu mesmo vou jogar isso fora. Vou trabalhar, mas conversamos mais quando eu chegar em casa."

Meu pai — Graham está falando comigo agora como meu pai falava comigo quando eu tinha quatorze anos, tentando descobrir a verdade sobre o meu próprio corpo. Sinto um aperto no estômago ao reconhecer o que ignorei educadamente por quatro anos: troquei um homem dominador por outro.

Mas Graham falando comigo como se eu fosse uma criança não me faz

querer me encolher e pedir desculpas como fazia com meu pai. Em vez disso, meu estômago ronca e minha cabeça lateja. As escamas na minha testa coçam por baixo do gorro; o lugar no meu pé onde meus dedos costumavam estar arde.

Não sou mais uma menininha. E Graham não é mais meu pai.

“Preciso ir”, diz ele, caminhando em direção à porta da garagem, olhando para mim com desconfiança. “Estou realmente decepcionado com você”, acrescenta.

Dessa vez, não luto contra a carranca. Deixo-a se instalar lentamente em meu rosto, em um silêncio pesado, enquanto encontro o olhar de Graham do corredor. Acompanho a carranca com a voz melosa e insistente que Graham está acostumado a ouvir de mim: “Sinto muito por isso, querida”.

Vale a pena ver seu rosto antes que ele bata a porta da garagem.

Respiro fundo o silêncio da casa depois que ele se vai, me perguntando como consegui mentir para mim mesma por tanto tempo.

A verdade é um fantasma: pairando na sua visão periférica, desaparecendo quando você se vira para observá-lo. É fácil ignorar um fantasma que não quer ser revelado. Um armário se abre sozinho. Uma porta range. Mas tudo é facilmente explicado, e o fantasma permanece à margem da sua consciência até que você consiga se afastar, enxergar o suficiente da casa para perceber o que está vendo.

Não posso devolver essa assombração agora. Não posso colocá-la de volta nas margens da minha perspectiva. A verdade é minha, e eu a eliminarei antes de fingir que não a vi.

CAPÍTULO

29

Subo as escadas correndo quando tenho certeza de que estou sozinha de novo, quase caindo no berçário.

Minha querida está sentada, de frente para a porta, as pernas gordinhas sustentando todo o seu peso considerável enquanto ela pula na ponta dos pés.

"Oi, meu amor", digo, estalando a língua enquanto me aproximo do berço. "Olha só você, meu amor. Em pé sozinha como uma mocinha!"

Minha querida abre a boca quando me aproximo e solta um gritinho, um protesto que ecoa nos meus tímpanos.

"Desculpa", sussurro. "Estou tentando. Vou dar um jeito. Podemos tentar a mamadeira de novo?"

Mas quando reabro o mesmo corte no meu braço, enchendo uma nova mamadeira com meu sangue e oferecendo-a a ela, ela nem se dá ao trabalho de mamar. Ela morde o bico, arrancando-o, e agarra a mamadeira enquanto a ajudo a virar o conteúdo na boca. Ela bochecha o sangue por um instante e depois cospe, uivando.

É como eu temia. Sangue não é mais suficiente. Ela precisa de carne.

"Você quer comida de verdade, não é?", digo a ela enquanto limpo as manchas de sangue em seu conjunto de duas peças com um lenço umedecido, tentando acalmá-la.

"Comida", ela balbucia.

Meu coração quase para. "O-o que você disse? Você disse...?"

"Comida", minha querida exige novamente.

"Oh, meu bem", eu murmuro. "Sua primeira palavra! Oh, que lindo!"

Por hábito, pego meu celular como se quisesse registrar o momento.

Algumas semanas atrás, eu teria gravado a Querida, usando a criatividade com o ângulo da câmera e a iluminação para que ninguém na internet visse seus olhos artificiais, unhas compridas e dentes de barracuda.

Não mais. Abaixo o celular. Agora me contento em ter esse momento especial compartilhado apenas entre nós duas. Não é como se eu pudesse contar para o Graham; mesmo que estivéssemos nos dando bem, é muito cedo para a Querida falar. E o Graham está "decepcionado" comigo. Ele também é um mentiroso. Ele não merece fazer parte disso.

O celular vibra na minha mão e dou uma olhada nas notificações que se acumulam na tela inicial. A última me chama a atenção:

Por que você apagou todas as suas fotos de bebê??

Resmungando, abro o aplicativo. Faz um tempo que não posto nada, mas mesmo assim minha página está cheia de comentários e mensagens:

O que aconteceu com as fotos do bebê? Aconteceu alguma coisa?

Cadê a Querida??

Ouvi dizer que você não é uma dona de casa tradicional de verdade. Nossa cultura não é uma fantasia!!!!

Tem mais, mas nada da Mara. Ela nunca respondeu ao meu pedido de ajuda. Quando vou até o perfil dela e vejo a lista de contatos, meu estômago se revira.

A Mara não me segue mais.

Talvez minha mensagem direta a tenha notificado sobre o drama do CAST. Talvez ela tenha visto que eu apaguei minhas postagens e não aprovou. Talvez ela tenha encontrado uma nova influenciadora para seguir que ela gostasse mais. Não importa. Ela me abandonou.

"Comida", lembra-me a Querida. Suas lágrimas cessaram. Seu olhar etéreo se fixa no meu rosto.

"Sim", digo, voltando-me para ela, tremendo. Ela é a única coisa que importa agora. "Sim, tudo bem. Mas você precisa ter cuidado. Não pode comer demais." Acho que ela não consegue me entender, mas é reconfortante falar com ela assim. Me faz sentir melhor sobre o que estou prestes a fazer. Mesmo que o pior aconteça, morrer para alimentar seu filho não é uma maneira tão ruim de partir. "E vamos lá para baixo. A limpeza é mais fácil nos azulejos da cozinha."

Querida estende os braços como se concordasse com meu plano, e eu a viro delicadamente e a pego no colo, usando minhas pernas agora mais musculosas. Carregando-a com as costas contra meu peito, uma mão sob seu quadril e a outra sobre seu torso, começo a suar novamente enquanto descemos as escadas.

Querida é como um barril de cimento, compacta e concentrada em um espaço pequeno.

Não chegamos à cozinha. No pé da escada, ouço uma batida suave na porta da frente. Desta vez, não há campainha.

Me assusto, olhando para a forma escura atrás do vidro fosco. A sombra se move para lá e para cá como uma nuvem, e meu coração dispara.

"É você?" Minha voz sai sussurrada e esperançosa.

Apresso-me até a entrada, esquecendo-me de olhar pelo olho mágico, ajeitando a Sweetheart para liberar uma mão e destrancar a porta, abrindo-a antes que eu possa hesitar.

Lipton está de volta, parado na nossa porta da frente.

"Oi", diz ele, coçando a nuca e me dando um sorriso sem graça. "Desculpe incomodar de novo. Mas parece que perdi minha caneta, e é a única que tenho. Posso dar uma olhada? Acho que a deixei cair no corredor. Ah... acho que a encontrei."

Ele finge olhar por cima do meu ombro, encarando o chão. Eu me viro também, meus olhos pousando na mesma caneta que eu juraria ter visto Lipton guardar no bolso mais cedo. Ela está no chão, perto do rodapé, escondida para que ninguém pise nela.

Um alarme dispara na minha cabeça. Minha filha está pesada nos meus braços; Lipton está tão entretido com sua encenação que não percebeu a súbita imobilidade dela, seus olhos brancos e arregalados. Mas eu percebo; o corpo da minha filha enrijece, e ela solta suspiros profundos e agudos pelo nariz.

"Acho que você deveria ir embora", digo, minha voz abafada e rouca como se viesse através de um cobertor de lã. "Meu marido disse—"

"Só vou pegar minha caneta rapidinho, tá bom?" diz Lipton, assentindo como se eu concordasse com ele e entrando na casa, passando por mim no corredor para se abaixar e pegar sua caneta "perdida".

Hesito por um breve instante e fecho a porta da frente. A fechadura estala, meus dedos acariciando a trava lisa antes de eu voltar a colocar a mão no corpo da minha filha, amparando-a. Caminho em direção ao policial, com minha querida em silêncio e calma em meus braços.

"Já que estou aqui, pensei que poderíamos conversar um pouco", começa Lipton. "Pareceu que você não teve a chance de me contar a história toda antes. Quando seu marido estava aqui. Ele costuma falar demais, não é?"

"Não tenho mais nada a dizer."

“Bem, eu acho que—” Lipton finalmente nota Sweetheart e olha duas vezes ao perceber o que está vendo. “Essa... essa é a sua filha?”

“Sim.” Sweetheart e eu encaramos o policial. Dou um passo à frente. Ele está de costas para a escada e segura a caneta. Espio a arma no coldre. “Essa é a Sweetheart.”

“Ela é, ah, ela é... Com licença, mas ela está bem?” As sobrancelhas escuras de Lipton se contraem e ele dá um passo à frente, apesar de si mesmo, para ver melhor.

“Ela está com fome”, digo.

“Você não disse que ela era recém-nascida?”, pergunta Lipton, olhando para o meu rosto. Agora sou eu quem está fria e distante, uma mudança radical em relação à nossa dinâmica anterior. “Ela é... grande. E esses olhos...”

“Ela está bem”, insisto.

“Certo.” Lipton se recompõe, como se não quisesse ser grosseiro. “Vamos voltar a falar com a Renee Colt.”

“Claro”, digo, aproximando-me novamente. Sweetheart fica ainda mais rígida em meus braços, e um pouco de baba quente respinga na minha mão sob o peito dela. “Podemos conversar. Mas Sweetheart precisa comer primeiro.” E, como ele só está tentando fazer o trabalho dele, acrescento: “Desculpe.”

“Eu não—”

Me movo rápido demais. Enfiando as duas mãos sob os braços de Sweetheart, a empurro para frente como se fosse jogá-la na cara de Lipton. Ele reage, largando a caneta de verdade dessa vez, erguendo os braços para aparar minha filhinha, embora eu não tenha a menor intenção de arremessá-la.

Sweetheart passa pelos braços abertos de Lipton enquanto eu a empurro contra seu pescoço, e sangue quente espirra em minhas bochechas quando minha filha crava os dentes na traqueia do homem. Ele não tem chance de gritar; o sangue o sufoca, seu rosto empalidece. A constelação de pintas de Lipton se destaca em sua pele enquanto ele empalidece e se contorce.

Sweetheart rosna contra a garganta do homem e então sacode o rosto violentamente para a esquerda, arrancando sua traqueia. As pernas de Lipton cedem e ele desaba no chão do corredor, se debatendo e gorgolejando.

A carne vermelha e o plasma gelatinoso do pescoço de Lipton desaparecem na boca da minha filha, cujos dentes trabalham furiosamente. O sangue nos pinta; meu suéter está escuro de manchas e o chão forma uma poça carmesim sob o corpo trêmulo de Lipton.

Minha querida grita para mim, e eu suspiro. "Relaxa, vou te colocar no chão!"

Coloco minha querida ao lado de Lipton. De quatro, ela rasteja até ele e ataca sua garganta novamente, puxando seu esôfago exposto com seus dentes afiados como agulhas. Um vislumbre de sua laringe surge do topo de sua garganta, e meu estômago ronca de fome.

Sweetheart começa a morder o pescoço de Lipton até que seus pés parem de tremer e suas mãos fiquem moles. Eu fico de pé sobre os dois, protetoramente, observando por um momento até que a saliva comece a escorrer do canto da minha boca.

Quando Sweetheart começa a descer, eu me ajoelho ao lado dela. "Cuidado", eu digo. "Acho que você não deveria comer através da roupa. Espere um pouco, e eu te ajudo."

Não tenho certeza se ela está me ouvindo, mas ela para, mastigando algo grosso e viscoso, me dando tempo suficiente para desabotoar o uniforme marrom e libertar a parte de cima do policial de sua camisa.

O policial.

Apalpo o local, pegando o cinto de Lipton, seu coldre e o conteúdo de seus bolsos. Quando encontro o que procuro, acaricio a cabeça de Sweetheart, tentando ignorar a crescente dor na minha barriga.

"Fique aqui. Coma tudo. Preciso fazer algo rapidinho."

Ela não me responde; está ocupada demais devorando a clavícula de Lipton, pedaços de carne pendurados em seu queixo, estalando úmidos contra seus lábios. Deixo-a no corredor, sentada em uma poça de sangue, e saio de casa pela porta da frente.

Uma mãe diferente se preocuparia em deixar sua filha sozinha em casa, especialmente enquanto ela come, mas não me preocupo mais com a fragilidade de Sweetheart. Estou criando uma filha forte. Ela ficará bem.

O carro de Lipton está estacionado novamente no acostamento. Suas chaves tilintam na minha mão enquanto atravesso o quintal a trote. Mantenho a cabeça girando, checando a estrada, mas é final de manhã e dia de semana. Não há ninguém por perto para ver meu rosto ensanguentado.

Os campos de trigo murchos sussurram; o ar gélido belisca minhas bochechas enquanto corro para a viatura. Ela é marrom, combinando com o uniforme de Lipton, e a pintura está descascada perto dos pneus. No reflexo da janela do passageiro, a casa se ergue atrás de mim, emoldurando minha cabeça

como uma gola alta, como se eu fosse da realeza.

Levanto nuvens de poeira enquanto contorno o veículo, certificando-me mais uma vez de que não há ninguém por perto. Grata por não haver sangue nas minhas costas para manchar os bancos, destranco o carro, entro sorrateiramente e faço uma curva fechada em U.

Levo menos de dez minutos para chegar à casa de Renee. Estaciono a viatura no quintal dela, ao lado do seu sedan, e uso punhados do interior do meu suéter para limpar o volante e a maçaneta da porta. Guardo as chaves no bolso; vou jogá-las no poço mais tarde. Tenho certeza de que a criatura não se importará.

Volto para casa a pé, rezando, e minha sorte continua; ninguém passa de carro.

Quando volto para casa, Sweetheart já esvaziou o estômago de Lipton. As vértebras amareladas e salientes da coluna lombar são visíveis através das vísceras restantes, flutuando como sopa na tigela que antes continha os órgãos internos do homem.

Minha filha está chupando o polegar, os outros dedos já limpos com a língua. A roupa cor de aveia que coloquei nela esta manhã está completamente destruída — o sangue está secando em sua calça e a gruda no chão do corredor. Mas seu rosto está radiante. Ela sorri e balbucia sozinha enquanto mexe os pés, os dedinhos se contorcendo como larvas excitadas.

"Terminou?", pergunto enquanto me ajoelho ao lado dela.

Querida estala os lábios e continua a tagarelar, acrescentando palmas delicadas agora que terminou de lamber o sangue dos dedos. Meu coração se enche de alegria ao vê-la tão satisfeita, mas logo sou distraída pela carne à minha frente.

O cheiro do corpo aberto de Lipton faz minha boca salivar novamente. Sangue quente, ossos expostos, carne dilacerada. Inclino-me sobre ele, inspirando profundamente, os olhos marejados de desejo avassalador. A fome cresce tanto dentro de mim que temo que vá revirar meu estômago, irrompendo do meu interior para a realidade com uma certeza devastadora.

Gemendo, mergulho a ponta de um dedo trêmulo na poça de sangue que repousa em uma cavidade de carne marcada por cicatrizes, perto do que antes era a cintura de Lipton. Arrasto um fio de sangue vermelho pela carne esfolada e imagino como seria imitar minha filha e sugar o sangue do meu dedo. Uma explosão de sabor desconhecido invade minha boca, e a saliva escorre pelo meu

queixo, encharcando a frente do meu suéter.

Eu vou fazer isso. Estou inclinada para a frente, deixando o calor me dominar, permitindo que a vontade me domine, quando noto minha filha. Depois de comer até se fartar de Lipton, os lindos olhos leitosos da minha querida se estreitaram, e ela acena instavelmente como um gatinho sonolento demais para se aconchegar. Com grande esforço, me afasto dos restos de Lipton e seguro minha querida antes que ela caia para trás, já adormecendo profundamente.

Ela está um desastre. Vou ter que desgrudá-la do círculo de sangue seco em que está sentada, limpá-la, jogar fora suas roupas e devolvê-la ao berço lá em cima para que possa descansar. E preciso arrastar o resto do corpo de Lipton para fora, escondê-lo no campo como fiz com Renee. Preciso tirar o resto das roupas dele e jogar todos os vestígios dele no poço. Preciso limpar o sangue que está escorrendo pelo chão.

Não vou lamber o sangue como um animal desidratado. Não posso. Isso seria... absurdo.

Não posso me distrair com nada agora. Preciso apagar todos os vestígios desse acontecimento da entrada da nossa casa.

Com a minha filha no colo, começo a trabalhar, imaginando que dicas a minha ex-amiga Mara Shoemaker teria para tirar manchas de sangue de pisos de madeira.

CAPÍTULO

30

A LIMPEZA DEMORA muito mais do que eu previa.

Lipton é mais pesado que Renee, mesmo sem a barriga, e mais difícil de arrastar para o campo. A tarde se esvai enquanto esfrego o chão, espalho bicarbonato de sódio, passo água sanitária, usando todos os métodos à minha disposição para remover os vestígios do que aconteceu esta manhã do nosso corredor.

Suando profusamente apesar do frio interminável da casa, finalmente me lembro de voltar ao campo e tirar o resto das roupas de Lipton, carregando o embrulho ensanguentado para o interior do trigo até chegar ao poço e à orla da floresta. As árvores zumbem além do campo empoeirado, uma vibração baixa que me arrepia até os ossos. O vento murmura entre os pinheiros, trazendo o cheiro de pele curtida e terra fresca.

Uma pontada no meu peito me puxa em direção à mata, mas eu a ignoro. Em vez disso, me aproximo do poço dos desejos, meu pescoço esquentando ao pensar na última vez que estive aqui, de braços e pernas abertos sobre o buraco escuro, ofegando na noite.

Espiando por cima da borda, sussurro: "Cuidado lá embaixo", e empurro as roupas, a arma e as chaves do carro de Lipton para o vazio. As chaves tilintam contra as paredes, ricocheteando na rocha dura, mas os sons eventualmente se dissipam no esquecimento. Assim como com a moeda e os ossos de Renee, não há um fim definitivo — nenhum baque ou ruído fraco que indique que existe um fundo.

Em seguida, arranco a foto emoldurada que peguei na sala de artesanato do bolso do meu casaco. Mara me lança um sorriso irônico. Nossos rostos, editados

juntos, parecem grotescos e incompatíveis à luz do dia. Levanto a moldura acima da minha cabeça como um machado e a esmago contra a borda do poço. Ela amassa e o vidro se estilhaça, espalhando cacos na abertura. Arranco a foto que criei a partir dos restos da moldura e arranco o rosto de Mara com os dentes, despedaçando minha própria imagem no processo. Depois, jogo tudo no poço também.

Espero um minuto, mesmo estando com pouco tempo. Não olhei muito o celular hoje, mas, entre uma esfregada e outra, Graham me mandou uma mensagem: ele vai chegar em casa para o jantar e quer "conversar sobre o que aconteceu mais cedo".

Acabaram-se os dias em que eu rezava para que ele chegasse em casa em um horário normal. Agora, eu queria que ele fosse ficar com a Rose e me desse mais tempo para terminar aqui.

"Você está aí embaixo?", murmuro para dentro do poço. "Você consegue me ouvir?"

O abismo de escuridão é silencioso e imóvel, mas o fedor que emana de sua boca é familiar de uma forma que me faz estremecer e arrepiar os dedos dos pés. Há uma gravidade no poço silencioso que me faz pensar que ele está me ouvindo.

"Não sei se consigo continuar com isso", digo, aproximando os lábios do buraco como se pudesse beijar a própria escuridão. Lá de baixo vem o movimento de asas rígidas, o suave arranhar de garras na pedra. "Não isso", esclareço. "Isso como na casa. Isso com Graham. Por quanto tempo mais consigo me esconder? Por quanto tempo mais consigo manter essa farsa?"

Um suspiro quente escapa do poço, cobrindo meu rosto como fumaça de escapamento. Imagino uma mão com garras sob meu queixo — palmas nuas e lisas acariciando minhas bochechas cansadas e acinzentadas. Não há palavras. Mas eu ouço mesmo assim — uma declaração contida de que tudo acabou.

Isso vai acabar em breve.

É disso que preciso. Colocando as mãos na borda fria de pedra do poço, endireito-me, lançando um olhar para a floresta densa que devora as margens moribundas do campo de trigo. Sua presença parecia sinistra meses atrás. Intimidante e imensa. Uma entidade desconhecida que me engoliria sem hesitar. Mas essa sensação se dissipou; agora a floresta está repleta de curiosidade e promessas ambíguas. Ainda desconhecida, mas uma que pisca o olho maliciosamente na escuridão — um convite para explorar, se tiver coragem.

Não tenho. Não hoje. Preciso voltar às minhas tarefas.

Afastando-me da floresta, relutantemente retiro minha mão da borda do poço, embora queira ficar, cortando pedaços de mim mesma para que eu também possa cair na escuridão.



Graham chega em casa e encontra a cozinha fria.

Não tive tempo de preparar o jantar. Mal consegui terminar tudo o que precisava fazer depois do retorno inesperado de Lipton. Uma parte de mim quer se desculpar, mas então me lembro da conta secreta de Graham nas redes sociais, e o arrependimento morre em meus lábios.

"O que está acontecendo?", pergunta Graham, piscando em volta da cozinha como uma vaca. "Você não recebeu minha mensagem? Eu disse que estaria aqui para o jantar."

Estou parada em frente à geladeira, com as portas escancaradas e as prateleiras vazias e carentes de algo, quando ele entra. Eu estava tentando pensar no que poderia preparar para ele, mas acabei me perdendo em pensamentos, lembrando do cheiro metálico do leite Lipton derramado.

Graham entra mais na cozinha, os sapatos rangendo no chão. Limpei a cozinha com vigor, sem querer que ficasse óbvio que o corredor da frente era a única superfície que eu tinha limpado. "Nossa, que cheiro estranho aqui."

Esfreguei com vinagre, que tentei disfarçar com uma vela de cinco pavios com aroma de canela. Não funcionou. Agora cheira a rolinhos de canela rançosos.

"Pensei que você queria que eu limpasse?", digo teimosamente, deixando as portas da geladeira baterem com força.

Graham cruza os braços e a temperatura, já baixa apesar dos meus esforços para mexer no termostato, cai mais alguns graus. "Você nunca teve problemas para dar conta da limpeza e da cozinha antes."

"Não tínhamos um bebê antes", aponto. O que ele não está entendendo? Só porque a vida dele não mudou não significa que a minha também não tenha mudado.

Graham suspira, os braços relaxando enquanto se aproxima, encostando-se na geladeira para poder me olhar nos olhos. Sua voz, quando fala novamente, é mais suave, carinhosa. "Sério, Camille, o que está acontecendo com você? Você

está doente ou algo assim? Porque podemos te ajudar..."

Ele cheira a colônia e sangue. Consigo sentir, o rio vermelho pulsando sob a superfície da sua pele. Nunca antes estive tão atenta aos batimentos cardíacos de outra pessoa. Graham estende a mão para roçar a franja visível sob o gorro que estou usando. Ele recua bruscamente quando seus dedos tocam fios quebradiços e pontas duplas e oleosas.

"Não estou doente", respondo secamente, lutando contra a vontade de mudar o tom de voz. Meu primeiro instinto é ceder à pressão dele. Pedir desculpas profusamente e fingir que tudo o que aconteceu no último mês foi um sonho. Poderíamos voltar ao normal. Seria como um reflexo condicionado — retomar nossa antiga dinâmica e mergulhar na banalidade anestesiante da rotina com a qual me acostumei tanto. Mas, ao continuar, o tom da minha voz permanece exatamente o mesmo. "Estou bem."

A compaixão de Graham chega ao limite. "Sério? Você se olhou no espelho ultimamente? Sua pele está acinzentada ou algo assim."

Fiquei um pouco surpresa por ele ter mencionado minha pele — não me preocupei em usar minha maquiagem completa de sempre, e Graham pareceu não notar. Mas agora percebo que ele notou, sim; guardou a informação como munição para usar quando estivesse pronto.

O que ele não notou, no entanto, foram as manchas escuras na minha roupa cinza-escura e o sangue seco debaixo das minhas unhas.

Graham acrescenta: "Seu cabelo... está viscoso. Parece morto."

Eu sorrio para ele. "T tecnicamente, todo cabelo está morto. Os folículos têm vasos sanguíneos para mantê-lo crescendo, mas assim que o cabelo rompe o couro cabeludo, as células não estão mais vivas."

Graham me encara como se eu tivesse me declarado ateia. "Camille, estou preocupado, tá bem? Você está diferente. Deus me perdoe, mas parece que até o formato do seu rosto mudou." Ele me olha de cima a baixo. "Mas você também engordou um pouco?"

"Acabei de ter um bebê", sussurro. Sim, engordei. Tenho músculos agora onde não tinha antes. Não sou mais magra e fácil de levantar, e ele não gosta disso.

"Essa não é você. Essa não é a nossa relação", diz Graham, se aproximando ainda mais. Ele cheira o ar, faz uma careta. Depois me olha. Cheira de novo. "A gente nunca briga. E agora é só o que a gente faz."

"Eu sei."

Graham inspira novamente, e seu rosto se contorce em uma expressão de nojo ao atribuir o cheiro que está sentindo a mim, sua esposa. Fico me perguntando o que é. Ainda não tomei banho hoje e fiz muito trabalho braçal, mas estou tão confortável com minha calça de moletom manchada e meu gorro de tricô escuro que não consigo identificar meu próprio cheiro. Tudo o que consigo detectar é o aroma sedutor do corpo quente de Graham.

"Camille", diz Graham, e sua voz é baixa e ainda mais contida. "Precisamos conversar sobre o que aconteceu esta manhã. Aquele policial."

Um arrepio percorre minha espinha ao pensar no corpo nu de Lipton escondido em um ninho de trigo a cinquenta metros de casa. Minha boca saliva. Ainda não comi nada hoje. Mal posso esperar para me fartar com qualquer carne fresca que a criatura deixar para mim esta noite.

"Não sei do que ele estava falando", digo a Graham, engolindo a saliva que se acumula na minha língua.

"Por que ele disse que Renee não é parteira?" As palavras de Graham são urgentes, apressadas, e este é o ponto crucial — a pergunta que ele queria fazer o dia todo. Ele hesitou, ponderando sobre o assunto. Ele sabe que estou mentindo, mas não acredita. Não sua esposa. Ela jamais faria isso. Ela jamais conseguiria.

"Ele deve ter se confundido", digo. "Recebeu informações erradas."

"Ele também disse que ela é divorciada", Graham me lembra. "E você. Você disse que ela cheirava a vinho? Você deixou uma mulher bêbada entrar na nossa casa? Perto do bebê?"

Ele está falando rápido demais, e suas palavras são como víboras atingindo meu peito e me fazendo recuar, cada vez mais longe do homem que eu pensei que amaria para sempre.

"Por que você disse que não a vê há um tempo?", ele continua, avançando, acompanhando meu recuo, meus olhos arregalados e suplicantes. "Você não disse que a via o tempo todo? O que está acontecendo, Camille?" Graham faz uma pausa, sua garganta se movendo enquanto ele engole em seco. "Quem fez o parto desse bebê?"

É o jeito que ele fala. Aquela bebê. Como se fosse uma estranha. O animal de estimação de um amigo que ele pode deixar entrar em casa e que o traiu fazendo xixi nos seus sapatos favoritos.

A querida não é filha do Graham. As mensagens que li comprovam que ele já suspeitava disso. Mas agora eu percebo na voz dele — ele está se esforçando para se desvencilhar dos laços da paternidade. Não é a nossa bebê. Não é a

minha filha.

Aquela bebê.

"É verdade", minto novamente, sem nenhum remorso desta vez. "A Renee foi minha parteira. Não sei o que mais dizer."

"A verdade", ele exige.

De repente, estou gritando. "Você faria o mesmo? Se eu te contar a verdade, você finalmente fará o mesmo?"

Tudo o que estava submerso no oceano impetuoso do amor cego emerge à superfície, erguendo cabeças de monstros marinhos horríveis, extasiados por finalmente estarem acima das ondas. Quero conter as feras que mostram os dentes e que tornarão impossível para mim continuar como se não soubesse de nada. Não estou pronta para a realidade. Não estou pronta para a vida sem um marido. Mas as serpentes marinhas contorcidas encobriram o sol, e não consigo mais conter a fúria que se choca contra a costa.

"Do que você está falando—"

Eu o interrompi. "Eu sei, Graham", trovejei. Então baixei a voz, as palavras ocas e sussurradas. "Eu sei sobre Rose."

Seu rosto se contrai como se alguém tivesse apertado suas bochechas, fazendo seus olhos saltarem das órbitas e sua testa empalidecer. Sua boca se abre, se move por um instante, buscando ar, e então se fecha. A expressão de Graham se torna indiferente e ele balança a cabeça. "Não sei do que você está falando."

"Eu vi as mensagens, Graham", eu cuspo. "Pare de mentir."

"Que mensagens?"

"No seu Instagram. Aquele que você disse que não tinha."

Ele balança a cabeça novamente, como se estivesse com pena de mim e da minha cabeça de vento. "Você está enganada. Você sabe que eu não tenho redes sociais, Camille. Viu? É por isso que estou preocupado com você. Tem alguma coisa errada."

"Sim, você! Você está errado!" Minha cabeça está girando; não consigo entender por que ele insistiria nessa farsa. O que estamos fazendo aqui? O que ele ganha com isso?

Graham toca na tela do celular, desbloqueando-o e virando-o para que eu possa ver a tela inicial. Sem nem olhar, ele desliza pelos poucos aplicativos que tem. "Viu? Não tem nada aqui."

Arranco o celular da mão dele e examino, mas ele tem razão. As cores

quentes em degradê do ícone do Instagram não estão presentes no aparelho dele. Meu cérebro se despedaça, a massa cinzenta fibrosa se mantendo unida por fios esticados.

Será que imaginei tudo? Será que entendi tudo errado?

Há meses, antes do nascimento da minha filha, eu achava que estava vendo coisas. Talvez o motivo de Graham não ter notado nada de errado com ela seja porque não há nada de errado. Talvez a verdade seja que a loucura que eu temia semanas atrás tenha finalmente se enraizado, distorcendo minha existência e plantando mentiras na minha mente.

As mensagens pareciam tão reais. Lembro-me do brilho do celular de Graham na mesa de cabeceira, das batidas fortes do meu coração, do perfume da peônia. O desespero deixa marcas profundas no meu coração enquanto mordo o lábio, questionando tudo.

Então me lembrei: o brilho do celular do Graham era de uma mensagem. Uma mensagem que eu abri, mal a li enquanto rolava a tela para trás nas conversas deles. Uma mensagem que não foi marcada como não lida depois que eu dei uma olhada. Devolvi o celular ao dono e saí na noite para transar com um monstro.

Se meu marido tivesse acordado no dia seguinte e checado a conta, esperando uma mensagem da Rose ou querendo contatá-la, ele poderia ter percebido que havia uma mensagem lida que ele não tinha aberto. Ele provavelmente apagou o aplicativo do celular, sabendo que essa acusação viria, preparado para me manipular e me fazer acreditar nas mentiras dele.

Que completo idiota.

“Você sabia”, sussurro. “Você sabia que eu vi suas mensagens. E agora está tentando encobrir seus rastros.”

“Você está enganada”, insiste Graham. “Você está cansada, agora eu percebo.”

Jogo o celular dele nele, e Graham se apressa para pegá-lo antes que se estilhace no chão da cozinha. “Boa tentativa”, digo, deixando um rosnado transparecer na minha voz. “Eu sei o que vi. Você está me traindo.”

A boca de Graham se abre por um instante, como se estivesse chocado por eu não ter caído no seu plano, e então ele franze as sobrancelhas rapidamente, fingindo pena. “Ah, querida. Isso não vai dar em nada. Não consigo conversar com você quando está assim. Você não é você mesma quando está assim.”

Ele não sabe quem eu sou. Nem eu sabia até o nascimento da minha

querida, alguns meses atrás. Os destroços do nosso casamento nos cercam, espalhando fragmentos pela nossa nova casa. A ideia de que o fim está próximo paira sobre nós, mas não consigo dizer isso. Nem agora.

E, aparentemente, ele também não.

Graham muda o peso de um pé para o outro, esperando, antes de quebrar o silêncio exaustivo e perguntar: "Então... jantar?"

CAPÍTULO

31

NA MANHÃ SEGUINTE, Graham me surpreende.

“Decidi tirar o dia de folga”, diz ele quando acordamos em lados opostos da cama. Durante o sono, nos afastamos o máximo possível um do outro sem cair para fora do colchão.

Isso não é o ideal. Eu não planejei isso.

Estou exausta por ter saído escondida de casa à uma da manhã para chupar ossos de javali e mastigar cartilagem, muito depois de Graham ter ido dormir com a barriga cheia de purê de batatas e frango grelhado. Acabei fazendo o jantar para ele ontem à noite por razões que ainda não consigo entender. É como se os movimentos da vida de casada tivessem sido tatuados em mim e eu precisasse encontrar uma nova tatuagem para cobri-los.

Me senti melhor depois de jantar — não sei onde a criatura encontrou um javali, mas quem sabe o que se esconde na floresta. Ela deixou o javali mais perto da casa, longe do corpo de Lipton, um gesto de consideração que apreciei. Já é difícil encontrar prazer em carne animal hoje em dia sem o aroma tentador da carne de Lipton por perto.

"Ah", respondi finalmente, lutando para encontrar uma resposta. Graham e eu estávamos nos esquivando um do outro verbalmente, nenhum de nós disposto a reacender as chamas da noite passada. "Entendo."

Eu não quero o Graham aqui. Vou ter que alimentar o meu bebê, e não sei como vou fazer isso com ele rondando a casa. Mas, na frase seguinte, Graham me poupa do estresse.

"Vou à igreja", ele me informa enquanto sai da cama, estalando o pescoço e gemendo, passando a mão na barba. "Tem missa na sexta-feira de manhã."

"Ah, tá", eu digo. "Parece bom."

Observo-o entrar no banheiro, com as pernas nuas aparecendo por baixo da cueca. Meu estômago ronca e eu me levanto às pressas, correndo para o quarto do bebê ao lado, sem me dar ao trabalho de trocar meu pijama comprido de flanela.

Dou uma olhada na minha filha, amarrando uma bandana na cabeça para esconder as escamas que crescem no meu couro cabeludo. Ela está alerta e resmungando, mas se anima quando entro, virando seus olhinhos acetinados para mim.

Ela cresceu mais uma vez da noite para o dia — não há mais nenhum espanto dentro de mim. A minha filha está quase estourando o body que está usando; eu só comprei roupas para bebês de zero a seis meses, e ela já passou desse tamanho há muito tempo. Me inclino sobre o berço para ajudá-la a tirar a roupa apertada. Ela rola feliz no colchão, nua, exceto pela fralda de pano, segurando os pés nas mãos e balbuciando para mim. Seus olhos brancos estão franzidos. Dentes e unhas afiados brilham na luz da manhã.

"Comida", ela balbucia.

Ela não pode estar com fome de novo, pode? Ela comeu quase metade do Lipton ontem.

"Comida", confirma a Querida.

Mas o Graham ainda está no outro quarto. "Logo", sussurro para ela. "Ele vai sair logo. Aí a gente... você pode comer."

Ela sopra uma bolha de saliva e dá risadinhas quando ela estoura, espirrando no rosto dela. Não sei se ela entende, mas a Querida rola para o lado e começa a engatinhar pelo berço, cheirando o ar.

Fecho bem a porta do quarto do bebê quando saio, dizendo ao Graham que ela está dormindo quando ele sai do banheiro.

"Volto mais tarde", diz Graham. "Espero que com a cabeça mais tranquila."

"Seria ótimo."

Ele me lança um olhar e desce as escadas pesadamente, permitindo que eu me vista em privacidade. Ele deixa um rastro sinistro pela casa, um pressentimento que prefiro não reconhecer. A porta da garagem bate, e eu me pergunto sobre a importância de Graham ter faltado ao trabalho para ir à igreja sozinho. Ele nem se deu ao trabalho de me convidar ou ver a Querida.

Abrindo meu armário, estendo a mão para pegar mais uma calça de moletom, cuidadosamente dobrada na prateleira mais alta, acima dos meus

vários vestidos, mas meus olhos se deparam com uma faixa escura entre minhas roupas bege e em tons neutros.

Há dois anos, o tio de Graham faleceu. Viajamos para o oeste para o funeral. Preto não é a minha cor, mas comprei um vestido plissado preto de mangas compridas com uma faixa na cintura para a ocasião. Ele me chama a atenção agora.

Não uso vestido há semanas, mas tiro o pijama de flanela, pego a peça de estilo vintage do cabide e a visto pela cabeça. Ajusto a faixa na cintura, arrumo os punhos nas extremidades das mangas bufantes que cobrem meu braço com cicatrizes. O tecido cai até meus tornozelos como uma cortina pesada.

Arranco a bandana e deixo meus cabelos oleosos caírem sobre meus ombros. As escamas na minha cabeça coçam, e eu as coço distraidamente, notando que hoje há mais delas. Um tufo de cabelo cai na minha mão, e eu o jogo no chão, sem me importar.

Estendo a mão para pegar a meia-calça, pensando em colocar meias pretas também para esconder meus dedos que faltam, mas paro. Empurro a porta do armário e fecho. Hoje vou ficar descalça.

Volto para o berçário, me sentindo como um morcego saindo da toca, envolto em preto.

"Comida!" Minha querida grita agora e se levanta completamente de novo.

"Tudo bem. Vamos tomar um café da manhã rápido, então", digo a ela. "E depois podemos tirar uma soneca? Você sempre fica com sono depois."

Ela balbucia em concordância com o plano, e eu a coloco no quadril para levá-la escada abaixo e para os fundos. Ela definitivamente está maior. O peso dela na minha cintura me faz inclinar para o lado. Querida tenta morder meu ombro enquanto caminhamos em direção ao campo, e eu beijo sua testa e a silêncio, mesmo que ela não faça nenhum som.

"Em breve", prometo.

Quando chegamos a Lipton, observo-a comer, ofegante, sentindo o gosto do sangue no meu paladar, inspirada por sua voracidade. Eu a interrompo depois que ela termina a coxa direita de Lipton. Isso é um tormento cruel, que não aguento mais.

"Por hoje é só", sussurro, mesmo com Sweetheart protestando e estendendo a mão por cima do meu ombro para pegar seu esconderijo enquanto a levo para longe.

De volta ao andar de cima, coloco-a no berço, aliviada por ela estar com os

olhos pesados e bocejando, apesar de ter mamado mais cedo. Eu também preciso de um cochilo. É muito difícil ficar acordada agora, pulsando de desejo e fome.

Meu celular não saiu da minha mesa de cabeceira a manhã toda. Não entrei nas minhas redes sociais desde a traição de Mara. Não há mais nada para mim lá, isso é certo.

Deixo meu amor no berçário e caminho pesadamente até o quarto ao lado, me jogando na nossa cama, envolta no vestido preto. Jogo um travesseiro sobre a cabeça e fecho os olhos. Meu peito está cheio e pulsante, como um damasco maduro demais. Leva um tempo para minha respiração se acalmar, mas quando acontece, meu corpo fica mole, como se tivesse cortado as fibras.

O tempo pisca e eu sonho.

O olho no meu teto não é mais um olho gigante. Em vez disso, são milhares e milhares de minúsculos, todos piscando e vibrando juntos, uma colagem de pupilas, cílios e olhares úmidos. As asas que circundam o mosaico têm pontas pretas desta vez, como se tivessem sido mergulhadas em tinta, e penas pegajosas descem até pousar no meu corpo congelado, beijando suavemente minha pele nua; estou nua e a cama está vazia. O quarto é uma caverna escura.

A voz ressoa do teto, pousando no meu rosto como uma chuva morna: Quando você estiver pronta, nós estaremos prontos.

Os minúsculos olhos acima de mim estalam uns contra os outros enquanto piscam em uníssono, cílios como lanças prateadas tilintando uns contra os outros. Lentamente, eles se transformam, as escleras brancas se expandem, espalhando-se como mofo, fundindo-se. As asas batem e uma brisa levemente ácida traz um suspiro profundo do meu corpo.

Um olho branco gigante me encara. Permita-me consertá-lo. Consertar tudo.

Não, penso com urgência. É a minha vida. Eu preciso fazer isso sozinha.

Tem certeza? Tão rápido. Tão fácil.

Meu queixo se move infinitesimalmente de um lado para o outro enquanto direciono meus pensamentos para o olho branco familiar: *É minha responsabilidade. Devo fazer isso por mim.*

A voz repete: Quando você estiver pronta, nós estaremos prontos. Uma pausa, e então, novamente: *Nós estamos prontos.*

Lambo os lábios. Abro a boca. E desta vez, finalmente, consigo falar. "Estou pronta."

O olho branco começa a desaparecer, as asas começam a sumir. Só a voz permanece, ecoando pelo quarto: Pronta. Pronta. Pronta.

Acordo sobressaltada.

Graham está sentado na cama, me observando.

CAPÍTULO

32

A luz no quarto está fraca — raios de sol do pôr do sol vazam pelas cortinas translúcidas.

“Jesus”, digo, dando um pulo. “Por que você está fazendo isso? Há quanto tempo você está aí?”

“Usando o nome do Senhor em vão, Camille, sério?” Graham dispara.

Eu nem tinha percebido. “Ah, desculpe. É que... eu estava cochilando. Meu amor também está cochilando no berçário. Achei que você estivesse na igreja.”

“Eu estava”, diz Graham secamente. “Já acabou. Voltei. O sol está se pondo. Há quanto tempo você está dormindo?”

“Há quanto tempo você está fora?”, retruco para disfarçar minha desorientação. Eu dormi o dia inteiro? Graham ficou fora o dia inteiro? O sol se põe mais cedo agora, mas é difícil acreditar que perdi todo esse tempo.

“Camille?” Graham tenta chamar minha atenção. “O que você está vestindo? É o vestido que você usou no funeral do tio Freddy?”

Sento-me na cama, pegando meu celular, que ainda está conectado ao carregador na mesa de cabeceira, já que ainda não o usei hoje. Ignorando Graham, abro o aplicativo do monitor de bebê. Meu amor está acordado. Ela está de pé no berço novamente, segurando as grades, olhando fixamente para o monitor. Nenhum ruído vem do quarto do bebê. É como se ela estivesse ouvindo, embora eu tenha certeza de que ela não consegue nos ouvir no quarto ao lado.

“Camille.”

“Sim, marido?” respondo, e Graham franze a testa. Meus lábios se comprimem em um semblante sombrio ao perceber que ele deve ter captado o tom sarcástico na minha voz. Não consigo evitar. Não consigo mais fingir com

ele; lampejos de ressentimento estão transparecendo pelas rachaduras da minha fachada.

“Levante-se”, ele ordena, e eu detesto o jeito como ele fala comigo. Como se eu fosse um animal de estimação ou uma criança a quem ele precisa tratar com condescendência. Será que ele falará assim com a Querida quando ela crescer? “Encontro você lá embaixo. Precisamos conversar.”

Graham se levanta com um ar de gravidade, como se tivesse feito algo incrivelmente nobre e corajoso, e sai da sala.

Chuto os cobertores para o lado, revelando meus pés descalços. Meus dedos ausentes latejam. Não sei exatamente sobre o que Graham quer conversar, mas sei o que ele quer ver quando eu descer. Camille contrita e recatada. Graham quer a mulher coberta de farinha e beijada pelo sol. Eu ainda posso salvar isso. Posso dar a ele o que ele quer — posso implorar por seu perdão. Funcionaria; ele benevolmente me perdoaria e continuaria a se encontrar com Rose às escondidas.

Sei exatamente o que fazer para resolver tudo.

Mas quando desço as escadas, ainda estou com o vestido preto. Meus pés estão descalços. As crostas escamosas no meu couro cabeludo brilham sob a luz artificial. Vejo meu reflexo no espelho do corredor ao passar; há um inconfundível tom esverdeado na minha pele, como se eu estivesse sobre um lago de água salobra iluminado pela luz do sol. Minhas bochechas estão encovadas, mas meu corpo está mais largo, mais musculoso do que nunca.

Estou diferente. Estou forte. Estou faminta.

Encontro Graham na sala de jantar, sentado à mesa, com os dedos entrelaçados. Ao me ver, sua expressão se fecha e seus olhos se estreitam; confirmei algo para ele.

"Senhor", ele sussurra.

“Como foi a missa?”, pergunto, sorrindo. Meus dentes estão mais pontiagudos do que costumavam ser. Percebi isso hoje de manhã, afilados e prateados. Devo estar longe demais para Graham ver, porque ele não reage.

“Foi bom. Iluminador”, responde Graham. “Fui me confessar. Conversei com o padre. Refleti bastante. E sei o que preciso fazer agora.”

“Claro”, digo, prolongando a palavra, percebendo uma crescente sensação de peso na casa.

“Sente-se, Camille.” A voz de Graham é seca e vazia como um túmulo. “Sinto muito que tenha chegado a isso, mas acho que chegamos a esse ponto.”

Não quero “me sentar”; um pressentimento ruim me percorre a pele, mas obedeço porque parte de mim está curiosa. O que quer que Graham vá dizer não pode ser pior do que o que ele já fez, certo? Meu marido lindo, mentiroso e infiel.

Há um pequeno fiapo branco equilibrado na ponta da orelha direita de Graham. Concentro-me nele, imaginando como ainda não caiu.

“Eu te amo muito, Camille”, começa Graham, e meu coração dispara, porque há um tom inconfundível de despedida em sua voz. “Quero que você seja feliz. Mas você mudou muito desde que nos mudamos para cá. Você não cuida mais da casa. Nem de si mesma. Quer dizer, o que é isso na sua cabeça? Você está colando coisas no cabelo agora?” Ele ajusta o volume da voz, pigarreja e se acalma. “Você não é a mulher com quem me casei. Você não parece mais interessada em mim. E além disso tudo, meu trajeto diário está muito difícil. Você e a Querida são incríveis, mas... eu não quero mais ficar com você. Não romanticamente. Entende?”

Há um zumbido na minha cabeça, úmido e estrondoso. Será que tem sangue se acumulando atrás dos meus tímpanos, preenchendo meus canais auditivos e se agitando a cada batida acelerada do meu coração?

Eu não estou "interessada" no Graham? Ele tem razão, mas não se refere a interesse sexual ou emocional. Ele quer dizer que parei de atender a todas as suas necessidades. Não sou mais a esposa perfeita para ele, e ele não suporta isso.

"O que você está dizendo, Graham?", pergunto, minha voz vindo de longe. "Fala logo. Não preciso de um discurso ensaiado."

Ele respira fundo. "Acabou. Nós terminamos."

Meu coração não está se partindo — partiu-se há muito tempo, talvez na minha infância — mas está tremendo, chacoalhando dentro do meu peito. Uma ilusão, agressiva e voraz, tenta se erguer e envolver meu cérebro: Vai ficar tudo bem; ele vai mudar de ideia; ele não está falando sério; ele te ama; ele é um bom marido.

Eu a reprimo, dando espaço para a raiva. "Eu pensei que o divórcio fosse contra suas crenças", digo, com os lábios dormentes.

"Vou pedir a anulação", diz Graham.

Que idiota.

"Com que justificativa?" As palavras saem da minha boca como botas pesadas.

"Deturpação dos fatos. Você... você não é a pessoa com quem eu pensava que estava me casando. Onde está aquela garota doce e inocente cujo maior sonho era ter uma família?"

"Eu me apresentei de forma distorcida?", rosnei.

Talvez ele tenha razão. Eu também distorci a verdade para mim mesma. Enterrei meus interesses; comi o que me mandavam comer; me exercitei como me mandavam; postei online o que esperavam que eu postasse. Nasci em um recipiente pequeno, então permaneci lá, sem perceber que talvez eu pudesse preencher mais do que as paredes confinantes erguidas pelos homens da minha vida.

Tudo o que eu sempre quis foi ser amada. Mas o amor que eu buscava tinha condições: meu pai, Graham, a comunidade volúvel das redes sociais. Eu só era amada quando fazia o que eles esperavam, o que eles queriam.

Até a criatura. Até o Querido.

Graham reclama: "Camille, você está irritadiça, não me deixa te tocar desde o parto, e olha só a casa!" Pela raiva violenta em sua voz, suspeito que ele esteja se lembrando da única vez em que tentou transar comigo, tão recentemente depois do nascimento da nossa querida, e da minha recusa. Ele me rejeitou por meses, mas quando eu consigo uma vez, o mundo desaba. "Esta casa está uma bagunça, Camille. O que você andou fazendo aqui?"

"Cuidando da nossa filha", sussurro, erguendo a cabeça bruscamente na direção do berçário. Arranco meu celular do bolso e abro a transmissão ao vivo do monitor do bebê. Empurro a tela na direção do rosto de Graham, balançando-a. "Eu faço tudo sozinha. Você não ajudou em nada. Estou cansada e sobrecarregada, mas tenho sido uma esposa gentil e atenciosa. E ainda assim, fui eu quem se apresentou de forma distorcida neste relacionamento?" Lanço-lhe um olhar significativo e, em seguida, baixo a voz. "Se a sua preciosa igreja descobrir o que você fez, será você quem sairá desonrado." Fecho a transmissão de vídeo e guardo o celular, enfiando-o no bolso do vestido, erguendo as sobancelhas para o meu marido.

O fiapo na orelha de Graham balança enquanto sua voz se eleva. "Você não sabe do que está falando, Camille. E você não tem provas de nenhuma... indiscrição que você acha que eu possa ter cometido. O que eu não fiz."

Um mentiroso até o fim. Quase consigo respeitá-lo. Embora eu tenha pena da minha versão passada que teria engolido tudo aquilo, acreditado em cada palavra repugnante que saía da boca desse homem porque era mais fácil do que

admitir que algo não era perfeito. Antes de "Sweetheart", eu pensava que o crescente distanciamento e desinteresse de Graham se deviam às minhas falhas. Ao meu fracasso em corresponder às expectativas de ser a esposa idealizada que eu via online. Agora eu vejo que o distanciamento de Graham se deve à sua covardia.

Ele dá de ombros para aliviar um pouco a raiva na voz. Brinca com a aliança, como se estivesse louco para arrancá-la. "Escuta, está decidido. Vou pedir a anulação. Vou ajudar a Querida quando precisar. Serei justo. Vou mandar dinheiro. Você pode ficar com a casa, inclusive. Mas acabou."

É quase engraçado o quão confiante ele parece. Nada disso está definido ainda, mas como ele já fez a escolha, acredita que sim.

Renee perdeu tudo depois do divórcio. O ex-marido ficou com a guarda, ela mal via os filhos e ninguém percebeu que ela estava desaparecida até que fosse tarde demais. Não gosto das semelhanças entre a situação dela e a minha. Graham tem um emprego, uma rede de apoio. Eu não. Agora, ele diz que vai nos sustentar e ajudar com a Sweetheart, mas e se ele mudar de ideia? E se ele quiser a guarda? Ou um teste de paternidade? E se ele me processar e acontecer comigo a mesma coisa que aconteceu com a Renee? Ele pode arruinar tudo.

Graham quer se livrar de nós, mas a qualquer momento ele pode mudar de ideia e levar minha filha. Não posso viver da mesada dele, da pena dele, confiando na frágil esperança de que ele cumpra sua palavra. Acima de tudo, não posso arriscar que a Querida seja exposta ao mundo e seja rotulada de monstro por pessoas de verdade.

Graham já está vivendo um futuro sem mim, descrevendo-o com uma falsa gentileza; ele não consegue imaginar as coisas de outra forma.

Mas eu consigo.

"Há algo que você precisa saber sobre sua filha primeiro", digo, interrompendo o silêncio em que estamos sentadas. Não sorrio. Minha carranca se instala como se estivesse carregando sacolas e pretendesse ficar por um bom tempo. Tudo bem; eu mereço algumas carrancas.

Graham parece desconfiado. "O quê?"

Eu me levanto. "Vamos lá."

Ele balança a cabeça. "O que está acontecendo, Camille? Você ouviu o que eu disse? Acabou."

Ele quer que eu implore, grite, chore e suplique para que ele fique. É o que ele espera, e talvez se eu fizer isso, ele realmente reconsidere. Ele está indo

embora não por causa da outra mulher ou do estresse de ser um pai recente, mas porque eu mudei, e isso o assusta. Ele não achava que, depois de quatro anos, eu fosse capaz de mudar. Ele gostava da versão de papelão de mim que ele podia carregar para onde quisesse e colocar onde quisesse. Deve ser chocante para ele — como se um manequim de loja de repente ganhasse vida e o chamasse de idiota.

“Eu ouvi você”, digo. Não vou pedir que ele fique. A ilusão se dissipou. “Por favor. Suba. Preciso lhe mostrar algo. Depois você pode ir. Não vou discutir com você sobre nada. Concordarei com a anulação do seu casamento.”

Os olhos de Graham se arregalam. “Sério?”

“Eu prometo.”

Ele se levanta e me segue escada acima, pelo corredor do andar de cima, até o quarto da Querida. A luz noturna projeta um tom amarelado nas paredes enquanto o pôr do sol alaranjado se infiltra pelas frestas das cortinas. Querida se mexe no berço, esperando.

“Chegue mais perto do berço”, digo.

Ele vem, mas para a poucos passos de distância, boquiaberto.

Os olhos brancos da minha querida brilham na penumbra, e ela vira a cabeça, observando Graham. Seus dedos se agarram à grade do berço enquanto ela se mantém em pé, com as pernas grossas, atenta.

"Que merda, Camille", Graham pergunta com a voz rouca. "O que aconteceu? O que há de errado com os olhos dela? O que você fez?"

"Eu não fiz nada", respondo secamente. "Ela sempre foi assim. Você nunca percebeu."

"Ela está em pé...", ele sussurra. "Ela é grande. Isso não é... Ela não pode..."

"Você teria percebido se estivesse por perto. Você mal interagiu com a sua filha." Enfatizo a última palavra para que Graham não tenha como não notar.

Ele me olha por cima do ombro. "Como assim?"

Sorrio para ele, mostrando meus dentes. Desta vez, ele percebe — e se encolhe, olhando boquiaberto para a fileira de presas que não estavam lá ontem. Olhando-o bem, digo: "Ela não é sua. Viu?" Aponto para Sweetheart, e Graham, relutantemente, volta-se para ela como se não tivesse controle sobre o próprio corpo.

Dou uma olhada no abajur sobre a cômoda. Sua base de ferro forjado é verde-clara, desenhada para parecer uma trepadeira que se estende para cima, abrigando a lâmpada e a cúpula de vime. A luz noturna faz com que a base do

abajur pareça estar brilhando em fotossíntese.

"Vá em frente", digo novamente, me afastando de Graham enquanto ele caminha arrastando os pés em direção ao berço, atraído pelo olhar grisalho de Sweetheart como uma mariposa pela fogueira.

Um som de engasgo escapa da garganta de Graham, e meu estômago revira, agonizando de fome.

Sua voz ecoa pelo quarto do bebê, carregada de veemência. "Ela não é... ela não é humana. Isso é... profano. Isso é maligno. E seus dentes... Meu Deus, Camille, o que você fez—"

As palavras de Graham são interrompidas pela base do abajur atingindo a parte de trás de sua cabeça com um estalo úmido.

O abajur pesa em minhas mãos — deixei a cúpula na cômoda, desconectando silenciosamente o fio enquanto Graham examinava Sweetheart, e agora o golpeio novamente, derrubando-o sobre a cabeça de Graham.

Meu amor grita de alegria quando Graham se joga no chão em frente ao berço, batendo as mãos nas grades. Sangue quente espirra em nossos rostos, e eu lambo uma gota que cai no meu lábio inferior. O sabor invade minha boca, pousando na minha língua, espalhando-se pelo meu corpo até que eu esteja em chamas, um fogo selvagem e incessante que implora para ser libertado.

Caindo de joelhos, viro Graham, despiando-o carinhosamente como fazia nas noites em que ele se aproximava de mim com mãos desajeitadas e olhos famintos. Mas desta vez, quando roço meus lábios em seu peito, não paro por aí. Minha mandíbula estala, abrindo-se, mais do que eu imaginava ser possível, e cravo meus dentes no corpo do meu marido.

Não tenho certeza se ele está morto ainda.

A primeira mordida me leva a um êxtase absoluto. Tremores elétricos percorrem minha espinha; a saliva escorre pelo chão enquanto me transformo num frenético tornado de unhas afiadas e presas estalando. Meu abdômen se contrai de prazer ao inalar a carne fumegante, o sangue mais fresco que já provei. Encontro o coração, pulsando suavemente, e o esmagamento entre meus caninos.

Me perco no banquete, desaparecendo nos sabores intensos que adornam minha boca, descendo até meu paciente estômago.

Tenho uma vaga noção da tagarelice de Sweetheart acima de mim, mas não consigo parar. Não agora que comecei. O sangue mancha meu rosto como mel viscoso, e nada jamais teve um gosto tão bom; nem as porções de manteiga, nem

os animais mortos, nem nada que já tenha passado pelos meus lábios.

Em algum momento, lembro-me do monitor de bebê, apontado diretamente para o berço, e levanto o olhar, com as entranhas escorrendo pelo queixo, encarando a câmera.

Levanto a mão, coberta por uma luva vermelha, e aceno, depois volto a comer.

CAPÍTULO

33

Eu o devorei quase por inteiro.

Depois de me fartar o suficiente para ficar tonta, me afasto, observando a bagunça.

Arranco os restos de um antebraço, usando meus dentes para cortar os tendões que lutam para manter o membro conectado ao cotovelo. Há pedaços de carne intacta no antebraço, e estendo a mão por cima do berço, entregando o membro à minha filha. Ela resmunga, ofendida por eu ter demorado tanto para me lembrar dela, e se joga no colchão para roer o braço como se fosse uma espiga de milho.

Lambo o sangue das minhas mãos, chupo o músculo dilacerado grudado nos diamantes do meu anel de casamento. Quando termino, meu coração está batendo forte e devagar.

Retirando meu celular do meio da minha saia manchada, abro o aplicativo da babá eletrônica. Ele grava todas as imagens e as apaga depois de 24 horas. Navego pelas gravações recentes, retrocedendo, assistindo a mim mesma amamentando. Que lindo momento de união para esta família: um banquete fabuloso, preparado pelo marido. Vejam só o quanto nos amamos.

Baixo o vídeo para o meu aparelho, cortando e editando. Meu corpo, em preto e branco e coberto de sangue, preenche a tela, enquanto aceno com a mão.

Mostrando os dentes, publico o vídeo nas minhas redes sociais.

Digito uma legenda. Clico em publicar. Deixo o celular cair em pé perto do corpo devastado e desumano estendido no chão. A tela do celular pisca para mim enquanto o vídeo aparece no topo do meu feed.

Estendendo a mão por cima do berço, ajudo a Querida a sair. Ela está

roendo a ulna, tentando abri-la para chegar à medula, mas a solta e se agarra ao meu peito. Abraçando-a com força, olho para baixo, mal conseguindo ler a única linha de texto que digitei embaixo do vídeo, que está sendo reproduzido automaticamente:

Vai se foder, Mara Shoemaker. #esposatradicional

Sáimos do berçário e viramos à direita, entrando no quarto que eu costumava dividir com meu marido. Querida protesta no meu quadril; ela quer ir lá fora.

“Um minuto”, sussurro. “Preciso pegar uma coisa.”

Parando em frente ao meu criado-mudo, abro a gaveta e tiro a aliança do meu dedo com a boca, cuspendo-a. O grande diamante central tilinta contra a superfície de madeira enquanto o anel cai no chão. Ignorando-o, enfio a mão na gaveta aberta e pego a moeda de um centavo.

“Certo”, sussurro para minha filha enquanto guardo a moeda no bolso do vestido. “Vamos.”

Descendo as escadas, me vejo de relance no espelho do corredor e paro.

Tenho visão perfeita. Consigo ver tudo com clareza cristalina. Isso não mudou. Mas outra coisa mudou. Meus olhos sempre foram castanhos. Da cor de pão fresco.

“Olha”, sussurro para minha filha, ajeitando-me para que ela também possa se ver no espelho. Nossos rostos combinam bem. Fortes. Atraentes. “Somos iguais.”

Minhas escleras engoliram minhas íris castanhas e pupilas negras. Os olhos que piscam para mim no espelho são completamente brancos.

CAPÍTULO

34

Encontramos a criatura no quintal, à espera na divisa do campo de trigo. Seu rosto não muda com a nossa aproximação, mas sinto um puxão vindo dela que me atrai.

Minhas saias pretas arrastam no chão, levantando poeira e grama seca.

O sol se põe no horizonte enquanto a luz índigo do crepúsculo cobre o vasto campo vazio. Quando chegamos perto da criatura, coloco Sweetheart no chão, e ela balança sobre as patas, piando para o pai como um passarinho.

"Estou pronta", digo.

A criatura não se move, apenas me olha com aquele olhar branco insondável. Suas asas estão abertas, anunciando a noite que se aproxima sorrateiramente.

"Sabe", comento, percebendo como é difícil falar com todos os meus dentes novos. "Acho que sempre soube. Acho que foi mais fácil fingir. Me esconder atrás da minha ingenuidade. Fiz o que precisava fazer. Achei que estava salvando meu casamento. Não pensei que me sentiria assim por você."

A criatura não diz nada. Não precisa. Logo eu também não precisarei.

O trigo sussurra ao nosso redor, as hastes chacoalhando e suspirando em harmonia. O ar tem cheiro de estrelas e terra.

A criatura estende a mão para mim e eu caio em seus braços fibrosos, virando o rosto para que ela — ou melhor, ele — possa pousar seus lábios nos meus. Um calor intenso percorre meu peito e um súbito silêncio ecoa por todo o meu corpo. A princípio, não consigo identificar a origem do som.

A criatura aprofunda o beijo e nossos dentes se chocam, adagas de diamante envoltas em nossas bocas macias.

"Mãe!"

Me afasto da criatura, olhando para baixo.

Querida, completamente nua, de pé sozinha, bufa para nós duas, abraçadas.

"Comida", diz Querida, como se estivesse nos lembrando de reservas em restaurantes.

E então ela dá um passo em nossa direção.

"Ah!" exclamo. "Ah, você está andando!"

A criatura vira a cabeça ao ouvir minha voz, e nos separamos, ainda de braços dados, observando o lindo bebê que criamos cambalear em nossa direção, dando passos firmes, porém cuidadosos. Ajoelho-me para recebê-la quando ela se aproxima, meus olhos marejados, listras branco-leitosas embaçando minha visão.

"Comida", insiste Querida. Ela não comeu o suficiente do seu pai adotivo. Suponho que eu tenha sido um pouco ganancioso, mas, em minha defesa, eu estava faminto.

"Sim", digo, olhando de volta para a criatura, sorrindo para seu rosto plácido e notável. "Vamos te dar uma refeição de verdade."

Os restos mortais de Lipton estão por perto, e Querida sabe disso — suas narinas se dilatam novamente.

A criatura me ajuda a levantar, passa um braço em volta dos meus ombros cobertos de preto e se abaixa para pegar a mão de Querida na sua.

Nós três caminhamos lentamente até o humano em decomposição, ajoelhando-nos diante dele para fazer nossa primeira refeição juntos como uma família.

CAPÍTULO

35

Saciados e sonolentos, caminhamos tranquilamente pelo campo de trigo.

O sol deixou cores desbotadas no céu, e as admiramos ao chegarmos ao velho poço. Passo o dedo pelas pedras cobertas de musgo e paro, levando a mão ao bolso e tirando a moeda de um centavo.

"Adeus", murmuro contra a moeda de cobre.

Estendendo a mão sobre o poço, deixo a moeda cair, sem me importar em vê-la desaparecer na escuridão. Sigo os outros, em direção às árvores que delimitam o caminho à frente.

A criatura segura a mão de Sweetheart, e elas se adiantam, caminhando levemente em direção à profusão de folhagem à nossa frente. Eu as absorvo, observando a facilidade com que se movem juntas, a corrente silenciosa que flui entre elas. Em breve, serei eu também. Em breve, abandonarei tudo que me prende a Camille.

Serei tão belamente profana quanto o resto da minha família.

Minha filha e seu pai adentram a floresta, recebidos por galhos negros e líquen emaranhado. O aroma de pinheiros antigos e apodrecidos e fungos úmidos roça meu rosto; pedras encharcadas e a tênue canção de ninar do mofo pairam mais adentro, no abraço da mata. A noite que se aproxima promete ser gélida e implacável, mas meu peito está quente, minhas extremidades envoltas em calor.

Meu vestido está esfarrapado e rasgado. Eu mesma acelero sua destruição, cortando os rasgos com minhas mãos em forma de garras, arrancando-o do meu corpo. Deixo o tecido negro em uma pilha no chão em frente à mata, tirando minhas roupas íntimas, apreciando o vento contra minha pele marcada e

escamosa.

Dou uma olhada por cima do ombro para observar a sombra da nossa antiga casa, delineada pelo azul do crepúsculo e pelos primeiros vislumbres de uma meia-lua sobre o campo de trigo.

A floresta murmura, trazendo-me de volta, e agora soa como uma canção, assombrosa e acolhedora. De frente para a mata, coloco a mão sobre o meu peito nu. É um túmulo, guardando os vestígios do que ali existia.

Apreciando a ausência das batidas do meu coração, sigo minha família para dentro da mata.

AGRADECIMENTOS

A ascensão das esposas tradicionais é um sintoma de problemas maiores e mais persistentes da sociedade. Capitalismo, racismo, sexismo, etc., criaram uma cultura capaz de distorcer coisas tão simples quanto a estética e a vida no campo, transformando-as em algo muito mais insidioso. Os budistas zen dizem que a única saída é através. Eu acredito que a única saída é devorar. Vamos consumir, transformar e, dessa forma, resistir. Talvez seja assim que possamos recomeçar. (Para deixar claro, não estou sugerindo que você vá comer seu vizinho. Esta é uma alimentação metafórica.)

Me diverti muito escrevendo *Trad Wife* e espero que você tenha se divertido lendo, mesmo que aborde alguns temas sombrios. Se alguma parte da história de Camille te tocou, espero que este livro tenha sido catártico para você. E, se você, como eu, escapou de uma situação tóxica, espero que deixe sua ambição te guiar para o que você realmente merece.

Como sempre, um enorme agradecimento à minha destemida agente, Amy Giuffrida, que, ao ler a cena do dedão do pé pela primeira vez, me mandou uma mensagem em letras maiúsculas perguntando: "QUEM É VOCÊ??" Estou muito feliz por ter você e sua experiência ao meu lado.

À minha editora, Rebecca Nelson — que se apaixonou imediatamente por este livro perturbador tanto quanto eu — obrigada por me ajudar a aprimorar esta história até que ela brilhasse como dentes de monstro.

Agradeço a toda a equipe da Crooked Lane Books, incluindo Dulce Botello e o departamento de marketing, Stephanie Manova e o departamento de direitos subsidiários, Thaisheemarie Fantauzzi Perez e todos os outros membros da equipe que trabalharam neste projeto de alguma forma. Obrigada a Meghan Deist pela capa arrepiante!

Obrigada aos meus primeiros leitores pelo entusiasmo inegável e pelas observações úteis. Brooke Dorsch, agradeço imensamente por ter dito que este livro era “lindo e repugnante”. Eren Simpson, muito obrigada por “matrescência”. É perfeito.

Para o A Team e o Clube do Livro Sem Álcool: ainda não consigo acreditar na sorte que tenho de ter comunidades tão positivas e saudáveis de escritores e leitores na minha vida.

Cricket e Sloopy, obrigada por estarem ao meu lado (ou literalmente do meu lado) durante a escrita do rascunho, e obrigada a Reg e Blake por me lembrarem de fazer pausas durante as revisões.

Mark, obrigada mais uma vez por tirar minhas fotos e por mal piscar enquanto eu descrevia a premissa deste livro. Prometo não te devorar. (A menos que você se transforme de repente no Graham. Aí, tudo pode acontecer.)

Para Bella, minha primeira leitora de todos os tempos: obrigada por não saber o que são esposas tradicionais e por me fazer explicar. A ideia para este livro surgiu no meio da escrita e eu imediatamente a apresentei a você, ao que você respondeu: "Parece que vou ler". E você leu. "*Esposa Tradicional*" literalmente não existiria sem você. Amo você e nossos costumes não tradicionais.

Obrigada, mãe e pai, por nos criarem para questionar, refletir e trilhar nossos próprios caminhos. Tenho sorte de nossa pequena família estar em sintonia e sou eternamente grata por ter pais como vocês.

A todos os leitores, livrarias, bibliotecas, críticos de mídias sociais e autores que deram uma chance ao meu trabalho, muito obrigada. Eu não conseguiria fazer isso sem o apoio de vocês.

Por último, e certamente não menos importante, aos homens que pensaram que nunca teriam que enfrentar as consequências — como estão meus dentes?

Biografia da Autora



Mark Tarabula

Saratoga Schaefer (elu/deles) tem experiência em marketing, relações públicas, cinema e bem-estar. Seu romance de estreia, *Serial Killer Support Group*, com seu tom sombrio e astuto, foi escolhido como "Melhor Escolha do Mês" pela Barnes & Noble e pela Amazon, além de ter sido considerado um dos maiores thrillers de 2025 pelo Goodreads. Originalmente do Brooklyn, Saratoga agora vive no interior do estado de Nova York com vários animais necessitados e uma mesa de palhaço assombrada.

Os livros devem ser descartados e reciclados de acordo com as normas locais. Todos os materiais de papel utilizados são certificados pelo FSC.

Esta é uma obra de ficção. Todos os nomes, personagens, organizações, lugares e eventos retratados neste romance são produtos da imaginação da autora ou são usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com eventos, locais ou pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência.

Copyright © 2026 por Saratoga Schaefer

Todos os direitos reservados.

Publicado nos Estados Unidos pela Crooked Lane Books, um selo da The Quick Brown Fox & Company LLC.

Crooked Lane Books e seu logotipo são marcas registradas da The Quick Brown Fox & Company LLC.

Dados do Catalog-in-Publication da Biblioteca do Congresso disponíveis mediante solicitação.

ISBN (capa dura): 979-8-89242-471-4

ISBN (brochura): 979-8-89242-472-1

ISBN (e-book): 979-8-89242-473-8

Capa projetada por Megan Deist

Impresso nos Estados Unidos.

www.crookedlanebooks.com

Crooked Lane Books
34 West 27th Street, 10º andar
Nova Iorque, NY 10001

Primeira edição: fevereiro de 2026

O representante autorizado na UE para segurança e conformidade de produtos é a eucomply OÜPärnu mnt 139b-14, 11317 Tallinn, Estónia, hello@eucompliancepartner.com, +33757690241

10 9 8 7 6 5 4 3 2 1

Leia um excerto de

MIL FORMAS MONSTRUOSAS

o próximo romance
de Saratoga Schaefer

disponível em breve em capa dura pela Crooked Lane Books



CAPÍTULO

1

AS MULHERES NO PÁTIO NÃO TÊM ROSTOS.

É impossível dizer se seus traços foram desgastados pelos elementos, pelos anos, ou se foram simplesmente concebidos assim, desprovidos de expressão, com suas anáguas de pedra e cabelos esculpidos indicando a versão de feminilidade que o escultor esperava capturar. Há reentrâncias em seus rostos onde poderiam ter estado os olhos, leves elevações na pedra para indicar onde um nariz se situaria. Uma das estátuas tem pequenas orelhas em forma de concha visíveis atrás de mechas de cabelo esculpidas em sua cabeça. As cinco estátuas reunidas no centro do pátio podem não ter rostos, mas têm cabelos — longas mechas esculpidas em seus crânios pesados, caindo em cascata sobre seus ombros de granito. Suas mãos estão unidas, os corpos formando um círculo. Seus pés chutam; suas mãos estão congeladas em um balanço de alegria. O cabelo de uma estátua está jogado para trás, a cabeça sem rosto inclinada em direção ao céu de ferro. Uma teia de aranha se estende pelo espaço onde sua boca estaria.

As estátuas erguem-se sob um gazebo de ferro forjado, intrincado e inútil como abrigo, emoldurado no centro da estranha forma em U da imponente mansão negra que as cerca.

Líquens e sujeira aderem aos cantos e fendas das cinco estátuas. Besouros marcham para cima e para baixo em suas canelas; rachaduras escorrem por suas anáguas de granito, ramificando-se a partir dos botões meticulosamente esculpidos em suas blusas.

Nada se move no pátio quando o ronco de um motor chega à frente da mansão e uma porta de carro bate, ecoando da fachada da casa, mas as estátuas

parecem enrijecer, como se tivessem despertado de um sonho inquieto.

Poucos instantes depois, outro motor roncando sobe a colina em direção à mansão, ficando cada vez mais barulhento à medida que se aproxima, rompendo o silêncio.

As estátuas, unidas por suas pequenas mãos entrelaçadas, prendem a respiração ao sentirem a casa se animar, se erguer em posição de sentido, espiando a entrada de carros. O que quer que a casa veja através das janelas de treliça no segundo andar deve lhe agradar; as estátuas sentem um murmúrio suave percorrer o solo sobre o qual dançam.

O motor falha ao parar, e outra porta batendo anuncia o dia que as estátuas tanto aguardavam. Talvez temessem. Agora, ouvem-se vozes, flutuando sobre e descendo do jardim da frente como partículas de poeira à luz do sol. Tons mais graves, inquisitivos, acompanhados pelo rangido da porta de um caminhão se abrindo, e tons mais agudos e eufóricos, chilreando em deleite e confiança.

As estátuas permanecem imóveis, afundadas em seus pedestais, inextricavelmente ligadas umas às outras, mas estremecem. Elas conhecem esses ruídos. Estão familiarizadas com eles. E estão familiarizadas com a energia pulsante que emana da casa, como se respirasse acima delas. Há ali uma ânsia quase obscena.

Uma aranha desliza pela teia que cobre a boca da estátua, procurando em vão pelos fios de seda, arrancando-os como se estivesse com fome. Mas a teia está vazia.

Vozes tilintam em frente à casa, passos animados batem nos degraus de mármore da entrada. Seus donos provavelmente estão, sem fôlego, admirando os dois andares agachados sob os telhados íngremes. Admirando as fachadas de pedra negra, as janelas em arco, a planta robusta em forma de ferradura do edifício. As portas duplas da entrada da mansão rangem tremendamente a cada vez que são abertas — o som é inconfundível quando corta o silêncio que se esvai.

As estátuas se tensionam. A casa suspira.

Então. Tudo recomeça.

CAPÍTULO

2

“É UM SONHO.”

“É meio assustador.”

“É gótico! É perfeito.”

Aditi está parada no hall de entrada da mansão com uma caixa de papelão no quadril, as sobrancelhas arqueadas, o queixo apontado para o teto altíssimo que se ergue sobre nós. “Poppy, você tem certeza disso?”

Paro de girar no mesmo lugar, desisto de tentar calcular quantos dos meus antigos apartamentos caberiam só nessa entrada. Faço um gesto para que ela se afaste enquanto os carregadores que Celia contratou para mim começam a entrar pela porta da frente, carregando caixas muito maiores do que a pequena que Aditi carrega.

“Claro que tenho certeza”, digo para Aditi, antes de me virar para os carregadores, dois homens brancos e corpulentos com barbas ruivas. Irmãos, penso. “Ei, tomem cuidado com isso, tá? Minhas peças são frágeis.”

Um deles resmunga o que espero ser uma concordância, enquanto o outro pergunta: “Para onde isso vai?”

Faço uma pausa, ignorando o olhar suplicante de Aditi, sem querer admitir na frente desses homens que eu nunca estive ali antes. “O corredor serve por enquanto”, digo, tentando imitar o jeito descontraído, porém educado, com que Celia dá ordens. Pelos lábios franzidos dos irmãos, percebo que não consigo.

“Qual corredor?”

Sinto minhas bochechas corarem. É uma pergunta justa. A casa — a mansão — tem um formato estranho. Como a letra U — são dois andares, um sobre o outro, com o hall de entrada onde estamos ladeado por uma escada de cada lado.

Dois corredores ladeados por cômodos se estendem em direção aos fundos da propriedade, escondidos atrás de cada escada — um leva à ala da esquerda, o outro à ala da direita. O mesmo padrão se repete no andar de cima, resultando em um total de quatro longos corredores para percorrer na mansão.

"Ali", digo com a maior confiança que consigo reunir, apontando para a entrada do corredor inferior esquerdo. O olhar de Aditi queima minha pele, e eu, resolutamente, desvio o olhar.

Os carregadores trocam um olhar, mas seguem apressadamente para o corredor, passando pela escada à esquerda. Consigo ouvi-los bufando enquanto colocam as primeiras caixas no chão com um baque surdo.

Cerro os dentes. Eles não estão sendo cuidadosos.

Quando os carregadores passam por nós, voltando para o caminhão para pegar o resto das minhas coisas, principalmente caixas de cerâmica embaladas de forma grosseira, me viro para Aditi.

"Não comecem. Por favor."

"Quero te apoiar", diz ela, empurrando a pequena caixa que carregava na minha direção. "De verdade. Mas você sabe que isso é ridículo, né? Como você se sentiria se eu conhecesse um cara e fugisse com ele depois de seis meses? E depois me mudasse para uma casa enorme no meio do nada, que eu nem sabia que existia?"

"Ok, primeiro de tudo, Celia não é 'um cara qualquer'", retruco, engolindo um suspiro de exasperação enquanto pego a caixa dela. Ouvi diferentes versões desse sermão durante as quatro horas de viagem desde a cidade. "E segundo, eu sabia que este lugar existia, só que... vagamente. O que você quer que eu faça? Continue morando no meu apartamento estúdio em São Francisco enquanto minha esposa fica curtindo a vida na Costa Leste?" Me ajoelho, coloco a caixa no piso de mogno manchado e arranco a fita adesiva das emendas em uma tira comprida.

"Não me entenda mal, estou muito feliz por finalmente estarmos morando perto uma da outra de novo. Bem, mais perto", diz Aditi, observando enquanto eu, reverentemente, removo o plástico bolha e o papel de embrulho, revelando o objeto que ficou no meu colo durante toda a viagem até o norte do estado. "Mas parece... rápido. Sabe?"

Jogo a última embalagem de lado e ergo delicadamente o vidro brilhante contra a luz amarela que emana dos apliques de parede fixados no hall de entrada. Uma redoma de vidro, não maior que uma garrafa de água reutilizável,

delicada e requintada. Lá dentro, as pétalas vermelhas roçam o vidro, como que me saudando.

“Ela não me conta como elas estão assim, sabe? Ainda vivas, ainda lindas”, digo para Aditi, aliviada ao ver que nada quebrou, nenhuma flor murchou durante o transporte. “Elas deveriam estar mortas.”

“Provavelmente são feitas de seda ou algo assim.”

“Talvez. Mas parecem tão reais. Exatamente como uma papoula que você encontra no campo. E tantas juntas ali dentro. Às vezes acho que consigo sentir o cheiro delas.”

“Papoulas...”

Estou de pé, segurando a redoma de vidro contra o peito. Não me preocupo com a possibilidade do fundo se soltar. Celia me disse que ele era fixo à tampa. A redoma e a base não se separam; as flores jamais se desprendem. Assim como nós, ela havia dito. Ela me deu a redoma quando me pediu em casamento. O anel veio depois.

"Eu sei que é rápido", admito para Aditi. "Eu provavelmente teria um milhão de coisas para te dizer se você estivesse nessa situação. Essa é a função de uma melhor amiga; eu entendo. Mas você precisa conhecê-la. Você vai entender. Nós nascemos para ficar juntas. E depois de tudo que eu passei com o Oliver..." Minha voz falha, enquanto eu afasto a imagem do meu ex. "Depois de tudo isso, eu mereço algo bom. Alguém bom."

Aditi não está convencida. Consigo ver as dúvidas fervilhando em seus olhos. É até comovente, de certa forma. Ela está fazendo muito mais alarde do que meus pais fizeram — eles simplesmente me deram um cheque, disseram que teriam que vir me visitar algum dia e me mandaram embora. Nem pareceram ofendidos por eu ter fugido para casar. No entanto, fizeram questão de perguntar se Aditi estava namorando. Duas vezes. Meus pais sempre gostaram muito da minha melhor amiga. Não deveria me surpreender que estivessem mais animados com o futuro casamento de Aditi do que com a minha própria ausência de um.

"Tudo bem", diz Aditi finalmente, admitindo a derrota por hoje. "Só tome cuidado."

Aditi não entende. Ela ainda não encontrou sua alma gêmea.

Por cima do ombro dela, a parede oposta à porta da frente se divide em uma série de janelas com painéis que deixam entrar a luz fraca do inverno e revelam uma vista do pátio, repleto de plantas murchas e trechos de azulejos de mosaico,

meio cobertos pela vegetação.

"Olha." Eu a cutuco, tentando mudar de assunto. Ela me acha ingênua, mas eu sei o que quero. Quero Celia. Quero isso. "Não é lindo?"

Caminhamos até as janelas com painéis, nossa respiração embaçando o vidro com manchas úmidas. No centro do pátio, um gazebo preto e esguio de ferro forjado se retorce sobre si mesmo, sustentado por quatro pilares de granito cobertos de hera e musgo. Embaixo, sobre um estrado plano, cinco mulheres de pedra dançam em círculo. Não consigo dizer se são uma única peça ou se são estátuas individuais colocadas juntas; estão muito distantes para que eu consiga ver os detalhes. Meu coração palpita. Esta mansão certamente estará repleta de arte interessante e singular.

Olhando para o lado, percebo a pele morena de Aditi arrepiada, e uma onda de calor me atinge o estômago.

"Pare de se preocupar", digo, abraçando a redoma de vidro contra o meu peito e me afastando das janelas do pátio. Pego a mão de Aditi com a minha mão livre e aperto a palma dela. Está úmida e quente. "Vai ficar tudo bem. Agora, me ajude a encontrar o quarto principal para que eu possa guardar isso em um lugar seguro, tá bom?"

"Claro." Os olhos dela permanecem fixos nas estátuas lá fora.

"Aditi", sussurro. "Por favor. Tente? Por mim? Eu... eu preciso disso."

Os olhos dela voltam para o meu rosto, buscando, examinando. Não quero saber o que ela vê gravado na minha expressão que suaviza seu maxilar, que derrete suas sobrancelhas. Mas ela aperta minha mão de volta e oferece um pequeno sorriso. "Claro. Estou feliz por você, pai. De verdade. Vamos, vamos explorar."

Viro-me de costas para as janelas do pátio, Aditi e eu caminhando em direção à escada, mas uma sensação percorre a minha nuca, agitando pequenas mechas de cabelo. Sinto um impulso repentino de me virar, como se alguém estivesse me observando.

Mas quando olho por cima do ombro, o pátio está silencioso e nada mudou.

CAPÍTULO

3

ADITI VAI EMBORA depois de me ajudar a desempacotar o essencial, mesmo eu implorando para que ela ficasse.

“Você precisa conhecer a Celia!”

“Na próxima, Poppy. Eu realmente preciso ir se quiser voltar a tempo para o meu turno.”

Deixo-a ir, porque ela só usa meu nome completo quando está falando sério.

E eu entendo. Aditi trabalha como enfermeira na UTI neonatal — ela não tem o luxo de um horário flexível como eu. Ela promete que nos veremos em breve, mas a cidade, a quatro horas de distância da mansão de Celia, parecia uma distância menor quando eu estava do outro lado do país. As cidades e vilas foram ficando para trás durante a viagem até aqui, o campo tomando conta, as estradas se tornando mais rurais e os postos de gasolina cada vez mais distantes.

Agora os carregadores foram embora; Aditi foi embora. O sol está se pondo em direção às árvores quase despidas que cercam a propriedade, e a estética gótica cuidadosamente cultivada da casa parece um pouco mais cavernosa e desconhecida agora que seus corredores são iluminados apenas pelas lâmpadas empoeiradas dos apliques de parede de luz fraca e pelo único lustre preto no hall de entrada.

Aditi e eu tínhamos explorado a casa mais cedo, correndo pelos corredores e alas dos dois andares como se fôssemos crianças de novo, correndo pela casa dos pais dela, que estava sempre vazia. Eles eram pilotos e geralmente estavam viajando. Aditi ficava comigo e com meus pais por semanas a fio, e eu adorava ter alguém para ocupar o papel de irmã. Eu adorava como meus pais começaram a vê-la como uma segunda filha, mesmo que às vezes parecesse que eles estavam

mais interessados na vida dela do que na minha.

Mas a casa de Celia é muito diferente daquela em que brincávamos quando crianças.

Estranhamente, a maioria das portas que tentamos abrir antes estava trancada, e eu ainda não tinha as chaves; Celia havia prometido deixar a porta da frente aberta. Embora tivéssemos conseguido entrar na casa, não tínhamos conseguido acessar nenhum dos muitos cômodos que pontilhavam as alas de cada corredor, exceto o quarto principal, cuja porta estava escancarada para nós, e os poucos espaços abertos acessíveis na ala direita do piso inferior. Havíamos admirado com entusiasmo a cozinha com azulejos brancos, eletrodomésticos pretos e armários verde-escuros, a sala de jantar com uma mesa de carvalho austera e cortinas vermelho-sangue, e o amplo hall de entrada com pequenos bancos e armários, abraçado pelas escadas que levavam ao andar superior.

Tivemos dificuldade para encontrar um banheiro, mesmo que Celia tivesse me dito que havia quatro. Depois que Aditi ameaçou fazer xixi no pátio, finalmente descobri que uma das portas que pensávamos ser de um armário para casacos embaixo da escada era, na verdade, um banheiro. Havia apenas um vaso sanitário e uma pia minúscula e rachada lá dentro, mas pelo menos Aditi não precisou se agachar ao lado das estátuas do lado de fora.

Suspiro, checando meu celular, desejando que Aditi pudesse ter ficado mais tempo. Desejando que ela finalmente tivesse conhecido minha esposa.

Bebo um pouco de água morna, batendo o copo na bancada. Era a única coisa que encontrei para beber; claramente Celia não vinha aqui há um tempo. A geladeira tinha um pote de mostarda chique e nada mais.

Estou sentada num banquinho no balcão da cozinha. Parece-me demasiado ansiosa para esperar por Celia no hall de entrada, demasiado presunçosa para esperar no quarto principal, embora esta casa também seja minha agora. Permaneço imóvel na segurança aberta da cozinha, inquieta no banquinho sem encosto.

Segurança?

Por que associei a cozinha à segurança? Será porque o resto da casa está escuro e aconchegante no cair da noite?

Engulo mais água. Tem gosto de terra. Fico pensando se não deveria ter bebido do filtro da geladeira em vez da torneira. Pelo que consigo ver da mansão, a cozinha é a parte mais moderna, reformada e nova. A porta da geladeira cospe gelo e água, o fogão é elétrico. O piso de azulejos brancos está

brilhante e impecável. O resto da mansão parece antigo e intocado — tábuas do assoalho rangendo e linhas de poeira nos rodapés; treliças tortas nas janelas acima das escadas do segundo andar. O lugar todo é como o suspiro de um velho, capturado e engarrafado. Eu adorei antes, mas tenho que admitir que está um pouco mais assustador do que eu esperava agora que a noite está chegando.

Mas Celia deve chegar em breve. O voo dela pousou em Albany há mais de uma hora, e embora eu não tenha recebido nenhuma mensagem, não estou preocupado. Celia é assim. Ela gosta de me surpreender. Uma vez, quando eu estava em São Francisco, cheguei do trabalho e encontrei uma mesa farta na minha minúscula cozinha. Parecia que São Valentim tinha vomitado em tudo: morangos cobertos de chocolate, buquês de rosas, trufas caras, caviar, vinho branco gelado. Celia estava lá, tímida e sorrindo, meio escondida atrás de todo aquele romantismo.

"Para que é isso?", exclamei, encantado.

"Nada", ela respondeu. "Só queria te ver sorrir hoje."

Ela admitiu ter copiado a chave do meu apartamento para configurar tudo — achou que eu ficaria brava, mas foi um gesto tão grandioso que não me importei. Foi a coisa mais romântica que alguém já fez por mim.

Bebo a água estranha da torneira de novo, fazendo uma careta, e abro o Instagram para me distrair, mas o aplicativo não carrega. Ainda não tenho a senha do Wi-Fi da Celia. O sinal aqui deve ser ruim. Empurro o celular para longe e olho para cima, observando a rua.

Um dos lados da cozinha é todo envidraçado, me proporcionando outra vista em ângulo para o pátio. O solstício de inverno foi há poucos dias, então a vista está obscurecida por uma penumbra difusa, embora sejam pouco mais de quatro da tarde. Mal consigo distinguir o grupo de garotas em pé sob o gazebo com colunas.

Tomo um gole de água apesar do gosto, achando difícil aliviar a secura persistente que continua na minha garganta. Talvez o ar na mansão seja seco. Eu poderia comprar um umidificador.

Uma forma se move lá fora, perto das estátuas. É tão sutil, tão rápido, que não consigo distinguir. Minhas mãos congelam, envolvendo o copo, sentindo seu formato cilíndrico pressionar minhas palmas enquanto forço a vista contra a luz tênue do pátio. Lentamente, abaixo o copo para que ele tilinte suavemente contra a ilha de mármore.

Pronto. Algo se moveu de novo.

De repente, me dou conta da luz forte na cozinha, iluminando o lugar onde estou sentada, sozinha em uma casa enorme sobre a qual só ouvi histórias e nunca visitei. Lembro-me de Celia me contando que sua casa era uma herança de família, passada de geração em geração. Lembro-me dela descrevendo com entusiasmo o isolamento da mansão, observando que era preciso dirigir vinte minutos para chegar a qualquer sinal de civilização. Na época, adorei a ideia — o refúgio perfeito para uma artista, uma casa para lua de mel. Mas agora meus braços formigam e minha garganta fica ainda mais irritada.

Desço do banquinho, deixando o copo de guarda sobre a bancada, e me aproximo da parede de janelas, enormes painéis de vidro divididos por molduras ornamentadas que os separam. Não há onde me esconder, então fico bem em frente ao painel central, com medo de sujar o copo da Celia, mas ainda a poucos centímetros da superfície da janela.

Espiando o pátio que escurece, observo as estátuas com os olhos semicerrados.

Todas estão de mãos dadas, dançando em círculo, como se estivessem brincando de roda. Algumas têm os pés levantados. Uma delas está com a cabeça jogada para trás, como se estivesse em êxtase.

Enquanto os observo, uma pressão aumenta atrás de mim. Não vinda da cozinha, propriamente dita, mas da própria casa. É como se eu estivesse dentro de uma boneca russa, uma versão maior e mais forte de mim mesma contendo meu corpo em seu interior. A expectativa, com a consistência de lã molhada, paira no ar acima de mim, e estou prestes a espiar por cima do ombro quando meus olhos finalmente captam o movimento no pátio.

Um esquilo. Sua pelagem é preta, seu rabo um respingo de tinta, camuflando-se perfeitamente com o exterior escuro da mansão e a luz tênue do pôr do sol. O esquilo enfia a cabeça para fora de um tufo de ervas daninhas perto das estátuas e dispara em direção a um dos pilares de pedra, usando a hera de aparência crocante para se erguer e se apoiar nele como se fosse uma árvore.

"Só um esquilo", murmuro, um risinho nervoso escapando da minha boca.

A pressão atrás de mim se dissipa; a mansão se acalma, voltando ao normal. A boneca russa sumiu. Era só imaginação minha. Meus ombros relaxam, afastando-se das orelhas, e minha respiração se acalma.

Eu devia ter imaginado. Aditi e eu crescemos em São Francisco, mas agora vou morar no campo. Provavelmente há centenas de bichos vivendo perto da mansão. Esquilos, coelhos e veados.

O esquilo corre pelo telhado de ferro do gazebo, que claramente não protege da chuva e da neve — considerando o quão desgastadas as estátuas embaixo dele parecem — antes de pular e pousar no rosto virado para cima da garota cuja cabeça pétrea está jogada para trás, em direção ao céu.

Uma mão pousa no meu ombro, os dedos roçando meu pescoço como gavinhas de alga marinha.

"Droga!"

"Desculpe, querida, te assustei?"

Me viro bruscamente, agarrando o peito, e me encosto na janela, o vidro gelado enviando arrepios pela minha espinha.

"Celia!"

Sua mão foi afastada quando me virei violentamente, mas ela sorri para mim mesmo assim, um sorriso lento e sensual se abrindo em seus lábios. "Poppy. Bem-vinda de volta."

Toda vez que a vejo, sinto a mesma admiração silenciosa que senti quando ela entrou pela primeira vez no estúdio de cerâmica na Califórnia. Ela tem uma presença imponente. Sua pele é tão pálida que se podem ver veias azuis percorrendo a superfície. Mechas grossas de cabelo preto brilhante caem de um meio coque no topo da cabeça. Encontrar seus olhos gélidos, de um azul claríssimo, sempre me causa arrepios de desejo.

Mas talvez o mais impressionante em Celia sejam suas tatuagens. Elas complementam perfeitamente sua beleza, acentuando seus traços clássicos de Hollywood com um toque moderno e marcante. As mandalas azuis que cobrem seus braços estão escondidas sob suas roupas de inverno no momento, mas a tatuagem geométrica na garganta, um padrão em forma de diamante com linhas e círculos repetidos desde a parte inferior do queixo até o topo da clavícula, está sempre visível. Em vez de tinta preta, a garganta de Celia é contornada em azul-centáurea. É um desenho ornamental belíssimo que se destaca mesmo à distância.

"Não te ouvi entrar." Não consigo parar de olhar para ela. Ela sempre me causa esse efeito. É como se eu não acreditasse na minha sorte. Na minha vida.

"É uma casa grande", Celia ronrona.

Ela está usando seu casaco de viagem, longo, preto e aberto. Um suéter azul-marinho casual com decote em V e calça jeans preta são visíveis através da abertura do casaco. Seus pés, aquecidos por grossas meias roxas, estão descalços — não é à toa que não a ouvi chegar por trás de mim.

Volto a mim e a abraço, inalando seu perfume — água salgada e hortelã. Há um friozinho em suas bochechas por causa do frio de fora. Enterro meu rosto em sua cabeleira antes de encontrar seu pescoço, sua orelha, sua bochecha, até chegar aos seus lábios. “Senti sua falta.”

“Cheguei.” Ela sorri. “Como foi a mudança? Os caras que eu contratei se saíram bem?”

“Só um vaso quebrado”, respondo, dando-lhe mais um beijo antes de me afastar.

Ela franze a testa. “Que chato. Eu os contratei justamente porque o site deles dizia que tinham experiência em transportar obras de arte.”

“Não é nada demais”, insisto. Celia sempre diz o quanto ama meu jeito tranquilo, minha energia relaxada. Não quero que ela sinta que isso vai mudar agora que estamos casados e morando juntos. “Eu consigo lidar com isso. Sabe que às vezes eu gosto de quebrá-los de propósito.”

“Hum.” Suas sobrancelhas estão franzidas, os olhos vazios. Ela está ruminando. Quando Celia gasta dinheiro, espera que a qualidade corresponda ao preço. E Celia sempre opta pelo mais caro.

“Acabei de ver um esquilo preto lá no pátio”, digo, mudando de assunto, precisando trazê-la de volta para mim. Se ela ficar remoendo essa história da mudança, vai deixar que a consuma. Vai diminuir sua energia, arruinar nosso reencontro. “Não significa boa sorte? Parece uma bela recepção.”

Viro-me para apontar o animal pela janela, mas ele sumiu. O esquilo não está mais empoleirado na cabeça da estátua, e agora é quase impossível ver o jardim. Mesmo assim, aperto os olhos e noto algo felpudo, solto e mole no chão ao lado das estátuas. Tem o tamanho e a forma certos para ser um... rabo. Mas não pode ser, porque não há corpo nenhum ligado a ele. Provavelmente é uma pinha ou um graveto, exagerado pela escuridão.

Aquilo não é pelo. Não é o rabo preto e emplumado que vi pendurado sobre o rosto da estátua um minuto atrás. Não tem como.

Os braços de Celia me envolvem pela cintura, puxando-me para longe da janela e para perto de seu corpo quente, pressionando minhas costas contra as dobras de seu casaco. Uma mão desliza da minha cintura em direção à minha calça jeans, e ela habilmente abre o botão de cima, aproximando os lábios da minha orelha.

“Vou te dar uma recepção melhor”, ela sussurra, e os pelos da minha nuca se arrepiam novamente, desta vez em antecipação.

Enquanto seus dedos deslizam para dentro da minha calça, sua boca percorrendo meu pescoço, preciso fechar os olhos para não ver o pátio.

Continuo imaginando o rabo de um esquilo, arrancado do corpo, sangrando perto das saias das estátuas.